

PLAYLIST ALICE COOPER + BLIND EAR ENSLAVED + PÔSTER DEATH

# ROADIE CREW

Metal & Classic Rock

# ANTHRAX



LONGEVIDADE:  
CLASSICOS E  
NOVOS HINOS

BACKGROUND PT. I

**KREATOR**

**ENTREVISTAS**

M.O.D. + CANNIBAL CORPSE + APPICE  
BEYOND THE BLACK + MADE IN BRAZIL  
INGLORIOUS + BELPHEGOR + GEOFF TATE  
REPUBLICA + HOLOCAUSTO + SONS OF APOLLO

**TARJA**

RELEITURA  
SOMBRIA  
DA NOITE  
DE NATAL

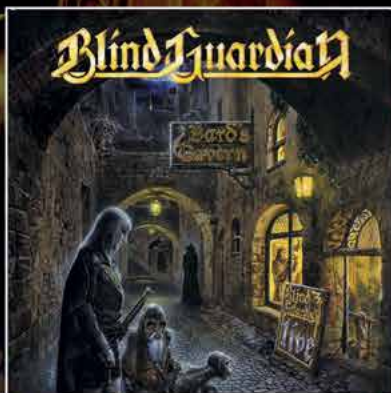


# Blind Guardian

## REMASTERIZADOS



A NIGHT AT THE OPERA



LIVE



C/ BÔNUS

NIGHTFALL IN MIDDLE EARTH



C/ BÔNUS

THE FORGOTTEN TALES



C/ BÔNUS

IMAGINATIONS FROM THE OTHER SIDE



C/ BÔNUS

TOKYO TALES



C/ BÔNUS

SOMEWHERE FAR BEYOND



C/ BÔNUS

TALES FROM THE TWILIGHT WORLD



C/ BÔNUS

FOLLOW THE BLIND



C/ BÔNUS

BATTALIONS OF FEAR

TOP LINK MUSIC AND FEAT FIRST MANAGEMENT PRESENT



20th ANNIVERSARY  
FAREWELL TOUR  
LATIN AMERICA LEG 2

07.JAN.2018  
DOMINGO

Banda de Abertura

Soul Spell



Transportadora Aérea Oficial:



Garanta seu ingresso



Realização:



Todos os descontos não são válidos para meia entrada e não são cumulativos. Menores de 14 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal. A compra da meia entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comit o(a) em esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI N° 7844 DE 13 MAIO DE 1992.

Capacidade máxima = 4.000 pessoas | Alverá Prefeitura: nº 2016/26104-00 Val: 08/12/2017 | Alverá Corpo de Bombeiros: nº 324273 Val: 26/10/2018  
R. Bragança Paulista, 1281 | www.grupotombrasil.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

# ÍNDICE



- 6 **CENÁRIO**
- 16 **ROADIE MAIL**
- 18 **ANTHRAX** → 
- 24 **M.O.D. (BILLY MILANO)**
- 26 **BLIND EAR**  
Ivar Bjornson - Enslaved
- 28 **TARJA** → 
- 32 **ETERNAL IDOLS**  
Malcolm Young (AC/DC)
- 34 **CANNIBAL CORPSE**
- 38 **CLASSICREW**
- 40 **BEYOND THE BLACK**
- 42 **RELEASES**
- 54 **MADE IN BRAZIL** → 
- 56 **HIDDEN TRACKS**
- 58 **APPICE**
- 60 **LIVE EVIL**  
60 Roger Waters / 61 Helloween  
62 Megadeth / 63 Accept & Anthrax  
64 Thorhammerfest
- 66 **PLAYLIST**  
Alice Cooper
- 68 **INGLORIOUS**
- 70 **COLLECTION**  
Yes
- 72 **BELPHEGOR** → 
- 76 **GEOFF TATE**
- 80 **HOLOCAUSTO**
- 82 **REPUBLICA**
- 84 **BACKGROUND**  
Kreator (Parte 1)
- 90 **SONS OF APOLLO**
- 94 **COLONISTAS**  
Backspace / Brotherhood / Stay Heavy / It's Only  
Rock'n'Roll / A Look At Metal / Campo de Batalha
- 98 **PROFILE**  
Tibet (Ajna)



FOTO CAPA  
Divulgação



## CARTA DO EDITOR

### O TALENTO PREVALECE, NÃO IMPORTA A IDADE

Costumo fazer a 'Carta do Editor' na hora de finalizar a revista, depois de ter lido absolutamente tudo o que está na edição que será entregue à gráfica. E todo mês vem aquela infalível satisfação de ver que o trabalho da equipe foi maravilhoso, feito com paixão pela música, e isso fica registrado nestas páginas para ser compartilhado com os leitores. Começa então o período de expectativa e ansiedade para ver a revista ficar pronta e chegar às bancas e aos assinantes.

Normalmente acho dispensável comentar as matérias publicadas na edição, porque tudo está lá, detalhado nos textos e nas imagens de cada entrevista, de cada seção. Entretanto, achei importante neste mês citar coisas que me chamaram muito a atenção. Este texto está sendo escrito ao mesmo tempo em que assisto pelo YouTube à apresentação da banda Beyond the Black, que aparece pela primeira vez nas páginas da ROADIE CREW – é um show completo, gravado no Wacken Open Air de 2016. Conferi e gostei demais do trabalho dessa criança com talento de gente grande, a Jennifer Haben, que hoje está com 22 anos de idade e lidera a banda desde 2014 - ou seja, desde os 19. Por trás daquela aparência frágil, meio tímida, quase infantil, na verdade Jennifer personifica a própria banda (que trocou todos os componentes do primeiro para o segundo álbum). Ela é a vocalista, principal compositora, instrumentista em algumas músicas, enfim é a "dona da bola", e com muita competência. É quase certo que foi criada e orientada por pais e avós que sabem muito bem o que é rock'n'roll, e só quem traz essa herança do berço consegue fazer um perfeito tributo ao Led Zeppelin, ao vivo no W:O:A, cantando Whole Lotta Love de forma tão impecável que Robert Plant aplaudiria de pé! Adorei. E olha que não me atraí nadinha o som que costumam chamar de "metal sinfônico". Não gosto daqueles vocais líricos, pendendo para o operístico, mas a voz de Jennifer é pura, natural sem afetações, é rock, puro rock mesmo na garganta. Está aí a prova de que novas estrelas continuam aparecendo no nosso segmento musical e não é só de história que vive o rock e o heavy metal.

Ainda na praia das novidades, acrescente à minha lista de favoritos uma nova banda britânica, o londrino Inglorious, que também começou em 2014, e surgiu sob a liderança de Nathan James, vocalista com voz, atitude e presença de quem sabe fazer heavy metal de verdade. Mas seria inadmissível não recomendar aqui os comentários do Playlist com Alice Cooper, um veterano com alma e entusiasmo de adolescente e a inteligência e discernimento dos maiores gênios do mundo da arte. Ouvir, ou ler, o que o Sr. Vincent Furnier tem a dizer é sempre uma aula plena de lições de vida.

Pronto, eu gostaria de falar também do Made in Brazil, do República, da Tibet... Mas estaria antecipando aqui todo o conteúdo da revista. Acabei escrevendo sobre a Jennifer, que é muito jovem e mulher (e me poupei de usar a ridícula palavra "empoderamento", um neologismo odioso muito usado por ativistas-modistas), falei do já adulto Nathan e do idoso adorável Alice Cooper. Agora só me resta mandar um beijo para um bebê, o meu neto Rafael, o headbanger - filho de headbangers, neto de headbangers.

**AIRTON DINIZ**



**ROADIE CREW**  
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 227  
DEZEMBRO/2017  
ANO 20

#### EDITORES:

Airtón Diniz - airton@roadiecrew.com  
Claudio Vicentin - claudiovicentin@roadiecrew.com

#### DIRETORIA ADMINISTRATIVA:

Vera Diniz - vera@roadiecrew.com  
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

#### REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):

Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

#### REDATOR:

Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

#### DIRETOR DE ARTE:

Fernando Pires - fernando@roadiecrew.com

#### COLABORADORES:

Alessandro Bonassoli, Alexandre Bury, Daniel Dutra, Ecio Souza Diniz, Frans Dourado, Guilherme Spiazzi, Heverson Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luciano Krieger, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Valtemir Amler, Vinicius Neves e Vitão Bonesso  
Fotógrafos: Edu Lawless, Fernando Pires, Renan Facciolo e Ricardo Ferreira

#### COLABOROU NESTA EDIÇÃO:

Claudio Higa

#### COLABORADORES NO EXTERIOR:

ALEMANHA: Tania Weinekoetter  
CANADA: Mitch Lafon  
EUA: Ken Sharp e Steven Rosen

#### ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:

Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com  
ou assinaturas@roadiecrew.com  
Tel.: (0xx11) 5058-0447

#### PUBLICIDADE:

Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com  
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA PARA TODO O BRASIL:  
DINAP - Dist. Nacional de Publicações Ltda.

#### IMPRESSÃO E ACABAMENTO:

Bandeirantes Soluções Gráficas

#### ROADIE CREW

é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.

Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970

São Paulo/SP - BRASIL

F.: (0xx11) 5058-0447 - Fax: (0xx11) 5058-6047

E-mail: redacao@roadiecrew.com

**SITE: WWW.ROADIECREW.COM**

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores. Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista.

For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

# FOO FIGHTERS AND QUEENS OF THE STONE AGE



ABERTURA - EGO KILL TALENT

SHOW EXTRA

25/2 RIO DE JANEIRO - MARACANÃ | 27/2 E 28/2 SÃO PAULO - ALLIANZ PARQUE  
02/3 CURITIBA - PEDREIRA PAULO LEMINSKI | 04/3 PORTO ALEGRE - ESTÁDIO BEIRA-RIO

APRESENTADO POR



**INGRESSOS À VENDA - WWW.EVENTIM.COM.BR**

PARCELAMENTO EM ATÉ 6X PARA CARTÕES OUROCARD VISA E ELO E EM ATÉ 5X PARA OS DEMAIS CARTÕES OUROCARD\*.  
DEMAIS CARTÕES TEM PARCELAMENTO EM ATÉ 4X. Troque seus pontos Lívolo por ingressos!

Meio de  
Pagamento Oficial

**Ourocard**

Plataforma de  
Pagamento Oficial

**cielo**

Cerveja Oficial

**Budweiser**

Realização

**LIVE NATION**

Classificação Etária: Entre 5 e 15 anos de idade, acompanhados do responsável legal. A partir de 16 anos, permitida a entrada desacompanhados. Este evento requer autorizações específicas. Consulte o site eventim.com.br e acompanhe a atualização sobre a expedição de alvarás relacionados ao evento. Bilheteiras Oficiais (sem taxa de conveniência): RIO DE JANEIRO: Vivo Rio: Av. Infante Dom Henrique, 85. SÃO PAULO: Allianz Parque: Av. Francisco Matarazzo, 1705. PORTO ALEGRE: Estádio Beira Rio: Av. Padre Cacique, 891. CURITIBA: Pedreira Paulo Leminski - Parque das Pedreiras: R. João Gava, 970. \*Consulte condições de parcelamento disponíveis para cada show em: eventim.com.br. Compra limitada a 6 ingressos por CPF para clientes OUROCARD. Público geral tem compra limitada a 4 ingressos por CPF.

## RED FANG: AMPLIANDO HORIZONTES

Aaron Beam, John Sherman, Bryan Giles e David Sullivan: diversificando a concepção musical



FOTO: JAMIE REYNOLDS

Com treze anos de carreira e quatro discos na praça, o Red Fang é um dos mais interessantes nomes do stoner metal, gênero cuja popularidade vem crescendo bastante. Para se destacar na multidão, o quarteto de Portland, Oregon (EUA), resolveu mostrar um pouco de inquietude em seu último trabalho, o ótimo *Only Ghosts* (2016). Bryan Giles (vocal e guitarra), David Sullivan (guitarra), Aaron Beam (baixo) e John Sherman (bateria) fizeram um álbum que pode aumentar o número de admiradores, mas sem nenhum susto para os fãs que acompanham a banda há mais tempo. Depois de uma bem-sucedida passagem pelo Brasil em maio último, incluindo um show no Maximus Festival, batemos um papo com Giles para discutir os caminhos musicais do grupo.

**Only Ghosts já está nas lojas faz um bom tempo. Pode haver uma percepção diferente daquela de quando foi lançado, mas eu ainda diria que vocês atingiram um nível diferente sem comprometer a sonoridade. E não que o álbum seja comercial...**

**Bryan Giles:** E eu ainda não saberia avaliá-lo, comercialmente falando. Nós apenas compomos músicas que mostram onde estamos mentalmente na hora em que fazemos isso. Não dá para prever o que será popular ou não no momento do lançamento, e quem tenta fazer isso é completamente louco (risos). Bom, talvez Britney Spears e artistas similares, porque quem compõe as canções que eles vão cantar deve ter alguma métrica para descobrir qual será a tendência ou quantas batidas por minuto uma canção

deve ter para mexer com as pessoas. Isso até pode ser possível, mas quando se está numa banda de rock você apenas faz rock. É o que fazemos desde sempre, mas com a esperança de que as pessoas gostem. Não é que tenhamos ficado mais pop. *Only Ghosts* é apenas mais um álbum do Red Fang. Se as pessoas gostaram, isso é o mais importante para mim.

**Mas é exatamente isso, porque canções como *Cut it Short, Nothing to You* e *The Deep* vão além dos riffs de guitarra. Há um groove que é novo e bem viciante. Claro, sei que não foram compostas com fórmulas matemáticas.**

**Bryan:** Fico feliz por ouvir isso. Sabe, não criamos expectativas quando começamos o Red Fang. Não havia regras, quer dizer, não impusemos a nós mesmos um determinado caminho a seguir. Nosso único objetivo era tocar a música que, antes de qualquer coisa, nos fez montar a banda. Não queríamos confundir as pessoas, muito menos impressioná-las mostrando que éramos bons. O que compomos é um reflexo do que nos influenciou a pegar uma guitarra ou as baquetas, e essas canções são uma extensão natural disso. Mas vou lhe dizer uma coisa: eu adoro música esquisita, coisa bem porra louca, mesmo (risos). Por outro lado, também adoro música que apenas faz balançar a cabeça. Então, o que faço é uma combinação das duas coisas. Quando estamos no estúdio criando, muitas vezes surge algo bem bizarro e complicado de tocar. Curtimos num primeiro momento, mas aos poucos vamos colocando os pés no chão. Fico per-

guntando: 'Vamos mesmo fazer essa parte louca de guitarra apenas porque é louca?' Acho que temos de tocar em função da música. Então, muitas vezes jogamos fora algumas ideias malucas simplesmente porque elas não melhoraram a música. Podem ser divertidas e desafiadoras, mas nos livramos delas se não acrescentam.

**Então já sei que desse processo saem músicas bem objetivas, caso de *Flies*, *Shadows* e *Living in Lye*, ou algo bem hipnótico, como *The Smell of the Sound*. Você concorda que *Only Ghosts* é o álbum mais diversificado do Red Fang até agora?**

**Bryan:** Não sei, honestamente, porque mantemos um estilo de um disco para o outro. Nós quatro compartilhamos gostos musicais, mas também temos influências individuais que não encontram ressonância uns nos outros. Aliás, acredito que é por isso que ainda somos um grupo mais de dez anos depois de termos começado, porque despertamos um no outro o interesse por novidades. Essa é a parte divertida de se estar numa banda. Eu posso apresentar um groove mais pegajoso ou um riff mais pesado e sombrio da mesma maneira, porque ambos serão tratados pelos outros com o mesmo nível de respeito. Gostamos de explorar o que a música pode oferecer, então espero que o próximo álbum seja musicalmente mais amplo do que *Only Ghosts*. Quero que alguém ouça a nossa próxima nova música em seu iPod e não consiga identificar que é o Red Fang. Bom, acho que isso é pedir demais (risos), mas buscamos a liberdade para criar dentro do nosso estilo.

**Recentemente, o Deezer disponibilizou um álbum ao vivo do Red Fang (N.R.: *Live in Paris - 9/10/2016*). Considerando que as plataformas de streaming já são o próximo passo na indústria depois dos downloads, legais ou não, qual a opinião da banda sobre isso?**

**Bryan:** Eu costumo falar que as pessoas deveriam entender que os músicos são seres humanos comuns e que a indústria musical é um lugar difícil para tentar a vida. Somos nós que criamos, mas muitas vezes somos também os que menos ganham dinheiro. Há empresários, gravadoras e toda uma estrutura por trás, então é importante que os fãs apoiem as bandas para que elas possam continuar fazendo o que eles mais gostam, que é a música. Dito isso, se você fez o download ilegal de um álbum de que gostou bastante, passe para a próxima etapa e adquira uma cópia original. Se não tem o recurso financeiro para comprar CDs, procure ir aos shows e compre uma camisa oficial. Isso vai ajudar as bandas a seguirem em frente. Eu não estou dizendo que você não deve fazer downloads ou streamings de um álbum, porque eu faço isso a todo instante atrás de novidades. Mas se um grupo realmente chama a minha atenção e eu me torno um fã, então terá meu apoio. Irei aos shows sempre que tocar na minha cidade. Se eu gostar do disco, vou comprar o original, de preferência em vinil (risos). Não importa a maneira como você escuta música, sempre apoie os artistas. Da melhor maneira que puder.

**Daniel Dutra**

# TREZZY: PALHAÇOS, HARD, ROCK E MELÂNCOLIA



Roger Benet, Joonior Joe, Dinho Milano e Diego Lessa promovem o primeiro álbum, *Circo XIII*

FOTO: WOODY GUTIERREZ

**T**alento e capacidade, quando juntos, são uma combinação explosiva.

Primeiro álbum da banda paulistana Trezzy, *Circo XIII* define bem a combustão espontânea que essa mistura bem dosada pode gerar, com músicas feitas para os palcos e agora embaladas num excelente trabalho que funde hard, rock, melancolia e letras que alegrem e instigam o ouvinte. Tudo isso regado com tempero circense. Em entrevista à ROADIE CREW, o vocalista Joonior Joe falou um pouco sobre a carreira do grupo, a mistura de nuances e, claro, os palhaços, com os quais tem forte ligação desde muito antes do Trezzy.

**Apesar de sempre ter disponibilizado as músicas em plataformas como YouTube, somente agora, quatro anos depois da criação do grupo, é que o Trezzy soltou o primeiro álbum. Qual a sensação de estar com o CD prontinho e distribuído em muitos lugares?**

**Joonior Joe:** Estamos superfelizes com o resultado e, na verdade a espera foi proposital. Durante esse tempo, soltamos alguns singles até que a banda se firmasse como um time único e encontrássemos a sonoridade certa que buscávamos. Amadurecemos muito durante o período e nos sentimos prontos para lançar o álbum. No nosso caso, não poderia ser melhor.

***Circo XIII* foi lançado pela Animal Records, que também é uma loja especializada em hard rock. Como foram as conversas para que o material saísse pelo selo?**

**Joonior:** Carlos Chiarioni, da Animal Records, é um amigo nosso há muitos anos. Comprei e compro até hoje grande

parte da minha coleção de CDs na loja. Em 2013, comentamos com ele que estávamos produzindo alguns sons. Depois que ouviu o primeiro single, ele passou a insistir que fizéssemos um álbum inteiro. Quando comentamos, depois de anos, que faríamos, ele nem quis ouvir. Bastou o que já tinha escutado pra oferecer o selo. Está sendo demais a parceria. Incrível, mesmo.

**Apesar de conter elementos de bandas como Guns N'Roses, a música do grupo é mais abrangente. De Gotthard a Stone Sour e Black Label Society, encontramos uma música jovial e pesada, que tem tudo para agregar a rapaziada mais nova no rock. Como foi desenvolver e chegar a essa sonoridade, agora imortalizada em *Circo XIII*?**

**Joonior:** Foi natural demais para nós. Sempre compomos sem pensar num estilo a seguir. Montamos a banda lá atrás para tocar o que gostaríamos de ouvir e, nessa mistura de influências no rock, acho que o Trezzy criou algo novo, com elementos de cada integrante. Já quanto à sonoridade, somos meio chatinhos. O CD levou um tempo grande para sair por conta disso. Foi e voltou inúmeras vezes até soar da maneira que imaginávamos e gostávamos. Com a ajuda incrível de muitos profissionais, acho que conseguimos. Estamos muito contentes com o resultado.

**Outra característica é a melancolia presente nas canções, especialmente na faixa *Frio*. Queria que falasse do processo criativo desta música e do feedback recebido do público.**

**Joonior:** Sim, é algo que está presente

em muitas músicas da banda. *Frio* é uma que vem de influências diversas e inconscientes entre mim e Roger Benet (guitarra), como Alice in Chains, Mad Season, Days of the New etc. Neste caso, Roger mandou o instrumental para mim, então afinamos uns detalhes com a banda. Depois, completamente envolvido pela sonoridade dela, trabalhei na linha vocal e na letra. Tinha tudo a ver com o que escrevi. Curtimos essa atmosfera, que naturalmente, dentre tantas outras influências, aparece no nosso trabalho. O público tem nos dado uma resposta excelente. Realmente surpreendente sobre *Frio* e, sobretudo, todo o álbum. Demais!

**Sem restringir apenas às músicas, o grupo aposta num visual moderno e arrojado. O quanto essa questão é importante para a banda?**

**Joonior:** Na verdade, creio que é como somos. Vestimo-nos assim antes da banda. Quanto à estética visual de clipes e tal, o que fazemos é carregar um pouco mais dentro daquilo que já somos, apenas como criação de uma atmosfera mais próxima do som que fazemos. Mas somos nós mesmos 100% em tudo.

**De qualquer maneira, o visual lembra a Anjos dos Becos, banda 'cult' paulistana. Foi algo proposital ou coincidência?**

**Joonior:** Você diz por causa da temática circense, né? Na verdade, não. Foi coincidência. Sempre tive uma relação muito próxima com palhaços e o circo, desde pequeno. Durante treze anos cantei numa banda em que me maquiava de palhaço, ganhei bicicleta no Bozo quando

era criança, minha avó moldava palhaços em argila, minha tia pintava quadros com o tema e frequentei muito circo quando era mais novo. Anos atrás, dei a ideia de colocar um palhaço num videoclipe nosso, mas o clipe se transformou em dois com ele e, em seguida, fizemos a música *Circo*. É algo que carrego comigo há anos, a banda adorou e tem muito a ver, inclusive, com toda a atmosfera do álbum. Coisa natural, mesmo, inconsciente e que, no fim, fez todo sentido.

**Com o álbum lançado, agora o lance fica para os shows. O que pode nos adiantar sobre apresentações e até uma turnê? O material é forte e tem tudo para conseguir agregar muitas pessoas, como a faixa *Alguém Assuma o Meu Lugar*, por exemplo.**

**Joonior:** Muito obrigado. O que queremos muito neste momento é que conheçam nossa música. Quanto mais pessoas puderem ouvir nosso trabalho, melhor. Estamos com alguns projetos para o começo do ano para viabilizar uma turnê. Vamos aguardar.

**João Messias Jr.**



# CONQUISTADORES: ERGUENDO O METAL COM PUNHOS DE AÇO

**F**ormado por Alan Bianco (vocal), Laerte Dutra e Leandro Magalhães (guitarras), Cláudio Magalhães (baixo) e Edvaldo Rodrigues (bateria), o Conquistadores adota uma postura honesta em relação a seu som, letras e estética, sem se importar com clichês relativos ao metal. Oriundo de Osasco/SP, o grupo lançou seu primeiro álbum, *À Beira da Loucura*, em 2013 através da Eternal Hatred Records, destacando faixas como *Morte aos Falsos* (não confundir com "aquele hino" da Dorsal Atlântica), *Guerreiros do Metal* e *Marcha Metal*. Porém, com a saída de Alan Bianco e a entrada de André Nepomuceno, novas ideias podem se incorporar aos temas e ao som do grupo, como comentam Cláudio, um dos fundadores, e o novo vocalista.

**Quando o Conquistadores surgiu, em 2004, a movimentação que resgata o metal oitentista não era tão forte. Foi difícil encontrar público naquele período?**

**Cláudio Magalhães:** Frequentamos a cena desde a nossa adolescência, antes mesmo que surgisse a vontade de formar uma banda, e os anos 80 são uma grande influência para nós. Apesar da diferença de idade, é o nosso segmento e a nossa ideologia de vida. Então, formar público, adquirir seguidores e admiradores ao nosso som não foi uma dificuldade.

**Com o ex-vocalista Alan Bianco a banda criou sua identidade agregando elementos do metal tradicional e do thrash metal. Cláudio, o que o atual vocalista André Nepomuceno trouxe para somar ao que a banda já oferecia?**

**Cláudio:** O nosso som ficou mais agressivo com a entrada do André. Além de curtir os mesmos grupos que nós, ele já foi integrante das bandas de black metal Mantus e Amazarak, então acabou trazendo essa agressividade do metal extremo para o Conquistadores. E está dando certo.

**André Nepomuceno:** Sempre gostei muito do Conquistadores. Realmente curti o som, e o Alan sempre arregaçou. Até estranhei na época o convite do Cláudio, pois minha linha vocal não tinha nada a ver com o vocalista antigo, mas fiquei muito feliz com o convite, é claro. Porém, desde o começo falei para eles: 'Não tem como eu ser um segundo Alan.' Minha identidade vocal é muito diferente. Logo no primeiro ensaio perguntei se eles tinham certeza, e foi unânime: todos disseram para eu fazer do meu jeito. Bem, estamos aí já há algum tempo. Fiquei meio preocupado com quem já curtia a banda,



Laerte Dutra, Cláudio Magalhães, André Nepomuceno, Leandro Magalhães e Edvaldo Rodrigues: guerreiros do metal

sabe como é... É complicado mudar de vocal e, pior ainda, mudar radicalmente, mas a galera aprovou, não sei se todos, mas muitos sempre elogiam e dizem que ficou legal, mas é claro que tenho o apoio de toda a banda, que deixou e tornou possível toda essa adaptação e sempre me apoiou nesse ponto. Esses 'vagabundos' são foda (risos)!

**As letras do álbum *À Beira da Loucura* reforçam a característica do Conquistadores como uma banda 'true', mas o disco já tem quatro anos. No próximo trabalho, temas que exprimem o amor pelo metal dividirão espaço com outros assuntos?**

**Cláudio:** Sim, adoramos temas mais obscuros como ocultismo e também falar sobre a nossa cena e problemas sociais. Isso estará nas próximas letras.

**André:** As letras antigas são todas muito fudas e agora é realmente uma puta 'responça' assumir isso. Como você sabe, curto muito som extremo, mas também o metal como um todo, heavy, thrash, death... Acabei somando o tema metal às minhas composições, que geralmente eram bem sombrias, e ficou bacana. Já temos uma música nova, *Ritual Metal Nacional*, e estamos finalizando *Morte Atômica* e outros arsenais que apresentei. A banda tem algumas bem obscuras, mas ainda vamos escolher no meu acervo, pois tenho letras com temas diversos no âmbito dos estilos que citei acima.

**Muitas pessoas do meio do heavy metal demoram a aceitar certas evoluções e direcionamentos na música que curtem. Vocês acham que isso está mudando?**

**Cláudio:** Já vem mudando para mim desde os anos 90. Sempre existiram os saudosistas como nós, mas não somos

contra a evolução. Isso é inevitável.

**André:** Sim, mas pode ter certeza de que as mudanças, no nosso caso, serão para deixar o som mais encorpado, pesado e destruidor (risos).

***Inimigo da Noite* é uma faixa que está no álbum como bônus, mas ela não estava na demo *Lutar e Conquistar* (2010). Quando ela foi gravada?**

**Cláudio:** Na verdade, o Ciero, que produziu o nosso debut, acabou perdendo um som já bem próximo da finalização do disco, porém, achou aquela gravação sem estar mixada. A nossa ansiedade em querer lançar logo o álbum nos fez deixá-la na versão demo mesmo (risos).

**André:** Eu gostaria de fazer uma nova versão dela e de mais umas duas do disco. Acho que ficariam foda pacas (risos).

**A produção do álbum ficou bem orgânica. Pretendem trabalhar novamente com o produtor Ciero, do estúdio Da Tribo, que já produziu nomes como Krisium, Torture Squad e Claustrofobia?**

**Cláudio:** Adoramos trabalhar com o Ciero. Durante a gravação ele acabou virando um admirador do nosso som. Já éramos amigos e nos aproximamos muito mais durante a produção do álbum. Aqueles momentos das sessões foram inesquecíveis, mas queremos experimentar algo diferente, mais moderno, mais atual para nossa próxima gravação.

**Falando mais um pouco sobre as mensagens das letras, o que reflete a letra de *À Beira da Loucura*? E por que a escolheram como título do álbum?**

**Cláudio:** Adoramos esta letra. É o nosso melhor som, o que todos aprenderam a cantar nos shows. Isso nos dá muita vibração. Batizamos o álbum com o nome

dessa música para homenageá-la, vamos dizer assim, e a capa traduz isso, também.

**André:** Eu me identifiquei com a letra, assim como com as outras da banda, mas esta reflete para mim grande parte da minha vida. Não sou muito certo do juízo, mas eu realmente era 'muito doído' (risos)!

**A banda fez vários shows após o lançamento do debut e chegou a tocar músicas novas. É fácil perceber quais das inéditas funcionam mais com o público antes de lançá-las num álbum?**

**Cláudio:** Sim, a galera tem recebido muito bem as novas composições. Todos dão a nós muita segurança para montar o repertório do novo álbum.

**Hoje, a produção de um videoclipe é tão importante quanto a gravação de um single, EP ou full-length. A banda já estuda algo nesse sentido?**

**Cláudio:** Com certeza, pois estamos muito a fim de trabalhar um videoclipe. Ainda não decidimos como fazer, mas logo vamos resolver essa questão.

**Por favor, deixe seu recado aos nossos leitores que acompanham o Conquistadores.**

**Cláudio:** Nós agradecemos pelo espaço, é muito importante para nós! O metal está para sempre em nossos corações, é a nossa ideologia de vida. 'À Beira da Loucura' nós estamos à procura da conquista. Desejamos 'morte aos falsos', pois somos guerreiros do metal. Vamos, bangers!

**André:** Nos vemos nos próximos eventos, 'warbrothers'! E podem ter certeza de que vão sentir e ouvir a energia do verdadeiro metal nacional, pois este é o Conquistadores, som de headbangers para headbangers!

**Leonardo M. Brauna**



# REPUBLICA

NOVO ÁLBUM  
“BRUTAL & BEAUTIFUL”  
JÁ DISPONÍVEL!



REPUBLICA BRUTAL & BEAUTIFUL



[republicarock.com.br](http://republicarock.com.br)   /republicarock  /republicabrasil

shows: paulofellin@gmail.com / 48-98428-1627

# WHIPSTRIKER: MUITO MAIS QUE UMA SIMPLES BANDA PROJETO



Hugo Golon, Victor "Whipstriker", Pedro "Skullkrusher" e Rodrigo "Doomhammer", uma das formações do Whipstriker

FOTO: MAREIUS CANTALEANO

Enquanto muitos músicos abraçam a modernidade em suas composições, Victor "Whipstriker" Vasconcellos preferiu ficar com o lado mais primitivo do metal. Membro das bandas Atomic Roar, Diabolic Force, Farscape, Kuld e Virgin's Vomit e com participação em turnês e shows de outras, como Apokalyptic Raids, Power From Hell, Toxic Holocaust, Warhammer e Besthoven, o baixista e vocalista criou o Whipstriker em 2009 como um projeto. Porém, ele já está com quarto álbum engatilhado e possui mais de vinte lançamentos entre splits, EPs e coletâneas, turnês internacionais e diversos shows Brasil a fora. Falamos com o mentor do Whipstriker que, com um currículo desses, deixa de ser um simples projeto e assume o posto de um dos grandes representantes do metal brasileiro underground da atualidade.

**A melhor sensação de manter um trabalho com a sonoridade do Whipstriker é adentrar nos porões mais obscuros da música pesada underground?**

**Victor "Whipstriker" Vasconcellos:** Nós apenas fazemos o som que gostamos. Para falar a verdade, eu nem sei quais são as tendências de agora. Desde que montei nossa primeira banda em 1998, Farscape, tocamos uma sonoridade baseada em bandas de thrash e heavy metal do início dos anos 80. Apesar de cada uma das bandas ter uma identidade diferente, a base de tudo vem dos anos 80 e das bandas posteriores que seguiram esse estilo como as dos primórdios do death e black metal.

**Desde o início a ideia era não ter uma formação fixa. Como é isso para você?**

**Whipstriker:** É ótimo não ter formação fixa porque não dependo de três ou quatro pessoas para fazer uma tour, por exemplo. Todo mundo trabalha em empregos regulares, têm filhos e outras responsabilidades. É difícil conciliar as agendas de quatro pessoas e marcar uma tour fora do país. Então, prefiro chamar meus amigos

que estiverem disponíveis para tocar em um determinado momento. Cada tour teve uma formação diferente. Nos EUA, tocamos com um guitarrista americano e um baterista francês. Não ter line-up significa ter flexibilidade e o atual conta com o Hugo Golon (Cemitério e outras bandas), Rodrigo (Cult of Horror) e os gringos Kev e Tony. Pedro e Leo do Farscape também estão sempre tocando quando podem.

**Nas turnês internacionais sentiu alguma diferença nas reações dos bangers gringos em relação aos brasileiros?**

**Whipstriker:** Eu acho que as cenas são sempre iguais. O que muda é que na Europa e nos EUA a infraestrutura é muito mais desenvolvida e os bangers têm maior poder aquisitivo. Isso significa que tocamos em lugares muito melhores, com equipamento excelente. O merchandise também vende como cerveja! No quesito agitação, nunca os shows na Europa serão como na América Latina. Os bangers são sempre mais frios. Mesmo assim, conseguimos quebrar alguns peixões!

**Pela discografia, é perceptível a preferência pelos lançamentos em vinil. Isso foi planejado ou foi natural devido à proposta musical da banda?**

**Whipstriker:** Eu curto lançar em todos os formatos. Para falar a verdade, eu ainda prefiro o cassete aos LPs. Mas são os formatos preferenciais. O CD não me encanta tanto, mas o álbum novo também vai sair nos três formatos. Priorizarei as gravadoras que oferecerem as melhores propostas em tape e LP. Já estamos mixando e em março o quarto álbum já estará nas 'piores' lojas.

**(risos) 'Pior', 'podre' e 'sujo' são adjetivos caros para a música underground. E em relação ao 'primitivo', acha que foi esse primitivismo o fator diferencial que fez o Whipstriker se destacar mundialmente?**

**Whipstriker:** Como eu disse antes, não estamos muito preocupados com rótulos. Fazemos um som que mistura aquela sonoridade mais primitiva do Venom, dos primeiros do Bathory e do primeiro do Kreator, a sujeira do Motörhead e do Warfare e por aí vai. Para mim, o Venom é uma banda virtuosa com gravações excelentes, mas se eu usar esses termos muita gente não vai entender. Então, é mais fácil falar 'podre', 'sujo', 'rústico'... Isso faz com que haja automaticamente uma diferenciação das bandas 'limpas' e 'profissionais'. Muitas pessoas acham que fazemos gravações sujas por falta de dinheiro ou por displicência, mas é exatamente o contrário. Produzir a sonoridade do *At War with Satan* do Venom é algo desafiador. E eu desafio os melhores 'profissionais' do país a tirar um som parecido com aquele. Essa coisa do 'ser tosco' e 'ser primitivo' é uma estética de que gostamos.

**Como tem algo de punk na sonoridade de Whipstriker, você se sente confortável participando de shows com outros estilos musicais além do metal?**

**Whipstriker:** Sim. Sempre flertamos com a música punk desde o início. Bandas como Anti-Cimex, Crude SS, Discharge e GBH estão entre as minhas preferidas. E é muito claro esse tipo de influência no nosso som. Já tocamos em muitos shows com bandas punks. Em 2011 fizemos praticamente toda a tour em squats punks na Europa, foram cerca de 23 shows. (N.R.: squats punks são espaços de convivência, shows ou moradia ocupados por punks).

**Aproveitando que o novo álbum estará nas 'piores' lojas no início de 2018, o que a turma que acompanha a banda pode esperar desse lançamento?**

**Whipstriker:** Eu sempre procuro fazer álbuns diferentes entre si. Quem conhece os três anteriores pode perceber isso. No novo disco teremos muito pouco de punk e mais de speed e thrash metal. Passei muito tempo ouvindo o *Endless Pain* do Kreator e

materiais do Living Death e do Destruction (do começo, óbvio!). Então, já dá pra adiantar que teremos mais Kreator e Slayer do que Motörhead. O Venom sempre estará presente. Tem dois sons nessa vibe, incluindo uma em homenagem ao Mantas, o maior virtuoso de todos os tempos! O nome do álbum é *Merciless Antillery*.

**Você, juntamente com outros militantes do underground carioca, organiza o Coletivo União Headbanger. Este foi um meio de articular bandas e produtores para ampliar o apoio à cena? E, também, é uma forma de resistência frente ao mainstream?**

**Whipstriker:** Nós montamos a União Headbanger para promover encontros com os headbangers do Rio de Janeiro. A ideia era somente reunir pessoas, ouvir som, beber cerveja e trocar materiais. No entanto, rapidamente começamos a organizar eventos. Estamos completando três anos de coletivo. Nesse meio tempo, organizamos mais de sessenta shows com bandas do Rio, de outros estados e internacionais. Procuramos atualmente organizar um evento por mês pelo menos. Além dos shows, também já fizemos seis edições do zine União Headbanger e outras seis edições de podcast online, nas quais conversamos e indicamos bandas underground do Brasil e do mundo. Resistência é sim nossa maior missão! Resistimos às panelas dos 'grandes' produtores organizando nossos próprios eventos. Da mesma forma, fazendo nosso próprio zine resistimos às mídias que priorizam quem paga assessores de imprensa. Resistimos esteticamente com nossos cartazes e capas sem efeitos lunáticos de photoshop. Resistimos colocando grana do próprio bolso para apoiar eventos que deram prejuízo em outros estados do Brasil. Já fizemos isso duas vezes. Nós estamos fazendo nossa parte em todos os aspectos. Não gostamos muito de ficar com a bunda sentada reclamando atrás de um computador!

**Ivanei Salgado**



# THE UNHALIGÄST: DOSES ARDENTES DE METAL E ROCK'N'ROLL



FOTO: FABIANO ARRUDA

Witch Captor, Bitch Hunter e Sub Umбра preparam um novo álbum para 2018

Com previsão de lançamento do terceiro álbum em 2018, o power trio The UnhaliGäst, formado por Sub Umбра (vocal e baixo), Witch Captor (guitarra) e Bitch Hunter (bateria), é representante da crescente e produtiva cena underground carioca. Os discos (*We Are*) *The Unholy Ghosts* (2014), *Second Dose of Blistering Rock* (2016) e mais recentemente um split 7" EP com a banda Atomic Roar, mostram a união do metal ao rock'n'roll proposta pelo trio. Portanto, a parada desses cariocas é o metal como nos primórdios! Sub Umбра fala mais sobre ótima fase da banda.

**Observando a cena underground do Rio de Janeiro, percebemos uma ênfase no metal dos primórdios. E o The UnhaliGäst está inserido nesse contexto, correto?**

**Sub Umбра:** Acho que está, sim. Na cena do Rio, os músicos se conhecem há muitos anos, entre quinze e vinte anos de bom convívio. Existem pessoas que nos acompanham e que até já traçaram o marco zero disso tudo. Às vezes, esse "fenômeno" é mal interpretado, mas não nos importamos muito com isso. Eu enxergo que isso tudo acontece por uma soma de fatores, como a dificuldade de renovação do underground que nos força a movimentar a cena com bandas diferentes, nosso apreço extenso pelo metal e uma boa relação de amizade. Dessa árvore, dessa matriz de bandas e das ramificações que surgiram depois, a preferência por um som mais antigo e oitentista é inquestionável!

**Você integra também o Poeticus Severus, que possui uma sonoridade**

**mais épica, enquanto o The UnhaliGäst é ligado aos anos 80. Como músico, é interessante essa versatilidade?**

**Sub Umбра:** Já toquei em várias bandas do Rio e recentemente entrei no Grave Deseccrator. Particularmente, gosto de desafios e estilos diferentes. Gosto de construir, gravar e mixar, produzir. Além das bandas de que faço parte, gravei um disco com membros do Malefactor e Miasthenia, o *Born in Black*; toquei com o Miasthenia ao vivo e foi bastante prazeroso. Eu não me considero um músico virtuoso ou técnico, pois não tenho o domínio da linguagem técnica da música e toco com feeling. Não que eu não admire quem o faz, mas eu prefiro fazer as coisas dessa forma, pois elas funcionam melhor para mim.

**O álbum *Second Dose of Blistering Rock* foi lançado em 2016. O que podemos esperar do seu sucessor?**

**Sub Umбра:** Já está pronto! São dez músicas novas, mais um cover do Flagelador. O título está entre *Metal'n'Roll* e *Black Winged Horses*. Só vai depender da arte da capa, se será uma pintura a óleo ou uma fotografia. Vou deixar no ar para criar expectativa. Antes de lançarmos no Brasil, estamos estudando uma forma de fazer esse lançamento em cassete na Europa. As letras em geral falam sobre ateísmo, distopias, vingança e do nosso estilo de vida no underground. O resultado é uma fusão de metal e rock. Essas são as principais partes de "quem eu sou".

**Eu vejo o The UnhaliGäst como uma banda um pouco diferente dessa safra carioca, justamente por terem um lado mais rock'n'roll e até mesmo blues. Isso**

**foi algo proposital, talvez para diferenciarem de outras bandas do Rio?**

**Sub Umбра:** Olha, fizemos e acho que sempre faremos algum som com pegada blues. Gravamos outro blues para o terceiro disco. A gente tenta pegar o clima da NWOBHM na virada dos anos 80, que tinha o rock mais evidente, somar elementos das bandas de hard do final dos 70, mas com mais sujeira na mixagem vinda do metal como elemento dominante nas composições. É proposital, sim, porém não com intuito de diferenciar, até por que blues e rock no metal do Rio vieram do Venom como fonte. O foco disso é conversar com as cordas e os ritmos. Gostamos de blues e temos facilidade de tocar e improvisar nos ensaios enquanto aquecemos. Essa fórmula do rock também é universal, então temos flexibilidade para compor porque as influências são as mais variadas possíveis, resultando em músicas diferentes entre si nos álbuns.

**A recepção aos álbuns foi boa e repercutiu em relação aos shows?**

**Sub Umбра:** Foi muito boa! Parece que acertamos, pois várias pessoas se identificaram com nosso som. Metal e rock'n'roll é uma fórmula maravilhosa e universal! Não adianta reinventar a roda... Bangers agitam, crianças agitam, velhos agitam... Eu vi isso em Fortaleza! Gosto disso! É uma boa oportunidade para transmitir mensagens e curtir junto. A nossa formação atual está muito bem entrosada e isso contamina. Quem tiver com vontade de conhecer, nos procure no YouTube. Tem vários shows nossos com qualidade boa para entender melhor o que eu digo aqui.

**Ainda sobre *Second Dose of Blistering Rock*, qual é a vibe da faixa *União Headbanger*? É uma homenagem ao coletivo União Headbanger?**

**Sub Umбра:** A vibe é *Heavy Duty*, do Judas Priest! Na Alemanha, as bandas dos clubes de metal tocam músicas da cena local. Resolvemos fazer isso e lançamos essa música. Acho que mais bandas também vão fazer ou também já fizeram antes uma música sobre a UH-RJ. Acho que o Apokalyptic Raids também já gravou uma (N.R.: gravou e será lançada em 2018). A ideia é que cada banda do coletivo faça uma música sobre a UH.

**Acha fundamental essa integração de bandas e produtores em coletivos para dar uma repaginada na cena brasileira?**

**Sub Umбра:** Fazer tudo sozinho não é viável e está quase insustentável! Decidimos persistir e manter o foco na música e reunir pessoas que realmente gostam de metal. O papel do coletivo é essencialmente realizar eventos com certa periodicidade. É muito mais racional juntar os fatores positivos e perceber que é mais fácil as bandas se unirem e se organizarem do que ficarem fazendo eventos no mesmo dia, por exemplo. Como a União Headbanger tem uma base sólida, possuímos caixa, os membros contribuem, o valor das entradas paga o local e o restante é partilhado entre os participantes que tocaram no evento. Um fundo está sendo mantido para realizar um grande evento, se possível chamando uma banda internacional. Investimos até em bitcoins! O mais importante é manter e tentar, na medida do possível, expandir a nossa base. A repaginada de bandas é natural e temos que dar apoio a novas bandas, como fazemos por aqui. Sobre agências e produtores, queremos mais e mais nos aproximar e integrar públicos diferentes. Eu quero mais que eles façam muitos shows por aqui. Tem espaço para todos que querem trabalhar direito.

**Ivanei Salgado**



# VORGOK: THRASH METAL SEM SAIR DA LINHA

**A**o contemplar o digipack *Assorted Evils*, lançado no ano passado pelo Vorgok, pode-se imaginar que se trata de um projeto, já que a ilustração interna traz apenas dois integrantes: o baixista João Wilson e o guitarrista e vocalista Edu Lopez, que até pouco tempo integrou o Necromancer e também faz parte do Explicit Hate. Decidido a seguir uma linha mais dura do thrash metal, Lopez somou forças com João na gravação do álbum, que contou com o produtor Celso Oliveira “quebrando um galho” na bateria. O desejo de seguir como banda ainda abriu espaço para a entrada do guitarrista Bruno Tavares (Forceps). Conversamos com Lopez para saber mais sobre o propósito do grupo e os resultados colhidos até o momento.

**Você ainda estava no Necromancer quando resolveu fundar o Vorgok? O que necessariamente o fez se dedicar a uma nova banda?**

**Edu Lopez:** Recebi o convite para integrar o Necromancer, que são amigos dos anos 80, para promovermos o álbum que estava para sair com material dos anos 80 e início dos 90 e que nunca foi propriamente lançado. Contudo, diferenças de objetivo começaram a aparecer quando a banda decidiu iniciar as composições para um novo álbum. Havia quem quisesse seguir uma linha, digamos, mais moderna de metal. Isso nunca me interessou e é fácil perceber: *Kill Them Dead*, *Deception in Disguise* e *Antagonistic Hostility* foram compostas para o Necromancer e acabaram entrando no disco do Vorgok. Por outro lado, eu tinha uma banda de covers com João Wilson só para diversão. Ai, propus que montássemos uma banda autoral de thrash. Então, de minha parte, o Vorgok começou da necessidade de estar numa banda em que pudesse expressar o tipo de thrash metal, bem agressivo, de que sou fã, com espaço para minhas composições e minha visão artística.

**Assorted Evils contém músicas novas e antigas, como *Hell's Portrait*, que é de 1987. Você modificou algo para que ficasse com a cara do Vorgok?**

**Edu:** Essa música tem um significado especial pra mim. Gravá-la quase trinta anos depois é muito doído! Ela foi composta originalmente para o Anschluss, outra banda clássica do thrash metal carioca e que foi a primeira de que participei. Na época, ouvia Death e Sodom direto. Fora o riff inicial, que era outro, e alguns arranjos de bateria, a música é a mesma, porém recebeu um novo nome e teve a letra reescrita. Ela fala sobre Alfred Kantor, um sobrevivente de três campos de concentração. Após a guerra, exilado em Nova York, ele relez, de memória,



Bruno Tavares, Edu Lopez e João Wilson já trabalham em novo álbum

desenhos sobre o cotidiano nos campos, que houvera feito mas destruiu por medo de ser apanhado. A letra é uma narrativa de alguns desses desenhos e pareceu-me bem apropriado o título ‘Retrato do Inferno’.

**Você conduz muito bem técnicas de vocal gutural, mas por que as usou apenas em *Hell's Portrait* e *Mass Funeral at Sea*?**

**Edu:** Obrigado pelo elogio! O motivo foi que naqueles trechos em que usei o gutural pareceu-me que era isso mesmo que as músicas pediam, pois ali nossa influência do death metal ficou evidente. Porém, veja que ambas possuem trechos em que utilizei um vocal mais rasgado, como se vê no restante do disco. Além disso, gosto de arranjar linhas de voz bem corridas (o disco é cheio de exemplos), mas na pegada do thrash mesmo, e a técnica do gutural não é própria para isso – pelo menos, no meu caso: simplesmente não tenho fôlego (risos). Aliás, minha ideia inicial não era gravar a voz, mas senti que, de outro jeito, a interpretação que eu queria para as letras não seria alcançada e por isso o fiz.

**Há muita influência de Slayer no álbum e *Deception in Disguise* mostra isso de forma clara. Podemos dizer que ela é a *Angel of Death* do Vorgok?**

**Edu:** É inevitável a influência de Slayer antigo sobre mim. Tenho 45 anos e conheço Slayer desde antes do lançamento do *Hell Awaits*. O troço está entranhado em mim! (risos) De fato, o riff inicial da música tem feito algumas pessoas se lembrarem de *Angel of Death*, mas vejo muitas diferenças, a começar pela função harmônica do riff no contexto da música. Na verdade, minha inspiração para começá-la daquele jeito, com um solo curto antes de entrar a voz e certo padrão de ataques nos pratos, veio do

Sacrifice (CAN). Então, não diria que ela é a ‘nossa’ *Angel of Death* (aliás, um objetivo inalcançável), mas não me importo se alguém a veja assim. Como outras influências dignas de nota, poderia citar Dark Angel, Dorsal Atlântica, Sepultura e Kreator antigos, alguma coisa do Exodus e do death metal old school da Flórida. Pessoalmente – e sou um garimpeiro de bandas underground –, fico muito satisfeito quando encontro uma banda cujas referências consigo relacionar a essa abordagem mais tradicional, brutal e crua do thrash que as grandes bandas antigas, ainda em atividade, deixaram para trás. Para mim, o importante mesmo é conseguir me conectar com o som de uma banda. Não dou importância para essa mítica ‘originalidade pura’ que tanta gente exige. O que adianta ser original e ser ruim? Então, o que importa é ser bom!

**Isso que você falou reflete em *Assorted Evils*, que, apesar de possuir uma veia oitentista, não soa datado.**

**Edu:** Acredito que o trabalho do nosso produtor, Celso Oliveira, esteja diretamente associado a esse resultado. Ele é um profissional altamente competente, jovem, porém muito experiente, com a cabeça muito aberta e antenado. Creio que o trabalho desenvolvido na timbragem e na mixagem, sobretudo pelo espaço que encontramos para o baixo aparecer, sejam elementos importantes para o material não soar datado, proporcionando um equilíbrio entre o antigo e o moderno.

**Com exceção da pequena instrumental acústica *Drowning*, todo o álbum foi composto por você. Essa mesma regra será aplicada em um próximo lançamento?**

**Edu:** *Drowning* foi composta pelo João e é um prelúdio em violão de náilon que funciona como uma introdução para a faixa seguinte, *Mass Funeral at Sea*, que

fecha o disco. Além de grande baixista, ele é também um grande violonista erudito e, aproveitando essa habilidade dele, pedi que compusesse uma peça pra servir de ‘intro’ àquela música. Gostamos muito do clima alcançado, mesmo sendo meio inusitado para um disco do gênero, porque funciona bem para fechar o disco. Quanto às demais músicas, embora eu as tenha composto, eu e João trabalhamos exaustivamente os seus arranjos e ele deu uma bela contribuição. Quanto ao próximo disco, espero que todo mundo participe do processo de composição, pois há espaço para todo mundo e essa não é a ‘minha’ banda, entende?

**Sim. Atualmente, como está a formação?**

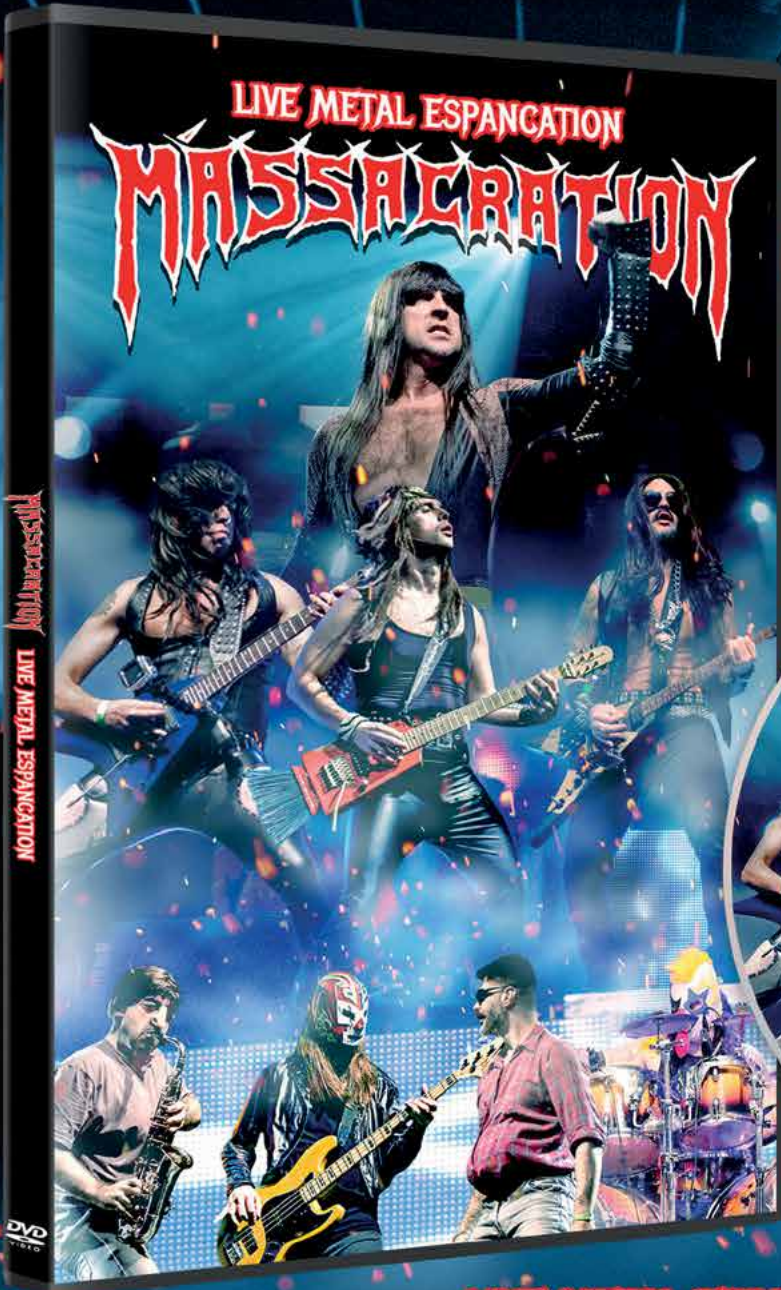
**Edu:** Temos trabalhado com diversos – e excelentes – ‘session drummers’. Já pudemos contar com Jean Falcão (Dark Tower, Absolem), Renato Larsen (ex-Unnature) e, atualmente, Marvin “O Barba” Tabosa (No Trauma, Viletale) ocupa o posto. Na outra guitarra contamos com Bruno Tavares, que é um membro efetivo. Conseguimos estabilizar essa formação e tem funcionado muito bem ao vivo.

**Estamos no final de 2017. Em questão de visibilidade e shows, como a banda está se saindo neste ano?**

**Edu:** Estamos recebendo um grande retorno num tempo muito curto, algo que até nos surpreendeu. Não apenas aqui no Brasil, mas já recebemos resenhas positivas, convites para entrevistas e inserções em programações de rádios na França, Reino Unido, Austrália, Lituânia, EUA, Holanda e em alguns países da América do Sul. Quanto aos shows, tivemos a oportunidade de tocar com Forceps, D.I.E., Rebaalliu, Lacerated and Carbonized, Sextrash, Hicsos, Forkill e Horror Chamber. Não foram tantos como gostaríamos, pois o underground é uma luta para você conseguir fazer shows em condições minimamente dignas para banda e público. Porém, o trabalho não para.

**Leonardo M. Brauna**





MASSACRATION  
LIVE METAL ESPANCATION

DVD  
VIDEO



LIVE METAL ESPANCATION  
**MASSACRATION**

A maior banda de metal lança seu primeiro DVD,  
gravado durante sua turnê mundial **'METAL MILF'**

Contatos pra shows: [shows@toplinkmusic.com](mailto:shows@toplinkmusic.com)  
[www.facebook.com/MassacrationOficial](http://www.facebook.com/MassacrationOficial)  
[www.facebook.com/TopLinkMusicOficial](http://www.facebook.com/TopLinkMusicOficial)

**TOP 28th**  
LINK Anniversary  
[www.toplinkmusic.com](http://www.toplinkmusic.com)

Shinigami  
死神  
Records  
SOUND CITY RECORDS

[www.shinigamirecords.com.br](http://www.shinigamirecords.com.br)  
11 3719-0993 / loja@shinigamirecords.com

Fotos: Filipe Neves e Julio Szoke  
arte: www.iguaredesign.com



# FINAL DISASTER: LONGE DE SIMILARIDADES

**D**a junção de integrantes das bandas NoWay, Unheld e HellArise surgiu em 2013 o Final Disaster, grupo que faz um metal pesado, denso e obscuro, com letras inspiradas em temas de terror. No comando dos microfones o Final Disaster tem o duo formado por Kito Vallim e Laura Giorgi, que nesta entrevista falam mais sobre a banda e também sobre o recém lançado EP de estreia, *The Darkest Path*.

**A prova de que o Final Disaster tem diferencial é que em *The Darkest Path* é difícil encontrar similaridades com a música de outras bandas. Qual era o objetivo de vocês quando resolveram tocar juntos?**

**Kito Vallim:** Antes demais nada, agradeço imensamente pelo espaço cedido ao Final Disaster. Nossa visão de música é nos expressarmos da forma mais intensa que pudermos. Somos seis pessoas que escutam coisas completamente diferentes e isso, por si só, gera uma mistura muito diversificada em nosso som, e amarrar tudo de forma coerente e coesa é tarefa complicada. Para dificultar ainda mais, tentamos fugir ao máximo dos clichês. Alguns são impossíveis, sabemos, mas sem esse esforço é tentador e fácil demais cair nisso e não fazer nada relevante musicalmente. Essa é a forma pela qual encontramos nossa identidade musical.

**Laura Giorgi:** Não tínhamos um objetivo sonoro definido. Traçamos a temática de terror e todos trouxeram suas próprias influências para compor, o que tornou a sonoridade algo especial, já que não focamos em uma fórmula, apenas deixamos fluir.

**As músicas vão do peso à melodia, com certo clima sombrio. A capa e o título do EP e das músicas *The Dark Passenger*, *This is the End* e *Beware the Children* evidenciam tal atmosfera. O que os inspira em relação a esse ambiente?**

**Kito:** Desde o início, o Final Disaster possui letras e visual sombrio. Nossas letras



Daniel Crivello, Felipe Ribeiro, Laura Giorgi, Kito Vallim, Bruno Garcia e Rodrigo Alves estreiam com EP baseado em temas de terror

são todas voltadas às temáticas de terror, inspiradas por obras literárias ou cinematográficas. Acho isso muito interessante, porque uma boa obra de terror consegue explorar os limites do ser humano em termos físicos, comportamentais, mentais e até espirituais, o que casa exatamente com o que tentamos fazer com a nossa música e com a intensidade que buscamos no nosso som. Além de ser algo pertinente ao nosso dia-a-dia, afinal, a atual conjuntura político-econômica do Brasil já não é, há tempos, um grande filme de terror?

**Laura:** As temáticas de terror são muito interessantes, pois, por mais que contêm histórias, podem ser interpretadas de formas diferentes, até de alguma maneira em que as pessoas se identifiquem em suas vidas particulares. Todas as nossas letras são muito pessoais, a temática da banda abre portas pra isso. Falamos do que e como queremos. Por esse caráter mais pessoal foi que optamos por tal temática.

**Como vocês dois constroem suas respectivas linhas e divisões? As letras influenciam nos arranjos vocais?**

**Kito:** Gosto de pensar que depois de algumas notas criadas, a música ganha vida própria. Ela começa a 'pedir' certos elementos que fazem com que se torne uma obra completa. E vejo o fato de termos dois vocalistas extremamente positivo, pois assim temos uma quantidade de recursos muito maior para entregar o que é neces-

sário para a música. Com certeza, dentro desse contexto, assim como o instrumental, a letra é um elemento extremamente importante para definir quem vai cantar uma parte ou outra.

**Laura:** Não deixamos nada padronizado ou pré-definido. Conseguimos chegar num certo nível de versatilidade que nos permite trabalhar da forma que a música pede. Na hora de compor decidimos ou entramos num acordo do que pode ficar melhor e executamos da melhor forma possível. Sempre acabamos optando pelo que fizer mais sentido no resultado final em termos de letra, melodia e instrumental.

**Vocês lançaram um making of das gravações de *The Darkest Path*, um clipe para *Beware the Children* e um lyric video para *This is the End*. Bato na tecla de que hoje é difícil uma banda aparecer sem ter clipe. Vocês também acham que atualmente vídeos são tão importantes quanto a música?**

**Laura:** Sim, porém isso deve ser feito com muito cuidado. Acredito que um estímulo visual bem feito é essencial, mas se não tiver a qualidade ou a energia certa, a música pode acabar ganhando sentido ou emoção diferentes da ideia original. Fazemos tudo pensando em cada detalhe para proporcionar às pessoas o melhor material possível e que, de fato, elas recebam a mensagem que desejamos passar.

**Kito:** A música tem que ser boa e bem

executada, mas vai além disso. Hoje em dia as pessoas se apaixonam por trilhas sonoras de filmes, música de abertura de série... Mas é porque é o conjunto de uma obra, dá contexto à música. Por isso vídeos são essenciais para uma banda, ajudam o artista a se tornar completo. Há algum tempo que já não é mais apenas sobre a música.

**Entre vocês há integrantes do NoWay, do Unheld e do HellArise. Assim sendo, o Final Disaster é tratado como uma banda ou um projeto paralelo? Há planos para um 'full length'?**

**Kito:** O Final Disaster é uma banda e precisa que os integrantes se dediquem tanto quanto aos demais projetos. Todos estão cientes disso e encaram isso com seriedade. Na prática, é divertido, todas as bandas são amigas. Inevitavelmente, dividimos palco e temos participações de membros nos shows umas das outras. Mas se, em algum momento, o Final Disaster acabar atrapalhando as outras bandas ou vice-versa, sentaremos e conversaremos para achar uma solução que seja boa para todos. Em relação ao 'full', já estamos trabalhando em composições e o resultado tem nos deixado bem empolgados. Não estipulamos datas, pois ainda temos frutos para colher do EP e têm sido mais do que esperávamos no começo.

**Leandro Nogueira Coppi**

**PLAYLIST ROADIE CREW** + **DEEZER**

Playlist do conteúdo da edição #227 da Revista Roadie Crew. Ele abrange bandas entrevistadas, alguns álbuns resenhados e seções internas com os artistas comentados.

Acesse o link: <http://dzt.fm/roadiecrew227> e nos acompanhe



# WHILE SHE SLEEPS: EXPANDINDO O METALCORE

**R**esponda rápido: você gosta de metalcore? Provavelmente, não houve meio termo na sua resposta. Foi um entusiasmado sim ou um não com aquela cara de nojo. Pois saiba que reações como estas são comuns quando o assunto é o heavy metal, pura e simplesmente. Então, para aqueles que torceram o nariz, vale a leitura. Para os entusiastas, vale a obra do While She Sleeps, quinteto formado em Sheffield (ING) e que conta com Lawrence "Loz" Taylor (vocal), Mat Welsh (guitarra e piano), Sean Long (guitarra), Aaran McKenzie (baixo) e Adam "Sav" Savage (bateria). Por quê? Porque *You Are We* (2017), terceiro álbum da banda, vai descer muito bem – assim como os dois primeiros, *This Is the Six* (2012) e *Brainwashed* (2015), que, vejamos, são até mais pesados e com um quê de In Flames. E passamos a palavra a Taylor.

**Alguns críticos agora vêm rotulando o While She Sleeps como metallic hardcore, mas de fato o metalcore traz uma identificação mais imediata. Como você descreveria o som da banda?**

**Lawrence Taylor:** Como uma mistura de todos os estilos que gostamos e que, coletivamente, importamos para o nosso som. E são os mais variados gêneros musicais. Somos normalmente rotulados como uma banda de metalcore, o que de fato faz sentido. Não fosse pelo metalcore, eu obviamente não estaria fazendo isso. No entanto, internamente não gostamos de nos prender a nenhum rótulo, por isso costumamos dizer que fazemos música 'decida por você mesmo' (risos). Ou, como temos muito de punk rock e heavy metal, podemos ser punk metal (risos). No fim, há tantos elementos diferentes na nossa música que metalcore acaba sendo até algo limitado.

**O While She Sleeps é um grupo inglês encaixado num gênero muito popular nos Estados Unidos e que vem crescendo no Brasil. Ou seja, o horizonte é amplo.**

**Lawrence:** Sério? Isso é excelente. Enquanto as pessoas estiverem curtindo nosso trabalho, realmente não nos importamos em que nicho somos colocados. E como temos tocado ao redor do mundo, inclusive nos EUA (N.R.: de 27 de outubro a 6 de dezembro, a banda abriu a turnê americana que juntou Trivium e Arch Enemy), agora fiquei realmente empolgado para tocar no Brasil. Espero que isso aconteça o mais breve possível, então os fãs precisam mesmo ouvir nossa música, porque isso pode nos levar até aí.



O metalcore/punk acessível de Mat Welsh, Aaran McKenzie, Lawrence Taylor, Adam Savage e Sean Long

**O While She Sleeps tem um aspecto interessante em relação à formação, porque Jordan Widdowson é o vocalista original. Isso nunca foi um problema para os fãs, talvez porque ele tenha saído antes do primeiro álbum, mas o legal é a camaradagem. Em 2014 você teve de parar um tempo por causa de uma cirurgia na garganta, só que a banda não arrumou ninguém para substituí-lo temporariamente. Ela parou também.**

**Lawrence:** Sim! Isso porque nós somos amigos há muito tempo, temos uma relação de mais de dez anos, bem antes de eu entrar na banda (N.R.: em 2009). Quando éramos mais jovens, estivemos juntos em grupos diferentes antes mesmo do While She Sleeps. Essa camaradagem que você citou vem de muito tempo e, para mim, é o mais importante numa banda. Não importa com quem você esteja tocando, é preciso que a cooperação e o comprometimento sejam de todos. Estou no grupo há oito anos e desde então sinto que ficamos mais fortes a cada dia. Sempre resolvemos os problemas como amigos íntimos que formaram uma família, e é por isso que às vezes eu amo esses caras e às vezes os odeio (risos). Ou seja, somos uma família de verdade (risos).

**E voltamos à questão musical sem limites. Minha primeira impressão ao ouvir *You Are We* é que o som ficou mais amigável para as rádios. Faz sentido?**

**Lawrence:** Foi uma progressão orgânica

e natural. Como conversamos antes, nunca quisemos ficar presos dentro de uma única caixa, que seria o metalcore. Buscamos romper algumas barreiras com o novo álbum, realmente nos desafiar, e os elementos mais comerciais se encontram basicamente nos vocais. Há muito mais backings do que antes, e eu mesmo tentei coisas diferentes, que nunca havia feito. Testei meus limites com os vocais limpos que misturei aos mais pesados (N.R.: Lawrence se refere aos vocais guturais e gritados). Espero que as pessoas percebam que o disco é uma evolução não forçada, porque realmente não é. Não programamos que saísse assim, mas gostamos que os nossos fãs fiquem sem saber o que vão ouvir no trabalho seguinte. Por isso experimentamos elementos novos toda vez que vamos compor.

**Isso explica os dois principais pontos, ao menos para mim. O primeiro é ausência das sessões com piano e melodias vocais que engrandeceram canções como *Love at War*, *False Freedom*, *Modern Minds* e *Our Courage*, *Our Cancer*. Não era apenas um diferencial, mas algo que vocês fazem muito bem.**

**Lawrence:** Ah, obrigado! Desta vez, apenas sentimos que as músicas não precisavam desses momentos com piano. *Love at War*, por exemplo, tinha todo um feeling para isso, e o interlúdio com os elementos que você citou nos ajudou a passar o que queríamos. Fizemos diferente no novo álbum ao usar instrumentos que

até então eram novidade para nós, como acordeão. Buscamos arriscar em outras áreas, como os vocais de que falamos antes, e foi interessante e divertido aprender a tocar novos instrumentos e trazê-los para nossa música. É algo que curtimos fazer.

**E ao buscar novos elementos, vocês repararam que o lado mais comercial deixou músicas como *Steal the Sun*, *Empire of Silence*, *Wide Awake* e *Settle Down Society* com uma veia bem Linkin Park?**

**Lawrence:** Eu não havia pensado nisso, mas agora que você mencionou, sim, definitivamente tem algo de Linkin Park nelas (risos). Acredito que tem muito a ver com os vocais limpos que usei, apesar de os vocais mais heavy serem um diferencial nosso em relação a eles. Só que isso não me incomoda, acredite, porque alguns dos primeiros álbuns do Linkin Park são muito bons.

**Daniel Dutra**



## AC/DC

É a primeira vez em 24 anos de vínculo ao rock/metal que escrevo para uma revista do estilo, mas sinto que neste triste domingo, um dia após a morte de Malcolm Young, se faz necessário. Ainda mais que nos últimos anos, com a morte de Dio, Lemmy e agora do "cérebro" por trás da locomotiva australiana, percebemos que o tempo não nos dá segunda chance e o que ficará serão os registros de um tempo mágico, como a nossa adolescência, quando cada descoberta de uma banda é momento único. Contudo, escrevo para destacar o precioso e grandioso trabalho que vocês fazem para nós, leitores, que mesmo com as inovações tecnológicas ainda adoramos consumir informações no formato físico. Acredito que vocês conseguiram no mês de outubro, pelo feeling jornalístico (e pela paixão pelo rock'n'roll), ter nos presenteado com edição tão especial em informações, conteúdo e impacto. O especial do AC/DC apresentou, além da análise de cada álbum, os questionamentos que afligem qualquer fã, que sofre com esses últimos anos pelos quais têm vivido a banda. Meus parabéns por aquela edição tão importante para nós que crescemos ao som da banda. Eu comecei a ouvir hard rock e heavy metal em janeiro de 1993, justamente porque um vizinho emprestou dois discos: *Dirty Deeds Done Dirty Cheap* e *If You Want Blood...*, e desde então minha vida mudou. Tornei-me fanático pelos australianos e por Kiss, Sabbath, Purple, Lynyrd Skynyrd e Thin Lizzy, entre tantos outros de inúmeros gêneros dentro do rock e do metal. E foi essa paixão que me levou a comprar revistas de música, sendo a ROADIE CREW companheira desde o já distante 2001. Não me tornei músico, como sonhava quando "tocava" em meu quarto, mas tornei-me jornalista e, hoje, aos 38 anos, devo muito mais do que as dicas e informações

sobre bandas que vocês me concederam ao longo do tempo. Devo meu passado, presente e o futuro. Continuem sendo a principal revista de rock. Nós precisamos cada vez mais de imprensa séria e, principalmente, apaixonada pelo nosso maravilhoso rock e heavy metal.

**Marcelo Pimenta e Silva**  
Por e-mail

**Salve, Marcelo. Pra começar, obrigado pelas palavras a respeito do especial sobre o AC/DC. De fato, o momento que a banda vive e sua importância para o mundo do rock e do metal tornavam obrigatório que prestássemos essa homenagem ao quinteto – e ela ganha importância com a triste notícia da morte de Malcolm Young (dê uma olhada na seção Eternal Idols desta edição). E nossa intenção é sempre lembrar e valorizar aqueles que têm história marcante dentro do rock. Pra nós isso é, como você diz, feeling jornalístico e paixão pelo rock'n'roll. Escreva sempre! Forte abraço (Antonio Carlos Monteiro)**

## 1987 E PEDIDO ATENDIDO

Acabei de ler a edição especial do ano que nasci: sim, foi em 1987. Não é à toa que muitos dos meus discos favoritos sejam desse ano. Coincidências à parte, que edição incrível, preciso dizer isso, mesmo que seja chover no molhado. Apenas penso que *Bad Animals*, do Heart, não deveria ter sido mencionado no fim dos que devem ser conferidos, pois é excelente e poderia ter tido maior destaque. Como sou fã dessa grande banda, seria muito bom ver mais publicações nas páginas da revista. Um Collection seria uma boa, não? E peço, mais uma vez, um Collection do Yes, não sei por que ainda não saiu. Abraços.

**Leandro Paiva de Oliveira**  
Teresópolis/RJ

**Ficamos contentes que tenha curtido o especial sobre o que rolou de mais interessante no ano em que nasceu. E esperamos que curta o Collection do Yes. Sobre o Heart, e todos os outros daquela lista final, só comprova o que disse: 1987 é o ano que não acabou. Lembro que andava gravando fitinhas para ouvir no walkman aqueles lançamentos quando ia de metrô para a faculdade. Além disso, como tinha acabado de tirar Carteira Nacional de Habilitação, também fazia coletâneas com as melhores de 87 para ouvir no som do carro (no talo!) nas viagens ou quando iam rumo ao Black Jack Bar ou qualquer outro local onde podíamos ver e ouvir rock! Abraço. (Ricardo Batalha)**

## MAIS 1987...

Tenho que elogiar novamente o trabalho de vocês. A evolução da revista está sensacional, e a edição #224 foi uma das mais aguardadas por mim, já que presta homenagem ao saudoso ano de 1987. Toda a revista está com matérias espetaculares. Tendo nascido em 1993 e começado a ouvir rock com 10 anos, me considero um cara novo que tem o espírito old school do rock/metal. Lendo e ouvindo os discos comentados na revista, me sinto vivendo aqueles dias quando cada lançamento criava uma experiência única. Fica aqui meu elogio por nos proporcionar mais uma edição histórica. Abraços.

**Lucas David**

**Espírito Santo do Pinhal/SP**

**Salve, Lucas. Tudo bem? "Lendo e ouvindo os discos"... Olha, você é o exemplo de que fomos bem-sucedidos na missão de fazer aquele especial. Não importa se ouviu os álbuns pela primeira vez ou se os revisitou. É claro que temos de olhar para frente,**



## TOP 3

### OS PREFERIDOS DO MÊS DA REDAÇÃO

#### **CLAUDIO VICENTIN (EDITOR)**

Miss May I - *Shadows Inside*  
Trivium - *The Sin and the Sentence*  
Enslaved - *E*

#### **GUILHERME SPIAZZI (COLABORADOR)**

Lionheart - *Welcome to the West Coast II*  
Rise of the Northstar - *Welcome*  
Trivium - *The Sin and the Sentence*

#### **FERNANDO PIRES (DIRETOR DE ARTE)**

Accept - *Blood of the Nations*  
Graveyard Dirt - *Shadows of old Ghosts*  
Moonspell - *1755*

#### **CLAUDEMIR FERNANDO CORRÊA (LEITOR)**

Manowar - *Hail to England*  
Running Wild - *Masquerade*  
Savatage - *Hall of the Mountain King*

#### **PALOMA NAGÃO (LEITORA)**

Black Sabbath - *Vol. 4*  
Motörhead - *Overkill*  
Krisiun - *The Great Execution*

#### **LEANDRO PAIVA DE OLIVEIRA (LEITOR)**

Guns n' Roses - *Appetite for Destruction*  
Def Leppard - *Pyromania*  
Aerosmith - *Rocks*

ENVIE O "ROADIE MAIL" (ROADIEMAIL@ROADIECREW.COM) COLOCANDO SEUS DADOS (NOME COMPLETO, CIDADE/ESTADO) E O SEU TOP 3. PUBLICAREMOS ALGUNS PREFERIDOS DOS LEITORES A CADA EDIÇÃO!



e há muita coisa boa sendo feita hoje em dia, mas esse caminho não seria o mesmo sem o que foi construído lá atrás. E aqueles anos na metade da década de 80 foram mesmo especiais (lembra-se do especial de 1986?). Eu tinha 13 anos em 1987, mas a sensação é a mesma: senti-me como se estivesse vivendo aquela época novamente. Isso é mágico, não? Obrigado e escreva sempre. Abraço! (Daniel Dutra)

## ELOGIO

Olá, leitores e equipe. Gostaria de parabenizar não só a toda a revista, que faz um trabalho excelente mostrando bandas novas, geralmente muito boas, as bandas clássicas e as nem tanto. É bom saber que existem sempre boas matérias, de Anathema a Hatefulmurder. E também parabenizar os leitores, pois hoje em dia é difícil pessoas se interessarem tanto pelo rock e metal para conhecê-lo a fundo.

Espero que a ROADIE CREW sempre esteja aí para influenciar (bem) as próximas gerações e que mantenha o rock e o metal sempre vivos. Long live rock'n'roll!

**Paloma Nagão**  
Taboão da Serra/SP

E aí, Paloma? Beleza? Sim, vivemos numa era bem superficial, e isso infelizmente chegou à música. Como é que as pessoas podem ouvir um disco sem acompanhar as letras e fuçar todo o encarte, lendo até mesmo os agradecimentos? Ou, pior, escutar apenas uma ou duas músicas em vez de um álbum inteiro? Felizmente, o público de rock e metal tem, no geral, outra mentalidade. Ele se interessa pelas raízes, abraça o presente e, amém!, começa a olhar para o futuro. As camisas pretas continuarão marcando presença nos shows, enquanto as modas... Bem, elas continuarão sendo sazonais. Estaremos sempre por aqui e contamos com você. For those about to rock, we salute you! (Daniel Dutra)

## MEMÓRIA



“Até hoje eu ainda não acredito que Roger Daltrey canta em um álbum do Anthrax, e fico pensando se não é apenas uma fantasia minha, mas hoje posso realmente ouvir a música e ver que ele está lá de verdade. Em um álbum do Anthrax! (risos) É impressionante para mim”, Scott Ian (Anthrax) sobre a música *Taking the Music Back*, de *We've Come for You All* (2003), contar com a participação de Roger Daltrey, em entrevista à ROADIE CREW (ed. #50, março de 2003).

# NUCLEAR BLAST

## LP'S, EP'S E BOX'S IMPORTADOS



**ANTHRAX**  
For All Kings  
(BOX)



**ACCEPT**  
The Rise Of Chaos  
(ORANGE/RED SPLATTER  
VINYL = LP Duplo)

PONTO DE VENDA OFICIAL:  
GALERIA DO ROCK - SP



**PARADISE LOST**  
Medusa  
(GOLD VINYL = LP Duplo)



**VENOM INC.**  
Avé  
(NB ANNIVERSARY GREEN  
VINYL = LP Duplo)

# VIVENDO O PRESENTE E HONRANDO O PASSADO

DO SUCESSO DE *FOR ALL KINGS* AO ANIVERSÁRIO DE *AMONG THE LIVING*, SCOTT IAN FALA DE SUA CARREIRA E REVELA COMO VÊ A VIDA DENTRO DA BANDA

POR GUILHERME SPIAZZI

**A**ltos e baixos, hinos, clássicos e longevidade. O Anthrax cravou seu nome no heavy metal trabalhando duro no momento certo, uma época em que o seu estilo estava em ebulição pelo mundo. Com dois discos bem aceitos, foi em 1987 que começou a ganhar o mundo lançando *Among the Living*, seu terceiro trabalho de estúdio. Olhando para trás e considerando as palavras do nosso entrevistado, o guitarrista, letrista e fundador Scott Ian, pode-se compreender que parte do sucesso é resultado do foco e da dedicação à atividade presente, sem ficar olhando para trás ou analisando o passado. Atualmente, o Anthrax vive duas situações distintas. Além de ainda colher os frutos de *For All Kings* (2016) excursionando pelo mundo, celebra os trinta anos do lançamento de um dos mais estrondosos trabalhos da longa carreira. Seja bem-vindo a este e outros assuntos num papo direto com Scott Ian!

Você está lançando o seu segundo livro, 'Access All Areas: Stories from a Hard Rock Life'. Este trabalho é uma continua-

ção de 'I'm the Man: The Story of that Guy from Anthrax' (2014)?

**Scott Ian:** Na verdade, o primeiro livro foi uma biografia e agora trago 23 histórias de vida que não se encaixaram no fluxo daquela obra. Como eram coisas que eu realmente queria contar, decidi escrevê-las.

Falando sobre memórias, é impossível não comentar sobre os trinta anos de *Among the Living*. Antes mesmo das gravações vocês já vinham tocando *Indians* e *I Am the Law* durante a turnê promocional de *Spreading the Disease* (1985). A banda foi para o estúdio sabendo que o disco se sairia bem, uma vez que duas faixas já haviam sido bem aceitas pelo público antes mesmo de serem gravadas?

**Scott:** Não posso afirmar que sabíamos, mas obviamente tínhamos esperança. Certamente tínhamos um bom material. *Indians* e *I Am the Law* eram duas músicas que sentimos ser boas, mas, ao mesmo tempo, não sabíamos o tipo de disco que faríamos. Você apenas espera pelo melhor (risos).

Com *Fistful of Metal* (1984) o Anthrax começou a fazer turnês pelos EUA e em



**Spreading the Disease** já tinha expandido suas fronteiras. Indo para o terceiro disco, havia a preocupação em fazer a banda crescer ou o foco estava apenas na música?

**Scott:** Honestamente, eu não lembro, pois faz muito tempo (risos). Éramos apenas um bando de jovens amando aquilo e tentando fazer o melhor. Tentávamos compor boas músicas e ser a melhor banda ao vivo que podíamos. Apenas queríamos continuar fazendo aquilo. Como já havíamos chutado a porta e entrado neste meio, nossa vontade era continuar sendo uma banda e, na nossa cabeça, para que aquilo fosse possível tínhamos que ser o melhor possível. Nós trabalhamos duro, foi isso que sempre fizemos.

**Among the Living** foi um novo passo para a banda, já que foi o último disco a trazer contribuições do cofundador e ex-baixista Dan Lilker (S.O.D., Nuclear Assault, Brutal Truth e outros). Com essa transição, a banda enxergou novas possibilidades, já que o baterista Charlie Benante agora era responsável por grande parte da música e você fazia as letras?

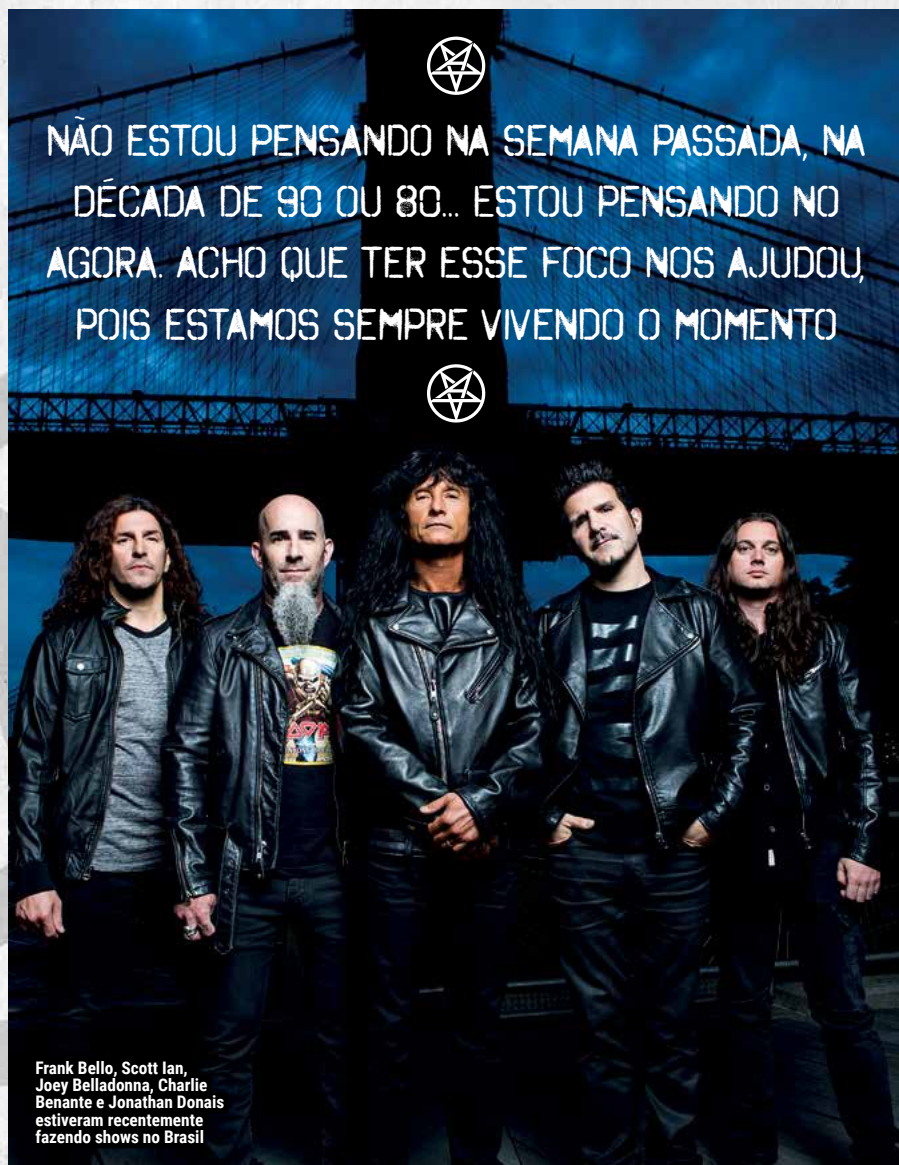
**Scott:** Acho que nesse disco a participação de Lilker é de literalmente apenas dois riffs em duas faixas, então não é como se fosse muita contribuição. A maior parte ficou com Benante e comigo mesmo.

Para as gravações, a banda foi até o renomado Compass Studios, nas Bahamas, lugar que recebeu grandes nomes, como AC/DC, que gravou *Back in Black* (1980), e Iron Maiden, que acabara de gravar *Somewhere in Time* (1986). Aquele foi um momento de sentir que os sonhos estavam se tornando realidade?

**Scott:** Com certeza. A gente não acreditava naquilo, parecia loucura. Nós só conseguimos ir para lá porque na época estávamos com a Island Records, que era de propriedade de Chris Blackwell. Bom, esse cara também era dono do estúdio, então conseguimos um preço muito bom (risos). Se não estivéssemos na Island, acho que nunca teríamos dinheiro suficiente para ir até as Bahamas. Tivemos muita sorte e a experiência foi incrível. Não conseguíamos acreditar que estávamos fazendo aquilo – afinal, quem éramos nós? Apenas uns caras de Nova York. Ficávamos o tempo todo nos perguntando como chegamos lá.

**Como era a relação entre vocês cinco durante a produção de *Among the Living*?**

**Scott:** Era boa. Estávamos muito empolgados por ter a oportunidade de ser uma banda. Aquilo era tudo o que eu queria desde que fundei o Anthrax ao lado de Lilker, em 1981. Tudo parecia evoluir e ir para frente e nós, obviamente, estávamos extremamente felizes por isso.



Frank Bello, Scott Ian, Joey Belladonna, Charlie Benante e Jonathan Donais estiveram recentemente fazendo shows no Brasil

**Com toda essa empolgação, você se lembra de parar e tentar entender aquilo que estava sendo feito do jeito certo para que aquele resultado fosse possível?**

**Scott:** Não, a gente nunca pensou em nada. Nós apenas fizemos as coisas – compúnhamos, gravávamos e fazíamos shows. A gente estava sempre indo para frente.

**Você tinha cerca de 23 anos quando tudo isso estava acontecendo. Quem era o Scott Ian naquela época?**

**Scott:** Eu não faço ideia. Você teria que perguntar isso para pessoas que me conheciam naquela época. Não faço ideia de quem eu era.

**Além do Anthrax, várias outras bandas de metal começaram a ganhar o mundo em 1987. Quando isso começou a acontecer para vocês, houve o sentimento de que finalmente o trabalho duro estava sendo recompensado?**

**Scott:** Não, e acho que nunca sinto isso. Esse negócio é como uma máquina que se você deixa de alimentar, ela para de funcionar. Eu nunca parei de trabalhar com a banda e nunca deixei de tentar melhorá-la ou impulsioná-la. Acho que se um dia eu sentir isso, talvez seja hora de parar. A maneira como encaramos estar numa banda e a forma como trabalhamos nunca mudou muito nesses mais de trinta anos. Você tem que trabalhar nisso constantemente. Não estou dizendo que você não possa tirar férias de vez em quando, ver a sua família ou ser uma pessoa normal, mas, ao mesmo tempo, isto tem que ser a sua prioridade. Ficar afastado por dois anos e depois voltar não é uma coisa que funciona para nós. Talvez dê certo para algumas bandas, mas realmente não para o Anthrax. Não sei se esse trabalho todo já foi recompensando da maneira como você coloca, pois, para mim, é um trabalho constante. É como um pintor, que nunca sabe quando sua obra está

acabada. O sujeito pode trabalhar em sua pintura para sempre, mas eventualmente ele tem que saber que acabou. Porém, ao ver a obra dez anos depois o cara percebe que poderia ter mudado uma ou outra coisa. É mais ou menos assim que vejo a banda. Eu nunca sei quando parar, pois não sei fazer mais nada (risos). Faça isso desde 1981 e não sei nada mais.

**Olhando para *Among the Living*, você mudaria alguma coisa?**

**Scott:** Não, definitivamente não!

**Para muitos *Among the Living* está entre os clássicos do metal. Em sua opinião, o que faz um álbum se tornar um clássico?**

**Scott:** Ótimas músicas. Para mim, qualquer disco clássico traz ótimas músicas do começo ao fim.

**Que banda você gostaria de ver fazendo uma turnê comemorativa tocando um de seus clássicos?**

**Scott:** Adoraria ver o Iron Maiden tocando o *The Number of the Beast* (1982). Isso seria legal.

**Por que a turnê comemorativa tocando *Among the Living* na íntegra aconteceu apenas na Europa?**

**Scott:** Não sei (risos). Perguntaram se faríamos a turnê e nós confirmamos.

**E como foi tocar *Among the Living* do começo ao fim?**

**Scott:** Algumas das músicas do disco mal foram tocadas no passado. *Imitation of Life* foi mais tocada agora do que lá atrás, assim como *One World* e até *A.D.I./Horror of It All*. Para mim é quase como se eu estivesse tocando músicas novas. Com relação ao restante do disco, nós tocamos há trinta anos. Sempre tem *Caught in a Mosh*, *Indians*, *I am the Law*, *Efilnikufesin (N.F.L.)*, *Among the Living* e até *A Skeleton in the Closet*. Essas seis músicas estão sempre aí e eu não canso de tocá-las. Se tivesse ficado chato, a gente teria parado. Já as outras três sempre é muito legal tocar, pois nunca fizemos isso. É até mais divertido que as outras, pois parecem mais novas.

**Revisitar esse álbum contribuiu para que um pouco da atmosfera da banda daquela época fosse resgatada?**

**Scott:** Não, são mundos completamente diferentes. Hoje somos pessoas completamente distintas. Estamos casados, com filhos... Tudo é diferente.

**Com o passar dos anos, o Anthrax começou a excursionar com bandas mais jovens. Existe alguma diferença entre cair na estrada com uma banda da sua época ou com as mais atuais?**

**Scott:** Na verdade, eu nunca pensei muito nisso.

**Bom, ao sair com bandas mais novas, existe a possibilidade de um novo público descobrir o Anthrax. Você já observou isso acontecendo?**

**Scott:** Saber disso é difícil, pois não permaneço depois do show perguntando para as pessoas o que eles acharam ou se já nos viram antes. Nós apenas subimos no palco e fazemos o que sabemos, independentemente de quem esteja tocando com a gente. Apenas vamos lá com a nossa atitude, que é a de tentar ser a melhor banda que podemos ser naquela noite. Não nos preocupamos com nada além disso, pois são coisas fora do nosso controle. A única coisa que posso controlar é a minha pessoa no palco tocando guitarra e fazendo tudo para que aqueles que estão lá tenham o melhor show possível.

**Falando sobre turnês, existe a possibilidade de uma segunda parte da turnê de reunião do Big Four?**

**Scott:** Você teria que perguntar isso para o Metallica.

**Por quê? Anthrax, Megadeth e Slayer já conversaram sobre isso?**

**Scott:** Porque eles são meio que os encarregados. Se for para acontecer, são eles que podem fazer isso (risos).

**Olhando para o Anthrax de hoje, parece que as coisas têm ido muito bem desde 2010. Você diria que parte do sucesso de hoje tem a ver com a energia positiva dentro da banda?**

**Scott:** Sim! Acho que fizemos dois ótimos discos e esta é a razão para tudo que vem acontecendo nos últimos sete anos. Se *Worship Music* (2011) fosse um disco terrível nós, provavelmente, não teríamos passado dele. Mas com a ideia de lançar o álbum e o retorno de Joey (Belladonna, vocal) parece que as pessoas ao redor do mundo se conectaram ao disco. A turnê promocional foi ótima e agora com *For All Kings* eu acho que fizemos um disco ainda melhor. Já estamos fazendo turnê há dezesseis meses, então tem sido ótimo. Estamos tendo a oportunidade de ser uma banda e faremos tudo o que for possível para mantê-la.

**O lançamento de *Worship Music* traz a ideia de que a banda recebeu uma segunda chance?**

**Scott:** Eu não diria que nós recebemos uma segunda chance, mas que trabalhamos muito duro por isso.

**Vocês chegaram a conversar sobre a possibilidade de insucesso do álbum?**

**Scott:** Não. A gente não conversa sobre nada (risos). Nós fazemos música e shows. Não há discussões sobre essas coisas, pois não temos o controle e não há uma bola de cristal ou possibilidade de ver o futuro. Nós vivemos o momento e tentamos fazer o melhor que podemos.

**Para chegar ao nível de hoje, a banda teve que encarar e superar vários desafios. Esta superação afetou-a de alguma forma?**

**Scott:** Não sei, pois não vejo essas coisas como desafios. Apenas vejo isso como o nosso trabalho e tem dias que o trabalho é mais duro que em outros. Acho que essas coisas apenas o deixam melhor no trabalho. Não penso nisso, apenas me concentro no hoje e talvez no amanhã. Não estou pensando na semana passada, na década de 90 ou 80... Estou pensando no agora. Acho que ter esse foco nos ajudou, pois estamos sempre vivendo o momento.

**Falando sobre a atualidade, muitas vezes o ambiente exige mudanças. Você observa o seu entronó para prever como irá trabalhar? Não me refiro apenas à música, mas também à promoção, à marca e à longevidade do grupo.**

**Scott:** Não, pois este não é o meu trabalho (risos). Sou o guitarrista base e escrevo as letras. Temos gravadora, empresário e agentes que têm como trabalho descobrir as melhores formas de promover a banda. Depois, eles vêm até nós dizendo o que pensam e é nesse momento que dizemos se algo soa bem ou não. Eu só me preocupo com as coisas que posso controlar. Tudo bem que tenho o controle o marketing da banda, desde que haja um plano na minha frente. Nesse caso eu posso opinar, mas eu não sou o cara que irá bolar esse plano. Se eu entrasse numa banda nova hoje eu não faria ideia de como diabos você promove a sua banda. Você a coloca na internet ao lado de quatro milhões de outras? Eu não sei. Eu só sei fazer o que faço. Nós viemos da década de 80, somos homens das cavernas (risos). Isso não é algo que eu tenho tempo de acompanhar integralmente. Essa coisa de mídias sociais e toda essa porcaria... Eu não sei o que funciona e o que não funciona. Só sei subir no palco e tocar bem a minha guitarra. Isso eu sei fazer.

**Você se sente como o seu pior crítico quando está trabalhando em algo novo?**

**Scott:** Acho que você tem que ser. Penso que qualquer artista deveria ser. Eu sempre vi da seguinte forma: se eu estiver feliz, as pessoas que gostam de Anthrax ficarão felizes. Quando Bello, Benante, Belladonna e eu estamos felizes como banda com o que estamos fazendo, isso significa que as pessoas que nos conhecem também estarão. Nós é que colocamos os filtros e fazemos as maiores exigências.

**Com isso, criar novas músicas é sempre um desafio?**

**Scott:** Com certeza, acho extremamente difícil. Você vai para uma sala de ensaio sem nada e, algumas vezes, no final do dia, tem dois ou três arranjos e começa a formar a imagem na sua cabeça de como as músicas soarão. Para mim isso ainda é algo mágico

– no início você não tem nada e de repente temos algo. Entendo que trabalhamos duro e algumas vezes as coisas ficam difíceis, mas, ao mesmo tempo, seis horas depois, quando você tem arranjos legais, isso faz quase com que o trabalho duro desapareça. Você está lá com o arranjo pronto, trabalhando nas letras – logo ela está pronta também... É tão divertido ter uma música nova que eu meio que me esqueço do quão difícil foi compô-la (risos). Tem vezes que eu realmente trabalho muito escrevendo uma letra – eu realmente quebro a cabeça para ter uma nova ideia ou aparecer com algo que eu ainda não tenha dito. Posso levar semanas lidando com isso, mas quando está pronto eu me esqueço do que passei, pois agora tenho um novo brinquedo para brincar (risos).

**Você geralmente gosta de ouvir suas gravações?**

**Scott:** Sim. Eu ainda escuto *For All Kings*, ele é um ótimo disco e me empolga bastante. Por alguma razão, comecei a conseguir ouvir nossos trabalhos como se eu não fosse parte da banda. Escuto *For All Kings* como se fosse um fã e não um integrante do Anthrax. Eu não costumo ouvir as coisas mais velhas, apenas as mais recentes. Eu provavelmente continuarei ouvindo *For All Kings* até começarmos a trabalhar em músicas novas, pois não gosto que isso fique na minha cabeça quando estou trabalhando em algo novo. Não quero começar a me copiar.

**Falando sobre trabalhar em novas músicas, quais são os planos para a banda? Vocês já começaram a trocar material?**

**Scott:** Sim, temos trocado ideias, mas ainda não nos reunimos pessoalmente para ver isso. Benante já mandou riffs ótimos e que me empolgaram bastante. Acho que criativamente ainda estamos num bom passo. Após a turnê sul-americana, teremos dois meses de férias e no final de janeiro continuaremos a Killthrax Tour ao lado do Killswitch Engage por mais umas seis semanas e na sequência circularemos o globo até provavelmente o final do verão (no hemisfério norte). Depois é que realmente começaremos a trabalhar nas composições para o próximo disco.

**Como você se preparava e se prepara hoje para as gravações?**

**Scott:** Eu não me preparo. Nós comparamos, fazemos uma jam e, eventualmente, vamos para o estúdio gravar. Acho que o meu preparo são as jams, pois é nesse momento que fazemos os arranjos. Ali nós trocamos

ideias e buscamos o melhor para a música.

**No próximo ano a banda também comemora os trinta anos de *State of Euphoria* (1988) e já há especulações com relação ao que será feito. Além do relançamento de uma versão expandida do álbum, existe a possibilidade de fazerem alguns shows executando o disco na íntegra?**

**Scott:** Ainda não pensamos nisso. Numa lista de prioridades, isso está em vigésimo lugar (risos). Tem muita coisa acontecendo!

**Agradecemos pela entrevista. Deixe uma mensagem para os seus fãs.**

**Scott:** Tudo que posso dizer é: obrigado (N.R.: Scott fala a palavra em português). É tudo que posso dizer, pois sem os fãs, sem aqueles que estão conosco desde os anos 80 ou aqueles que acabaram de nos descobrir, nós já teríamos parado de fazer isso há muito tempo. São os fãs que permitem que façamos isso e eu nunca esquecerei isso.

⚡  
 EU NUNCA PAREI DE TRABALHAR COM  
 A BANDA E NUNCA DEIXEI DE TENTAR  
 MELHORÁ-LA OU IMPULSIONÁ-LA  
 ⚡



Joey Belladonna e Scott Ian, a mesma energia de sempre no palco

FOTO: FERNANDO PIRES

NUCLEAR BLAST

NUCLEAR BLAST, A Nº1 EM MÚSICA EXTREMA

Shinigami

死神

Records

SOUND CITY RECORDS



## PANZER FATAL COMMAND

Novo álbum do supergrupo alemão formado por Schmier (Destruction), Pontus Norgren (Hammerfall), V.O.Pulver (GURD) e Stefan Schwarzmann (Accept)  
Inclui o cover de SAXON 'Wheels of Steel' como bônus



## ENSLAVED

Novo álbum da banda norueguesa de Black Metal Progressivo.  
Inclui duas faixas bônus, entre elas o cover de Røyksopp, 'What Else is There?'



arte: www.iduertedesign.com



## BELPHEGOR TOTENRITUAL

Décimo primeiro e novo álbum da banda austríaca de Black/Death Metal após 3 anos de hiato. Nove faixas envenenadas com magia obscura e cheias de uma furiosa brutalidade. Não recomendável para as pessoas em busca de silêncio, belas melodias e positividade na vida.



## CRADLE OF FILTH CRYPTORIANA THE SEDUCTIVENESS OF DECAY

Novo álbum da banda britânica de Metal Extremo.  
Duas faixas bônus incluído o cover da música "Alison Hell" do ANNIHILATOR.



## KADAVAR ROUGH TIMES

Quarto e novo álbum da banda alemã de Rock retrô.  
Comparada, por vários meios de imprensa, a bandas do porte de Led Zeppelin e Black Sabbath.



## MISS MAY I SHADOWS INSIDE

Uma das maiores bandas do Metalcore/Thrash Metal mundial.  
Melodias e riffs magníficos!



www.shinigamirecords.com.br

11 3719-0993

loja@shinigamirecords.com

# MUITA PERSONALIDADE

Um papo frente a frente com Billy Milano: política, liberalismo, o primeiro disco do M.O.D. em dez anos e o buldogue americano Buster, seu melhor amigo

POR DANIEL DUTRA

**N**ão é preciso polemizar com Billy Milano. O líder do M.O.D. e ex-S.O.D., na verdade, tem personalidade forte o suficiente para emitir opiniões sem parecer que está jogando lenha na fogueira. A política de Donald Trump e a posição do presidente dos EUA contra o terrorismo e a imigração ilegal nortearam a conversa de pouco mais de uma hora com o vocalista. Mas sobrou espaço para falar do Brasil, especialmente da comida, mas também com uma boa dose de curiosidade sobre o caos institucional, político e moral que tomou conta do "país do futuro". E numa entrevista com cacife de especial, com autenticidade garantida pelo recurso de vídeo no Skype, também teve *Busted*, *Broke & American*, o novo rolo compressor do Methods of Destruction, disco que demorou a sair do forno por vários motivos, mas principalmente pela relação de amor e fidelidade de Milano com o cão Buster, que faleceu durante o processo. Total respeito ao vocalista, diga-se. Confira!

**Vou começar de maneira diferente. Você parou todo o processo do novo disco para cuidar de seu cão, Buster, quando soube que ele estava com câncer. Nem todo mundo compreende esse tipo de relação, então gostaria de parabenizá-lo.**

**Billy Milano:** Obrigado! Buster era meu verdadeiro amigo, e não sou nada sem meus cachorros. (N.R.: Milano vira a câmera para mostrá-los, todos deitados no chão ao seu redor). Esta é a Emma, esta é a Sophia e aquele é o Sugar. Ei, Sugar! Venha aqui, amigão, dizer oi! A verdade é que eles me deixam focado e me fazem apreciar tudo na vida, então é por isso que estou aqui. Obrigado por lembrar.

**Entendo perfeitamente, então imagino que tenha sido difícil compor e ser produtivo durante aquele período.**

**Billy:** Eu não tinha alternativa que não fosse ficar ao lado do Buster, não poderia apenas ficar deitado esperando que ele morresse. Tinha que cuidar dele da melhor maneira possível, porque ele não tinha condições de se defender de insetos e moscas, e

os insetos são brutais aqui no Texas. Havia anos que eu não tocava guitarra, mas era o que eu podia fazer. Tocar em casa para ficar sempre com o Buster. Eventualmente, chamei alguns amigos para me acompanhar, então inconscientemente comecei a compor sentado no sofá. Não sabia que tinha um novo disco dentro de mim, até porque nunca parei exatamente para fazer um, tipo 'toma aqui o meu novo disco.' Não dou a mínima para essa merda, sabe? Gravar, lançar, estar numa banda e sair em turnê. Quem disse que tenho de fazer desse jeito? Sou diferente da maioria das pessoas, mesmo. Cresci trabalhando, não alimentando uma fantasia, então minha realidade era uma situação difícil que eu não podia evitar. Estar com o Buster era a prioridade para mim. Foi um período muito duro. Até hoje tenho pesadelos e ainda choro quando me lembro dele, e já se passaram três anos... Buster está no encarte do disco. Você viu?

**Infelizmente, não. Recebi apenas os arquivos digitais das músicas e a capa do CD.**

**Billy:** Aqui está. (N.R.: Milano pega o encarte e mostra as páginas e as fotos). Há uma dedicatória para o Buster, que está com seu treinador nesta foto, pulando quando era mais jovem, mas também uma mensagem sobre os animais e outras fotos dos meus cães e do meu gato. Esse disco foi muito pessoal, mas de um modo que só pode descrever quem sentiu essa dor. Depois que o Buster se foi, encontrei uma razão para tocar novamente. Ele programou isso em mim, porque não sou como esses caras que simplesmente saem tocando. Preciso de uma metodologia para fazer o que faço.

**E *Busted*, *Broke & American* é mesmo o último álbum do M.O.D.?**

**Billy:** Bom, é o seguinte: eu acho que sou capaz de fazer um disco melhor? Não, tenho certeza de que não consigo, porque havia muita dor envolvida quando o fiz. Eu gostaria de fazer um novo álbum? Se eu compuser um ótimo álbum, por que não? Mas *Busted*, *Broke & American* é o último trabalho do M.O.D.? Acredito que sim,

honestamente. Não porque nunca mais quero fazer um novo disco, mas porque acho que o M.O.D. já escreveu sua história. E é o último disco porque já passei dos 50 (N.R.: Milano tem 53 anos), então ficou mais difícil ter todo esse trabalho. Um álbum com orçamento baixo não deveria gerar todo esse esforço, mas é mais fácil quando se está com 25, 30 anos. O corpo é diferente, então tenho que lidar com o envelhecimento da mesma maneira que lido com as circunstâncias do dia a dia, mas é possível que eu lance singles. Para alguém na minha condição, compor, gravar e lançar apenas duas músicas é mais tranquilo do que fazer um disco inteiro. Não tenho mais tempo para um disco completo, afinal, foram dez anos até *Busted*, *Broke & American*. Vou lançar o próximo com 63 anos? (risos)

**É interessante você mencionar o fator idade dessa maneira, porque li um comentário recente em que disse ter composto o melhor disco da carreira depois dos 50 e sendo avô.**

**Billy:** É verdade, mas deixe-me colocar dessa maneira: fazia muito tempo que não lançava um novo álbum, e havia duas músicas que não estavam funcionando bem com o restante do material, então foram limadas por mim. E eu já estava cansado para ter de compor outras duas e passar mais três semanas no estúdio para terminar tudo.

**Em 2015, você declarou que não estava satisfeito com o material e até mesmo com seus vocais. Como foi um longo processo para finalizar o álbum, há outras sobras além destas duas músicas?**

**Billy:** Na verdade, eu nem terminei aquelas duas, pois não estava concentrado o suficiente para isso. Naquela época, as gravações foram feitas na Califórnia, e a banda que estava comigo fez apenas um bom trabalho, não um ótimo trabalho. Você não pode ser o guitarrista da banda, o único guitarrista da banda, e achar que é só sentar, tocar alguns riffs e pronto. Isso não é apenas um disco de punk e hardcore. É música, cacete! (risos) É só ouvir *Busted*, *Broke & American* para reparar como o trabalho final das guitarras é grandioso. A



banda me deu uma base, mas tive de realizar trabalho extra, como contratar outro baixista (N.R.: Tim Casterline), chamar um amigo para gravar mais guitarras e os solos (N.R.: Jason Kottwitz) e outro para fazer uns vocais comigo (N.R.: Ben Ballard, que também gravou algumas bases de guitarra). No dia seguinte percebi que tinha um disco completamente diferente daquele que vinha fazendo, então dispensei os músicos que estavam comigo desde a pré-produção. Considerando o tempo e o orçamento que tinha e a minha vontade de como o disco deveria soar, eu estava no lugar errado, com os caras errados e no momento errado. Então, foda-se todo mundo! (risos) Sinceramente, eu não faço a menor questão de estar numa banda, você não vai me pegar falando da minha música, a não ser no meu Facebook, porque não preciso reafirmar minha existência. Tenho três cachorros e dois netos para provar que eu existo (risos), então eu faço o que faço com 100% de honestidade.

**E Busted, Broke & American vai além da música. É um álbum bastante político,**

Billy Milano, o mentor do M.O.D., apareceu na cena com o S.O.D. (Stormtroopers of Death) em 1985

**com discursos históricos de dois ex-presidentes americanos, o republicano Dwight Eisenhower (1890-1969) e o democrata John F. Kennedy (1917-1963), abrindo e encerrando o CD. Não deu para evitar, certo?**

**Billy:** Isso é o mais interessante. Vivemos numa sociedade em que podemos nos comunicar como eu e você estamos fazendo agora, e do outro lado da câmera há outra pessoa esperando para falar comigo, para tentar me educar ou ser educado por mim. É assim que sempre percebi a música. Sempre fui uma pessoa política, afinal, cresci como um punk hardcore e me transformei num cara crítico. Cantar sobre a cena era divertido há trinta anos. Não é mais. Pegue esses grupos que ainda cantam sobre morte, destruição, bebês queimados, necrofilia, a volta dos mortos... Eles não se cansam? Há coisas mais interessantes, como a porra de um democrata começando uma guerra toda vez que vou lançar um disco! Durante oito dos dez anos que fiquei sem lançar nada, um democrata começou oito guerras, e ninguém falou merda nenhuma! (N.R.: refere-se a Barack Obama) Votei em Donald

Trump, mas também não quero que um republicano comece uma guerra. Quero que ele faça um bom trabalho e que tenha sucesso, mas isso não é entrar em guerra com o Irã, é ajudar as pessoas que estão passando fome na Venezuela, por exemplo. E o que está acontecendo com aquela porra de presidente (N.R.: Nicolás Maduro)? O que está errado com o congresso e o senado americanos, que se recusam a mandar ajuda? Que loucura é essa de as pessoas não encontrarem comida nos supermercados? Essas pessoas que defendem o liberalismo não sabem realmente o que é o liberalismo, porque desconhecem os valores familiares e a estrutura básica para manter um país seguro e rentável. O liberalismo consegue se destruir sozinho, assim como o comunismo estava destinado a implodir. Sabe qual foi o principal feito do comunismo? Conseguir se destruir e se transformar num dos países mais livres e capitalistas que existem, a Rússia. As pessoas falam da Rússia, mas não leem sobre a Rússia. Vladimir Putin (N.R.: presidente russo) acredita no capitalismo como um americano acredita.

RC



**BUSTED, BROKE & AMERICAN**

MEGAFORCE RECORDS · IMP



# IVAR BUORNSSON ENSLAVED

POR CLAUDIO VICENTIN  
FOTO FERNANDO PIRES**Us and Them**  
PINK FLOYD  
THE DARK SIDE OF THE MOON

“Pink Floyd, obviamente! Essa é umas músicas que mais ouvi em minha vida. Quando eu completei 11 anos, meu pai me deu um monte de LPs de aniversário e entre eles estava *The Dark Side of the Moon*. Não parei mais de ouvir esse álbum. A música *Us and Them* eu escutava sem parar (risos). Meus pais tinham que trabalhar e tiveram que contratar uma babá. Ela me perguntava se eu queria alugar algum filme e eu respondia que não, que ia apenas ficar ouvindo *The Dark Side of the Moon* (risos). Essa música é fantástica. Existem muitas bandas que têm letras sobre unir as pessoas, mas essa é a melhor de todas porque ela não é política e nem agressiva. É muito bom estar escutando isso antes de subir no palco. Obrigado (risos)!”

**Medusa**  
PARADISE LOST  
MEDUSA

“Piano, baixo pesado. O que pode ser? Doom metal rolando aqui. Banda europeia? (R.C.: Sim, da Inglaterra). *Paradise Lost!* Eu não tinha escutado ainda esse CD, mas quando li as resenhas nas revistas imaginei exatamente isso (risos). Porque as resenhas diziam que eles voltaram com o estilo gótico e arrastado e que Nick Holmes está cantando de forma brutal. E o som da guitarra é de arrepiar. Para mim Greg Mackintosh é uma lenda da guitarra. (R.C.: Agora eles estão no mesmo selo que vocês, Nuclear Blast). Sim, estou sabendo. Muito bom que eles estão em alta de novo. O bom do metal é isso, você pode ter seus altos e baixos, mas você retorna. Na música pop se você cai não levanta mais.”

**Mandatory Suicide**  
SLAYER  
SOUTH OF HEAVEN

“Bom, isso não é Pink Floyd, mas é Slayer! (risos). Essa é do álbum *South of Heaven*, um clássico absoluto. Lembro de novo: eu, pequeno, ouvindo isso e batendo cabeça feito um louco, que sensacional! Acho que eles lançaram um álbum legal de novo e parecem estar motivados. Eles conseguem sobreviver após a morte de Jeff Hanneman é ótimo. (R.C.: Acho que a escolha por Gary Holt foi acertada). Ele é daquela geração, encaixa como uma luva no Slayer. E o que mais me impressiona é a identidade da banda. Três segundos e você sabe que é Slayer. Se você for DJ e colocar Slayer, todos saem agitando. É tiro certo!”

**Thrasher's Abattoir**  
CARCASS  
SURGICAL STEEL

“Carcass! Esse é um dos meus álbuns favoritos. É bom demais. Essa é a faixa *Thrasher's Abattoir*. Quando o álbum foi lançado eu não cheguei a escutar, demorei um tempo. Mas quando escutei essa música e seu som de guitarra, fiquei impressionado. Aí ouvi todas as faixas. Bill Steer toca demais. Eu estava de DJ em um festival de metal e coloquei essa música para rolar. Tinha tomado umas cervejas e coloquei na rotação errada. Era para ser na rotação 45 e estava na rotação 33 e, mesmo assim, estava ótimo e todo mundo curtiu (gargalhadas). Gosto muito de Carcass, Autopsy, Morbid Angel etc.”

**Kodama**  
ALCEST  
KODAMA

“A guitarra é bem legal. O que pode ser? Não sei o que é, mas estou gostando disso. Tem um som de guitarra inglês aqui, mas ao mesmo tempo não me parece uma banda inglesa. (R.C.: A banda é francesa). Sério? Impressionante. Você chutar que é o Alcest, mas acho que não seja. (R.C.: Acertou!). Sério? Música do novo álbum? (R.C.: Sim). Eu ainda não escutei o mais recente trabalho deles. Eu gosto muito dessa banda. Achei que eles iriam trilhar um caminho mais suave, mas essa música está pesada e progressiva. Já tocamos juntos e ao vivo também é uma banda muito boa. OK, tenho que comprar esse álbum (risos).”



**Heartbreak and Seance**  
CRADLE OF FILTH  
CRYPTORIANA – THE SEDUCTIVENESS OF DECAY

“Isso é supermelódico e tem orquestra nos arranjos. Parece trilha sonora para o retorno do vampiro ao seu castelo e lá tem muitas mulheres nuas (risos). Não é algo que eu goste, mas a qualidade é inegável. Quando a banda ruma para esse lado mais sinfônico, prefiro Dimmu Borgir, que acredito ser mais pesado. (R.C.: E é bem legal que eles estão voltando com um novo álbum em breve). Sim! Também acho muito bom o retorno do Dimmu Borgir. São tantas coisas legais acontecendo no metal, isso é muito bom.”



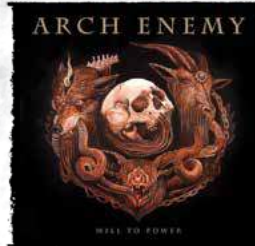
**Ulvinde**  
MYRKUR  
MARERIDT

“Vocalista feminina! Black metal rolando. Musicalidade legal. O que será isso? Eles são do leste europeu ou da Alemanha? (R.C.: Não). Muito diferente e gostei do som. Bastante atmosférico com algo folk e a guitarra estilo black metal, isso é interessante. (R.C.: Myrkur). Nossa, estou envergonhado (risos). Muito bom! Esse violino no começo da música está bem encaixado, funcionou!”



**Ways of Barbarism**  
KRISIUN  
FORGED IN FURY

“Muito agressivo. Bom. Uma banda muito técnica. Agora mudou, estou confuso (risos). Pode me dar uma pista? (R.C.: É uma banda brasileira). Uma banda brasileira? Sepultura? (R.C.: Não). Ah, já sei, é o Krisiun. Lógico, me desculpe, mania de falar Sepultura (risos). Se isso fosse Sepultura todos iriam perguntar: ‘O que aconteceu com o baterista?’ É lógico, esse estilo técnico deles é sensacional e, mesmo assim, é um som muito orgânico. É isso que eu gosto nesses caras. Eles são bastante old school e eu adoro isso.”



**The Eagle Flies Alone**  
ARCH ENEMY  
WILL TO POWER

“Pelo estilo é uma banda sueca. (R.C.: Sim). Dá para perceber de imediato. Tem muita melodia aqui. Muito boa a música, mas não conheço a banda. (R.C.: Uma dica: o guitarrista é Michael Amott). Isso é Arch Enemy? Nossa, eu realmente não conheço muito o som deles. No começo estava bem melódico, mas agora que chegou ao refrão dá para perceber que poderiam ser eles, mesmo. Gostei do começo progressivo. Entendo por que estão crescendo. Soa como uma banda de estádio (risos).”



**Symbolic**  
DEATH  
SYMBOLIC

“Death! *Symbolic* é demais. Esse é com Gene Hoglan na bateria e é impressionante o que ele faz aqui. Eu não sei como ele consegue se mover tão rapidamente quando está tocando bateria. É uma banda muito importante. Todos sabem disso, Chuck Schuldiner foi e ainda é muito relevante para o que acontece até hoje no death e no black metal. A outra banda dele era mais técnica ainda, o Control Denied. OK, muito legal. Essa playlist foi demais! Com certeza vou tocar melhor hoje, estou inspirado! (risos). (R.C.: Obrigado pelos ótimos comentários!)”



*Rock Wear*

Galeria do Rock - Rua 24 de Maio, 62 - Centro - São Paulo - SP - CEP: 01041-000

Loja 213 - 1º andar Fone: 3361-7705

Loja Virtual: [www.ladysnake.com.br](http://www.ladysnake.com.br) / E-mail: [ladysnake@ladysnake.com.br](mailto:ladysnake@ladysnake.com.br)



# Tarja

## Escuridão e Paz

COM FANTASMAS E ESPÍRITOS, MAS SEM DIVERSÃO: TARJA TURUNEN EXPLICA O CONCEITO DE SEU NOVO ÁLBUM. UMA RELEITURA MAIS SOMBRIA DA NOITE DE NATAL

POR DANIEL DUTRA

Tarja Turunen apresenta  
o Natal sombrio das  
almas solitárias

**E**squeça aquele bom velhinho de barba branca que, barrigudo e com uma extravagante fantasia vermelha, desce pela chaminé enquanto todos

estão dormindo para deixar os presentes de Natal. Papai Noel existe apenas no imaginário das crianças, mas no mundo de *From Spirits and Ghosts* (Score for a Dark Christmas), novo disco de Tarja Turunen, ele se viu imerso numa trilha sonora à la "O Estranho Mundo de Jack" (1993) + "A Noiva-Cadáver" (2005) e decidiu sair correndo. As tradicionais canções natalinas ganharam uma roupagem que mostra o outro lado da festa, e a vocalista explicou à ROADIE CREW por que decidiu fugir da obviedade dos lançamentos do tipo. Ouça o disco, devere as próximas páginas e só depois abra os seus presentes.

**Eu perguntaria por que lançar um disco de Natal, mas o título já é autoexplicativo. No entanto, como surgiu a ideia de subverter o que outros artistas tradicionalmente fazem?**

**Tarja Turunen:** Gravei meu primeiro álbum de Natal há dez anos (N.R.: *Henkäys ikuisuudesta*, de 2006), mas ele basicamente foi lançado apenas na Finlândia, porque trazia canções tradicionais finlandesas. Desde 2005 costumo fazer alguns shows de Natal no meu país e em alguns outros, em igrejas e teatros, mas esse meu lado começou a ficar mais popular ao longo dos anos. As pessoas descobriram essa minha tradição de fim de ano, que é maravilhosa para mim por ser algo mais relaxante, pois são músicas mais calmas no repertório. No entanto, eu queria mostrar o lado negro do Natal porque não importa se você é ou não é uma pessoa religiosa, e eu não sou, uma vez que a data chega para todo mundo. A data é associada à celebração das famílias, com pessoas felizes em todos os lugares, decorações típicas, sinos badalando e todas essas coisas que chegarão até você. Não interessa se gosta ou não, mas muitas pessoas não gostam porque são solitárias e, talvez por viverem reclusas e se sentirem sozinhas, ficam ainda mais tristes no Natal. Sem julgamentos, porque não sabemos se elas gostam da solidão, se foi uma decisão delas ou se acabaram forçadas a viver assim porque perderam alguém próximo e querido. Em algum momento de nossas vidas todos nós perdemos pessoas com as quais nos importamos, então sempre nos lembramos delas no Natal. Minha mãe faleceu em 2003, e por muitos anos depois que ela se foi não houve Natal para mim. Sentia-me muito estranha ao comemorar a data com minha família, afinal, minha mãe não estava mais lá. Quis falar sobre isso em *From Spirits and Ghosts*, e a música *Together* (N.R.: a única canção

autorral no álbum) é exatamente sobre essas almas solitárias. O restante do disco tinha que ter o mesmo clima, inclusive a parte gráfica, então as artes são bem sombrias e até assustadoras, mas num lance mais de fantasia. Musicalmente, sempre quis fazer um trabalho assim, e o Natal acabou sendo a inspiração. Mas nem precisaria ser um trabalho natalino, mas um com orquestrações, como se o transformassem na trilha sonora de um filme.

**Eu imaginava que alguns fãs não gostariam da ideia e pude comprovar isso lendo alguns comentários no Facebook. Um deles disse que não era legal porque 'o mundo já está sombrio demais hoje em dia.' No entanto, não é algo com o qual um artista livre para criar deva se preocupar, certo?**

**Tarja:** Não mesmo. O mundo está mesmo muito sombrio atualmente, há muita coisa ruim acontecendo, mas se você ouvir uma música como *O Come, O Come, Emmanuel*, o primeiro single, acredito que ela vai lhe trazer um pouco de paz diante de toda essa loucura aí fora. Essa foi minha intenção. Não estou tentando espalhar a mensagem do Natal, mas dar às pessoas momentos de paz com canções realmente muito bonitas. Quando as gravei, eu mesma me encontrei bem relaxada, calma e feliz, apesar de o mundo não estar nada calmo. Estamos vivendo um período muito difícil, com a Mãe Natureza furiosa, o terrorismo se tornando um problema cada vez mais grave, mas a música ainda tem o poder de trazer paz. Eu entrego emoções com a minha música e conto histórias quando canto, tudo isso para chegar ao coração do ouvinte.

**O álbum é sombrio, mas não depressivo. O problema é que as pessoas tendem a ignorar que o Natal não é só felicidade. E é a época do ano com os mais altos índices de suicídio.**

**Tarja:** Perfeitó! É isso mesmo, e *From Spirits and Ghosts* é um disco bonito. Eu realmente, mas realmente mesmo, tento levar



**FROM DE SPIRITS AND GHOST**

EAR MUSIC/SHINGAMI · NAC

esperança ao ouvinte em qualquer álbum que faço. E o novo tem mesmo a capacidade de proporcionar momentos de paz durante toda a audição, podem acreditar (risos).

**E nós conversamos ano passado sobre *The Shadow Self*, definitivamente seu álbum mais pesado. Acredito que tenha sido bem interessante virar a chave para fazer algo como *From Spirits and Ghosts*, não?**

**Tarja:** Muito interessante! A produção foi muito mais fácil, porque havia poucas pessoas envolvidas, basicamente eu, Tim Palmer, que fez a mixagem, e Jim Dooley, que cuidou dos arranjos. Começamos a trabalhar nele no início do ano e levamos apenas alguns meses para finalizar tudo. O grande lance para mim é sempre poder fazer álbuns diferentes. É algo que adoro e define quem eu sou, porque até hoje não é possível me colocar em determinada categoria. Você me considera uma cantora de rock ou uma cantora lírica? Eu não me encaixo em apenas um determinado estilo, o que me deixa muito feliz. Pode desenvolver uma carreira bem versátil, da música clássica ao heavy metal, e não poderia escolher apenas um gênero. Na verdade, eu seria uma pessoa extremamente infeliz se não pudesse fazer o que amo, que é música. E ela não tem barreiras, por isso posso trabalhar com Michael Monroe, Mike Oldfield e Scorpions com a mesma intensidade. Aliás, 2018 será o ano do meu segundo disco de música clássica (N.R.: o primeiro, *Ave Maria – En Plein Air*, foi lançado em 2015) e do meu próximo álbum de rock. Gostem todos ou não.

**Bom, até agora as pessoas têm gostado.**

**Tarja:** (rindo) É incrível como meus fãs, no geral, têm a mente aberta. E falo isso dos fãs em todo o mundo. É normal ver alguns mesmos rostos conhecidos nos meus concertos eruditos e nos shows de rock. Talvez eles gostem de me ver em diferentes ambientes, talvez gostem de ver quem eu realmente sou. Porque encontro-me numa situação em que o fã não tem que necessariamente acompanhar tudo o que faço, afinal, são trabalhos diferentes. Então é muito especial ter todas essas pessoas lindas ao meu lado.

**E voltando a *From Spirits and Ghosts*, o quão diferente foi gravar um álbum mais sombrio e de Natal no verão e sob o sol do Caribe?**

**Tarja:** (rindo bastante) Colocando assim, foi bem estranho (risos), mas a verdade é que ajudou bastante (risos). Trabalhei no estúdio que tenho em casa, então não tinha pressa para nada. Estava relaxada e sem pressão, porque fazia tudo no ritmo que eu queria. Só que o mais importante era o mar, que sempre foi uma enorme inspiração para mim. Havia um cenário maravilhoso à minha disposição, então era ainda melhor

quando saía da vibração do disco de Natal, daquele clima mais sombrio e místico, de todo o cenário cinematográfico que estávamos criando. De qualquer maneira, no momento em que cantava aquelas músicas, não importava onde eu estava. Era como se eu estivesse pintando quadros na minha mente. Lá fora, no entanto, o ambiente era muito relaxante. A ilha onde temos nossa casa é muito calma, não há nada que possa perturbar o trabalho.

**À parte da música, uma graphic novel foi lançada para contar a história (N.R.: chamada “Novel for a Dark Christmas”). É uma novidade no seu trabalho, então como foi se envolver com essa outra forma de arte?**

**Tarja:** A gravadora teve a ideia e apresentou alguns desenhistas para mim, então pude conhecer o trabalho de todos eles e escolher quem gostaria que ilustrasse a história (N.R.: baseada na letra de *Together*, que narra a jornada de duas Tarjas – uma sombria, outra iluminada – para juntar almas solitárias). Os artistas eram muito bons, dos mais variados estilos, então decidi por aquele cuja obra mais mexeu comigo (N.R.: Conor Boyle). Foi bem interessante, e achei muito legal que a gravadora tenha tomado essa iniciativa. Acabei me envolvendo a ponto de descobrir que está virando uma tendência, porque muitas bandas têm usado desenhistas para fazer videocliques. O processo acabou levando também ao lançamento de um livro de fotos (N.R.: “Photos for a Dark Christmas Book”), pois a sessão que fizemos com Tim Tronkoe foi magnífica. Eu já havia trabalhado com Tim em fotos para divulgar álbuns anteriores, mas desta vez o resultado foi realmente extraordinário. Fiquei parecendo uma bruxa assustadora, uma aberração (risos), mas por outro lado uma bruxa muito bonita. Para mim, foi perfeito. Uma das melhores sessões de fotos que fiz em toda a minha carreira.

**A capa da graphic novel é muito bonita, e o estilo do artista me lembrou o do genial Bill Sienkiewicz, que fez trabalhos para a Marvel. Então, não pude deixar de pensar em como seria legal se uma animação virasse um DVD para acompanhar uma versão deluxe do álbum...**

**Tarja:** Ah, então você vai gostar do videoclipe que vem por aí (risos). Não posso adiantar nada, mas espere só para ver (risos).

**Aliás, a ideia de uma animação seria interessante porque *From Spirits and Ghosts* poderia, por exemplo, ser a trilha sonora do próximo filme de Natal do Tim Burton. Se ele decidir fazer um novo longa, claro.**

**Tarja:** (rindo bastante) Isso seria um sonho realizado! Tim Burton é uma enorme influência para mim. Adoro a sua obra e adoro as trilhas que Danny Elfman compôs para vários de seus filmes (N.R.: entre vários outros, destaques para “Os Fantasmas se Divertem”, “Batman”, “Edward Mãos de Tesoura”, “O Estranho Mundo de Jack” e “A Noiva-Cadáver”). Foi a primeira vez que trabalhei nas músicas pensando numa trilha sonora, então tive a felicidade de contar mais uma vez com Jim Dooley, que vem fazendo esses arranjos comigo faz tempo, inclusive nos meus álbuns mais rock. Ele mora em Los Angeles e tem experiência no ramo (N.R.: trabalhou com o premiado Hans Zimmer em filmes como “Hannibal” e “O Chamado” e nas franquias “Madagascar” e “Piratas do Caribe”), então foi fantástico criar especificamente este novo projeto. Por muitos anos eu queria fazer uma trilha sonora com ele ou um álbum que

**E apesar de o novo álbum não ser um trabalho de heavy metal, *O Tannenbaum* ficou muito pesada, principalmente a parte instrumental no meio da canção.**

**Tarja:** Sim, é muito, mas muito pesada! Essa parte faz parecer que os alto-falantes vão explodir. Para mim, nunca foi um problema viver dentro dos mundos do heavy metal e da música clássica. São estilos diferentes, mas que tem várias similaridades. Em uma ópera se fala sobre amor, morte e situações dramáticas, e isso é muito heavy metal, por isso sempre disse que o metal é algo realmente bonito. Musicalmente, os dois gêneros têm muito poder e emoção.

**Se eu pudesse escolher uma música para representar o álbum, seria *Deck the Halls*, porque não ficou alegre como a original, mas bem mais densa.**

**Tarja:** E termos baixado o tom contribuiu para isso (risos). Sabe o que é mais legal? Foi minha filha (N.R.: Naomi Eerika) quem gravou aquele corinho tradicional (N.R.: Tarja canta a parte). Foi a primeira vez que ela entrou num estúdio para isso, aos 5 anos de idade, e matou em apenas dois takes. Parecia uma profissional (risos).

**Bom, ela tem o seu DNA (risos). Quem sabe não teremos uma nova cantora no futuro?**

**Tarja:** (rindo) Ela leva jeito, está estudando piano e tem aulas de dança. O mais importante é que adora música, até porque cresceu cercada por música por causa dos pais, mas também gosta bastante de esportes, então vamos esperar para ver qual caminho essa criaturinha vai seguir (risos). Eu pude decidir

o que queria fazer e tive total apoio dos meus pais, então definitivamente estarei do lado dela seja qual for a sua decisão.

**E você também gosta de esportes?**

**Tarja:** Sem dúvida! Como preciso me manter em forma, malho cinco vezes por semana, duas vezes com um personal trainer. Também faço ioga e gosto de correr, além de outras atividades. Não sou mais tão jovem, então o corpo sempre manda um recado: ‘Se você quer continuar fazendo o que ama, é melhor cuidar de mim’ (risos). Tenho 40 anos, um número que já acho exagerado (risos), mas sinto-me ótima. Nunca estive numa condição física melhor do que a que estou agora. Ah, e adoro futebol! Sempre que posso assisto a jogos no estádio mesmo, porque sou torcedora do San Lorenzo, o time do Papa (risos).

*Não estou tentando espalhar a mensagem do Natal, mas dar às pessoas momentos de paz com canções realmente muito bonitas*

seguisse por esse caminho. Finalmente consegui e fiquei completamente satisfeito com o resultado.

**De fato, as orquestrações dão um sabor todo especial a *From Spirits and Ghosts*. Curiosamente, duas das minhas canções favoritas ficaram grandiosas por causa desses arranjos, *Amazing Grace* e, especialmente, *O Tannenbaum*.**

**Tarja:** Adorei ouvir isso, porque *O Tannenbaum* será o segundo single do álbum (N.R.: foi lançado em 27 de outubro, dez dias depois desta entrevista). E sim, a orquestração ficou realmente incrível, transformou a música numa trilha para uma batalha num campo de guerra. É maravilhoso o que se pode fazer quando se tem a mente aberta, porque seria triste não conseguir desapegar dos arranjos originais.



# VERSOVER

JÁ ESTÁ À VENDA **HELL'S INC.** O NOVO ÁLBUM DA BANDA VERSOVER!



A BANDA CELEBRA 20 ANOS DE ATIVIDADE COM 12 FAIXAS INÉDITAS EMBALADAS EM CD DIGIPACK PREMIUM, TAMBÉM DISPONÍVEIS NOS PRINCIPAIS SERVIÇOS DE STREAMING. ARTE E DESIGN FEITOS POR HUGH SYME (RUSH).

DISPONÍVEL NA DIE HARD RECORDS, ONLINE E NA GALERIA DO ROCK.

▶ **OUÇA ONLINE EM:** **MUSIC** **Spotify** **iTunes** **DEEZER** **Google Play** **cdbaby** **amazon MP3**

"Hell's Inc." é um brado de revolta e um clamor por resistência a essas mazelas que nos afligem cada vez mais -- é um disco sobre a ira. Ele nos lembra o tempo todo que a passividade diante desse inferno que nos assola todos os dias é o pior dos remédios. É preciso reagir, enfim. E, se assim for, que essa reação seja com música pesada, técnica e bem pensada. E dessa parte o VersOver dá conta.

Antonio Carlos Monteiro - Jornalista e Crítico Musical.



**VERSOVER**



# MALCOLM YOUNG

★ 06/01/1953 +18/11/2017

**Q**uem acompanha o mundo do rock se acostumou a ver a palavra “líder” ser relacionada ao sujeito que mais aparece numa banda – Axl Rose, Dave Mustaine, Gene Simmons/Paul Stanley... a lista é imensa! Mas há líderes que pouco aparecem, que chegam a ficar no fundo do palco nas apresentações, mas protagonizam as principais decisões da banda. Claro, estamos falando de Malcolm Young.

Nascido em Glasgow (ESC) em 6 de janeiro de 1953, Malcolm Mitchell Young mudou-se para a Austrália em 1963, para onde seus pais foram em busca de dias melhores (essa e outras histórias sobre a banda estão na matéria especial publicada na edição #225).

A música sempre esteve presente na vida da família, visto que praticamente todos os irmãos tocavam algum instrumento. George, sete anos mais velho que Malcolm, foi o primeiro deles. Assim, não demorou para que Malcolm e o irmão mais novo Angus comessem a aprender a tocar guitarra e montassem uma banda. E desde o início uma coisa ficou clara: era Malcolm quem tomava as decisões. “Ele era o cérebro”, disse Angus em entrevista concedida em 1979. Assim, ele definia quem iria fazer parte da banda, criava a maior parte dos riffs que se tornariam mundialmente conhecidos e acabou sendo responsável até pela indumentária de colegial que acompanharia Angus por toda sua vida artística. Malcolm era um sujeito determinado, para quem não havia obstáculos para conseguir o que almejava. “Vamos ser a maior banda de rock do mundo”, dizia para quem quisesse ouvir ainda nos tempos em que o AC/DC se apresentava em festivais amadores na Austrália. E quem pensasse diferente estava fora... Simples assim.

Malcolm e Angus conseguiram atingir seus objetivos. Mesmo enfrentando um



FOTO: DIVULGAÇÃO

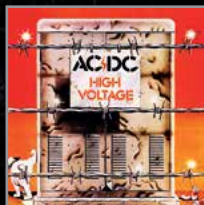
duro trauma com a morte do vocalista Bon Scott em 1980, o AC/DC tornou-se um dos maiores nomes da história do rock. De 1973 a 2016, quando fez seu último show, o quinteto lançou quinze discos (considerando a estreia com a versão internacional de *High Voltage*, em 1976), que totalizaram a impressionante soma de mais de duzentos milhões de cópias vendidas em todo o mundo. Seus músicos possuem coleções invejáveis de discos de ouro, platina e diamante nas paredes de suas casas. Só um deles, *Back in Black* (1980), vendeu mais de cinquen-

ta milhões de cópias. E tudo isso sempre tendo a base segura e a mão de ferro de Malcolm no comando.

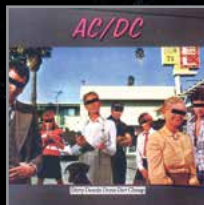
Porém, problemas de saúde abreviaram a carreira daquele que é considerado um dos melhores guitarristas base da história. Em 2010, começou a ter lapsos de memória – sequer conseguia lembrar das músicas que tocava quase diariamente há décadas. Foi diagnosticado com demência, o que acabou forçando-o a se aposentar precocemente, em 2014, aos 61 anos, sendo substituído pelo sobrinho Steve Young (filho de Stephen Young, o irmão mais velho de Angus e Malcolm). Além desse problema, o guitarrista foi diagnosticado com câncer de pulmão, que foi resolvido cirurgicamente graças ao fato de ter sido descoberto ainda em estágio inicial, e teve um marca-passo implantado.

Porém, em 17 de novembro último Malcolm Young morreu em Sydney (AUS), cercado de seus familiares – seu irmão mais velho e mentor George falecera menos de um mês antes, no dia 22 de outubro. O mundo da música, naturalmente, ficou em choque. Vários de seus colegas e amigos manifestaram pesar com a notícia. “É um dia triste para o rock’n’roll”, declarou Eddie Van Halen. “Ele era um guitarrista incrível e o cara que fazia a banda funcionar, tanto no palco como fora dele. Dê um ‘oi’ pro Bon!”, disse Joe Elliott, do Def Leppard. Já Slash afirmou que foi “um dia terrivelmente triste para o rock.” E Ozzy Osbourne se disse “muito triste por saber do falecimento de mais um amigo.”

Por fim, Angus também se pronunciou a respeito: “Como irmão, é difícil expressar em palavras o que ele significou para mim durante toda minha vida. A união que tínhamos era única e muito especial. Ele deixa um legado enorme que vai durar para sempre. Malcolm, você fez um belo trabalho.”



**AC/DC**  
HIGH VOLTAGE  
(1975)



**AC/DC**  
DIRTY DEEDS DONE DIRT CHEAP  
(1976)



**AC/DC**  
HIGHWAY TO HELL  
(1979)



**AC/DC**  
BACK IN BLACK  
(1980)



**AC/DC**  
THE RAZORS EDGE  
(1990)





www.hellion.com.br

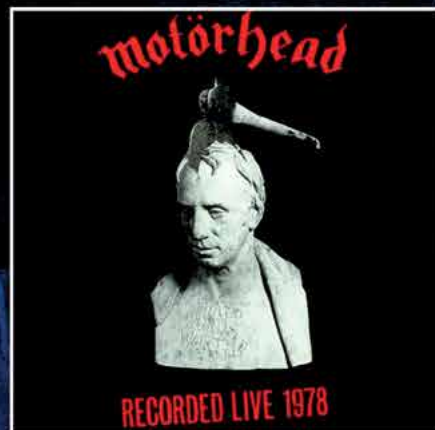
WHERE THE MUSIC REMAINS ALIVE!  
ONDE A MÚSICA PERMANECE VIVA!

# MOTÖRHEAD PRIMEIRO ÁLBUM (EM VERSÃO DIGIPACK)

EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO DE 40 ANOS EM DIGIPACK DE LUXO. Originalmente lançado em 1977, a nova versão contém 11 bônus, incluindo o EP "Beer Drinkers & Hell Raisers". Também inclui encarte com 24 páginas com fotos e a história de tudo que envolveu o nascimento desta banda maravilhosa que tantas alegrias proporcionou aos amantes do Heavy Metal. **BREVE TAMBÉM EM VINYL**



**MOTÖRHEAD**  
40th Anniversary



**MOTÖRHEAD**  
What's Words Worth (live 1978)

# TROUBLE LANÇAMENTO NACIONAL DE 7 ÁLBUNS DA BANDA

O primeiro deles é o debut "Psalm 9" de 1984, já disponível.

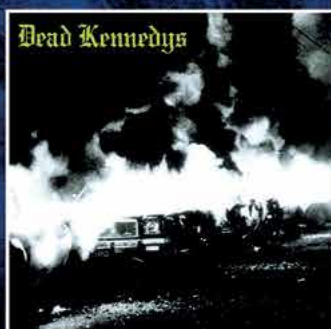
A partir de Janeiro outros álbuns serão lançados até abril de 2018



**ELF**  
FEAT. RONNIE JAMES DIO  
Carolina County Ball



**ELF**  
FEAT. RONNIE JAMES DIO  
Trying To Burn The Sun



**DEAD KENNEDYS**  
Fresh Fruit For  
Rotten Vegetables



**THE EXPLOITED**  
Let's Start A War...

EM BREVE:

**GBH**  
A Fridge Too Far



**ENGLISH DOG**  
Forward Into Battle

CENTRAL DE VENDAS:

Atacado e Varejo:  
pedidos@hellionrecords.com  
Tel/Fax: 11 5083-2727  
Fale conosco: hellion@hellionrecords.com

REDES SOCIAIS:

Hellion Records para:  
Curtir, seguir e compartilhar

f /HellionRecordsBrazil



www.hellion.com.br

arte: www.duarte.design.com

# CANNIBAL CORPSE



## BRUTALIDADE CONSTANTE

**GEORGE "CORPSEGRINDER" FISHER FALA SOBRE  
O DIRECIONAMENTO DO NOVO TRABALHO E O  
POSICIONAMENTO NA BANDA FRENTE À CENA**

POR GUILHERME SPIAZZI

**E**m quase trinta anos de estrada, o Cannibal Corpse enfrentou várias situações, incluindo censura em países como Alemanha e Austrália, acusações nos Estados Unidos e o cancelamento de shows por ativistas religiosos na Rússia. Porém, desde o lançamento de *Eaten Back to Life* (1990), o grupo construiu uma reputação baseada em músicas e letras viscerais. E foi carregando esta característica que manteve uma carreira com constantes lançamentos de impacto, produzindo petardos ora mais diretos, ora mais técnicos, contribuindo para fomentar a cena death metal

na Flórida (EUA) e no mundo. Agora, George "Corpsegrinder" Fisher (vocal), Alex Webster (baixo), Rob Barrett e Pat O'Brien (guitarras) e Paul Mazurkiewicz (bateria) adicionam mais um capítulo à sua brutal história com o lançamento do 14º disco de estúdio, *Red Before Black*. Para falar sobre o novo trabalho e as atividades da banda, falamos com Corpsegrinder, que desde *Vile* (1996) é a voz que comanda esta máquina de triturar ouvidos.

**Como andam as expectativas para o Cannibal Corpse com o lançamento de *Red Before Black*?**

**George "Corpsegrinder" Fisher:** As coisas estão ótimas. Estamos prontos para voltar às turnês e empolgados para ver as pessoas curtindo o novo álbum!

**A julgar pelo primeiro single, *Code of the Slashers*, a impressão é que *Red Before Black* é um disco mais cru se comparado a *A Skeletal Domain* (2014).**

**Corpsegrinder:** Sim, ele é definitivamente mais cru e direto. Acredito que dá para perceber que tem músicas mais fáceis de lembrar quando se ouve o disco na íntegra. Penso que nós apenas seguramos um pouco a mão no aspecto técnico e assumimos uma atitude mais



Alex Webster, Rob Barrett, George Fisher, Paul Mazurkiewicz e Pat O'Brien: Incansáveis na arte sanguinolenta e brutal

crua, mesmo. Eu diria que o álbum está com uma pegada mais old school.

**Parece uma estratégia interessante, pois penso que músicas mais diretas geralmente se conectam melhor com o público durante um show.**

**Corpsegrinder:** Eu acho que não comparamos com isso na cabeça, mas é óbvio que se você tem uma música que é mais direta e menos técnica, isso acontece, pois tem algumas composições que impressionam as pessoas quando tocamos. Nenhuma banda de death metal é fácil de ser ouvida, mas acho que é definitivamente uma digestão mais fácil, pois não exige várias audições do álbum para que ele seja mais bem entendido.

**Em *A Skeletal Domain* o Cannibal Corpse conseguiu incluir uma pegada mais sombria em suas músicas. Você diria que manteve esta característica no novo trabalho?**

**Corpsegrinder:** Eu diria que todos os nossos discos definitivamente têm isso. Ao ouvir *Red Before Black* você perceberá que ele tem algumas músicas que são mais... tenebrosas. Há nele canções mais lentas e mais rápidas, então acho que temos uma boa mistura. Nós nos afastamos um pouco do lado técnico das coisas e as composições aconteceram de forma muito melhor desta vez.

**O Cannibal Corpse já está na cena há anos. Trabalhar desta forma é uma maneira de sair da sua zona de conforto e, ao mesmo tempo, estar ciente dos seus limites.**



### RED BEFORE BLACK ROCK BRIGADE -NAC

**Corpsegrinder:** Eu não diria que temos limites. Limitamo-nos em relação às letras, que basicamente seguem a linha de filmes de terror. Não falamos de política ou algo assim. Geralmente fazemos músicas que são muito mais técnicas, e isso aconteceu especialmente nos últimos dois discos (*Torture*, de 2012, e *A Skeletal Domain*). Estamos num ponto em que tocar assim é confortável para nós. Podemos tocar coisas técnicas, rápidas, lentas ou mais diretas. Nunca saímos da nossa zona de conforto, pois o lance é que para nós é confortável tocar qualquer estilo com relação ao death metal.

**O tema das letras e a arte da capa dos álbuns se tornaram marca registrada da**

**música do Cannibal Corpse. A inspiração ainda é a mesma depois de tantos anos?**

**Corpsegrinder:** Apenas filmes de terror e coisas assim. Não queremos falar sobre política ou entrar em debates sobre isso. Somos caras diferentes que têm opiniões diferentes sobre a vida e outros assuntos. Todos nós gostamos de filmes de terror, então escrevemos sobre isso. Tornou-se parte da banda e não queremos nos afastar do tema, pois nos sentimos confortáveis cantando sobre isso. É quem somos. A música é brutal, visceral e pesada, então queremos que as letras sejam perturbadoras e sanguinolentas.

**Por mais que a música seja o foco no Cannibal Corpse, as capas dos álbuns são sempre aguardadas pelos fãs. Costuma-se esperar por algo violento e perverso, que muito provavelmente se torne a estampa de uma camiseta. Uma capa nesses moldes é algo que a banda precisa apresentar ou algo mais simples, como fez em *Kill* (2006), já é o suficiente?**

**Corpsegrinder:** Ainda há pessoas usando a camiseta de *Kill*. Apenas fazemos aquilo que queremos e algumas vezes nos incomodamos porque a capa não era tão brutal. Mas escute o disco. A capa não deveria ser tudo, pois a música é o mais importante.

**Quando vocês estão compondo um disco mais complexo, como *Torture* e *A Skeletal Domain*, é compreensível que o foco e a energia sejam na parte técnica. Mas em situações em que o álbum é mais direto, como *Red Before Black*, qual é o foco?**

**Corpsegrinder:** Apenas queremos ter a certeza de que ele soe como um disco de death metal. Amamos o estilo, é o que tocamos há anos. Além disso, é o som que as pessoas esperam de nós. Tanto é que busco fazer o vocal mais brutal possível. Quero que as pessoas saibam que quando adquirem o nosso álbum elas levam os vocais de death metal mais brutais que posso fazer.

**Lançar um disco brutal significa também escolher bem quem será o produtor. O que fez de Erik Rutan (Hate Eternal), com quem já trabalharam em outros três discos, o produtor ideal para Red Before Black?**

**Corpsegrinder:** Bom, trabalhamos com ele quando fizemos o tema de um desenho animado chamado 'Squidbillies' para um especial de Halloween no ano passado. Precisávamos de alguém que pudesse fazer aquilo imediatamente e optamos por Erik. Depois que Mazurkiewicz, O'Brien, Barrett e eu terminamos de gravar, decidimos que precisávamos voltar para o estúdio e tra-

**Fale um pouco mais sobre as gravações dos vocais de Red Before Black. Há uma diferença entre os discos ou você mantém um mesmo padrão de gravação dos vocais?**

**Corpsegrinder:** Há uns pequenos ajustes aqui e ali, e talvez a coisa tenha sido um pouco diferente com Erik, mas de forma geral eu mantive a abordagem de sempre. Já fiz seis discos com Erik, sendo dois com o Paths of Possession. Eu me divirto muito quando gravo com ele e estou sorrindo agora só de pensar nisso. O cara é muito focado no trabalho, mas eu o quebro com umas merdas que faço quando ele está tentando gravar os vocais (risos). São coisas como cantar de um jeito estúpido e coisas assim.

**Você costuma acompanhar as gravações dos seus parceiros?**

**Corpsegrinder:** Eu apareci de vez em quando em alguns discos, mas na maior parte do tempo eu espero que eles terminem, aí as músicas são enviadas para mim para que eu as ensaie.

**Falando em ensaio, vocês se juntam**

**começaram lá atrás. Como é a relação do Cannibal Corpse com esses grupos?**

**Corpsegrinder:** Ainda somos amigos dos caras do Obituary, Deicide, Hate Eternal, Morbid Angel, Malevolent Creation etc.

**Em 2018, o Cannibal Corpse completará trinta anos. Vocês planejam alguma ação comemorativa?**

**Corpsegrinder:** Não discutimos muito isso ainda. Vamos esperar chegar a data para ver o que faremos. De qualquer forma, é meio maluco ver que já faz tanto tempo (risos). Estou na banda há quase 23 anos.

**O ritmo de lançamentos e apresentações da banda sempre foi muito constante. Vocês já conversaram sobre uma pausa ou até mesmo um período sabático?**

**Corpsegrinder:** Tivemos cerca de um ano e meio entre a última turnê e a primeira de um novo ciclo. É o suficiente.

**Muita coisa aconteceu com a banda durante esses anos. Apesar de muito sucesso, houve os episódios de censura na Alemanha e na Austrália, acusações nos EUA e, mais recentemente, em 2014, problemas na Rússia que impediram a banda de completar a turnê por lá. Hoje, em 2017, vocês ainda enfrentam esse tipo de problema?**

**Corpsegrinder:** Parece que tudo está certo e podemos tocar o que quisermos onde quisermos. Não sei qual a situação com a Rússia, pois não estou a par de todos os fatos. Somos uma banda e tudo que queremos é tocar, mas as pessoas acham que temos algum objetivo maluco. Não, apenas queremos fazer nossa música.

**O mais estranho é que, no caso russo, as acusações envolveram religião, tema que não faz parte das suas músicas.**

**Corpsegrinder:** Somos cinco e cada um tem a sua opinião em relação a religião, mas nunca deixamos isso contaminar as composições. Temos nossas opiniões pessoais e crenças, mas quando se trata da banda, não empurramos isso para os fãs. Apenas cantamos coisas sobre filmes de terror. É simples assim.

**O envolvimento entre banda e fãs pode acontecer de várias formas. Como jogador de 'World of Warcraft', você encontra fãs da banda quando está conectado no jogo?**

**Corpsegrinder:** Sim, com certeza. Há milhões de pessoas jogando, então já falei com muita gente que é fã da banda e do jogo.

**Agora com o disco lançado, há expectativas de vermos a banda no Brasil?**

**Corpsegrinder:** Estamos trabalhando nisso no momento, então espero que sim. A América do Sul tem os fãs mais brutais e dedicados. Adoramos ir aí e esperamos ver todos num futuro próximo.

## QUERO QUE AS PESSOAS SAIBAM QUE QUANDO, ADQUIREM O NOSSO ÁLBUM, ELAS LEVAM OS VOCAIS DE DEATH METAL MAIS BRUTAIS QUE POSSO FAZER

balhar com ele. Nisso, conversamos com Webster, que também concordou, afinal, já havíamos tido bastante sucesso com Rutan antes. Não que Mark Lewis (N.R.: produtor de *A Skeleton Domain*) tenha sido ruim. Ele foi incrível. O lance é que fazer aquela música fez com que a sensação fosse a de que tínhamos voltado para casa, por isso optamos por Rutan.

**De fato, ele é um produtor diferenciado, que vive o death metal dentro e fora do estúdio com sua banda (N.R.: Rutan é vocalista e guitarrista do Hate Eternal).**

**Corpsegrinder:** Sim, com certeza. É por isso que amo gravar os vocais com ele. O cara é um músico incrível, além de ser um ótimo produtor e engenheiro de som. Sinto-me muito confortável trabalhando com Erik.

**para ensaiar antes das gravações também ou você só entra no processo depois da gravação?**

**Corpsegrinder:** Não temos feito isso nos últimos discos. Se eles criarem letras ou um arranjo de vocal, uma demo é enviada para mim com as ideias. Com o básico deles eu vou para o estúdio e gravo.

**É no momento em que uma nova música é escolhida para os shows que vocês ensaiam, então?**

**Corpsegrinder:** Webster, Mazurkiewicz, O'Brien e Barrett ensaiam todas as músicas juntos, então as gravam.

**Apesar de hoje a cena death metal na Flórida (EUA) não viver o mesmo momento da década de 90, ainda encontramos em atividade várias bandas que**

# Rock Brigade Records

PROUDLY PRESENTS

# Metal X-Mas



## ARCH ENEMY

WILL TO POWER  
PRIMEIRO LANÇAMENTO DE ESTÚDIO COM O GUITARRISTA JEFF LOOMIS (EX-NEVERMORE)

COM O MELHOR DA MÚSICA PESADA: CATÁLOGO COM NAPALM DEATH, ICED EARTH, DARKTHRONE, MICHAEL KISKE, ANVIL, AMON AMARTH, MARDUK, EXCITER, ANTHRAX, DARK ANGEL, TYR E DEZENAS DE OUTROS.



## CANNIBAL CORPSE

RED BEFORE BLACK  
-MAIS UMA TIJOLADA INCANDESCENTE DOS SOBERANOS DO DEATH METAL



TAMBÉM EM CATALOGO



BOLT THROWER  
MERCENARY



SIX FEET UNDER  
TORMENT



HARPAGO/ANTROFORCE  
SPLIT



ACESSE TAMBÉM NO MERCADO LIVRE: PICK COLLECTOR (CATÁLOGO COMPLETO E MUITO MAIS)

AGUARDEM NOVOS LANÇAMENTOS E RE-LANÇAMENTOS EM 2018, INCLUSIVE O DVD DOCUMENTÁRIO COM A HISTÓRIA DOS 35 ANOS DA ROCK BRIGADE

VISITE NOSSO SITE E LOJINHA: [WWW.ROCKBRIGADE.COM.BR](http://WWW.ROCKBRIGADE.COM.BR) E ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS (FACEBOOK, INSTAGRAM, TWITTER)



THE DOORS  
THE DOORS

Jim Morrison, Ray Manzarek, John Densmore e Robby Krieger uniram música e poesia de forma sublime em seu clássico debut

O ano de 1967 parecia sem fim: enquanto a Guerra do Vietnã corria a passos largos, o então presidente dos EUA, Lyndon B. Johnson, era forçado a assistir a uma passeata que reunira cinquenta mil pessoas diante da Casa Branca, gerando provas reais de que a tensão política não estava tão longe do quintal de casa. Toda a efervescência política daqueles anos parecia afetar a produção cultural. Dentre os tiros de “Por Um Punhado de Dólares” (Sergio Leone), que acabava de chegar aos cinemas dos EUA, e a psicodelia das passagens de “On the Road” (Jack Kerouac), que completava sua primeira década, toda uma leva de novos e influentes livros chegava às lojas. Foi o caso do clássico “Cem Anos de Solidão” (Gabriel García Marquez) e de “Ópera dos Mortos” (Astruc Dourado). A música não ficou atrás: Beatles, Rolling Stones, The Who, Jimi Hendrix Experience, Pink Floyd, Cream... Nada mais apropriado que naqueles dias surgisse um nome histórico: The Doors. Certo, agora o leitor já percebeu que toda essa minha “viagem” pelo mundo cultural da época não é uma digressão, mas uma necessidade.

Formado dois anos antes pelo encontro de dois estudantes da Escola de Teatro, Filme e Televisão da Universidade da Califórnia (UCLA), Jim Morrison (vocal) e Ray Manzarek (teclado), com Robby Krieger (guitarra) e John Densmore (bateria), toda a carreira dos Doors seria marcada por uma relação estreita com o mundo das letras. Isso veio desde o nome escolhido (inspirado pelo livro “The Doors of Perception”, de Aldous Huxley),



passando por todo o conceito musical e cênico da banda, que sempre primou por um comportamento artístico provocativo.

Gravado em seis dias de agosto de 1966 no Sunset Sound Studio, em Hollywood (EUA), produzido por Paul A. Rothchild (Neil Young, Janis Joplin) e lançado em 4 de janeiro de 1967, *The Doors* não marcou apenas a estreia do quarteto, mas se firmou como um dos maiores clássicos da história da música. E não era por menos. Logo na abertura, como um presságio, vinha a forte *Break on Through (To the Other Side)*, o primeiro single lançado pelo grupo que, inicialmente, desapontou e alcançou apenas a 126ª posição nas paradas de seu país. Tudo bem, o tempo se encarregou de torná-la um clássico, com versões de Stone Temple Pilots e Hollywood Vampires.

A riqueza musical do quarteto apa-

recia já na sequência, com *Soul Kitchen* e *The Crystal Ship*, duas faixas tão diferentes da primeira quanto entre si. O segredo para essa versatilidade era o fato de que todos estavam abertos às ideias dos parceiros, como o guitarrista Robby Krieger contou para a ROADIE CREW: “O mais legal no Doors é que ninguém ficava em segundo plano, estávamos o tempo todo buscando coisas novas.” Mas, se o assunto aqui vai para “clássicos mastodônticos”, que tal *Light My Fire*, que abriu as portas do rock para tanta gente que até parece não possuir um gênero definido? “Preste atenção na parte instrumental, tem um trecho que é praticamente uma cópia de *My Favorite Things*, de John Coltrane”, diz Krieger. Certo, sem gêneros então. O lance é esse, ainda mais que ela foi gravada por vários artistas, indo da saudosa cantora brasileira Maysa e de Stevie Wonder a UB40 e Amorphis.

O disco, que mostra uma forte pegada jazzística, ainda traz o cover de *Back Door Man* de Willie Dixon, gravado por Howlin’ Wolf. Já a poesia das letras se desenvolve tão acentuadamente que só poderia terminar em algo tão soberbo quanto *The End*. E ainda tem *Alabama’s Song (Whisky Bar)*, um poema de Bertold Brecht, que me rendeu horas numa delegacia de Buenos Aires, quando eu (completamente bêbado) e um grupo de amigos (bêbados) achamos que seria uma boa ideia cantar aos berros essa canção na esquina da Luis Dellepiane com a Calle Viamonte. Um clássico imortal, um registro histórico e um marco em nossas vidas.

**Valtemir Amler**

# 1977

## QUEEN NEWS OF THE WORLD

**H**á bandas cuja discussão sobre a discografia dispensa momentos acalorados. O Queen, por exemplo. É comum torcer o nariz para *Flash Gordon* (1980), a trilha sonora do filme, e *Hot Space* (1982). É normal que *The Works* (1984), *A Kind of Magic* (1986), *The Miracle* (1989) e *Innuendo* (1991) dividam opiniões. E quem nunca falou que Freddie Mercury (vocal), Brian May (guitarra e vocal), John Deacon (baixo) e Roger Taylor (bateria e vocais) tiveram seus principais momentos nos anos 70? No fim das contas, todos nós gostamos de alguma coisa da década de 80 para frente, mas vamos combinar que os melhores predicados são suficientes para definir o auge criativo do quarteto. Os oito primeiros discos são obrigatórios – sim, incluso *The Game* (1980) –, e a quantidade de vezes que o grupo teve alguma inspiração divina é impressionante.

*We Will Rock You* e *We Are the Champions*... Quantos álbuns você conhece que começam com duas músicas desse quilate e poderio comercial? Quarenta anos depois, May tentou explicar o fenômeno à revista *Rolling Stone*. 'A participação da plateia era algo surpreendentemente novo à época. Nesse sentido, os shows não eram interativos. Você balançava a cabeça, não muito mais do que isso. Você não cantava as músicas num concerto do Led Zeppelin, mas os fãs começaram a cantá-las nos



Mercury, Deacon, May e Taylor: um disco com duas músicas que ultrapassaram fronteiras

nossos shows, então nossa primeira reação foi: 'O que está errado? Por que eles não ficam quietos? Por que não apenas escutam o que estamos tocando?' (...) Mas sinto-me orgulhoso, porque se tornou algo universal."

E saiu das casas de shows para estádios e ginásios de futebol, basquete, vôlei e qualquer outro esporte de massa que você possa imaginar. "E em todos os lugares do mundo. O mais engraçado é que essas músicas não foram escritas com algum esporte em mente. Elas são mesmo mais sobre o nosso público. Nosso público de rock. Mas começamos a ficar cientes de que poderíamos atingir a todos." Só que *News of the World*, o disco de estúdio campeão de vendas do Queen, não é apenas bater os pés no chão e caprichar nas palmas em *We Will Rock You*, que depois ganhou uma igualmente antológica versão rock'n'roll. Ou se esgoelar em *We Are the Champions*. Tem mais.

May canta na bonita *All Dead, All Dead* e no hard blues *Sleeping on the Sidewalk*, e Taylor solta a voz na suingada *Fight from the Inside*. E Mercury, claro, tornou irresistíveis a acelerada *Sheer Heart Attack*; a à la Zeppelin *Get Down, Make Love*; os hinos *Spread Your Wings* e *It's Late*; e a soberba *My Melancholy Blues*, um viagem ao mundo do jazz com uma interpretação magistral do saudoso vocalista. Ouça e se emocione.

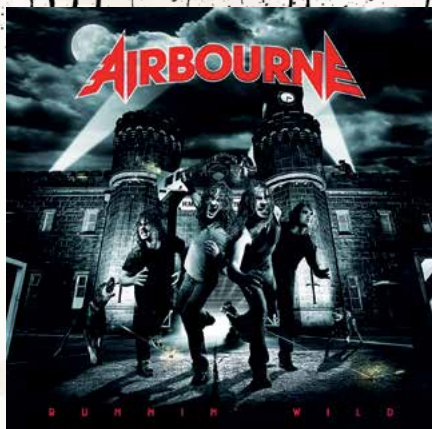
**Daniel Dutra**

# 2007

## AIRBOURNE RUNNIN' WILD

**S**e você leu o box "Os Filhotes do AC/DC" em nossa edição especial #225, provavelmente se lembra que comentei que o Airbourne é apontado como herdeiro do lendário e conterrâneo grupo australiano. A prova disso está na milimetricamente calculada semelhança sonora. A única diferença é o fato de que, ao contrário do AC/DC, que sempre foi um quinteto e teve no microfone vocalistas que só se preocupavam em cantar, enquanto que a guitarra solo era comandada pelo divertido Angus Young, no Airbourne ambas as tarefas são de Joel O'Keefe. É esta figura carismática que entretém o público com performances ensandecidas e que não mede limites e nem altura para tal. Para ele, a coisa mais normal do mundo é escalar torres de som em shows abertos, sob sol ou chuva, e mezaninos de pequenos clubes, pendurando-se e agitando com sua guitarra.

A história da banda dos irmãos Young... digo, O'Keefe (Joel e o baterista Ryan), começou em 2004 com o EP *Ready to Rock*, mas engrenou três anos depois com o lançamento do explosivo *Runnin' Wild*. De cara, a banda mostrava profissionalismo de gente grande: foi gravar nos Estados Unidos e obteve uma produção primorosa das mãos do renomado Bob Marlette, que já havia trabalhado com



Joel O'Keefe tem uma das performances mais ensandecidas do rock'n'roll na atualidade

Black Sabbath, Quiet Riot, Alice Cooper, Marilyn Manson e outros. "Nós aprendemos um bocado naquela época. O que tínhamos como mais importante em mente era que precisávamos fazer nosso melhor com Bob na produção. Queríamos fazer um disco que as pessoas gostassem de ouvir. Era uma pressão imensa, já que nunca tínhamos feito um disco antes, nem estado nos EUA. Foi tudo pela primeira vez", contou Joel à ROADIE CREW.

No mundo da música temos como Meca os Estados Unidos e Joel lembra como foi gravar por lá: "Nós chegamos e ficamos um tempo ainda trabalhando nas músicas. Aí Bob veio e disse o que deveríamos mudar. E o local onde estávamos trabalhando ficava no meio do nada, era quase uma prisão, mas isso nos manteve focados. Até que um dia Bob falou: 'OK, temos um bom disco aqui, vamos gravar'."

Se você é daqueles que se negam a ouvir Airbourne sob alegação de que o grupo é só um "ctrl c + v" do AC/DC, engula essa: *Runnin' Wild* emplacou três videoclipes – *Too Much, Too Young, Too Fast, Diamond in the Rough* e *Runnin' Wild* (com a atuação de ninguém menos que o saudoso Lemmy Kilmister) – e alcançou o 21º lugar no Australian Albums Chart, 62º no UK Album Chart e 106º na Billboard 200.

**Leandro Nogueira Coppi**



BEYOND THE BLACK

# diversão garantida

Líder da nova estrela do metal sinfônico, Jennifer Haben fala das influências da banda alemã e revela o desejo de passar o carnaval no Brasil

POR DANIEL DUTRA

**O** que esperar de mais uma banda de metal sinfônico com vocal feminino? Nada que vá mudar o mundo, ou revolucionar a música, obviamente, mas os fãs do estilo têm um novo nome que merece atenção. Formado em 2014, o Beyond the Black vive uma ascensão meteórica na Europa e, com dois discos na praça – *Songs of Love and Death* (2015) e *Lost in Forever* (2016), que este ano ganhou até mesmo uma 'tour edition' –, já é figura carimbada no Wacken Open Air (tocou nas quatro últimas edições do tradicional festival alemão). Agora, a equipe germânica capitaneada pela jovem Jennifer Haben parece preparada para conquistar terreno fora do Velho Continente – Chris Hermsdörfer e Tobi Lodes (guitarras), Stefan Herkenhoff (baixo), Jonas Roßner (teclados) e Kai Tschierschky (bateria) completam a formação. A ROADIE CREW bateu um rápido papo com Jennifer para saber mais um pouco dessa trajetória, e a simpática e risonha vocalista aos poucos foi deixando de lado até mesmo a natural timidez de quem vive um sonho aos 22 anos de idade.

**O Beyond the Black tem apenas três anos, mas as coisas estão acontecendo rapidamente. Não é algo normal, concorda?**

**Jennifer Haben:** Eu nem sei por onde começar, porque foram muitas experiências desde então. Já excursionamos com Scorpions, Epica e Powerwolf, e o Saxon nos levou para nossa primeira turnê na Inglaterra. Sair da Alemanha para tocar em outros países já foi incrível, mas agora estamos nos preparando para sair da Europa (N.R.: a banda se apresentou no Loud Park, festival japonês realizado na cidade de Saitama, no dia 14 de outubro). Tem sido fantástico.

**É sair em turnê com Saxon e Scorpions deu à banda a oportunidade de se apresentar para um público bem diferente.**

**Jennifer:** O mais surpreendente foi ver como eles são pessoas normais e realmente muito amigáveis, porque para nós pareciam intocáveis (risos). O ambiente no backstage era ótimo, todos iam ao nosso camarim perguntar se estava tudo bem ou se precisávamos de algo. Até para as festas pós-show nós éramos convidados! Mikkey Dee, que já estava com o Scorpions, sempre nos chamava para as festas particulares da banda, que eram ótimas e divertidas! Você tinha que ver como nosso baterista ficava feliz (risos)... Foram momentos maravilhosos e que nos mostraram a importância de continuarmos simples, com os pés no chão. Eles são pessoas comuns. A única diferença é que fazem ótima música (risos).

**O Beyond the Black faz um gênero que vem mostrando sinais de saturação. No entanto, apesar dos arranjos grandiosos e das orquestrações, é possível dizer que há algo a mais no som do Beyond the Black, não?**

**Jennifer:** Acredito que é difícil rotular o que fazemos, porque desde o início eu digo que estou procurando meu próprio estilo. Estou na música desde muito cedo e já experimentei diversos gêneros, mas sempre fiz aquilo que senti ser o certo. Comecei mesmo no rock e depois, como cantora e compositora, fui para algo mais na praia de Amy Winehouse, de quem sempre fui fã. Foi depois disso que comecei a fazer algo mais pesado, mas, ainda assim, definir o estilo foi um pouco difícil para mim. Por causa das orquestrações, talvez metal sinfônico seja o que se encaixa melhor.

**Ao mencionar um algo a mais, me refiro a alguns elementos específicos. A começar por uma veia mais pop em can-**

**ções como *Burning in Flames*, *Nevermore* e *Shine and Shade*, que têm refrãos irritantemente grudentos, no bom sentido.**

**Jennifer:** (rindo bastante) Primeiramente, obrigado! Não é fácil compor músicas assim, quero dizer, fazer com que elas não soem forçadas... Sinceramente, não sei dizer como elas surgem, mas sinto-me felizada por poder trabalhar minhas ideias com compositores tão bons como Sascha Paeth e Lukas Hainer, por exemplo. Formamos um bom time, então as coisas fluem naturalmente. Eu não costumo ficar impressionada com o que componho, mas eles ficam. Além disso, as pessoas têm gostado e, como você, apontado particularidades. Assim eu tenho certeza de que estou acertando (risos).

**Esses mesmos elementos mais pop também aparecem em *Written in Blood* e *Beyond the Mirror*, mas a coisa fica séria mesmo em *Dim the Spotlight*. Todas possuem refrãos pegajosos, mas se fosse gravada por Lady Gaga, esta última seria um hit nos quatro cantos do mundo.**

**Jennifer:** (rindo bastante) Isso seria ótimo! Pensando bem agora, eu deveria ter dado essa música para ela gravar (risos). Curiosamente, minha inspiração foi o Queen, mas apenas porque é uma banda que adoro, não porque tinha a pretensão de imitá-la. No entanto, os versos da canção realmente não têm nada a ver com o Queen, eles têm um ritmo bem distinto. *Dim the Spotlight* é definitivamente a música mais diferente que já fizemos. Ela não se compara a nenhuma outra do Beyond the Black, então eu tenho de concordar com você (risos).

**Em relação aos elementos comuns do gênero, devo dizer que a banda acertou em *Love's a Burden*, pois é uma balada que foge do padrão apresentado em *Against***





Tobi Lodes, Kai Tschierschky, Stefan Herkenhoff, Jennifer Haben, Chris Hermsdörfer e Jonas Roßner: a nova folia do metal sinfônico



**LOST IN FOREVER**  
HELLION - NAC

**the World e Halo of the Dark.**

**Jennifer:** Eu passei quatro anos compondo e tocando diferentes estilos, mas descobri que é possível usá-los no metal sinfônico. É o que amo fazer, então procurei mostrar isso desde o primeiro álbum. *Love's a Burden* é um pouco emocional para mim. Compus uma versão simples e gravei a demo apenas com violão. Depois que mandei para o Sascha, a resposta que tive foi que estava perfeita daquele jeito, então por que deveria fazer mais alguma coisa nela? Concordei e decidimos não acrescentar mais nada.

**E não poderia faltar um pouco de música celta, mesmo sendo o Beyond the Black uma banda alemã (risos). Mas como foi trabalhar esse elemento em Beautiful Lies e Beyond the Mirror?**

**Jennifer:** Sabe quando você ouve algo que o influencia? Isso acontece comigo quando fico fazendo buscas no Spotify por músicas do mesmo estilo que as minhas, de bandas do mesmo gênero, mas que ainda não conheço (risos). Talvez seja um pouco incomum, mas é assim que acabo descobrindo coisas diferentes que podem acrescentar algo ao que estou fazendo. Foi isso que aconteceu com *Beautiful Lies*, aliás. É como se eu fizesse um 'brainstorm' para ajudar na criação da minha própria música.

**É interessante por se tratar de algo vindo de alguém tão jovem. Assim como os elementos cinematográficos de The Other Side, que é, assim como Dim the Spotlight, uma faixa bônus da edição especial de Lost in Forever.**

**Jennifer:** E é legal que você tenha percebido isso, porque eu tinha em mente fazer algo como uma trilha sonora quando a compus (N.R.: Jennifer solfeja a melodia), e a letra

é emotiva e sombria. Quando a tocamos ao vivo, torna-se um momento muito particular, porque parece que sou capaz de qualquer coisa, até mesmo de chegar à Lua (risos). *The Other Side* é uma das músicas mais importantes para mim, exatamente por causa de sua atmosfera.

**O primeiro álbum foi gravado por músicos convidados, e a banda que saiu em turnê (N.R.: os guitarristas Nils Lesser e Christopher Hummels, o baixista Erwin Schmidt, o tecladista Michael Hauser e o baterista Tobias Derer) acabou substituída por outra em 2016. É muito claro quem é a figura central, mas você não teme que o Beyond the Black comece a ser visto como um projeto solo em vez de um grupo de verdade?**

**Jennifer:** Entendo o que você quer dizer e tenho de concordar, porque não é isso que eu quero. Foi uma situação incomum, porque ninguém imaginava que as coisas aconteceriam tão rapidamente. Começamos do nada e de repente estávamos na estrada abrindo para um gigante como o Scorpions. Logo depois que nosso primeiro disco foi lançado internacionalmente, já estávamos tocando fora da Alemanha. Tivemos de investir bastante, afinal, ninguém nos conhecia, mas eu sempre soube que o Beyond the Black é o meu bebê, então faria o que fosse preciso por ele. Por meses conversamos que teríamos de trabalhar muito duro, mas em algum momento foi demais para eles, que não quiseram mais continuar. Se os músicos que estavam comigo não tinham disposição para me acompanhar, sem problema, era só sair e encontrar outros que tivessem (risos). Foi o que fiz, porque não estou nem um pouco disposta a desistir do Beyond the Black.

**E eu iria perguntar se você é uma pessoa difícil...**

**Jennifer:** (rindo bastante) Não! Você acha isso? Eu não sou má pessoa (risos).

**De jeito algum. Não por essa entrevista (risos). De repente, as pessoas apenas têm que fazer do seu jeito, não?**

**Jennifer:** (rindo) Essa é uma pergunta difícil. Bom, a banda tem mesmo que querer aquilo que eu quero (risos). Na verdade, eu sempre jogo em função do time, e os músicos que estão comigo agora mandam muitas ideias de canções para mim, então é uma situação diferente da que vivi no começo. Eles trabalham comigo para fazer com que o Beyond the Black continue crescendo, para que levemos a banda a todos os lugares do mundo. Hoje eu tenho um bom time ao meu lado.

**Então, quando o Beyond the Black virá ao Brasil?**

**Jennifer:** Seria ótimo para nós ter a oportunidade de tocar aí, e eu conheço o carnaval do Brasil! (risos) Vejo na TV aquelas pessoas dançando e quero me juntar a elas, então espero fazer uma turnê pelo Brasil durante o carnaval (risos). O da Alemanha (N.R.: Karneval, em novembro) é divertido, mas tenho certeza de que não dá para comparar. Sempre fico com vontade de estar aí quando vejo imagens do seu carnaval.

**Acontece com quase todo estrangeiro (risos). Bom, obrigado pela entrevista, Jennifer, e o espaço final é todo seu.**

**Jennifer:** Ah, obrigada! Espero mesmo estar em seu belo país com os rapazes o mais breve possível. Tenho muita vontade de conhecer nossos fãs brasileiros, porque sei que vocês sabem festejar. Então, vamos festejar juntos. Se for no carnaval, melhor ainda



FOTO: ALEX MORRIS



## CANNIBAL CORPSE

RED BEFORE BLACK  
ROCK BRIGADE - NAC

9,0



**N**ão se engane! Se existe uma banda de death metal que é conhecida por todas as pessoas que curtem metal, ela atende por Cannibal Corpse. E o mais interessante é a maneira como esses caras conseguiram toda essa popularidade. Se você puxar pela memória, os quatro primeiros e clássicos discos do quinteto, ao lado do ex-vocalista Chris Barnes (Six Feet Under), mostravam um death metal esporroto e simples, recheado por capas repletas de 'gore' e canções cujas letras valeram a proibição de ser executadas ao vivo (algumas delas até hoje!). Pois bem, eles não abrandaram nem minimamente seu som e sua proposta estética em *Vile* (1996), seu quinto disco e o primeiro com o vocalista George "Corpsegrinder" Fisher. Se pegar tudo isso, talvez pareça mesmo estranho toda essa popularidade. Sim, é verdade que eles buscaram produções melhores e até acrescentaram uma pitada de técnica, mas você há de convir que de 'technical death metal' esses caras não têm nada, e que o old school continua imperando em suas composições. Dito isso, desde que o ótimo clipe de *Code of the Slashers* começou a pipocar pelas redes sociais, ficou claro que mais uma vez estaríamos diante de uma obra de

grande qualidade dessa instituição americana do death metal. E a expectativa não podia ser outra; já sabíamos o que esperar. Logo de cara, *Only One Will Die* vem com aquela pegada simples e direta do baterista Paul Mazurkiewicz, que chega ensopando o seu nariz com sangue, enquanto riffs certeiros da dupla Rob Barrett e Pat O'Brien atacam seus ouvidos como vespas mandarinas ensandecidas. A faixa que dá nome ao álbum mantém o ritmo em alta, com o pescoço cantando com todo aquele "apelo romântico" que sempre elevou nossas almas. Realmente incrível... Mas o ataque cadenciado de *Code of the Slashers* realmente cativa e, principalmente, aqueles que apreciaram essa pegada nos álbuns *Evisceration Plague* (2009) e *Torture* (2012) talvez curtam mais esse disco do que *A Skeletal Domain* (2014), que primou por faixas mais diretas. E essa não é a única referência pré-2014: *Red Before Black* trouxe consigo o retorno da produção de Erik Rutan (Hate Eternal, ex-Morbid Angel), que aqui também registrou guitarras em *In the Midst of Ruins* (um arregaço só!) e vocais em *Only One Will Die*. Um reforço de peso, sim, mas é realmente o quinteto original que brilha aqui! Alex Webster continua sendo um dos melhores baixistas do metal extremo (a disputa é complicada) e ousou dizer sem medo que aqui temos a melhor performance de Paul Mazurkiewicz em todos os quase trinta anos (que se completam ano que vem) atrás do kit dessa lenda do death metal. E é isso mesmo: é uma lenda, uma banda que não decepciona, que deixa seus fãs orgulhosos e que mais uma vez alcança um resultado acima da média. Curte death metal? Então, tenha esse disco!

**Valtemir Amler**



GREY WOLF  
THE BEGINNING  
ARTHURIUM - NAC.

8,0

Além de seis ótimas demos lançadas entre 2012 e 2013, os mineiros do Grey Wolf também contam com três álbuns de estúdio na bagagem, sendo *Glorious Death* (2016) o mais recente. Agora, a banda, que começou como um projeto solo no estilo de metal tradicional capitaneado pelo vocalista, multi-instrumentista e compositor Fabio Paulinelli, lança esta interessante compilação, com versões demo de músicas lançadas nos álbuns, outras que ficaram registradas apenas nas demos e também faixas ao vivo. Precipitado? Neste caso não, pois o que é ofertado aqui é de qualidade, incluindo a produção gráfica de capa e encarte, além da remasterização das faixas. Então, se você é fã de temas épicos de batalha consagrados por medalhões como Manowar, Grave Digger, Running Wild, Manilla Road e afins, certamente *The Elephant Tower*, *In the Shadows of Stygia*, *300* e *The Attack of the Dragons* cairão no seu gosto, especialmente esta última. Também ficaram bem legais as inéditas e exclusivas *The Beginning* e *Defenders of Steel*. Esta compilação é daquelas que vale a pena a aquisição!

**Écio Souza Diniz**



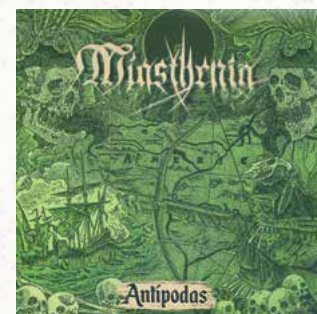
KADAVAR  
ROUGH TIMES  
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI - NAC.

8,5

Dentre tantas bandas de stoner com bases fincadas nos anos 70, os alemães do Kadavar estão entre os que melhor se deram.

Já são sete anos de história, quatro discos de estúdio, um álbum ao vivo e shows em profusão, o que deram ótima visibilidade e proporcionaram enorme evolução ao grupo. O power trio, sempre comparado a Led Zeppelin e Black Sabbath, agora conseguiu sua identidade própria, sem, contudo, negar suas origens. Assim, Christoph "Lupus" Lindemann (guitarra e vocal), Simon "Dragon" Bouteloup (baixo) e Christoph "Tiger" Bartelt (bateria) chegam a este *Rough Times* mostrando, acima de tudo, personalidade e diversidade. Momentos densos, até sombrios, como *Skeleton Blues*, *Die Baby Die* ou a esquisita *A L'Ombre Du Temps* (com letra declamada em francês) se misturam a outros em que, a despeito dos títulos, mostram uma banda com uma sonoridade menos sombria, a exemplo de *Vampires* e *Words of Evil*. Como em todo power trio que se preze, fica evidente a competência instrumental dos integrantes, o que acaba sendo um dos principais diferenciais do álbum. Banda com seu nome definitivamente escrito entre as principais da atualidade, que o futuro seja promissor ao Kadavar. Competência pra isso eles têm.

**Antonio Carlos Monteiro**



MIASSTHENIA  
ANTIPODAS  
MUTILATION - NAC.

8,0

Quando o projeto Levante do Metal Nativo surgiu com temas culturais do nosso povo, muitos torçiam por movimento, que se tornou um fenômeno. Mas o Miassthenia já trazia em seus álbuns reflexões sobre o misticismo do nosso passado. Aliás, a doutora em história, escritora, tecladista e vocalista da banda, Hécate, é autoridade no assunto e, com os colegas Thormianak (guitarra) e Nygrom (bateria), reforça a autenticidade do movimento. As letras de *Antipodas* discorrem sobre a resistência das amazonas contra o conquistador Francisco de Orellana, contrapondo a ótica cristã que ofusca a existência das mulheres guerreiras. O cenário dos "hinos" aponta para a América do século XVI e deixa a impressão de uma obra conceitual. A excelência também se acentua na parte musical, pois o Miassthenia sempre se mostrou uma banda de grandes ideias, com melodia nos riffs e melancolia nos arranjos. No novo álbum,

a "horda" satisfaz também na produção de Caio Cortonesi e na capa de Márcio Menezes, sem esquecer o trabalho de encarte feito por Slanderer Crowley. Toda essa competência vem acondicionada num digipack com partes em alto-relevo. Com este lançamento, o Miasthenia dá um salto elevado para a história do metal extremo brasileiro.

**Leonardo M. Brauna**



**MOONSPELL**

1755

NAPALM - IMP.

**9,5**

Mesmo com a ótima receptividade de *Extinct* (2015), o Moonspell buscou outra fórmula e não se repetiu, trazendo neste novo disco seu trabalho mais ousado, pois é todo cantando na língua portuguesa, mas isso não é à toa. *1755* retrata em forma de música o Sismo de Portugal, um terremoto ocorrido no dia 1º de novembro de 1755 e que destruiu quase por completo a capital Lisboa. Escutando o álbum, é possível sentir a intensidade e a melancolia do que ele representa liricamente. Tudo começa com uma versão orquestrada de *Em Nome do Medo*, clássico recente da banda cuja versão original está em *Alpha Noir/Omega White* (2012). Em seguida vem a faixa-título, com seus corais grandiosos e seu refrão pegajoso. *In Tremor Dei* também tem a força de corais, mas se destaca pela presença de Paulo Bragança, cantor português de fado que a deixa com uma cara bastante regional. *Desastre* traz riqueza entre peso, dedilhados e mudanças de andamentos. Boa parte da agressividade lembra bastante o álbum *Night Eternal* (2008), como se nota em *Abanão*. *Evento* é bastante climática e se destaca pela linha de baixo, assim como pelo teclado. Já *1 de Novembro*, data do abalo sísmico, surpreende pelos vocais de Fernando Ribeiro em tons altos e raivosos. *Ruínas*, por sua vez, perde força nesse miolo, pois vem seguida de *Todos os Santos*, outra das tomadas por belos coros. O final é um deleite aos brasileiros, com uma versão doom de *Lanterna dos Afogados*, clássico dos Paralamas do Sucesso. Que disco f\*\*a!

**Heverton Souza**



**BITER**  
THE EYES OF THE BITER  
CLASSIC METAL - NAC.

**8,0**

A cena 'true' está muito presente no underground brasileiro e bandas como o Biter, de Indaiatuba/SP, vão além de fazer o som que gostam, elas colaboram para a manutenção de estilos da década de 80. Em *The Eyes of the Biter*, as luzes da NWOBHM se acendem em canções como *Wild'n Free*, mas o quarteto surgido em 2015 também se apoia no speed metal, a exemplo de *Mistress of Darkness*. O que Diego Alcon (vocal e guitarra), Jimmy Walker (guitarra), Brian Adriano (baixo e vocal) e Anderson Bregantin (bateria) se propõem a fazer neste EP de seis faixas é simplesmente música com dedicação! Repare nos riffs, solos e refrãos, bem como na qualidade sonora, pois tudo aqui nos faz viajar nas esteiras do heavy metal de raiz. A faixa-título, com seu refrão à la Accept, é daquelas que podem gerar coros nos shows. O trabalho teve capa desenhada por Fabiano "Blator" (Battalion) e contou com participações especiais de Adriano Conde (Sweet Danger) e Gabriel Aguillar (Death Trap). Há mesmo muita gente fazendo a sua parte para manter o metal vivo e unido.

**Leonardo M. Brauna**



**WEAKLESS MACHINE**  
MANIPULATION  
INDEPENDENTE - NAC.

**8,0**

A banda gaúcha Weakless Machine foi formada em 2015 e no início de 2017 lançou seu primeiro álbum. *Manipulation* mostra uma banda que, apesar do pouco tempo de estrada, sabe bem onde quer chegar. Incorporando em uma sonoridade bem atual nomes como Killswitch Engage, Slipknot e Metallica, o grupo formado por Jonathan Carletti (vocal), Fernando Cezar (guitarra), Gustavo Razia (baixo) e Luke Santos (bateria - que gravou o álbum, mas não faz mais parte da banda), mostra personalidade em faixas em que o peso recebe a adição de uma pegada mais moderna. Produzido por Renato Osório (Híbria), o trabalho apresenta composições fortes e intensas, como é o caso de *Unbroken*, que ganhou também um vídeo. Baixo e bateria carregam no peso em outras faixas, como *Tarred With the Same Brush*, *Burning All* (na qual a variação de andamento mostra a versatilidade do grupo), *Get Ready*, *Kill* e *Tribal Wars*. Uma banda pronta para inserir seu nome no competitivo mercado atual. E o Rio Grande do Sul segue sua sina de revelar grandes bandas ao cenário do metal nacional. Weakless Machine. Guarde esse nome.

**Sergiomar Menezes**



**SOMBERLAND**  
PEST'OLGY  
HEAVY METAL ROCK - NAC.

**8,0**

Em 2016, a demo *Dark Silence of Death* chamou a atenção para uma "horda" de black metal que apareceu no ano anterior em Criciúma/SC. Naquela ocasião, o ainda trio Somberland conquistou a aprovação de um dos públicos mais exigentes do metal, que é a legião satânica, e agora brinda a todos com seu álbum de estreia. E. Nargoth (baixo e vocal) e W.A.G. (bateria) contaram com o reforço das seis cordas de Diavolus e Dmortest, que ajudaram a elevar o som da banda a um patamar mais caótico e pesado, sem diminuir a brutalidade de canções como *Here Has No Place for God*. O disco traz versões de *Fallen Angel*, *Forever Dark Wood* e *Into the Frost*, que estão na demo, e ainda revela o hino *Dark Silence of Death*. Os vocais rasgados e os belos solos em execuções como *Sadistic Instincts* e *Arise* oferecem mais arte negra, que chega com fúria nos primeiros momentos do CD, inaugurado com a faixa-título. Um atrativo para o ouvinte nas composições do Somberland é que o quarteto não se limita apenas à constituição do barulho, porque harmonia e melodia se adaptam ao som, como em *When Future No Matter*. Aqui surge mais um nome de qualidade na cena negra do metal.

**Leonardo M. Brauna**

**VOLUMEN BRUTAL**  
CD, DVD e Blu-ray

Av. São João, 439 - Mezanino - Loja 209  
Centro - São Paulo/SP - CEP: 01035-000  
Tel: (11) 3222-8454 (Ricardo ou Joe)  
E-mail: contato@volumenbrutal.com.br

[www.volumenbrutal.com.br](http://www.volumenbrutal.com.br)

**A MAIS NOVA LOJA DE ROCK  
NA 'GALERIA DO ROCK' !**

**MECHANIX**  
CDs

Compra, Venda e Troca.

Rua 24 de Maio, 62-1º andar - Loja 252  
CEP 01041-000 - Centro - São Paulo-SP  
Tel. (011) 3223-8101  
e-mail: robson.sevilha@terra.com.br  
[www.mechanixcds.cjb.net](http://www.mechanixcds.cjb.net)

# TARJA

FROM SPIRITS AND GHOSTS (SCORE FOR A DARK CHRISTMAS)  
EARMUSIC/SHINIGAMI - NAC.



Faz tempo que discos de Natal deixaram de ser uma novidade no rock. Da complexidade do Trans-Siberian Orchestra ao relaxado Twisted Sister, teve até tributo com grandes nomes do heavy metal – lançado em 2010, *We Wish You a Metal Xmas and a Headbanging New Year* trouxe Ronnie James Dio, Lemmy, Alice Cooper e outros em músicas para dar mais peso à noite de Natal. Então, o que fazer para se destacar depois de o assunto

ter caído no lugar-comum? Mostrar que a data não tem apenas panetones e rabanadas, e foi isso que Tarja Turunen fez ao deixar a alegria da ocasião mais sombria e interessante. Canções como *We Three Kings*, *Pie Jesu* e *O Come, O Come, Emmanuel* apresentam um agradável tom introspectivo, enquanto a beleza de *Have Yourself a Merry Little Christmas*, *God Rest Ye Merry Gentlemen* e *What Child Is This* foi mantida em passagens que vão do alto astral

ao clima mais carregado. Única faixa autoral, *Together* dá o tom exato de um trabalho que transforma *We Wish You a Merry Christmas* numa obra gótica. E se nem tudo funciona a contento, uma vez que *Feliz Navidad* pouco acrescenta, três faixas valem todo o investimento: *Deck the Halls*, *Amazing Grace* e *O Tannenbaum* ficaram espetaculares, com interpretações e arranjos orquestrais de tirar o fôlego.

**Daniel Dutra**

8,0



**VERSOVER**  
HELL'S INC.  
DIE HARD - NAC.

8,0

O Versover é conhecido pelos álbuns *Love, Hate & Everything in Between* (2000) e *House of Bones* (2003), além de ter um EP e um álbum ao vivo em sua discografia. Ou seja, os irmãos Rodrigo Carmo (vocal) e Gustavo Carmo (guitarra) e os companheiros de banda Leandro Moreira (baixo) e Maurício Magaldi (bateria) já têm muita bagagem. Como o metal progressivo sugere, as músicas deste terceiro disco esbanjam elegância no instrumental e nas orquestrações sob uma produção aparatosa, porém sem dispensar a agressividade. As letras mergulham no existencialismo cotidiano, que nos dias de hoje não está agradando a ninguém. *Human Condition* é uma das faixas que transformam tudo isso em massa sonora, enquanto *Edge* vem embelezada por arranjos e melodias marcantes. Virtuoso e peso intercalados são captados em *Lady Death*, que mostra o talento de Gustavo. Já em *Howling Pain*, uma das mais violentas do álbum, o baixo de Leandro se porta como maestro. Com bandas como o Versover, o heavy metal estará sempre em boas mãos.

**Leonardo M. Brauna**



**MINISTÉRIO DA DISCÓRDIA**  
ABISMO  
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Power trio originário de São Paulo (SP), o Ministério da Discórdia lançou em 2013 seu debut autointitulado mais voltado ao heavy/thrash metal, mas agora ressurge com outra proposta no EP *Abismo*. Ainda faz heavy metal cantado em português, mas agora Maurício Sabbag (vocal e guitarra), Carlos Botelho (baixo) e Inácio Neme (bateria) mergulham com mais profundidade nas águas do stoner e executam suas músicas valorizando o peso e o andamento cadenciado. Como sugere o estilo, riffs arrastados se intercalando com partes velozes, como em *Supremo Concílio*, formam a característica principal deste disco. A faixa-título apresenta influências quase que obrigatórias de Black Sabbath. Já *Perdidos* traz uma suntuosa performance nos solos da guitarra de Sabbag e no Hammond do músico convidado Gus Sanches, que também participou em *Abrace a Discórdia*. Se continuarem por esse caminho, brevemente farão parte da linha de frente do stoner metal brasileiro.

**Leonardo M. Brauna**

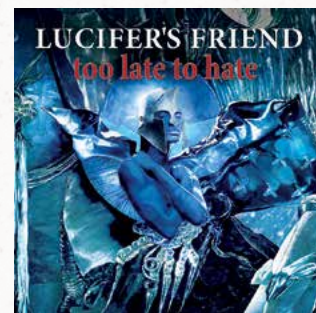


**CENTRATE**  
RITUAL  
HEAVY METAL ROCK - NAC.

7,5

A antiga cena na Alemanha é uma das maiores influências para o thrash metal atual. Lá apareceram nomes que pavimentaram o estilo nos anos 80, mas é claro que ainda surgem novidades naquele país. É o caso do Centrate, banda de Dillenburg que está lançando seu primeiro álbum depois da estreia com o EP *Tiger Force* (2015). O que se ouve em *Ritual* é o que muito grupo germânico possui, ou seja, aquele DNA de velocidade e pegada forte. Esses são os predicados encontrados em músicas como *Soul Collector*, que se divide em sessões rápidas e cadenciadas. Em *Old Man's Table*, os riffs e solos funcionam com boa sintonia, enquanto a pancadaria de *Infected* algumas vezes é cortada por 'breakdowns'. Porém, o que mais aproxima o público de uma banda formada na escola de Sodom, Destruction, Kreator e Tankard é a capacidade que ela tem de gerar 'circle pits', e isso está presente em canções como *Voodoo* e *In the Face of Death*. Parece mesmo que o movimento retrô também tem grandes representantes num de seus lugares de origem.

**Leonardo M. Brauna**



**LUCIFER'S FRIEND**  
TOO LATE TO HATE  
HELLION - NAC.

8,0

Lançado em outubro do ano passado no exterior, o novo trabalho do Lucifer's Friend ganha agora a sua versão nacional. Claro, estamos falando da banda de John Lawton, que, inclusive, esteve na seção Playlist da edição #225 falando de uma das faixas deste disco, bem como de toda a sua obra, incluindo a passagem pelo Uriah Heep. Ainda que a coletânea *Awakening* (2015) tenha apresentado novas composições, *Too Late to Hate* é o primeiro de estúdio da banda desde *Mean Machine* (1981). Aqui, nota-se o retorno ao hard rock e prog. Portanto, afastando-a da fase experimental pela qual passou em meados dos anos 70 após ter soltado o clássico debut homônimo em 1970. Isso é notado logo de cara com a acelerada e marcante *Demolition Man*, que traz uma bela linha de teclado criada pelo guitarrista Peter Hesslein – completam a formação Dieter Horns (baixo), Stephan Eggert (bateria) e Jogi Wichmann (teclado). Há mais faixas energéticas que merecem destaque, como *Jokers & Fools*, *Sea of Promises* e *Straight for the Heart*, além da "épica" *When Children Cry* e da melódica *I Will Be There*. Totalmente indicado não só a quem acompanha John Lawton, mas aos fãs de Heep, UFO e Purple.

**Ricardo Batalha**

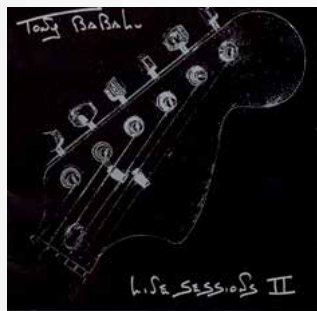


**LIVING COLOUR**  
SHADE  
MEGAFORCE - IMP.

**9,0**

Oito anos desde *The Chair in the Doorway* (2009). Se levarmos em consideração que a música precisa do Living Colour, é uma eternidade. No entanto, *Shade* compensa tanto tempo de espera: é o melhor trabalho de Corey Glover (vocal), Vernon Reid (guitarra), Doug Wimbish (baixo) e Will Calhoun (bateria) desde o retorno em 2000. Tudo bem que foram apenas três álbuns – o outro é *Collidescope* (2003) –, mas quando falo que é o melhor, lembre-se do alto nível dos anteriores... *Shade* reforça o engajamento político e social do quarteto, e quatro faixas se destacam de cara: *Freedom of Expression (F.O.X.)*, que inclui sampler de um discurso de Malcom X; *Program*, com uma contagiante passagem rap na voz de Daryl "Malachi" Thomas Jr.; e os covers *Who Shot Ya?* (The Notorious B.I.G.) e *Inner City Blues* (Marvin Gaye). Há ainda uma versão arrasadora de *Preachin' Blues*, de Robert Johnson, mas os destaques não param por aí, porque *Come on, Always Wrong*, *Blak Out*, *Pattern in Time*, *Who's That* e *Invisible* fazem jus ao soberbo passado da banda. E como se tudo isso não fosse suficiente, *Two Sides* é a música mais bonita que você vai ouvir este ano – como canta esse Corey Glover, como toca esse Vernon Reid... "Play on, brother. Play on."

**Daniel Dutra**



**TONY BABALU**  
LIVE SESSIONS II  
AMELLIS - NAC.

**9,0**

Tony Babalu (Made in Brazil, Quarto Crescente) é um dos principais guitarristas

deste país. A maioria das pessoas não sabe disso porque ele optou por manter uma carreira no rock, no blues, na soul music e no jazz. Sorte daqueles que gostamos desses gêneros, porque, vez por outra, Tony nos brinda com algum novo trabalho, como é o caso deste *Live Sessions II*. Totalmente instrumental e gravado ao vivo no Estúdio Mosh, o disco mostra, a exemplo do primeiro volume (lançado em 2014), toda a gama de estilos em que o talento do músico se mostra em sua plenitude. Acompanhado pelos sensacionais Adriano Augusto (teclados), Leandro Gusman (baixo) e Persio Sapia (bateria), Babalu vai do boogie de *Locomotiva* à balada *Valentina* com a desenvoltura que só quem é do ramo pode apresentar. *Veia Latina* e *In Black* entregam nos títulos a que vieram e mostram que as influências de Tony não se limitam ao rock'n'roll. A gravação ao vivo e o uso de equipamentos vintage também garantem ao disco um muito bem-vindo clima setentista, tão raro nos dias de hoje. Se seu gosto musical vai além do rock, este disco é obrigatório. Caso contrário, ele é obrigatório também.

**Antonio Carlos Monteiro**



**PRIMORDIUM**  
OLD GODS  
RISING - NAC.

**7,5**

O Primordium é referência quando o assunto é cultura egípcia, e seu 'debut', *Todtenbuch*, foi até votado como um dos melhores de 2014 em muitos veículos. Agora, a banda de Natal/RN sobe ao altar para adorar os "deuses antigos" em *Old Gods*. O death metal cheio de efeitos e arranjos que lembram o cenário egípcio continua firme e forte nas composições, resultando na fúria gutural do vocal e no poder dos riffs de guitarra. O álbum abre com *Pesedjet*, um epílogo que traz um clima soturno quebrado pela violenta *Num (Pralaya)*. A maior representação da cultura dos faraós está contida na instrumental *lunet Mehet (Pillar of North)*, na qual os músicos contam com a participação do percussionista Denário Gomes; com o sitar, instrumento de origem indiana, de Aluizio Guimarães; e com a técnica vocal de Carlos Garibaldi. Pode-se dizer que o Primordium é uma banda brutal com muita pompa.

**Leonardo M. Brauna**



## FRONT COVER POR MARCELO VASCO\*



### IRON MAIDEN KILLERS

Uma das capas mais icônicas do heavy metal e que, pessoalmente, foi a que me inspirou e introduziu não só nesse gênero musical, como também no nicho das artes gráficas: *Killers*, do Iron Maiden. Assinada pelo lendário artista Derek Riggs, ela foi meu primeiro contato áudio-visual com esse mundo tão aterrorizante, mas extremamente sedutor.

A clássica capa traz a mascote Eddie, que já havia aparecido no primeiro álbum, homônimo, de 1980. Riggs pintou a imagem ainda um ano antes de a banda iniciar suas atividades e Eddie já tinha uma aparência muito similar, mas foi na capa de *Killers* (1981) que realmente tomou a forma e as feições que conhecemos. Na ilustração, aparece em primeiro plano com um sangrento machado na mão, enquanto apenas os braços da vítima, caída no chão e fora de enquadramento, seguram sua camiseta quase como um pedido de misericórdia.

O cenário de fundo foi inspirado num bloco de apartamentos onde Riggs morava, no norte de Londres, um lugar chamado Etchingham Court. Inclusive, nesse cenário encontramos alguns elementos que figuraram em muitas capas do Iron Maiden, como o gato preto.

Riggs levou em torno de uma semana para pintar a tela original, em aquarela. E a paleta de cores é incrível, misturando tons quentes e frios, destacando-se o amarelo, o vermelho e o cinza, criando uma abordagem ainda mais dramática. Talvez por uma razão emocional, essa capa é a minha preferida, mesmo achando injusto com a minha própria consciência escolher uma ou outra, já que a maioria das artes do Maiden são fantásticas e enormes referências para mim.

Em meados dos anos 80, eu já adorava desenhar e era apaixonado por monstros e aliens que via nos filmes de terror e sci-fi. Lembro como se fosse ontem de estar sempre desenhando durante o recreio, no colégio. Num determinado dia, um colega se aproximou e me mostrou uma fita cassete, perguntando se conseguiria desenhar o monstro que tinha na capa – era Eddie, em *Killers*. Peguei a fita emprestada e logo que a coloquei para tocar fui surpreendido por algo ainda mais intenso. Assim, fui levado para o "lado negro da força". Era um mundo novo se abrindo e, a partir daquele momento, minha vida nunca mais foi a mesma. Acho que esse episódio foi o pontapé inicial para o desenvolvimento da minha personalidade musical e artística, sendo parte essencial do que sou hoje.

(\* ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.



**KANSAS**  
LEFTOVERTURE LIVE & BEYOND  
INSIDEOUT - IMP.

**8,0**

Com uma carreira lendária que abrange mais de quatro décadas, o Kansas estabeleceu-se firmemente como uma das bandas mais icônicas do progressivo e do rock. Afinal, são quinze álbuns de estúdio, incluindo aí o clássico dos clássicos *Leftoverture*, que completou quarenta anos no ano passado. Para comemorar a data, a banda criou a turnê *Leftoverture 40th Anniversary Tour*, que, ao longo de 2016 e 2017, celebrou também o álbum de estúdio *The Prelude Implicit*, o primeiro em dezesseis anos. E dessa turnê nasceu este ao vivo. O mais legal é que ele já abre com as faixas *Icarus II*, de *Somewhere to Elsewhere* de 2000 e *Icarus (Born on Wings of Steel)*, do álbum *Masque* (1975). Quando uma banda tem história, ela pode se dar a esse luxo! É lógico que tem *Carry on Wayward Son*, que continua a ser uma das cinco músicas mais tocadas nas rádios de rock mundo afora, além de *Dust In the Wind*, que já foi tocada nas rádios mais de três milhões vezes! Mas uma pena que não tem *Play the Game Tonight*, da época com John Elefante nos vocais. Hoje a banda tem Ronnie Platt nos vocais e ele não compromete, afinal substituiu nada menos que Steve Walsh, que se aposentou em 2014.

**Claudio Vicentin**



**MARILYN MANSON**  
HEAVEN UPSIDE DOWN  
UNIVERSAL - NAC.

**9,0**

A música de Marilyn Manson – pelo menos para ele – é o mais importante. In-

dependentemente de ter se transformado em um ícone, uma pessoa misteriosa, um mito, o satanista mais famoso da música, principalmente nos anos 90, mostra que ainda tem muito a perturbar com seu décimo álbum de estúdio. E podemos até classificar *Heaven Upside Down* como seu álbum mais “romântico”, como ele próprio declarou em entrevistas. Isto é comprovado em *Kill4Me*, na qual ele pergunta: “Você mataria por mim?” E é ao mesmo tempo uma questão irônica na medida em que ele odeia em músicas que as pessoas cantam chorando: “Você morreria por mim?”. E todos os temas que os fãs esperam que ele cante estão aqui: sexo, religião, violência, drogas e por aí vai. Escute *Je \$ u \$ Cri \$ i \$*, pois lá estão todos esses temas de uma só vez. Em cima dessas letras, o instrumental industrial e pesado, os riffs e seus sussurros marcam presença como tem que ser. E suas tiradas como na excelente *Say10* são ótimas, na qual ele canta: “You say ‘God’ and I say ‘Say 10’” em um refrão muito envolvente e pesado. Em *Saturnalia*, faixa de quase oito minutos com influências de anos 80 e de Bauhaus, ele canta o luto pela morte do pai. A faixa-título é musicalmente uma aventura de pegada dançante e lembra em algumas partes David Bowie! Encontraria um lugar na pista de dança se a letra não fosse tão sombria. Sem dúvida, Manson lançou um CD com as qualidades dos seus álbuns dos anos 90, com ótimas letras e produção impecável.

**Claudio Vicentin**



**TRIVIUM**  
THE SIN AND THE SENTENCE  
ROADRUNNER - IMP.

**9,0**

Duas ações estávamos esperando do Trivium: a primeira ação seria trocar de gravadora. A Roadrunner hoje não é nem sombra do que foi nos anos 90, pois tem perdido bandas e mais bandas – a mais recente foi o Dream Theater. Não tem uma assessoria decente (há anos não conseguimos entrevistar a banda) e mantém uma parceria com a Warner no Brasil que não lança os álbuns deles aqui e nem deixar ninguém lançar. Até agora nem sinal desse CD sair em versão nacional, assim como não saiu o anterior. A segunda ação (muito importante): eles gravaram

um álbum de qualidade de novo! O Trivium foi uma banda muito bem falada em seus primeiros álbuns, mas, desde então, são muitas fases diferentes. Acredito que eles chegaram a um ponto em que ou vai ou racha... E foram! O problema com a voz de Matt Heafy nos últimos anos pode ter limado a inspiração da banda, vide o álbum anterior, *Silence in the Snow*, que nem teve vocais agressivos, e por isso escutar a faixa título que abre esse CD foi revigorante. Refrão forte, berrado, belos coros e uma melodia forte! A faixa seguinte, *Beyond Oblivion*, mantém o poder e *The Heart From Your Hate*, definitivamente, coloca a banda no jogo de novo. Guitarras com sete cordas estão de volta e após escutar o CD é incontentável que a escolha do baterista Alex Bent (ex-Battlecross) foi muito acertada. Seus bumbos e ‘blast beats’ (que também retornaram) são sensacionais! As onze faixas são legais. Estava desistindo do Trivium? Pode voltar atrás, pois dá para sentir em cada nota que a banda está confiante de novo.

**Claudio Vicentin**



**SEVEN SPIRES**  
SOLVEIG  
HELLION - NAC.

**7,5**

Depois do lançamento do EP *The Cabaret of Dreams* (2014), o Seven Spires dividiu o palco com nomes como Arch Enemy, Fleshgod Apocalypse, Epica e Kreator, entre outros. Isso deu uma boa dose de experiência ao grupo americano, que chamou o renomado Sascha Paeth (Avantasia, Shaman, Kamelot etc.) e soltou seu primeiro álbum. *Solveig* vem para comprovar a boa capacidade técnica e criativa do grupo, que apesar de receber o rótulo de symphonic metal tem muito mais a oferecer em sua música. Pesada, muitas vezes bastante intensa, a sonoridade do quarteto apresenta uma gama enorme de variações. Podemos ouvir desde orquestrações muito bem elaboradas até momentos extremos e próximos do black metal – sem exageros, obviamente. O guitarrista Jack Kostó garante o peso com riffs agressivos, enquanto o baixista Peter Albert de Reynna e o baterista (ao vivo) Chris Dovas mostram ótimo feeling e entrosamento. O grupo funde os vários estilos que

agrega em músicas poderosas como *The Paradox* e *Burn*, que trazem orquestrações complexas e se encaixam dentro da agressividade, principalmente pelos vocais de Adrienne Cowan, que é dona de uma voz potente e versátil. Um trabalho que serve para mostrar que o heavy metal se renova a cada dia – algo que você, leitor, já está cansado de saber...

**Sergioimar Menezes**



**FABIANO NEGRI**  
WHEN NOTHING IS RIGHT,  
ANYTHING IS POSSIBLE  
INDEPENDENTE - NAC.

**8,0**

Enquanto vemos por aí bandas se preocupando com mercado, estilos e tendências a seguir, temos músicos que mandam um belo “vai se danar” a todo esse teatro que vem se tornando o rock. Dessa forma, tocam sua carreira, sem alarde e com qualidade. É o caso do vocalista Fabiano Negri, que, após anos dedicados ao Rei Lagarto e também ao Dusty Old Fingers, vem tocando uma carreira solo, no mínimo, interessante. Digo isso porque o cantor não fica querendo saber qual o “boom” do momento, apenas se dedica a fazer boas músicas. E a coisa não é diferente em seu novo registro de inéditas, que seguramente é um dos seus melhores momentos. Apesar de manter uma linha musical característica, Negri aposta em dois elementos que seguramente o farão ganhar mais admiradores: refrão e introspecção. Muito bem pensados e combinados, tais elementos fazem com que o ouvinte escute o material por diversas vezes sem enjoar. Um exemplo fica para *My Flesh*, que, se tivesse oportunidade, faria muito bonito nas rádios rock. Já *Absolutely* é uma viagem pelo jazz e pelo soul, enquanto *Dear Capitain* conquista pelo refrão e pelos andamentos lentos e cativantes, além de solos com um quê de Joe Perry (Aerosmith). Assim como Fabiano, que tal você buscar novas bandas e artistas ao invés do que todos procuram? Creio que sua lista de grupos favoritos aumentaria consideravelmente.

**João Messias Jr.**



**WILD WITCH**  
THE OFFERING  
ARTHORIUM - NAC.

**8,5**

Formado em 2011 em Curitiba (PR), o Wild Witch apresenta aqui seu primeiro álbum, sucessor do bem recebido EP *Burning Chains*, que obteve boa repercussão na Europa ao ser lançado em cassete pelo selo francês Infêrno Records. Felipe Rippervert (vocal e baixo), Mariano Burich (guitarra) e Weiberlan Garcia (bateria) trazem aquele bom e velho metal tradicional oitentista, especialmente com elementos da NWOBHM. Isso mesmo, você ouvirá ótimos sons no naipe de medalhões com Angel Witch, Judas Priest, Accept, Iron Maiden (dois primeiros álbuns), Tokyo Blade e Venom. A abertura com *Heavy Metal Inferno* tem aquela pegada mais compassada e marcante, mas se você quer influência pura e genuína da NWOBHM, com *Night Rulers* não tem erro, com refrão, riffs e solos rápidos que facilmente não grudarão na sua mente. Já os riffs cortantes de *From the Purgatory* são de puro aço, mas como é saboroso ouvir um som com o começo no baixo cavalgado como em *To the Lions*. Também se destacam a dinâmica *Exiles in Hell*, com sua pegada mais épica, e *Lightning on the Road*. Conclusão: um ótimo início.

**Écio Souza Diniz**



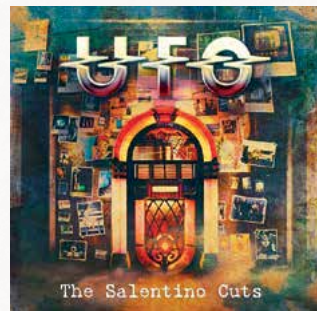
**VUUR**  
IN THIS MOMENT WE ARE FREE - CITIES  
INSIDEOUT - IMP.

**9,0**

Antes de mencionar qualquer outra coisa, que isto seja colocado: se o nome Anneke van Giersbergen está relacionado

ao lançamento de algum disco, seja ele qual for, você pode comprar sem medo. Veja bem, essa sensacional vocalista holandesa já participou de três discos do Ayreon, coleciona colaborações com o incansável Devin Townsend e fez bons álbuns com Agua de Annique e The Gentle Storm – isso tudo sem esquecermos tudo de fantástico que ela fez com o The Gathering. E adivinha quem assume os vocais neste Vuur? Certo, então já partimos da premissa de que este é um disco acima da média. Junte-se a isso o fato de que não temos uma história temática, mas sim um feeling temático, e as coisas dificilmente poderiam ser melhores. Com a ideia de abordar em cada faixa uma cidade que visitou em sua extensa carreira e a marca que cada uma deixou em sua alma, o Vuur explora o lado mais progressivo da carreira da vocalista holandesa. Isso é algo que se percebe nitidamente em faixas bonitas como *The Martyr and the Saint – Beirut*, e nas mais pegadas, como *Your Glorious Light Will Shine – Helsinki*. Se curta o lado mais gótico, ouça *The Fire – San Francisco* ou *Sail Away – Santiago* e se deleitará. Mais uma vez ela surpreendeu.

**Valtemir Amler**



**UFO**  
THE SALENTINO CUTS  
CLEOPATRA - IMP.

**8,0**

Depois de *A Conspiracy of Stars* (2015), o UFO retorna com um disco de covers. De cara, chama a atenção a coincidência de ter sido lançado dias antes do falecimento de Tom Petty e o repertório ter a música *Honey Bee*, originalmente de *Wildflowers* (1994). A agora cinquentona *Break On Through (To the Other Side)*, do The Doors, ficou bem interessante nas mãos de Phil Mogg (vocal), Vinnie Moore (guitarra), Paul Raymond (guitarra e teclado), Rob De Luca (baixo) e Andy Parker (bateria). Outras, ainda mais antigonas, são *Heartful of Soul*, single de 1965 do The Yardbirds, que aqui vem com mais peso na bela atuação de Vinnie Moore; e *It's My Life*, do The Animals, uma das mais legais. Por falar em classic rock, *The Pusher*, sucesso do debut do Steppenwolf, de 1968, mostra bela interpretação de Mogg. Caminhando para os anos 70 com um belo groove, o

UFO escolheu *Just Got Paid*, gravada em 1972 no segundo disco do ZZ Top, *Rio Grande Mud*, além de *Too Rolling Stoned*, lançada também em 72 por Robin Trower em *Bridge of Sighs*. Duas das, digamos, normais para se fazer versões também constam aqui – *Rock Candy* (Montrose) e *Mississippi Queen* (Mountain) –, mas surpreendem escolhas anormais, como *River Of Deceit* do Mad Season, representando a era grunge, e a bluesy *Ain't No Sunshine*, de Bill Withers. Destaque ainda para a animada e trintona *Paper In Fire*, que saiu em *The Lonesome Jubilee*, de John Mellencamp. Posso imaginar os vovôs do rock se divertindo ao escolher, ensaiar e gravar estas músicas. Bem, você também irá ao colocar *The Salentino Cuts* para “rodar”.

**Ricardo Batalha**



**THRESHOLD**  
LEGENDS OF THE SHIRES  
NUCLEAR BLAST - IMP.

**9,0**

Eis aí uma banda subestimada! O Threshold deveria ser uma das maiores bandas de prog metal do mundo, mas não é. Sabe-se lá porque, mas estamos aqui para falar de *Legends of the Shires*, que é mais uma obra excelente do quinteto inglês. Damian Wilson não está mais nos vocais – de novo – e a banda tem o retorno de Glynn Morgan, que gravou o álbum *Psychedelicatessen* (1994). E o trabalho de Glynn no decorrer deste CD duplo é de impressionar pelas melodias vocais que ele encaixa. Sua voz continua a mesma, com um timbre arrebatador como escutamos em *The Shire (Part 1 e 2)*. Os refrãos vultuosos e cheios de coro estão lá também e fazem com que esse seja um dos trabalhos mais progressivos da banda. Mas é impossível falar de Threshold sem citar o trabalho de guitarra de Karl Groom e os teclados de Richard West. Praticamente cada nota que essa dupla solta é de um bom gosto espantoso. As harmonias e passagens acústicas estão por toda a parte e engrandecem as composições ao lado dos riffs de guitarra. E tudo em uma seqüência com a dinâmica certa, as músicas se encaixam do início ao fim. Escute *The Man Who Saw Through Time* e perceba como os arranjos e a estrutura são envolventes. É um álbum conceitual sobre

como encontramos nosso lugar no mundo, em um nível político ou pessoal, e como nos relacionamos uns com o outros. Uma jornada pela vida, alguém encontrando seu caminho no mundo. Assista ao videoclipe de *Small Dark Lines*, que ilustra em parte o conceito. Puro talento!

**Claudio Vicentin**



**REVOLUTION SAINTS**  
LIGHT IN THE DARK  
FRONTIERS MUSIC - IMP.

**9,0**

O currículo dos músicos já havia causado expectativa em 2014, quando foi lançado o homônimo álbum de estreia, e Doug Aldrich (guitarra), Jack Blades (baixo e vocal) e Deen Castronovo (bateria e vocal) não decepcionaram. Infelizmente, a trajetória foi interrompida devido aos problemas do baterista com as drogas e suas consequências. Mas como todo mundo merece uma segunda chance, Castronovo – hoje também no The Dead Daisies – voltou à ativa com o trio, que lançou um disco ainda melhor. Com a ajuda do tecladista Alessandro Del Vecchio, que produziu o trabalho, *Light in the Dark* é uma joia do hard rock melódico, um trabalho cujas músicas grudam tanto que você se pega cantando os refrãos até quando está lavando louça. E das onze canções, sem exceção, a começar pela faixa-título, que tem o batera e Blades dividindo os vocais e ainda traz um riff e um solo matador de Aldrich (como esse cara está tocando!). É música para virar aquele clássico que encerra o show. Sem fugir da proposta, a banda mete um pouco de rock'n'roll nas ótimas *Don't Surrender*, *The Storm Inside* e *Running on the Edge*; grita anos 80 em *Freedom*, *Take You Down*, *Another Chance* e *Falling Apart*; entrega um arrasa-quarteirão em *Ride On*; e faz baladas à la Journey em *I Wouldn't Change a Thing* e *Can't Run Away from Love*, nas quais Castronovo mostra que é um extraordinário baterista que canta demais.

**Daniel Dutra**

# SONS OF APOLLO

PSYCHOTIC SYMPHONY  
HELLION - NAC.



**J**eff Scott Soto (vocal), Ron "Bumblefoot" Thal (guitarra), Billy Sheehan (baixo), Mike Portnoy (bateria) e Derek Sherinian (teclados)... A definição de supergrupo, não há dúvida alguma, mas não deixa de ser curioso que o principal apelo do Sons of Apollo seja a volta de Portnoy ao prog metal desde a sua saída do Dream Theater, em 2010. E se era esta a maior expectativa dos fãs, o quinteto a justificou com louvor, porque *Psychotic Symphony* é um baita disco. Esqueça a dúvida levantada por *Coming*

*Home* – afinal, precisamos lembrar que é a música de trabalho – e mantenha o sorriso de orelha a orelha depois de *God of the Sun*. Tudo o que você esperava está nos onze minutos da canção que abre o CD: com o bônus de ter a voz do sempre ótimo Soto, o instrumental absurdamente técnico (como é bom ouvir Sheehan tocando esse tipo de música) pontua quebraadeiras, muitas mudanças de tempo e passagens de tirar o fôlego. O deleite continua com *Labyrinth* e *Opus Maximus*, as outras duas faixas mais longas, enquanto o peso e

o lado mais moderno se fazem presente em *Signs of the Time* e *Lost in Oblivion*, principalmente, porque nem toda canção mais curta vai por esse caminho: *Alive* é muito bonita, e a sensacional *Divine Addiction* respira rock'n'roll. E, sim, Portnoy está tocando como nunca nos últimos oito anos, mas isso já era esperado. Portanto, a surpresa mais do que agradável fica por conta de Sherinian e Bumblefoot, que roubam a cena em vários momentos ao longo do álbum.

**Daniel Dutra**

9,0



**SANTA CRUZ**  
BAD BLOOD RISING  
SAKARA - IMP.

8,0

A postura libertária é o grande trunfo nos trabalhos de Archie Kuosmanen (vocal e guitarra), Johnny Parkkonen (guitarra), Middy Toivonen (baixo) e Taz Fagerström (bateria). Apesar de a base ser o hard rock, os músicos mantiveram aquilo que já haviam feito em *Santa Cruz* (2015), contando com peso, melodia e tempero do pop contemporâneo ou utilizando afinações mais baixas quando bem entendem. Onde cabe e sentem, eles colocam e, assim, não perdem em energia. Apesar disso, desta vez o lado mais pop, especialmente nas linhas de voz e nos coros, está mais evidente. Calma, ainda há vocais com malícia hard e os mais agressivos. Ouça *Voice of the New Generation* para entender. Destaques ainda para *Back from the Dead*, *Bad Habits Die Hard*, *Pure Fucking Adrenaline* e *River Phoenix*, essa em homenagem ao jovem ator falecido em outubro de 1993 na entrada do The Viper Room de Los Angeles, em decorrência de abuso de drogas. Se o nosso Santa Cruz caiu para a segundona e agora corre risco de voltar para a Série C do Brasileiro, o grupo homônimo finlandês, fundado há dez anos, já passou o HJK Helsinki e está em vias de disputar a UEFA Champions League. Confira!

**Ricardo Batalha**

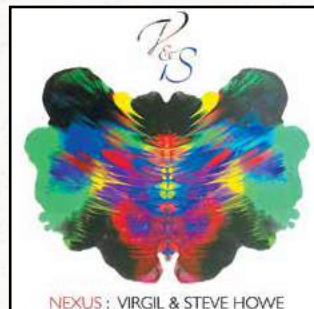


**QUINTESENTE**  
SONGS FROM CELESTIAL SPHERES  
ROADIE METAL - NAC.

8,0

Na edição #222 da ROADIE CREW, a resenha do promo *The Belief of the Mind Slaves*, na seção Garage Demos, já alertava para o lançamento do primeiro álbum completo da carioca Quintessente, o que se concretiza em *Songs from Celestial Spheres*. O disco, em que o belo e o rústico se misturam nas vozes de Cristina Müller e André Carvalho, contém muitos duetos de voz e um instrumental inspirado. Intercalando músicas épicas e aceleradas, os arranjos de teclado feitos pela própria Cristina fornecem uma atmosfera suave em canções como *Matronæ Gaia (Chapter II)*, mas também acompanham com efeitos vibrantes riffs velozes como os de *L'eternità Offerto*. André não se limita apenas a cantar com gutural e rasgado como em *My Last Oath*, pois em canções como *Essente* também recorre à voz limpa. Em *Delirium*, destaque para o guitarrista Cristiano, que explora bem a sua técnica, além da cozinha pulsante do baixista Luiz Fernando e do baterista Leo Birigui. Acertaram na sonoridade e no design criado por Marcus Lorenzetti, que vem num digipack contendo CD e encarte/livreto. Bem-vindo ao metal classe A.

**Leonardo M. Brauna**

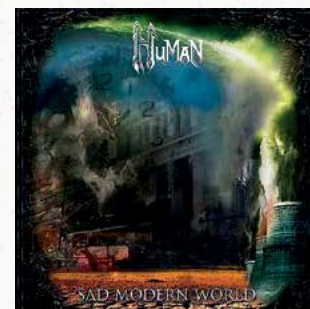


**VIRGIL & STEVE HOWE**  
NEXUS  
INSIDEOUT MUSIC - IMP.

8,5

Era para ser algo que todo pai músico deve almejar: Steve Howe, lendário guitarrista do Yes, uniu-se a seu filho mais novo, o baterista e tecladista Virgil Howe para lançar um disco instrumental. Só que o apanhado de temas delicados, suaves e que privilegia a música e não o virtuosismo acabou ganhando contornos de drama, já que Virgil faleceu subitamente no dia 11 de setembro último, aos 41 anos, antes de o trabalho ser lançado. "A maior parte do crédito deve ir a Virgil", disse Steve antes da morte do filho. "Ele que criou as melodias, eu apenas dei alguns palpites." De fato, é fácil perceber que os onze temas têm o teclado como instrumento principal. Mas quando a guitarra de Steve fala, bem, aí a coisa toma outro contorno, já que estamos falando de um dos músicos que melhor sabe encaixar notas que combinem maravilhosamente entre si – David Gilmour é outro. Os temas curtos permitem que a dupla explore diversos estilos musicais, o que reforça o talento de ambos. *Nexus* é um trabalho intimista e agradável, mas que infelizmente não terá continuidade.

**Antonio Carlos Monteiro**



**HUMAN**  
SAD MODERN WORLD  
ROADIE METAL - NAC.

7,0

Apesar de o nome fazer referência ao quarto álbum do Death, *Human* (1991), as faixas de *Sad Modern World* são influenciadas pelo heavy metal tradicional – afinal, o grupo iniciou a carreira fazendo covers de Dio e Black Sabbath. Logo na entrada, com *Beyond Good and Evil*, nota-se que Clauzio Maia é um baterista bastante técnico. Já o vocal de Pedro Neto é puxado por drives agudos e em músicas como *Make Your Choice*, mostra que não tem interesse em poupar. O guitarrista Niáss, que é um dos principais compositores ao lado do baixista Rafael Sampaio, mostra ser talentoso nos solos e competente nos riffs. Em estúdio, o músico explora várias técnicas, como as guitarras gêmeas no solo final de *Evolution at Any Cost* e os riffs pesados de *Checkmate*. Com produção, mixagem e masterização de Marcos Franco, no Revulusom Studio (Salvador/BA), o disco ainda traz outros destaques, como a instrumental *Ideal Created and Reality Denied*. Ouça com atenção!

**Leonardo M. Brauna**





# OUÇA AGORA

O NOVO ÁLBUM DO PROJECT46

PRODUZIDO POR ADAIR DAUFEMBACH & PROJECT46



DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS



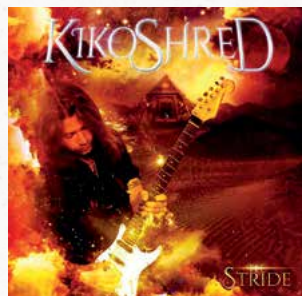


**ATTICK DEMONS**  
ATLANTIS  
METAL SOLDIERS - IMP.

**7,5**

É natural que quando determinados grupos atingem o estrelato, apareçam seguidores fazendo a mesma linha de som. Um caso é o Iron Maiden, que dispensa apresentações, graças ao seu legado e pelos clássicos. De Portugal, temos o Attick Demons, que não apenas é influenciado, mas emula o melhor dos britânicos – da timbragem dos instrumentos até a linha vocal. No começo até soa como um incômodo, mas é tão bem feito que você vai acostumando e curtindo. Até porque o sexteto lusitano bebe na melhor fase da Donzela, em especial *Powerslave*, *Piece of Mind* e *The Number of the Beast*. Longas passagens instrumentais, duetos que o deixam sem ar e até agudos na estratosfera são os ingredientes dessa miscelânea que, mesmo não soando original, agrada fãs da NWOBHM. Além disso, *Atlantis* vem recheado de nomes de peso: Paul Di'Anno (ele mesmo!) e Ross the Boss (ex-Manowar) emprestam seu talento na faixa-título. E tem mais porque, além da qualidade de som ser alta e cristalina, a masterização foi feita por Andy LaRocque (King Diamond). Afora a contagiante faixa-título, outros destaques ficam por conta de *Back in Time*, a lenta e pesada *Meeting the Queen*, a arrasa quartirão *Moonlight*

Walks e as guitarras irresistíveis e pesadas de *In Memoriam*. Vá atrás do trabalho desses portugueses!  
**João Messias Jr.**



**KIKO SHRED**  
THE STRIDE  
INDEPENDENTE - NAC.

**8,5**

Vamos combinar: disco de guitarrista é um negócio meio complicado, não é mesmo? Normalmente, rola aquela fritação que mais se assemelha a um malabarismo e muitas vezes a música em si acaba ficando em segundo plano. Felizmente, nem todos os guitarristas que se aventuram por uma carreira solo são assim e Kiko Shred faz parte desse grupo. Na verdade, isso nem chega a ser surpresa, já que ele confessa não apenas influências de guitarristas virtuosos, Malmsteen à frente, mas também de hard rock e até AOR. Assim, não espanta que metade do repertório deste seu segundo disco solo tenha vocais, com destaque para a participação especial de Mike Vescera na faixa *Straight Ahead* – uma das melhores do disco, aliás. Outro convidado é especial Carlos Tomati (da banda de Jó Soares), que aparece fritando as cordas ao lado de Kiko na empolgante *Too Much*. Repertório variado, criatividade e muita, muita técnica. Assim é *The Stride*.

**Antonio Carlos Monteiro**



**CARACH ANGREN**  
DANCE AND LAUGH  
AMONGST THE ROTTEN  
SEASON OF MIST - IMP.

**8,0**

Pouco tempo atrás, quando a faixa *Charlie* debutou no YouTube, a reação não foi lá das melhores – na verdade, pendeu para as piores. Coisa rara, já que quando falamos de Carach Angren estamos comentando uma das bandas que mais cresce nos últimos anos e cujo som orquestral e performance teatral têm influenciado até os grandes astros do gênero. Mas ouvindo o disco completo, a própria *Charlie* soa muito mais interessante do que antes, menos lamentosa e mais metálica, bem bacana. *Blood Queen* começa rápida, ganha uma parada e acelera de novo umas mil vezes, sempre com os bons climas criados pelo sempre requisitado Ardek, que aqui cuidou de teclados, piano, orquestração e até alguns vocais. Seregor, vocalista e guitarrista, traz bons elementos de black metal para a sonoridade desafiadora do grupo e Nantarr (bateria) não brilha, nem atrapalha. Pule a chatíssima *Song for the Dead* e deixe-se levar pela excelente *In de Naam van de Duivel*, a melhor do disco, que é superior a *This is no Fairytale* (2015) e não tão bom quanto *Death Came Through a Phantom Ship* (2010).

**Valtemir Amler**



**THE HAUNTED**  
STRENGTH IN NUMBERS  
CENTURY MEDIA - IMP.

**4,5**

Três anos após *Exit Wounds*, uma desgraça thrash que marcou a volta do vocalista Marco Aro, o The Haunted lança o mediano, melódico e burocrático *Strength in Numbers*. Há bons momentos isolados, mas é um disco provido de muita melodia, falta de pegada e até ausência de refrãos fortes. É como se a banda retomasse a fase com o ex-vocalista Peter Dolving, que ajudou a deixar o som dos suecos meio morno ao longo dos anos. A abertura, com a instrumental *Full the Darkness with Black*, dá toda pinta do que vem adiante, mas nos deixamos enganar pela agressiva *Brute Force*. Porém, a “força bruta” logo despenca e, apesar de remeter à fase *Revolver* e de ter um belo riff seguido de ótimo solo, *Spark* mostra isso. E o riff à la Pantera de *Preachers of Death* logo cai num refrão no melhor estilo sueco melódico. Já a faixa-título só se salva no refrão, enquanto *Tighten the Noose* traz de volta a velocidade, mas vem seguida da cadência de *This Is the End*, que até tem um riff stoner bem legal. O álbum termina com a grooveada *The Fall, Means to an End* e a arrastada *Monuments*. Numa analogia “gorda”, um disco sem sal, sem pimenta e, por várias vezes, bastante caramelizado.

**Heverton Souza**

NOVO SITE NO AR

**SO WHAT!**

CDs e DVDs NOVOS E USADOS COMPRA, VENDA E TROCA

Heavy metal, punk, rock em geral. Atendemos todo o Brasil pelo correio

Galeria do Rock, R. 24 de Maio 62, Loja 366, 2º andar  
São Paulo/SP, CEP: 01041-090 Fone: (11) 3362-1910

[www.sowhatcd.com.br](http://www.sowhatcd.com.br)

**ROADIE PARADISE**

- 1**  
MOTÖRHEAD  
UNDER COVER
- 2**  
TARJA FROM SPIRITS  
AND GHOSTS (SCORE FOR A  
DARK CHRISTMAS)
- 3**  
KADAVAR  
ROUGH TIMES
- 4**  
PARADISE LOST  
MEDUSA
- 5**  
BELPHEGOR  
TOTENRITUAL

\*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).



**LAZARUS TAXON**  
THE DRAGONFLY EFFECT  
INDEPENDENTE - NAC.

**8,5**

Sabe aquela música que hipnotiza você e o deixa em transe? É a sensação que temos ao ouvir *The Dragonfly Effect*, estreia da banda paulistana Lazarus Taxon, que conta com o guitarrista Paulo Almeida (Fates Prophecy). Passeando pelo progressivo (Marillion, Steven Wilson), pelo pop competente do Muse, com um acento gótico e vozes melancólicas, temos uma receita infalível de boa música. Não espere por 'blast beats', solos velozes ou vozes agressivas, o que temos aqui é um convite à introspecção, evidenciado por músicas longas repletas de feeling. É até injusto destacar um ou outro tema, pois a magia deste trabalho é escutá-lo por inteiro, mas *The World Is a Stranger* é um capítulo à parte aqui. A linha vocal de Paulo Ghizzi esbanja feeling, além de mostrar técnica refinada, que agrada fãs de Pink Floyd com David Gilmour. *Where in the World*, em seus oito minutos, é outro caso de atração imediata, mais uma vez destacando as vozes. Sem invencionices, apenas usando feeling e melodias inspiradas, o Lazarus Taxon mostra como se fazer um som inspirador e ao mesmo tempo orgânico e revolucionário. Se anda de cansado da mesmice que está rolando, que tal dar uma chance ao som dos caras?

**João Messias Jr.**



**NICKELBACK**  
FEED THE MACHINE  
BMG - IMP.

**7,5**

Chega a impressionar quantidade de bandas seguidoras buscando fazer o que o grupo canadense Nickelback faz desde os primeiros passos, com *Curb* (1996), *The State* (1998) e *Silver Side Up* (2001). Porém, quando se fala em timbragem, gravação, concepção musical e versatilidade, Chad Kroeger (vocal e guitarra), Ryan Peake (guitarra, teclado e backing vocals), Mike Kroeger (baixo) e Daniel Adair (bateria) permanecem na frente. Como influenciadores, trazem em *Feed the Machine*, nono disco de estúdio, a conhecida pegada hard rock dotada de muito peso, o forte tempero pop e pitadas de elementos eletrônicos e 'samplers'. Enfim, tudo aquilo fez da banda uma das grandes da nova geração e pode ser encontrado no groove instigante de *Must Be Nice*, um dos singles ao lado da pesada faixa-título e da balada pop *Song on Fire*. Destaque ainda para a interessante presença de Nuno Bettencourt (Extreme, Rihanna) solando na grooveada e marcante *For the River*. Uma pena que ainda tenham que exagerar na quantidade de sons pop, melosos, baladas emocionais e cansativas para agradar ouvintes de FM. Ainda assim, mais um bom disco dos canadenses.

**Ricardo Batalha**



**DESULTORY**  
THROUGH ACHING AEONS  
PULVERISED - IMP.

**8,5**

Ninguém pode falar que os caras do Desultory desistem fácil. Afinal, a banda surgiu em 1989, lançou três ótimos compêndios de death metal, teve uma debandada geral em 1996 e retornou de forma nada triunfante em 2009 para lançar o bom *Counting Our Scars* em 2010. E então mais sete anos separaram aquele deste agora analisado. Sim, é preciso ter paciência e torcer para que a galera lembre quem é você. Felizmente, *Into Eternity* (1993) e *Bitterness* (1994) causaram um bom alvoroço, então você deve lembrar dessa banda, que conta com o baixista Johan Bohlin, do Unanimated. E, acredite se quiser, este é o álbum dos caras mais legal de se curtir. Logo de imediato, *Silent Rapture* atinge você nas fuças com aquele death suco noventista e *Spineless Kingdom* parece usar sua cabeça como almofada de carimbo. A boa impressão certamente deriva do ótimo som da bateria, muito bem gravada, e de um baixo que acompanha grunhindo e esbravejando enquanto as guitarras seguem infladas e o vocal "urso polar" ruge infernalmente. Destaque ainda para a cadenciada faixa-título, que você não pode deixar de ouvir.

**Valtemir Amler**



**LIMBONIC ART**  
SPECTRE ABYSS  
CANDLELIGHT - IMP.

**9,0**

Sete anos separam o "velhinho" *Phantasmagoria* (2010) deste novo trabalho dos noruegueses, tempo que levou muitos de seus fãs a se questionarem se a banda tinha novamente tirado o time de campo. Pois é, quando a fé mais parecia fraquejar, finalmente o som triunfal da abertura *Demonic Resurrection* soa em nossos ouvidos, premonitoriamente adivinhando nossos pensamentos. E olha que são logo dez minutos, mantendo a tradição de longas composições, que já vem lá de *Moon In Scorpio* (1996), e com qualidade semelhante, embora saibamos que igualar clássicos é tarefa malfadada. Ouvindo com atenção *Ethereal Traveller* e *Omega Doom* que vêm na sequência, percebemos o quanto o todo poderoso Daemon – o cara por trás da banda – se esforçou na composição dos arranjos, que sempre ganham pelo bom gosto, enquanto a fúria fria destila seu rancor pelos alto falantes. Mas não há como não citar a incrível *Disciplina Arcani* (que poderia ser mais longa) e *Through the Vast Profundity Obscure* (que poderia ser mais curta). Sem mais, um grande retorno!

**Valtemir Amler**

## CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

### MARK BRIODY

(JAG PANZER)



**BLACK SABBATH** - *Heaven and Hell*  
**BLACK SABBATH** - *Mob Rules*  
**ANGEL WITCH** - *Angel Witch*  
**WITCHFYNDE** - *Stagefright*  
**TYGERS OF PAN TANG** - *Spellbound*

### IGOR LOPES

(EM RUÍNAS)



**BLUE CHEER** - *Vincebus Eruptum*  
**SIR LORD BALTIMORE** - *Kingdom Come*  
**BLACK SABBATH** - *Black Sabbath*  
**JUDAS PRIEST** - *Painkiller*  
**DORSAL ATLÂNTICA** - *Ultimatum*

**THE METAL CLUB**

Avale músicas e receba recomendações personalizadas. Registre-se grátis.

[www.themetalclub.com](http://www.themetalclub.com)

**ZIMERS**

**INSTRUMENTOS MÚSICAIS & ROCK SHOP**

[www.zimers.com.br](http://www.zimers.com.br)  
SERRAMAR PARQUE SHOPPING  
CARAGUATATUBA / SP  
LOJA D 9 (12) 3885-9800



**IRON SAVIOR**  
REFORGED RIDING ON FIRE  
AFM/VALHALL - NAC

**8,0**

Após uma querela com sua antiga gravadora, os alemães do Iron Savior regravaram neste álbum duplo as músicas mais conhecidas de seus quatro primeiros trabalhos – *Iron Savior* (1997), *Unification* (1999), *Dark Assault* (2001) e *Condition Red* (2002). Assim, disponibilizam para o público mais jovem um material já fora de catálogo e que a banda não pode relançar por questões legais. Assim, o líder Piet Sielck proporcionou um bom ‘upgrade’ para diversos clássicos através de melhores produções e mixagem. Além disso, algumas faixas receberam roupagens mais atualizadas, com andamentos mais rápidos e agressivos. A energia contida nas regravações já é sentida na abertura com *Riding on Fire*, cuja bateria soa mais potente e menos “apagada” que a original, criando uma atmosfera mais vivaz. A faixa *Iron Savior* também ficou nitidamente mais empolgante. Porém, *Tales of the Bold* é o melhor exemplo aqui de regravação bem equilibrada em vários aspectos: peso, velocidade, melodia e backing vocals muitíssimo bem encaixados. Por fim, não dá para deixar de enaltecer também a bela e interessante arte de capa.

**Écio Souza Diniz**



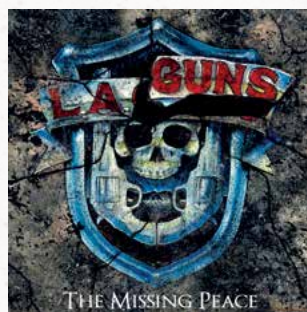
**THE CROSS**  
THE CROSS  
ETERNAL HATRED - NAC.

**9,0**

Os vinte anos de lutas, instabilidades e inconstâncias na carreira de uma das

mais representativas bandas de doom metal da América Latina finalmente são recompensados com o tão aguardado primeiro álbum. Indicado para quem se emociona com música, a jornada noturna dura pouco mais de uma hora e o estilo sombrio, melancólico e, ao mesmo tempo, dilacerante está presente nas oito músicas primorosas com instrumental sentimental e vocais rasgados e guturais. Algumas, como *The Skull & The Cross*, são de cortar o coração pela melancolia alcançada nas melodias de guitarra e vocais. *Garden of Silence* é intensa em todos os sentidos, culminado com as variações rítmicas e interpretação vocal. Em *House of Pain* as guitarras não perdoam com seus duetos sobre uma marcha... para a escuridão! O grito ‘listen to me’ de Eduardo Slayer anuncia *Poe’s Silence*, uma adaptação da fábula “Silence” de Edgar Allan Poe, marcando o encerramento de uma verdadeira epopeia de doom metal. Não há dúvida de que estamos diante de um dos melhores lançamentos de 2017.

**Ivanei Salgado**



**L.A. GUNS**  
THE MISSING PEACE  
FRONTIERS MUSIC - IMP.

**5,0**

Após *Waking the Dead* (2002), os fãs amargaram anos esperando que Phil Lewis (vocal) e Tracii Guns (guitarra) esquecessem as picuinhas e voltassem a se reunir em um único L.A. Guns. Enfim, os bicudos trocaram dedinhos, mas, infelizmente, *The Missing Peace* está longe de ter a pegada dos clássicos *L.A. Guns* (1988), *Cocked & Loaded* (1989) e *Hollywood Vampires* (1991). Há bons momentos, como a acelerada *Speed*, que remete a Judas Priest da fase 80 – embora a letra traga trecho de *Highway Star* (Deep Purple) –, as pesadas *A Drop of Bleach* e *Sticky Fingers*, as agitadas *Baby Gotta Fever* e *The Devil Made Me Do It* e a hard’n’heavy *Don’t Bring a Knife to a Gunfight*, além do fato de que Guns brilhou nos solos. Por outro lado, há um punhado de músicas cansativas e certo excesso de baladas. A sensação que fica é similar à de uma criança que pede ao pai um Xbox One de presente e ele traz um Atari. Não foi dessa vez. Diria que faltou gás.

**Leandro Nogueira Coppi**

## GARAGE DEMOS

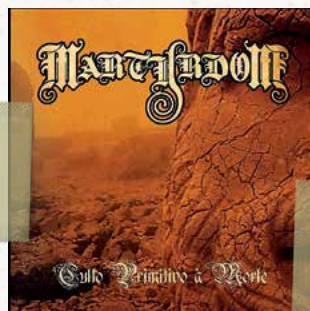
Envie o link do Soundcloud, Reverbnation, Facebook acompanhado de uma foto em alta resolução (em arquivo JPEG e 300 dpi - legendada e com crédito do fotógrafo), a capa da Demo (alta resolução) e press release/biografia (em arquivo de texto), para o endereço de e-mail: [garagedemos@roadiecrew.com](mailto:garagedemos@roadiecrew.com).



**PATRON MENTAL**  
CRIATURAS SIN ALMA

Descobrir uma banda de som pesado vinda do Chile é sempre um prazer, pois, convenhamos, você sabe que as chances de ser coisa muito boa são gigantescas. O Patron Mental tem dois anos de estrada, já teve uma troca na formação, mas agora, com Cristian (vocal e guitarra), Pelao (guitarra), Akiles (bateria) e Sebastian (baixo), chega com este primeiro trabalho, que é uma excelente opção para os fãs de thrash/death metal. A abertura *Intro/Ataque* já mostra as garras podres e venenosas que a mistura Destruction/Macabre é capaz de gerar. E isso não é tudo; na verdade, é quase nada. A coisa “piora” muito com *Dogmas de Fé*, um verdadeiro arrasa-quarteirão infernal e sublime, que deixaria os grandes mestres do canadense Blasphemy orgulhosos. O som é sujo, a produção é suja, a capa é suja, tudo aqui é muito sujo. Se toda essa sujeira foi feita intencionalmente, esses caras estão de parabéns. Fãs de Blasphemy, Von e Beherith, tomem nota! **Contato: [patronmental.bandcamp.com/releases](http://patronmental.bandcamp.com/releases).**

**Valtemir Amler**



**MARTYRDOM**  
CULTO PRIMITIVO À MORTE

Ouvir este “promo-EP” foi um retorno à era de demo tape, dos flyers e dos fanzines impressos, pois o grupo baiano Martyrdom é um dos remanescentes

da forte cena brasileira dos anos 90. O single *Culto Primitivo à Morte* antecipa o primeiro álbum e mostra que teremos uma genuína obra negra do underground brasileiro, visto que a faixa título do EP navega entre o death/doom e o black metal, transmitindo sentimentos de ira e melancolia. As outras faixas, gravadas ao vivo e em ensaios, são registros primitivos do mais puro underground e ajudam a situar o ouvinte na proposta musical. Entre elas, destacam-se as melancólicas *Apenas a Escuridão*, *Espíritos da Noite* e *Abismo das Sombras*, que merecem estar no debut. Agora é só aguardar a obra de mais de vinte anos de existência do Martyrdom. **Contato: [martyrdom.bandcamp.com](http://martyrdom.bandcamp.com).**

**Ivanei Salgado**



**VAZIO**  
VAZIO

Compreender a existência humana como um vazio sem sentido não é tarefa das mais prazerosas. Entender que aquilo que somos ou deixamos de ser depende mais de nós mesmos do que da influência de uma divindade qualquer, nos torna capazes de reconhecer o vazio em nós mesmos e que talvez não exista fuga possível. Tornar a música em sentimento de agonia é uma das mais promissoras formas de expressão do black metal e aqui temos mais uma boa banda que busca seu espaço nesse mundo sempre em expansão. Neste primeiro registro, um EP de sete faixas, Loukas (baixo), Renato RG (guitarra e voz) e Daniel (bateria) encaram a missão com produção crua, clima tético e sombrio, velocidade extrema e bons momentos de divagação sonora em pausas arrastadas e assoladoras. *Sombras de um Passado Antigo* vem diretamente dos anos 90 em uma mescla de black com thrash metal, algo na veia do norueguês Aura Noir, mas que soa com aquela ‘vibe’ que só existe em bandas brasileiras. Mas você quer expandir os limites? Então ouça a vinheta *Decomposição da Alma* e sua sequência, *Além dos Limites da Criação*. **Contato: [www.vazio.bandcamp.com](http://www.vazio.bandcamp.com).**

**Valtemir Amler**

**PAURA**  
NOVO ÁLBUM  
"SLOWLY DYING OF SURVIVAL"

MERCHANDISE OFICIAL, ENVIO PARA TODO O BRASIL:  
[www.paura.iluria.com](http://www.paura.iluria.com)

[www.facebook.com/PAURA3RDWORLD](http://www.facebook.com/PAURA3RDWORLD)
 @PAURAHARDCORE

CONTATO PARA SHOWS: [rodontaro500@hotmail.com](mailto:rodontaro500@hotmail.com)  
[paurahardcore@gmail.com](mailto:paurahardcore@gmail.com)

LANÇAMENTO: **TUFA**

**F★nS L&nd.**  
ESPECIALIZADO EM ROCK

CDS, DVDS, BLU-RAYS, VINIS, CAMISAS PARA QUEM É FÃ DE ROCK

**WWW.FANSLAND.COM.BR**

ACEITAMOS ENCOMENDAS DE TODOS OS CATÁLOGOS  
(AMERICANO, EUROPEU E JAPONÊS) COM O MELHOR PREÇO E NO MENOR TEMPO.

[CONTATO@FANSLAND.COM.BR](mailto:CONTATO@FANSLAND.COM.BR) (21) 99887-8723

**DIE HARD**  
classic rock and heavy metal collectibles

**ROCK'N'ROLL ALL LIFE**  
PRA QUEM FAZ QUESTÃO DA MÍDIA FÍSICA!

- Quem não entende confunde coleção com onimania.
- Não se explica uma coleção de CDs e LPs a quem não curte. Se já era difícil antes da música digital, imagine agora.
- Não adianta falar que a música no CD ou no vinil tem sim qualidade melhor que a música digital, e que há vasta literatura sobre isso, etc. Pra quem não entende, será a "mesma coisa" e pronto.
- Você já escondeu CDs novos em casa e depois, discretamente, juntou aos outros?
- Não espere que entendam que as roupas que você usa nunca são de marca, mas de banda, e que são as mesmas durante toda sua vida.
- Tenta explicar o ciúme por sua banda estar na camiseta de alguém.
- No meio de um monte de gente desconhecida você acha alguém familiar só porque ele está com a camiseta do Slayer?
- Não entende mas respeita quem não curte, assim como sabe que não é entendido mas exige respeito.
- Se permitir desconfiar que deixar de curtir por qualquer motivo (casamento, idade, religião, etc) é porque nunca curtiu.

**DIE HARD 21 ANOS**  
DIE HARD - Av. São João, 439 2º andar, loja 313 - Centro - São Paulo/SP  
CEP: 01035-000 tel.: 11 3331-3978 - [www.diehard.com.br](http://www.diehard.com.br)



Guilherme Ziggy, Celso Vecchione, Rick Vecchione e Oswaldo Vecchione: o Made in Brazil levanta há cinco décadas a bandeira do rock brasileiro

# MEIO SÉCULO DE ROCK'N'ROLL

## Oswaldo Vecchione, líder e fundador do Made in Brazil, fala sobre os cinquenta anos da banda mais antiga do Brasil

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

**S**e fazer rock no Brasil não é uma empreitada exatamente fácil, imagine o que é manter uma banda por cinquenta anos por aqui. É essa marca quase inacreditável que está comemorando o Made in Brazil, grupo paulistano de rock'n'roll, blues e rhythm'n'blues que iniciou atividades no longínquo 1967. Atravessando barras que foram desde a censura até a disco music, o Made permaneceu firme e forte durante todo esse tempo, jamais suspendendo atividades. Por isso

fomos conversar com o líder, fundador, vocalista e baixista da banda, Oswaldo Vecchione, que lembrou vários episódios desse meio século de bons serviços prestados ao rock'n'roll.

**Quando você começou o Made, chegou a imaginar que ele duraria tanto?**

**Oswaldo Vecchione:** Não, jamais! Aliás, outro dia estávamos viajando e na van passava um vídeo dos Stones em 1971. Minha esposa então comentou: 'Será que eles imaginavam que iam tocar até agora?'

Eu comecei a rir. E falei: 'Nunca imaginei que eu chegaria aos 70 anos tocando!' E a diferença é muito grande, de país, de cultura, de apoio, de grana...

**Imaginava que a banda ia durar quanto tempo?**

**Oswaldo:** Até conseguir o primeiro contrato com uma gravadora e lançar o primeiro disco, em 1974, tudo eram dúvidas. Tive meus dois primeiros filhos, rolava uma pressão da família para cortar o cabelo, comprar terno e gravata, arrumar

um emprego e parar com essa frescura de tocar rock'n'roll... (risos) Quando passei por cima disso, o resto ficou até fácil. Mas, honestamente, não tinha uma noção sobre isso.

**Muitas bandas hoje em dia duram muito pouco, nem chegam a escrever uma história. Qual o segredo para manter um grupo de rock vivo?**

**Oswaldo:** Eu acho que é não perder o foco, a ideologia. E mesmo com tantas mudanças, 202 formações e 126 músicos, eu e meu irmão (N.R.: Celso Vecchione, guitarrista) mantivemos o pulso firme para deixar os caras focados no que a gente queria, que era tocar rock'n'roll, blues e rhythm'n'blues. Isso foi fundamental para que a gente não se perdesse pelo caminho. A gente não sofreu muita influência de quem veio tocar com a gente, pelo contrário, a gente é que influenciou os caras dentro daquilo que o Made se propôs a fazer. A gente acabou virando uma pequena escola de rock'n'roll, os caras aprenderam a falar nossa linguagem.

**Como o rock entrou na sua vida e na do seu irmão?**

**Oswaldo:** Foi pelo rádio. Eu ouvi uma música que depois eu descobri que era *Lucille*, do Little Richard. Aquilo entrou na minha cabeça e ficou. Como toda sexta-feira meu pai dava um dinheiro pra gente comprar gibi, figurinha, essas coisas, no sábado seguinte eu e meu irmão fomos sozinhos até a Sears (N.R.: loja de departamentos que existia na época), eu com uns 9 anos, meu irmão dois anos mais novo. Éramos duas crianças atrás do sonho. A gente queria tocar aquele disco na Telefunken do meu pai. Acabei comprando um disco do Elvis e meu irmão, do Paul Anka.

**Um fato marcante na história do Made foi o lançamento do disco *Massacre* (2002), que foi gravado em 1977 e censurado pelo governo militar. Por que ele foi censurado?**

**Oswaldo:** A gente já vinha sofrendo certo patrulhamento. Tivemos músicas censuradas no primeiro disco (*Made in Brazil*, 1974) e no *Jack o Estripador* (1976). Fui chamado duas vezes para dar explicações na Polícia Federal do Rio de Janeiro. E os caras não queriam saber se você morava em São Paulo ou se tinha grana para ir até lá... Se não fosse, o camburão ia te buscar em casa, você ia em cana e era enquadrado como subversivo. Mas a censura exagerou, a gente tinha dezesseis músicas e proibiram nove. E a gente estava com uma turnê pronta, com um tanque de guerra em cima do palco (N.R.: o tanque envolvia a bateria). Ai o disco foi censurado por causa das letras e o show foi proibido em algumas cidades. Mas o que eu acho que assustou no *Massacre* foi

o layout da capa, que trazia o tanque de guerra. E nós alugamos o teatro Aquarius, em São Paulo, que tinha capacidade para 1.600 pessoas, para dois finais de semana. Só que proibiram os dois primeiros shows, na sexta e na quinta, e tivemos que fazer um show para os censores no sábado de manhã. Proibiram um monte de coisas, como a pintura do tanque de guerra e efeitos como explosões, mandaram cortar o canhão do tanque de dois metros e meio pra um metro... Mas eu até entendo a preocupação dos caras. O rock é uma coisa muito poderosa, ele provoca uma euforia muito grande e podia acontecer de tudo!

**Além da ditadura, vocês também tiveram que enfrentar a fase da disco music, que quase acabou com o rock brasileiro nos anos 70...**

**Oswaldo:** Na época da discoteca a gente lançou o disco *Minha Vida É Rock'n'Roll* (1981). Então, todas as bandas pararam e a gente conseguiu lançar o maior sucesso da nossa carreira nessa época. Lógico que deu uma diminuída nos shows, mas a gente segurou e conseguiu atravessar esse período negro. E a música *Minha Vida É Rock'n'Roll* tinha sido feita bem antes, em 1977. Ela não entrou no *Massacre* porque a gente não tinha o arranjo definitivo e não entrou no *Pauliceia Desvairada* (disco de 1978) porque o Caio Flávio (vocalista da época) não gostava dela. Ele dizia que a letra repetia muito a palavra 'mais'. Eu não insisti porque numa banda você tem que fazer algumas concessões. E quando o Caio saiu, ela voltou ao repertório e as pessoas começaram a reagir bem a ela. E como começou a fazer sucesso, eu resolvi colocar o nome dela no disco.

**Já no meio dos anos 80, o Made deu uma guinada para o lado mais pesado do rock com o disco *Deus Salva... O Rock Alivia* (1985). Foi a única vez que o Made se afastou de suas raízes no rock e no rhythm'n'blues. Por que tomaram essa decisão?**

**Oswaldo:** Eu saquei que tinha um movimento de rock pesado acontecendo. E eu ia trabalhar de novo com o Cornelius (Lucifer, vocalista do primeiro disco), então pensei num repertório em que a voz dele se encaixasse. Ele ia direto na casa do meu irmão pedindo pra gente chamar ele de novo. Como eu saquei que estava rolando esse movimento mais pesado e resolvi dar uma nova chance pro Cornelius, fiz esse repertório pensando nele de frontman. Mas no fim ele só gravou duas músicas (N.R.: *Kamikaze do Rock* e *Quente e Gostosa*, versão de *Whole Lotta Rosie*, do AC/DC). Ele começou a furar em shows, dando uma desculpa aqui e outra ali. Eu vi que eu ia acabar

me ferrando e, como eu já tinha assinado contrato para gravar o disco, acabei assumindo os vocais. Fora isso, o Cornelius era genial e cantava muito, só que nem tudo é só talento.


**Há quase dez anos o Made não lança um disco de inéditas (o último foi *Rock de Verdade!*, de 2008). Por quê? Não compensa mais lançar discos?**

**Oswaldo:** A gente vive de show, não vive de discos. Tudo bem, disco ajuda a divulgar e dá um reforço financeiro, mas representa pouco no pacote. Então, a gente tem que correr atrás de shows. Nesses nove anos, passaram muitos guitarristas pela banda e eu dependo deles para fazer música nova. E quando acontecem mudanças, a prioridade passa a ser ensaiar o repertório dos shows. Mas agora estou mais sossegado, o Ziggy (Guilherme Ziggy Mendonça, guitarrista) está com a gente há um tempo, então estou voltando a compor. Ou seja, a ideia é em janeiro ou fevereiro entrar em estúdio. Talvez não grave um disco completo, porque fica muito caro, mas a gente deve gravar umas seis ou sete músicas novas.

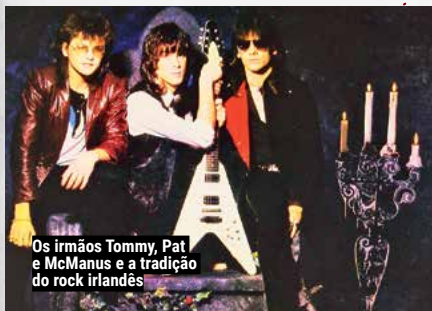
**Como o Made está comemorando os 50 anos?**

**Oswaldo:** A gente está gravando os principais shows. Gravamos no SESC Pompeia, no SESC Santo André e vamos gravar outros até o final do ano. Vai haver também um projeto no Centro Cultural São Paulo com shows com convidados, debates e exposições (N.R.: esse projeto aconteceu nos dias 4 e 5 de novembro). No começo de 2018 pretendemos lançar esse material. Também acabamos de soltar um DVD tripla e CD duplo, chamado *Festa Rock*, com os shows que fizemos no SESC Belenzinho em 2016. E também saiu uma série de produtos comemorativos, como camisetas, moletons, canecas, palhetas, adesivos, buttons, relógios etc. Enfim, a data não está passando em branco, estamos bem produtivos.

**Qual o principal sentimento por estar completando cinquenta anos de Made in Brazil?**

**Oswaldo:** Cara, eu estou feliz porque também consegui chegar aos 70 anos em cima do palco, cantando e tocando. E a banda continua fazendo shows de alta performance, que é algo que a gente só consegue com muito ensaio e muitos shows. E a gente está nesse patamar, o que é muito legal. Então, estar comemorando cinquenta anos de banda com grandes apresentações e lançando novos produtos é muito gratificante. E, mesmo com todas as dificuldades, estamos em turnê permanente desde novembro de 1974. E nunca paramos! A gente não parou nem para tomar um cafezinho... (risos) 

## MAMA'S BOYS



Os irmãos Tommy, Pat e McManus e a tradição do rock irlandês

FOTO: DIVULGAÇÃO

# ORIGEM

## IRLANDA DO NORTE

# ÉPOCA

## ANOS 80

# ESTILO

# HARD

# ROCK

## FORMAÇÃO CLÁSSICA

**Pat McManus** (guitarra)  
**John McManus** (vocal e baixo)  
**Tommy McManus** (bateria)

## DISCOGRAFIA BÁSICA

*Official Bootleg* (1980), *Plug It In* (1982), *Turn It Up* (1983), *Mama's Boys* (1984), *Power and Passion* (1985), *Growing Up the Hard Way* (1987) e *Relativity* (1992)

**A**inda que pareçam que rock irlandês, seja da República da Irlanda ou da Irlanda do Norte, não tenha tanta força, nomes como Rory Gallagher, Thin Lizzy, U2, Stiff Little Fingers, Gary Moore, Van Morrison, Therapy? e Mama's Boys falam por si.

Criado pelos irmãos McManus – John (vocal e baixo), Pat “The Professor” (guitarra) e Thomas “Tommy” (bateria) – em County Fermanagh, o Mama's Boys conquistou a fama na década de 80. Os seis filhos do saxofonista e guitarrista John e da cantora Valerie herdaram o gene musical – Pat tocava violino e guitarra, e John, flauta, bodhrán e gaita irlandesa. Já Tommy, diagnosticado com leucemia quando tinha 9 anos de idade, optou pela bateria.

Influenciados pelo Horslips, grupo de rock com influências de música celta, os irmãos criaram o Pulse. Ao se aproximarem de seus ídolos, a amizade cresceu. Assim, Barry Devlin, do Horslips, convidou-os para abrir a turnê de 1979. Àquela altura, o trio havia aceitado a sugestão do DJ Tony Prince, da rádio Luxembourg, mudando o nome para Mama's Boys.

A estreia veio em 1980, com *The Official Bootleg*. O estilo das dez faixas, gravadas de forma amadora, mesclava hard rock, rock'n'roll e heavy metal. No ano seguinte, *Plug It In*, ainda que com uma produção mediana a cargo do amigo e ídolo Devlin, a evolução levou o grupo a tocar com o Wishbone Ash. Na época, o single da bluesy *Needle in the Groove* rolava nas rádios, mas a energia do hard'n'roll era encontrada nas demais faixas gravadas no Lombard Studios, em Dublin.

Com a criatividade aflorada veio *Turn it Up*, também gravado no Lombard Studios com Devlin e Philip Begley (Clannad). A mescla de hard, metal, rock'n'roll e blues manteve-se intacta, mas o impulso veio com o chamado do saudoso Phil Lynott, que os convidou para uma turnê com o Thin Lizzy, culminando com a aparição no Reading Festival de 1983.

Desta forma, não foi surpresa quando a Jive Records propôs um contrato mundial para os próximos álbuns. O primeiro deles, *Mama's Boys*, saiu em 1984. Era uma compilação de músicas dos dois primeiros discos com a adição de três faixas, uma delas a versão de *Mama Weer All Crazee Now* (Slade). Coincidentemente, na mesma época o Quiet Riot lançou *Condition Critical*, que trazia o mesmo cover. Mesmo assim, o Mama's Boys também gravou

um clipe da faixa e ainda conseguiu um contrato com a Arista Records, tendo seu disco lançado nos EUA e Canadá. O nome cresceu ainda mais após shows ao lado do Scorpions na França e Reino Unido. Com o clipe passando na MTV, a primeira viagem aos EUA e Canadá teve um saldo positivo, com shows com Ratt e Rush.

Veio então mais álbum, desta vez gravado no Battery Studios (ING), tendo Chris Tsangarides como produtor e tecladista. Mais maduro, o trio chegou ao Top 100 da Billboard com *Power & Passion* (1985), o que fez com que retornasse aos EUA para shows ao lado de Ratt e Bon Jovi, além de uma passagem pelo Japão com Foreigner e Dio.

Depois, Tommy teve uma recaída na leucemia e foi substituído por Jimmy DeGrasso. Tentou voltar, mas não se sentiu bem. Assim, o novo álbum só saiu em 1987, trazendo como novidade o vocalista Keith Murrell (Airrace), que ficou na banda de 1987 a 1989, e entrou no lugar de Rick Chase (vocal em 1985-1986). A ideia da gravadora em *Growing up the Hard Way* era fazê-los soarem mais acessíveis – o cover de *Higher Ground*, de Stevie Wonder, era uma prova, mas, ironicamente, funcionou melhor dois anos depois para o Red Hot Chili Peppers.

A Jive não renovou o contrato com a banda, que se deslocou para a Inglaterra e passou a contar com o vocalista Mike Wilson (1990 a 1992), substituindo Connor McKeon (1989-1990), e com o tecladista Alan Williams (1989 a 1993). Desta fase saíram *Live Tonight* (1991, ao vivo) e *Relativity* (1992), lançados pela CTM.

Tommy então voltou a sentir os efeitos da doença. Passou por um transplante, mas acabou falecendo em novembro de 1994. Era o fim do Mama's Boys. Devastados, Pat e John retornaram apenas em 1996 com o Celtus. Em 2003, Pat se uniu ao Indian e atualmente atua em carreira solo. Ele lançou o ao vivo *Live... And in Time* (2009), contendo músicas do Mama's Boys.



**POWER AND PASSION**



**TURN IT UP**



ARTHORIUM RECORDS APRESENTA



### Grey Wolf - The Beginning (CD)

Em seus primeiros 5 anos o Grey Wolf foi implacável, lançando 6 demos e 3 full-length. Agora, atendendo ao pedido dos mais ávidos colecionadores, revela "The Beginning": uma antologia contendo 15 faixas selecionadas das demos, 5 faixas ao vivo, além de 2 faixas inéditas. Um presente para os fãs de True Heavy Metal!

WWW.GREYWOLFMETAL.COM.BR



ARTHORIUM RECORDS APRESENTA

## WILD WITCH



### Wild Witch - The Offering (CD)

Heavy Metal tradicional, puro e direto aos moldes dos anos 80! Assim é o debut full-length do WILD WITCH, "The Offering" - uma obra com riffs clássicos, solos furiosos, artes e temas que remetem aos livros e filmes dos anos 70 e 80. Imperdível para os fãs de NWOBHM e NWOTHM!

WWW.WILDWITCH.COM.BR



paranoid records

(CDs - DVDs - BLU RAY - VINIS)

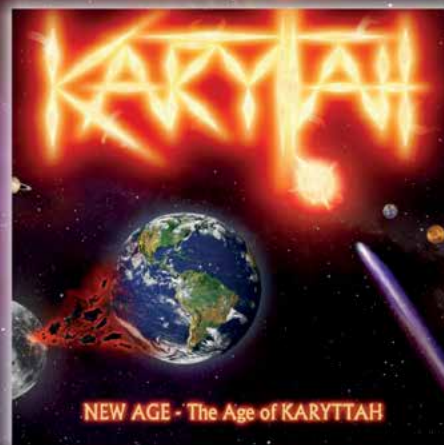
CONHEÇA NOSSA LOJA VIRTUAL!  
25 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA GALERIA DO ROCK

MAIS DE 20 MIL TÍTULOS PARA PRONTA ENTREGA  
PARCELAMOS EM ATÉ 6 VEZES SEM JUROS  
ENVIAMOS PARA TODO BRASIL

WWW.PARANOID.COM.BR

E-MAIL: CONTATO@PARANOID.COM.BR  
AV. SÃO JOÃO, 439 2º ANDAR, LOJAS 315 E 306

UMA  
NOVA ERA  
VAI COMEÇAR



HEAVY METAL? HARD ROCK? PROG? POP ROCK?

Ouçá DE GRAÇA e Responda em  
**You Tube . com/karyttah**

Para Ser Avisado de Novas Músicas e Vídeos  
Inscreva-Se no Canal



www.KARYTTAH.com

# APPICE

Carmine e Vinny Appice:  
no disco, brothers in  
drums; na música,  
legends in drums

## A QUATRO MÃOS

POR DANIEL DUTRA

**CARMINE APPICE DISCUTE O (ENFIM!) PRIMEIRO DISCO DE ESTÚDIO COM O IRMÃO VINNY, A POLÊMICA SOBRE OS 'DRUM HEROES' E TAMBÉM BLUE MURDER E KING KOBRA**

**V**anilla Fudge, Cactus, Rod Stewart, Jeff Beck, Ozzy Osbourne, King Kobra, Blue Murder e vários outros. John Lennon, Rick Derringer, Axis, Black Sabbath, Dio, Heaven & Hell, Last in Line e muito mais.

Um sobrenome é comum a todos os artistas e bandas citados: Appice. Agora, Carmine e o irmão mais novo, Vinny, resolveram juntar 130 anos de história – o primeiro tem 70 anos, e o segundo, 60 – em *Sinister*, primeiro disco de estúdio com os dois lendários bateristas compartilhando baquetas e ideias. Conversamos com Carmine para descobrir os detalhes, mas um currículo gigantesco não poderia passar em branco, então passamos por vários momentos de sua carreira. O resultado? Respostas com a sinceridade de quem sabe que é um dos maiores nomes do instrumento. Confira.

**Você e Vinny lançaram um álbum ao vivo em 2014 (N.R.: *Drum Wars Live!*), mas *Sinister* é o primeiro de estúdio que as pessoas esperavam. O que os motivou a fazê-lo depois de tanto tempo?**

**Carmine Appice:** Ano passado, nosso empresário (N.R.: Jeff Keller) começou a trabalhar para realizarmos uma turnê, mas disse que seria mais fácil se tivéssemos um álbum para promover. Só que nunca havíamos realmente pensado nisso. Apesar de termos tocado no assunto uma ou outra vez ao longo dos anos, sempre achamos melhor apenas cair na estrada, pois é muito mais divertido. Tínhamos a esperança de conseguir uma gravadora, mas o primeiro passo foi

começar uma campanha via PledgeMusic (N.R.: maior site de crowdfunding). Não sabíamos como, mas nosso empresário é o mesmo do Anvil e já havia feito isso com eles, então fomos em frente e conseguimos a verba necessária para começar. Gravamos algumas demos e as enviamos para vários selos, assim conseguimos um acordo com a SPV. Agora é sair em turnê, e já temos duas agendas na Europa, com dez datas em janeiro e outras dez em maio de 2018. Entre uma e outra, faremos shows nos Estados Unidos.

**A propósito, a letra de *Monsters and Heroes* é sobre Ronnie James Dio e foi escrita por Paul Shortino, que está com você no King Kobra. Apesar da ligação de Vinny com Dio, é uma homenagem antiga e mais do que justa.**

**Carmine:** Sim, ela foi composta e gravada em 2010 e tocada algumas vezes ao vivo pelo King Kobra, inclusive no Sweden Rock do ano passado. E foi emocionante ver e ouvir oitenta mil pessoas cantando o refrão no festival. Nós a havíamos lançado como single anos atrás, porque toda a arrecadação foi revertida à fundação contra o câncer criada por Wendy Dio (N.R.: Stand Up and Shout Cancer Fund), mas ela não está mais disponível em nenhuma plataforma de streaming, nem mesmo para download. Disse a Vinny que tínhamos essa ótima música com letra escrita pelo Paul, que foi empresariado por Wendy e Ronnie, e que era a oportunidade ideal para trazê-la de volta. Ronnie era como um irmão mais velho para o Paul,

além de ser parte da minha família. Ele costumava passar feriados e até mesmo o Natal conosco, porque o conhecia desde o Elf. Ronnie era um grande amigo, e a conexão dele comigo, Vinny e Paul era muito forte, provavelmente mais forte do que com qualquer outro músico que tenha apenas tocado com ele. Vinny adorou e regrava a bateria, e o restante foi remixado. Foi *Monsters and Heroes* que nos assegurou um contrato com a gravadora para lançar *Sinister*. E eu sabia que as pessoas adorariam a música, porque todo mundo adorava Ronnie.

**Vinny descreveu as diferenças de estilo ao dizer que toca mais pesado, rápido e preciso, enquanto você tem mais groove e é mais melódico. Você concorda?**

**Carmine:** Sabe, eu diferencio Vinny de mim como diferencio Buddy Rich de Gene Krupa. Meu estilo é mais vistoso, de espetáculo e com mais groove, sem dúvida, e Vinny gosta daqueles 'drum fills' rápidos e toca com mais força do que qualquer baterista que conheço. Obviamente, foi natural que no início ele tentasse emular o que eu fazia, mas com o tempo desenvolveu um estilo próprio. Seus rudimentos e combinações são únicos. Eu penso um pouco diferente dele, por isso nos completamos bem quando tocamos juntos, respondemos um ao outro quando dividimos as partes de bateria numa mesma música. Mas foi engraçado quando ele foi regravar *Monsters and Heroes*, porque tentou seguir o que eu havia feito, mas houve um momento em que parou, virou para mim e falou: 'Não entendo. Por que

diabos você fez isso nesse trecho?' (risos) Talvez por eu também ser cantor, tenho um senso de melodia melhor que o dele.

**Você citou Buddy Rich e Gene Krupa, e isso me leva a uma declaração recente que causou certa polêmica, sobre não surgirem mais 'drum heroes'. Entendi o que quis dizer, porque a questão não é apenas fazer um grande trabalho técnico, mas também inspirar e influenciar outras pessoas.**

**Carmine:** Exatamente! Há grandes bateristas mais novos por aí, como Jay Weinberg, do Slipknot, e o meu amigo Ray Luzier, do Korn, mas eles não começaram nada, apenas fazem o que já foi feito por outros bateristas. Podem ser ícones de uma geração, mas 'drum hero' é algo diferente. Não se vendem mais discos como antigamente e, do ponto de vista de um americano, não há mais rádios e revistas para divulgar música. Se alguém quer comprar álbuns, tem que ter iTunes, por exemplo, porque não se ouve mais no rádio 'você acabou de escutar a nova do Rush, e o baterista chama-se Neil Peart.' Não há mais lojas de discos para você ver a foto dos músicos e descobrir quem é o batera, e era esse tipo de coisa que ajudava a criar os 'drum heroes'. Hoje a pessoa faz o download de apenas uma música e nem sabe quem são os músicos que a gravaram. Há uma banda chamada Black Stone Cherry que regrava *Evil*, do Cactus, e achei o baterista ótimo quando ouvi a versão, mas não sabia e ainda não sei o nome dele.

**John Fred Young.**

**Carmine:** OK, e eu continuaria sem saber se não estivesse falando com você (risos). Porque não há mais revistas de música para ler aqui, e eu não fico na internet procurando por novos ícones da bateria (risos). É uma época diferente, mas o problema é que as pessoas tiraram do contexto o que eu falei. Eu pergunto aos mais novos quem é o seu ídolo, e eles respondem sempre a mesma coisa: Mike Portnoy. E Mike ficou putado por causa do que eu disse. Foi reclamar no Twitter, mas mandei uma mensagem para ele dizendo: 'Cara, o que houve? Você não é um novo 'drum hero'. Você já está nessa há trinta anos! É um 'drum hero', mas das antigas' (risos), e ele entendeu. Estou falando dos últimos dois ou três anos, então vou perguntar a você o nome de um novo herói da bateria. Lembra de algum?

**Poderia citar Chris Adler, do Lamb of God, mas ele está no meio há pouco mais de vinte anos e, na verdade, acrescentou algo ao que Deen Castronovo fazia com 16 anos no início da década de 80.**

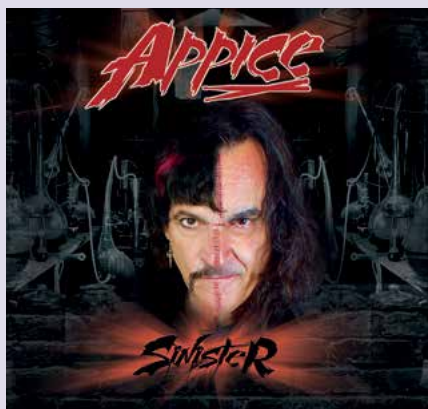
**Carmine:** Está vendo? Você apenas ratificou o que eu afirmei (risos). Ele não é novo. Estou nessa há mais de cinquenta anos e ainda hoje tento inspirar as pessoas, então posso dizer que faço parte dos 'drum heroes', que também são Gene Krupa, Buddy Rich,

Elvin Jones, Tony Williams, Terry Bozzio, Gregg Bissonette... Posso citar vários, mas nenhum nome novo. Meu filho tem 20 anos, toca bateria e também não saberia citar um sequer. Esses bateristas de metal, como o Jay Weinberg que mencionei antes, deram continuidade ao que Lars Ulrich fez lá atrás. Sabe aqueles bumbos duplos rápidos acompanhando os riffs de guitarra? O Metallica começou isso, ou talvez tenha sido o Slayer, mas o Lars é um 'drum hero'.

**Já que você regravau Riot em Sinister, gostaria de falar sobre o Blue Murder. Por que não houve uma reunião?**

**Carmine:** Bom, eu quis fazer uma versão de Riot mais pesada e sem perder o groove, por isso acrescentei aquele lance mais funkeado (N.R.: Carmine solfeja o instrumental), porque John Sykes é uma versão heavy metal do Jeff Beck, por assim dizer. Enviei a música para Tony Franklin, que adorou o resultado, mas não me dei o trabalho de enviar para John, porque ele não faz mesmo questão de responder. Acho que dá para entender, né? (risos) De qualquer maneira, o Blue Murder não deu certo porque não tinha os empresários certos. John acha que a Geffen sabotou a banda porque era a mesma gravadora do Whitesnake, então David Coverdale teria feito questão de se certificar de que nosso disco encaixaria. Mas não foi isso. Muita coisa foi feita de maneira errada. Com o tempo, *Blue Murder* virou um álbum legendário, todos passaram a querer uma reunião, mas à época vendeu apenas duzentas mil cópias nos EUA, o que não era nada, afinal, as bandas vendiam cinco milhões. A verdade é que tínhamos um grande disco com grandes músicas, uma boa gravadora e o produtor certo (N.R.: Bob Rock), mas também tínhamos uns empresários de merda. Infelizmente, uma reunião não é possível, porque não dá para tirar o John de casa.

**Não à toa, quando entrevistei Mike Portnoy sobre o Winery Dogs, ele lamen-**



**SINISTER**

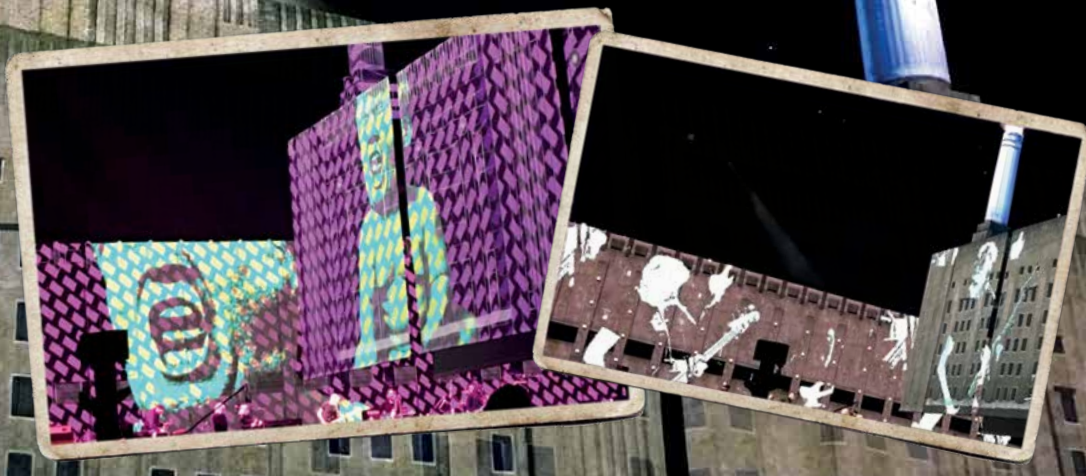
SPV/SHINIGAMI - NAC

**tou o fato de Sykes ser preguiçoso.**

**Carmine:** Completamente preguiçoso. É um total desperdício de talento. Eu e Tony fomos à casa dele ano passado para ensaiar duas vezes, porque o objetivo era conseguir um empresário que nos levasse a uma turnê, mas John desistiu. Isso aconteceu depois que nosso tecladista (N.R.: Nik Green) morreu em 2016. John pensou que era a hora de fazer, antes que fosse tarde demais, mas no fim queria tudo do jeito dele, queria transformar o Blue Murder numa banda solo e gravar um álbum com o seu nome. Mas as pessoas querem ver o Blue Murder, e dissemos isso a ele. 'Cara, as pessoas não dão a mínima para novas músicas. Elas querem nos ver juntos novamente, não você tocando músicas do Whitesnake. O Blue Murder é o seu legado. Você começou a banda.' Ele não quis saber e disse que lançaria um álbum solo que até hoje não saiu.

**Por último, você tentou reunir a formação original do King Kobra em 2010, antes de chamar Paul Shortino para assumir os vocais?**

**Carmine:** Não. Quando a Frontiers Records se aproximou com interesse no King Kobra, tive uma discussão com Mark Free ou Marcie Free, seja lá qual for o nome, a respeito de um DVD ao vivo que gostaria de lançar. Não era algo ruim, mas um ótimo show que fizemos num festival, filmado com cinco câmeras. Seria algo legal para os fãs, não tinha grana envolvida, mas ele ou ela, tanto faz, disse que não permitiria o lançamento se não recebesse algum pagamento. Não queríamos ganhar dinheiro com o vídeo, mas se lançássemos seríamos processados. Eu disse: 'Mas que idiota! Quer saber? Eu não preciso lançar isso. Seria algo para os fãs, mas não quero lidar com advogados e processos judiciais.' Fiquei com um gosto muito azedo na boca por causa disso, então para mim acabou. Quando decidimos compor e gravar *King Kobra* (2011), nem sequer passou pela minha cabeça chamar essa pessoa. Eu queria sair em turnê, e isso seria um problema com ela, que nem está mais envolvida com música, pois hoje trabalha como corretora de imóveis. E seria estranho ter como vocal uma mulher que precisaria usar calcinhas chiques, porque todo mundo iria querer olhar por debaixo da saia dela (risos). E Paul foi a escolha perfeita. Mais do que um grande vocalista, ele é um dos caras mais legais que você pode conhecer. O mais curioso é que só descobri o quão bom ele é quando fizemos um show no Natal, há alguns anos, e Paul cantou de AC/DC a Temptations com a mesma naturalidade. Pensei: 'Putá merda, esse cara sabe cantar de verdade!', e foi depois disso que começamos a trabalhar juntos no King Kobra.



**R**oger Waters atravessou os EUA e depois o Canadá com a turnê Us + Them divulgando seu novo álbum solo, *Is This The Life We Really Want?*, lançado no Brasil via Sony Music. A turnê tem o nome da música *Us And Them*, de *The Dark Side of the Moon*, mas também se refere a um discurso do ex-presidente americano Barack Obama sobre o problema da imigração, no qual ele diz que o nacionalismo não deveria ser estabelecido com base do "nós e eles". Não só esta turnê como tantas outras mostram que Roger Waters é extremamente politizado. Assisti-lo é um sonho para todos os fãs de Pink Floyd, mas essa turnê teve um gosto especial por ser focada nos clássicos *Animals*, *The Dark Side of the Moon*, *Wish You Were Here* e *The Wall*.

Foram duas noites lotadas no Roger's de Vancouver (CAN), 28 e 29 de outubro. Uma vez lá, após passar pela entrada fui ver o merchandising. Até por se tratar do último show da turnê, os modelos mais legais de camisetas estavam quase esgotadas. Meu lugar, numerado, era bom. Nem longe e nem muito perto do palco, mas o suficiente para poder ver o show de maneira confortável.

O telão de fundo era enorme, e quando a banda entrou em ação tocando *Speak to Me* e *Breathe (In the Air)* saltaram aos olhos não somente suas imagens sensacionais, mas também uma banda que logo nos primeiros acordes você percebe ser formada por músicos excelentes. O guitarrista David Kilminster (Steven Wilson) executa as partes de David Gilmour com perfeição, inclusive todos os solos, enquanto as vocalistas de apoio da banda Lucius, Jess Wolfe e Holly Laessig interpretaram *The Great Gig In The Sky* com muita personalidade. Antes dela vieram *Time* e *One Of These Days*, sendo que essa última foi de cair o queixo não somente pela execução, mas também pelas imagens e efeitos de luz.

Ainda nessa primeira parte, Waters executou *Wish You Were Here*, sempre cantada pelos fãs, além de algumas ótimas de seu mais recente álbum solo, como *Déjà Vu*, *The Last Refugee* e *Pic-*

*ture That*, seguidas por *Another Brick in the Wall Part 2* e 3. Mas o grande momento dessa primeira parte foi *Welcome to the Machine*, de *Animals*, que completa quarenta anos.

Depois de vinte minutos de intervalo, o público vai ao delírio com *Dogs e Pigs (Three Different Ones)*. Poder escutar ao vivo os efeitos fúnebres criados pelo tecladista Richard Wright foi sonho realizado e, claro, muito bem executado por seus substitutos, Bo Koster e Jon Carin. Além das músicas, os efeitos visuais foram surpreendentes, incluindo uma fileira de telas de vídeo que correu pelo centro da arena de ponta a ponta. O andaime que segurava as telas se transformou na Usina Termelétrica de Battersea da capa de *Animals*, com direito a fumaça nas chaminés e, claro, o porco flutuando sobre elas e sobre a plateia. Difícil colocar em palavras o que foi esse momento do show!

Aí também começaram as críticas ao presidente americano Donald Trump. No telão, o presidente surge com cara de porco e escrito "charada" em sua face. As telas também exibem citações dele em entrevistas, aquelas mais polêmicas e estúpidas. Durante a turnê muitas críticas aconteceram e pessoas, inclusive, deixavam o show nesse momento. Waters comentou dizendo achar surpreendente que, após cinquenta anos ouvindo suas músicas, as pessoas no show ainda não percebessem a sua posição.

*Money*, apesar de sua importância, nunca foi uma música fundamental para mim, mas lá estava ela e Roger Waters mais uma vez soltando imagens de Trump no telão mostrando o abismo entre ricos pobres. Na sequência, a música que leva o nome da turnê, *Us and Them*, seguida por mais temas de *Dark Side...*, *Brain Damage* e *Eclipse*. Em seguida, Waters tocou pela primeira vez mais algumas músicas de seu novo álbum solo, *Wait for Her*, *Oceans Apart* e *Part of me Died*, antes de fechar de vez com *Comfortably Numb* e deixar a todos maravilhados. Isso aqui é o mais próximo que você pode chegar do Pink Floyd, um espetáculo emocionante. No final, papéis voam do alto com a mensagem 'RESIST!'



**O** que realmente importa quando você vai assistir a um show? Com o fim do ano chegando, não há como deixar de olhar para trás e pensar, pois, aparentemente, aconteceu por aqui um pouco de tudo, para todos os gostos, em 2017. O ineditismo de bandas como Borknagar, Tsjuder e Enslaved, o quase 'flashback' histórico com Venom e Vulcano no mesmo palco, a sensação de alma lavada que finalmente os fãs do The Who e Def Leppard puderam ostentar... Mas, mesmo assim, ainda faltava algo. Enquanto ouvíamos mais vezes nos shows pessoas emocionadas, que declaravam não acreditar no que estavam vendo, ficava cada vez mais claro que um dos eventos mais esperados ainda estava por vir: a Pumpkins United Tour, que colocaria lado a lado o Helloween com seus antigos parceiros Kai Hansen e Michael Kiske. Desde seu anúncio, o evento prometia e, em São Paulo, onde mesmo em seus anos mais turbulentos os alemães gozaram de uma reputação gigantesca, o clima de euforia não poderia ser maior. E, sim, mesmo quem não era fã de carteirinha estava empolgado, afinal, motivos não faltavam: uma reunião até há pouco considerada impossível, um vocalista fenomenal, uma banda inspirada, clássicos em profusão, show histórico... E uma chance que talvez nunca mais tenhamos.

No fim de semana em que festas de Halloween agitavam todos os cantos da capital paulista, o que poderia ser mais justo do que celebrar a festa das bruxas com a banda que há trinta anos cunhou o clássico *Helloween* no fenomenal *Keeper of the Seven Keys Part I*? Nada mesmo. E foi justamente com essa canção que o show começou. Sob uma onda absurda de gritos eufóricos e um mar de balões laranja, Kiske e Andi Deris dividiram os vocais com uma precisão que seria inacreditável se não fosse por todos conhecidos.

O palco estava muito bem iluminado, com o telão assumindo papel de destaque no visual incrível da cenografia, e tudo evidenciava que não

tínhamos nos enganado ao esperar por uma noite histórica. O engraçado é que o telão apresentou problemas e foi desligado, mas muitos nem se deram conta disso de tão vidrados que estavam com a performance da banda. Mas, espera aí, ainda é cedo para dizer isso, é só a primeira música, certo? Pois é, e a segunda foi *Dr. Stein*, e aí eu deixo com você imaginar como foi a recepção.

A veloz *I'm Alive* veio na sequência – agora sim, sem telão. Então, uma pausa para Kiske, enquanto Deris comandava a galera com a segurança de sempre em *If I Could Fly*, maior sucesso de *The Dark Ride* (2000). Deris seguiu sozinho em *Are You Metal?*, cujos riffs destacaram o trabalho do trio de guitarristas Michael Weikath, Sascha Gerstner e Kai Hansen. Todavia, não há como negar que o brilho mesmo estava nas canções em que Kiske assumia os vocais. Assim, *Rise and Fall* fez a festa do público fiel e quase sem fôlego que lotou o Espaço das Américas. Difícil acreditar, mas ainda tinha muita coisa especial para rolar: para aqueles que se esgoelavam pedindo algo da fase Kai Hansen nos vocais, o poderoso medley com *Starlight*, *Ride the Sky*, *Judas* e *Heavy Metal (Is the Law)* foi o “algo mais” que sonhávamos. Ele foi prontamente sucedido pelas clássicas *Forever and One (Neverland)* e *A Tale that Wasn't Right*, que acabaram soando meio fora de propósito entre as pancadas antecessoras e a sequência, com a ótima *I Can*. Porém, os fãs se emocionaram, cantaram junto e os casais de namorados (suponho) se abraçaram; então, o objetivo foi alcançado com sucesso.

O que mais podemos dizer? *Power*, *Eagle Fly Free*, *I Want Out* e toda aquela leva de clássicos que você imagina foram tocadas, com uma banda que se mostrava entrosada e realmente feliz, e Kiske e Hansen cientes de seu protagonismo, mas em nenhum momento tentando roubar o palco de seus velhos companheiros, que, aliás, continuam mandando bem como sempre. E esta foi só a primeira noite em São Paulo...

LIVE EVIL

MEGADETH



MEGADETH

VIMIC  
(Abertura)

ESPAÇO DAS AMÉRICAS  
SÃO PAULO/SP  
31 DE OUTUBRO DE 2017

Texto: Leandro Nogueira Coppi  
Fotos: Fernando Pires

**M**esmo sendo recentemente diagnosticado com Doença de Lyme, Dave Mustaine cumpriu a mensagem que postou em vídeo para os fãs sul-americanos e trouxe o Megadeth para encerrar no continente a Dystopia World Tour, que há pouco mais de um ano já havia passado por esta parte do globo. E antes de o capítulo final acontecer na Argentina, o grupo americano fez sua 15ª. visita ao Brasil, onde tocou em São Paulo (pela segunda vez na turnê) e Rio de Janeiro.

Convidado, o **Vimic** acompanhou o Megadeth nesse giro. A nova empreitada de Joey Jordison (Sinsaenum, ex-Slipknot e Murderdolls), que surgiu da dissolução do Scar the Martyr e é integrado por praticamente os mesmos integrantes, se arriscou a tocar muitas músicas ainda não conhecidas, pois seu debut *Open Your Omen* – que, dizem, parece ter tido a supervisão parcial de Mustaine na mixagem e na masterização –, só sairá em 2018. Isso, somado ao fato de o grupo fazer um metal moderno e distante do thrash da banda headliner, dividiu o gosto do público que, mesmo assim, mostrou respeito por seu som pesado, grave e levemente melódico.

Jordison e o comunicativo Kalen Chase, que por um período trabalhou como backing vocal e percussionista do Korn, foram bem recebidos e demonstravam carisma. Era engraçada a semelhança entre o albino Chase e o vocalista Warrel Dane (Nevermore e Sanctuary) que, curiosamente, estava na plateia. Apesar de algumas músicas soarem repetitivas, outras, como *My Fate*, *In Your Shadow*, *She Sees Everything*, *Beautiful Mistakes* e *Fail Me (My Temple)* – essa com a participação do próprio Mustaine em estúdio –, mostravam qualidades.

Mesmo bem equalizado, o som baixo prejudicou o teclado de Matthew Tarach. Tecnicamente, Jordison não mostrou sua pegada tradicional, possivelmente por ainda estar se restabelecendo da mielite transversa que o acometeu há alguns anos. Mas isso não comprometeu sua performance. Após uma hora de show, o Vimic se despediu com *Simple Skeletons*, em que Chase a finalizou dando um 'stage diving' na

plateia, que quase lotou a casa.

Passada meia hora, a introdução audiovisual com um trecho de *Prince of Darkness*, do polêmico *Risk* (1999), que sempre dá o clima exato para o início, foi triunfal para a entrada do **Megadeth**. Dave Mustaine, Kiko Loureiro, David Ellefson e Dirk Verbeuren surgiram tocando a atemporal *Hangar 18*, do histórico *Rust in Peace* (1990). O som estava ótimo e, como de praxe em uma apresentação do Megadeth, as imagens no telão davam um espetáculo à parte – infelizmente, o palco não foi ornado com o cenário que a banda vinha usando na turnê.

As clássicas *Wake up Dead*, *In My Darkest Hour*, *Trust*, *Take No Prisoners*, *Sweating Bullets*, *She-Wolf*, *Skin O' My Teeth*, *A Tout le Monde*, *Tornado of Souls*, *Symphony of Destruction*, *Peace Sells*, a comemorada *Mechanix* e *Holy Wars... The Punishment Due* foram cantadas em uníssono pelos fãs, que em algumas delas entravam no mosh. Porém, a ausência das tais novidades que Ellefson disse que haveria no set list do Brasil decepcionou alguns fãs da banda estrangeira que mais vezes tocou no país. Além disso, o repertório foi mais curto que o de 2016 e trazia apenas duas músicas do aclamado *Dystopia*: *The Threat is Real* e a própria *Dystopia*, que garantiu o primeiro Grammy da história do Megadeth. Poderiam ter incluído pelo menos *Lying in State* (que foi tocada no Rio), já que pela manhã foram gravar um clipe para ela em um ponto da cidade. Com tantas visitas ao país, o Megadeth deveria ter percebido que já pode se dar ao luxo de tocar músicas incomuns por aqui.

Muitos ficaram desapontados também pelo fato de que nessa segunda vinda com Kiko Loureiro, novamente o guitarrista que, assim como seus companheiros, estava tendo uma noite ótima, não teve espaço para dar ao menos um "oi" para seus compatriotas. Quando o general Mustaine sentou à frente do praticável da bateria de Dirk, deixando os microfones livres, deu a entender que o tal momento finalmente aconteceria. Claro que o show foi ótimo, mas digamos que o Megadeth apenas pecou por ter sido burocrático demais nesses detalhes.



**E**m São Paulo, em meio às duas etapas de provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), ocorridas nos dias 5 e 12 de novembro, Accept e Anthrax deram juntos uma verdadeira aula de heavy e thrash metal, respectivamente. Alguns candidatos se atrasaram e desperdiçaram a chance de dar uma boa retomada na matéria através do **King of Bones**. No repertório, o grupo paulistano de hard'n'heavy trouxe músicas do debut *We Are the Law* (2012) e do novo álbum, *Don't Mess With the King* (2016). E agradou, principalmente com *Find Your Salvation*. A pegada hard do K.O.B. em muito era refletida pelos riffs de Renê Matela, que no físico e no modo de se movimentar no palco lembrava George Lynch (Lynch Mob, ex-Dokken).

Como o metal em questão era o sonoro e não o da química, o simulado foi bem descontraído. Em *Walking on the Edge*, o público brincou de guerra de bolas (não de papel, mas sim infláveis), que foram arremessadas pela própria banda, e em *We Are the Law* o vocalista Júlio Federici ejetou uma chuva de dinheiro cenográfico. Pena que não tocaram a ótima *Black Angel*, mas a banda foi bem, saiu aplaudida e deixou os alunos preparados para os veteranos professores estrangeiros que viriam a seguir.

A sala de aula foi preparada rapidamente pela equipe técnica e os alemães do **Accept** entraram triturando tudo com *Die By the Sword*, de sua nova e ótima apostila, *The Rise of Chaos*. Os ensinamentos estavam bem didáticos: iluminação perfeita, som bem equilibrado, backdrop gigante e painéis laterais formando um lindo cenário. Os cinco mestres vieram cheios de energia e carisma. Wolf Hoffmann disparava riffs e solos tocando com habitual empolgação. Seu companheiro de cordas, Uwe Lulis (ex-Grave Digger e Rebellion), não ficava atrás. A cozinha estava impecável nas mãos do sempre seguro Peter Baltes e do novato Christopher Williams, um baterista que toca de forma cavalari. À frente deles, Mark Tornillo deixou claro, mais uma vez, que os fãs de Accept não têm motivos para se sentir órfãos do baixinho Udo Dirkschneider.

As novas músicas, *No Regret* e *Analog Man*, assim como as anteriores, *Final Journey*, *Stalingrad* e *Teutonic Terror*, se encaixaram perfeitamente no repertório recheado pelas incontestáveis *Restless and Wild*, *London Leatherboys* (minha preferida), *Princess of the Dawn*, *Objection Overruled* e *Metal Heart*. O hino mor, *Balls to the Wall*, deu números finais à excelente aula dada pelo respeitado Accept.

E se o Accept entrou rápido em cena após o King of Bones se despedir, o mesmo não aconteceu com o **Anthrax**, que levou quase quarenta minutos. Infelizmente, a demora não refletiu em qualidade de som, pois os instrumentos soavam embotados. Tirando esse fator, os professores americanos Joey Belladonna, que cantou absurdamente bem, o 'riffmaster' Scott Ian, o discreto Jonathan Donais (guitarra), o incansável Frank Bello (baixo) e o monstro Charlie Benante (bateria) incitaram musicalmente a loucura que aconteceu na pista desde os primeiros segundos de *Among the Living*. A coisa ferveu na sequência arrasadora formada por *Caught in a Mosh*, *Got the Time* (de Joe Jackson) e *Madhouse*. Os 'moshpits' e 'circle pits' rolavam o tempo todo. Enquanto Benante espancava seu kit, os outros quatro, virava e mexia, subiam nas rampas laterais para comandar a "saudável violência" lá de cima.

Do novo álbum, *For All Kings* (2016), mandaram *Fight 'Em 'Til You Can't* e *Breathing Lightning*. Depois foi a vez das poderosas *Medusa* e *I Am the Law*. Rolou até a instrumental *March of the S.O.D.*, do S.O.D., lendário projeto hardcore de Ian e Benante. E olha a trinca que também rolou: *Be All*, *End All*, *Efilnikufesin* (N.F.L.) e *Antisocial* (Trust). O final com *Indians* foi para terminar de quebrar os pescoços dos menos preparados.

Sinal tocado, as aulas foram excelentes e os alunos paulistanos aprimoraram seus conhecimentos. Accept e Anthrax, duas respeitadas instituições, mostraram que estão em boa forma para seguir aplicando suas aulas de heavy metal mundo afora. E a você que também assinou presença, eu pergunto: gabaritou?



Clube Piratininga - São Paulo  
14 e 15 de novembro de 2017

Por: Leandro Nogueira Coppi

Fotos: Claudio Higa



Depois de passar por Porto Alegre (RS), a 11ª edição do Thorhammerfest chegou a São Paulo, desta vez para dois dias de shows, realizados na véspera e no feriado da Proclamação da República. Taberna Folk, Olam

Ein Sof, Armahda, Opus Tenebrae, Pagan Throne, Zrymgöll (ARG) e as headliners Ereb Altor (SUE) e Skyforger (LET), as únicas que se apresentaram duas vezes, foram representantes de variados, porém conectados gêneros de metal.

Entre os atrativos que estavam à venda havia lanches e bebidas temáticas (hidromel e cervejas artesanais), artesanatos nórdicos, acessórios, roupas, vinis e CDs, além do merchandising das bandas. A qualidade de som na maioria dos shows foi um dos pontos positivos, mas, por outro lado, o atraso no cronograma foi novamente um problema. O evento começou bem depois do horário programado nos dois dias, sendo que no primeiro acabou perto das duas da manhã, o que foi ruim para quem dependia de transporte público. E talvez esse problema recorrente no Thorhammerfest explique o público ter comparecido em número apenas razoável. Mas vamos aos shows...

## 14 DE NOVEMBRO: TRIBUTO E MÚSICA ACÚSTICA

Como nas outras edições, esta teve como mestre de cerimônias o locutor Rodrigo Branco, da rádio Kiss FM. E a primeira noite foi marcada por shows especiais. Desplugados, Olam Ein Sof, Taberna Folk e Skyforger fizeram sets acústicos, mas a abertura teve amplificadores roncando. O

Ereb Altor estreou em São Paulo prestando tributo a um dos precursores do black metal e, posteriormente, do viking metal: Bathory. Foi de arrepiar ouvir o grupo, que em 2016 já havia honrado a obra do conterrâneo Quornton com o álbum *Blot-Ilt-Taut*, tocando temas do saudoso músico. O início de *A Fine Day to Die*, do álbum *Blood Fire Death* (1988), cantada por Mats (vocal e guitarra) e Ragnar (guitarra e vocal), gelou a espinha, assim como a bela *Song to Hall up High*, de *Hammerheart* (1990) – ambas com as partes acústicas e orquestradas sampleadas. O próprio Mats se emocionou e sorriu durante a épica *Twilight of the Gods*, ao ouvi-la entoada em coro pelos presentes. Foi o ponto alto da apresentação, que ainda teve outros hinos: *Home of Once Brave* (já notou a similaridade entre o seu fim e o de *For Whom the Bell Tolls*, do Metallica?), *The Return of Darkness and Evil* e *Blood Fire Death*. Do influente Bathory (1984) veio a heavy'n'roll *Sacrifice*, e a terminou no “voltamos a nos ver amanhã” de Mats.

A primeira atração nacional foi a dupla Fernanda Ferreti (voz e violão) e Marcelo Miranda (violão, bandolim e flauta), reconhecida internacionalmente e que atende por **Olam Ein Sof**. O formato em duo casual e a sonoridade folk acústica de uma das formações mais antigas da música neo-medieval no Brasil remetiam ao projeto Blackmore's Night, do ex-Deep Purple Richie Blackmore e sua esposa, Candice Night. Fernanda e Marcelo tocaram músicas de vários de seus discos, principalmente *Reino de Cramfer* (2014) – primeiro composto em português –, e encantaram o público, ainda mais pela voz privilegiada da talentosa cantora.

Deu vontade de assistir a uma de suas apresentações num ambiente propício, em meio à natureza, não num local urbano, fechado.

Na sequência foi a vez do **Taberna Folk**, que após sete anos trouxe de volta ao Thorhammerfest sua sonoridade influenciada pela música folclórica celta europeia e renascentista. E o que se viu não foi um show, mas uma verdadeira festa. Foi só o vocalista Ricardo Amaro dar o comando – “bebam e divirtam-se como se estivessem numa taverna nos tempos antigos” – e começar a tocar *In Taberna*, de Carmina Burana, com seus quatro companheiros, que muitos caíram na dança, como se fossem boêmios da Europa medieval. Em meio a versões folk, ao som de flauta, violino, bandolim, percussão e ótimos coros vocais para músicas de Stary Olsa, Metsatöll, Heidevolk, Bots e até Uriah Heep (*Lady in Black*), foram tocados temas tradicionais como *Herr Manelig*, da Suécia, e o irlandês *Rocky Road to Dublin*, canção do século XIX que incendiou o local. Foi o show mais divertido de todo o evento.

Era quase uma da manhã, e parte do público já tinha ido embora, quando o **Skyforger** surgiu no palco. Quem ficou curtiu ver o grupo letão, que estava de volta ao festival após quatro anos. Em trajes típicos, fez um set dedicado a músicas folclóricas, muitas delas regravadas em seu álbum *Zobena Dziesma*, de 2003. Foi interessante ver o uso de instrumentos da Letônia medieval, como os de corda tocados pelos fundadores, o vocalista Pēteris Kvetkovskis, que trocou a guitarra pelo kokle, e Edgars Grabovskis, no Ģitga no lugar do baixo. Entre uma música e





outra, algumas com cara de canto gregoriano, **Peteris** contava histórias da cultura abordada nos temas. Muito legal. Fim da primeira noite, hora de ir descansar para o segundo dia de evento, que começaria bem mais cedo.

## 15 DE NOVEMBRO: AMPLIFICADORES LIGADOS

Anunciados para as 13h, os shows começaram somente às 15h10. No palco, duas baterias, sendo que apenas **Skyforger** e **Ereb Altor** utilizariam a que estava ao centro. Depois das honrarias feitas por **Rodrigo Branco**, o **Armahda** entrou empolgando o público com seu epic power metal cuja temática é a história brasileira, o que combinou com o feriado em questão. A banda deu uma pausa nas gravações do novo álbum e marcou presença tocando composições de seu bem recebido debut, autointitulado, de 2013. Fato é que na plateia havia gente cantando suas músicas. Entre elas, a balada *Last Farewell*, lançada como single em 2015. O ápice do show foi a aguardada *Paio! em Chamas*. Destaque para a pegada dos guitarristas **Alê Dantas** e **Renato Domingos**.

Quase uma hora depois, o grupo de celtic black metal **Opus Tenebrae**, veterano no festival, entrou bruto com um set list baseado em seu disco de estreia homônimo – exceto pela nova *Perperam Regnum*. O som estava um pouco embotado, mas não diminuiu a energia do público. Interessante que o comunicativo frontman **Roberto Opus**, filho de galícios, em vários momentos tocou um tambor celta que proporcionava ainda mais peso ao som. E ao lado dele estava **Marcelo Soutullo**, que dava um clima especial às

músicas tocando gaita de fole e auxiliando com vocais agressivos. Na trinca formada por **Celtic Mystery**, **Opera Mortis** e **Aurea Hispanya**, a banda santista contou, também na gaita de fole, com a convidada **May de La Peña**, que veio da Galícia (ESP) e que já havia participado do show que o Opus fez na edição de 2013. Professora de instrumentos, de dança e de canto galegos, a simpática **May** definiu à **ROADIE CREW** o que é tocar para os brasileiros: “Me encanta. É maravilhoso!” E foi uma das apresentações mais intensas do festival.

O **Pagan Throne** também agradou com seu pagan metal, focando o set em seu segundo álbum, *Swords of Blood* (2015). Liderado pelo carismático vocalista **Rodrigo Garm**, o grupo carioca veio de guitarrista novo, **Renan Guerra**, de apenas 19 anos. E ele se destacou mostrando muita habilidade nas seis cordas. Apesar de a raiz ser o metal extremo, a banda se diferencia pela forte influência de heavy tradicional – mais evidente em *Fallen Heroes* –, pelas camadas de teclado e pelos solos melódicos de guitarra. Na execução do tema da série “Game of Thrones” a plateia ovacionou o grupo, que fez um show curto e convincente.

Os argentinos do **Zrymgöll** mandaram seu folk metal veloz, evidenciando que, assim como o **Pagan Throne**, possuem referências de heavy tradicional. O set foi dividido entre músicas de *Mighty Tavern* (2013) e algumas que estarão no próximo álbum. Na noite anterior, o **Taberna Folk** fez um show divertido, e o mesmo pode ser dito do **Zrymgöll**. **J.P.** (vocal e teclado) e **Gonzalo Rillo** (guitarra) se sacaneavam e brincavam com a plateia. A banda até comemorou no palco o aniversário do

baixista **Damian Carreiro**.

Era a vez de o **Ereb Altor** apresentar seu set regular para divulgar o novo trabalho, *Ulfven*. Se na primeira noite **Mats**, **Ragnar** e **Cia**, entraram de caras limpas, agora vieram pintados de preto e vermelho. A apresentação foi beneficiada novamente por uma qualidade de som primorosa e o grupo angariou novas fãs com seu viking doom metal épico e melancólico, do material novo – *En Synd Svart Som Sot*, *Av Blod Är Jag Kommen* e a própria *Ulfven* – ao mais antigo, como as arrebatadoras *Nattramn* e *Dispellation* e as emocionantes *Nifelheim*, *Myrding* e *Midsommarblot*.

O veterano **Skyforger**, maior responsável por colocar o nome da Letônia no mapa do metal, assim como a banda coheadliner, também mostrou seu set convencional revelando, em meio a um pagan metal vigoroso, muito da cultura e da mitologia pagã de seu país. No repertório, ênfase ao mais recente álbum, o conceitual *Sernprūsija* (2015), e ao aclamado *Kurbards* (2010). O destaque de sempre é o baixista **Edgars Grabovskis**, cuja performance insana e vozeirão fecham bem o duo com **Peteris**, que parece ter gostado de dizer “obrigado”. Como na noite anterior e em 2013, o desfecho veio com *Migla*, *Migla*, *Rasa*, *Rasa*, do álbum especial *Zobena Dziesma*.

A 12ª edição do **Thorhammerfest** acontecerá entre 29 de abril e 1º de maio de 2018, com o cast já confirmado: **Månegarm** (SUE), **Metsatöll** (EST), **Blot** (NOR), **Vilsevind** (ARG/SUE), **Einher Skald** (ARG) e as brasileiras **Armored Dawn**, **Duo Arcanum**, **Tamuya Thrash Tribe** e **Futhärk**.

# ALICE COOPER

NOME COMPLETO: Vincent Damon Furnier

NASCIMENTO: 4 de fevereiro de 1948, em Detroit (EUA)

BANDAS QUE INTEGROU: Alice Cooper, The Spiders, Nazz e Hollywood Vampires

POR RICARDO BATALHA

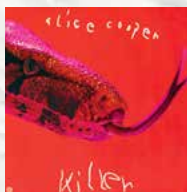


► **I'm Eighteen:**

"Inicialmente, ela era apenas uma jam, algo que fazíamos para aquecer antes de tocar e ensaiar. Então, o produtor Bob Ezrin ouvia isso todas as noites e nos questionou o que seria aquela nossa música de

aquecimento. Respondi que eram apenas alguns acordes jogados e ele perguntou se o nome era 'I'm Edgy' (eu sou nervoso). Eu disse que não, que seria 'I'm Eighteen'. Ai ele disse que teríamos que transformá-la numa música de verdade e gravá-la, que precisaria ser algo bem básico porque iria pegar o público de jeito. Falei que iríamos tentar e começamos, mas ele, então, nos disse para deixar a coisa mais simples, somente com acordes, algo em que não tínhamos pensado. Ele a via desta forma e então tocamos como ele falou. Acabou virando nosso primeiro hit. A letra, quando fala 'I'm eighteen', significa que ele é um jovem e é um homem, que não pode votar, mas pode ir à guerra; que não sabe o que fazer com uma garota, mas sabe o que quer fazer. É algo em que ele se sente totalmente confuso, mas gosta daquilo. Ao invés de colocar 'eu odeio', algo que todo mundo poderia esperar quando digo 'tenho 18 anos e...', coloquei 'eu gosto'. Eu sabia que esse seria o gancho do que se tornou o nosso primeiro hit."

Álbum: *Love It to Death* (1971)



► **Be My Lover:** "Uma música bem simples que veio de Michael Bruce. A estrutura de acordes é realmente bem simples, mas acredito que a letra seja importante, porque foi uma época em que todos os pais estavam confusos sobre quem e o que era Alice Cooper. Por isso, a letra traz aquela parte 'O nome do vocalista era Alice / Eu disse: escute, querida / Você provavelmente não iria entender'. Claro que eu quis mexer ainda mais com isso e tirar sarro de nós mesmos. Apesar de eu ter falado sobre a simplicidade dela, quando a tocávamos ao vivo o público enlouquecia."

Álbum: *Killer* (1971)

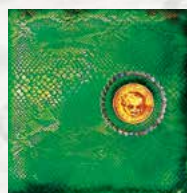
► **School's Out:** "Esta é como um hino nacional. Eu me questioneei sobre quais seriam os dois momentos mais felizes quando se é uma criança. Bem, uma é a manhã de natal, quando se tem aquela expectativa de abrir os presentes. A outra é quando você está no último dia de aula antes do início das férias e às 15h é o horário de encerramento. Então, você está lá, nos últimos cinco minutos, e então, quando toca o sinal de saída, sente-se totalmente livre e comemora. Eu queria captar esse sentimento, aquele momento, a alegria de tudo aquilo. Sabia que se conseguisse reunir tudo isso, a música seria lembrada por todos os jovens... Para sempre! Daqui a cinquenta anos poderão cantar *School's Out* porque ainda



FOTO: FERNANDO PIRES

fará sentido para eles. Muita gente achou que era algo subversivo, mas é uma música alegre. Lembro-me que quando a compusemos éramos todos fãs dos Yardbirds, então quem ouvir mais atentamente vai notar algo de Jeff Beck lá."

Álbum: *School's Out* (1972)



► **Elected:** "Ela era sobre Nixon, que todo mundo odiava (N.R.: Richard Nixon foi o primeiro e único presidente dos Estados Unidos a renunciar do cargo). Eu, naquela época, era provavelmente o principal personagem do rock'n'roll. Era

como um Marilyn Manson multiplicado por dez para o público. Para os jovens eu era um vilão do rock'n'roll, era o cara legal, mas os pais deles não tinham digerido ainda o que era Alice Cooper. A única coisa que eles sabiam era que aquele personagem era perigoso. Assim, a última pessoa que poderia ser presidente dos Estados Unidos era eu, até mais que Nixon (risos). Assim, nós tiramos proveito disso. Mas a ideia real do instrumental desta música era prestar uma homenagem ao The Who e a Pete Townshend, que era um de nossos heróis. Eu disse à banda para iniciarmos a música do jeito que Townshend faria."

Álbum: *Billion Dollar Babies* (1973)



► **Welcome to My Nightmare:**

"Esta foi a primeira música que compus quando estava sem a banda. Foi a primeira da carreira solo. Eu tinha a ideia para um show, que seria uma criança de 7 anos de idade que não

conseguiria acordar de seu pesadelo. O que aconteceria nesse pesadelo? A concepção dos personagens partiu daí. O título não poderia ser ligado a algo usual no rock'n'roll, mas a uma coisa mais fantasiosa e que causaria impacto no público, o levaria para dentro quando se escutasse o instrumental. Bob Ezrin e eu levamos muito tempo fazendo este disco até que sentíssemos que havia ficado do jeito que queríamos. Era uma grande responsabilidade, porque era o primeiro disco solo e tinha que ser algo único. Alguns não conseguiram o êxito que esperavam com o primeiro solo. Até Mick Jagger... Além disso, nosso show teria que ser algo grandioso, até maior que o de *Billion Dollar Babies*. De fato, o risco era grande, mas todo o dinheiro que eu tinha até então foi investido naquele show. Se falhasse, eu teria que recomeçar do zero. Ainda bem que funcionou..."

Álbum: *Welcome to My Nightmare* (1975)



► **Go To Hell:**

"Eu tinha que achar outro lugar para colocar Alice depois de *Welcome to My Nightmare*. Esta seria a sequência e então eu pensei em fazer com que Alice se visse dentro do inferno e pensasse em como

iria sair de lá. Ele tinha que ser mais que o diabo. Claro, tinha muito senso de humor dentro de toda aquela concepção. Veja, o show seria ainda mais grandioso, mas eu realmente estava exausto após a turnê de *Welcome to My Nightmare* e precisava tirar um ano de férias. Lembro que em determinado momento daquela turnê nós fizemos 65 cidades em 72 dias, num show de duas horas de duração. Era um show complicado, sem intervalo. E naquela época eu bebia bastante. Assim, quando ela se encerrou eu realmente estava acabado. Precisava descansar. Não consegui nem pensar direito em como seria um show para *Alice Cooper Goes to Hell*."

Álbum: *Alice Cooper Goes to Hell* (1976)

► **Inmates (We're All Crazy):** "Compus esta música logo depois de sair do hospital, quando passava por problemas com o álcool. Depois que saí, falei com Bernie Taupin, um de meus melhores amigos e que também escrevia letras. Eu contei a ele que as figuras que tinha visto naquele asilo insano em que eu estava internado dariam um bom tema. Eu disse a ele que precisava listá-los e fazer algo em cima disso. Então, ele me ajudou com as letras. Começamos a escrever e aquilo virou um pingue-pongue. Eu escrevia uma frase e ele completava

com outra. O mais legal desse processo é que ficou parecendo um desafio entre nós. Ele escrevia e eu tinha que achar algo que combinasse logo abaixo. Então, em um momento, começamos a terminar as linhas com algo que não daria para ter rima (risos). Uma que ele usou foi 'orange'. Ai, parei, fiquei olhando aquilo e falei: "Você quis dizer 'door hinge'? Caímos na risada."

Álbum: *From the Inside* (1978)



#### ▶ **Prince of Darkness:**

"Essa eu compus com Kane Roberts em uma época em que os filmes de terror sangrento estavam em alta. O mais curioso é que eu e Kane víamos filmes assim todas as noites. Ai, comentei

com ele que a coisa que menos queria naquele disco era uma balada. Eu queria mostrar que Alice estava de volta, mais perverso que nunca. Eu estava sóbrio, então o personagem Alice não poderia ser nada melancólico e trágico. Ele tinha que ser aquele vilão. Por isso, os álbuns *Constrictor* e *Raise Your Fist and Yell* tiveram aquela tendência mais pesada do hard rock. Claro, o bastante melodia no metal. Nós, então, compusemos *Prince of Darkness* antes mesmo do filme de John Carpenter. Para mim, ela é provavelmente a melhor música do disco. Kane Roberts tinha aquele visual na linha de Stallone, mas o cérebro de Jerry Lewis. Ele foi o cara mais engraçado com quem já trabalhei na minha vida. Ele tinha aquela pinta de bravo, mas era muito divertido. Além disso, foi um dos melhores guitarristas com quem toquei. Ele podia ser tão bom quanto Eddie Van Halen, mas as pessoas ficavam mais impressionadas pelo físico do que com ele tocando. Eu sei que ele poderia tocar coisas que Steve Vai estaria tocando."

Álbum: *Raise Your Fist and Yell* (1987)



▶ **Poison:** "Era outra época e eu sabia o que estava rolando no rádio, que eram coisas de Mötley Crüe, Bon Jovi e um Aerosmith bem diferente do que eu estava acostumado a ouvir. As músicas eram boas. Muito

boas! Comecei a pesquisar aquilo e sempre via o nome Desmond Child ligado a algumas destas que estavam em alta. Ai eu pensei comigo: "Esta é a chave, este é o cara." Então, me encontrei com ele e falei para ele fazer o mesmo que tinha feito com Bon Jovi e Aerosmith, mas que precisava ser um pouco mais obscuro, sexy e deveria manter a personalidade de Alice. Queria mesmo algo que, se tocasse no rádio, não sairia da cabeça do ouvinte. Bem, nós então sentamos e compusemos *Poison*, que tinha tudo aquilo que eu havia dito e estava buscando. Era sombria, sexy e marcante. Trabalhei muito bem com Desmond, que produziu *Trash*, um disco que tenho muito orgulho em ter feito."

Álbum: *Trash* (1989)

▶ **Feed My Frankenstein:** "Esta não foi criada por mim. Me mostraram a música e eu achei legal, mas queria fazer algumas pequenas mudanças na letra. Assim, entramos em contato com Zodiac Mindwarp (N.R.: um dos

compositores da música original) para falar sobre essas alterações. Ele concordou na hora e disse que não teria nenhum problema em mudar algo na letra. Fiquei muito contente quando ela foi escolhida para o filme 'Wayne's World' ('Quanto mais Idiota Melhor'). Meu assistente pessoal Tyler Clark é quem faz o personagem Frankenstein nos shows hoje em dia. O melhor de tudo é que quando ela começa, o público fica maluco!"

Álbum: *Hey Stoopid* (1991)



#### ▶ **Nothing's Free:**

"Quando comecei a compor *The Last Temptation*, eu passei a ver as coisas por outro lado, pelo ponto de vista cristão. Assim, o diabo não era algo para se olhar, mas para se evitar. Existe a fascinação pelo

oculto, pelo diabo, mas ele é a fonte de tudo que está errado. Se você começa a acreditar nisso e aceita, ele o pega do jeito que queria. Nada é de graça. O modo como mostram o diabo é aquela coisa produzida por Hollywood, que é algo amedrontador, grande, mas ele é aquele cara mais boa pinta, um Brad Pitt vezes dez. Ele não irá parar de enchê-lo de elogios, falar coisas como 'você é o melhor do mundo' e dizer o quanto gosta de você. Assim, você estará com ele, concordará com tudo e passará a elogiá-lo também. Ele perguntará o que você quer. Se quer aquela garota, ele arrumará para você. Uma Ferrari? Claro! Mas nada é de graça... E, no final, ele quer a sua alma, mas faz tudo parecer isso tão atraente. Então, essa imagem de Satã ser assustador é a versão hollywoodiana, pois a versão bíblica é muito diferente. Ele é o pai das mentiras, o grande enganador, e vai lhe dizer tudo que você quer ouvir, mas, no final, nada é de graça."

Álbum: *The Last Temptation* (1994)



▶ **Brutal Planet:** "Ela foi composta depois que vi o que estava acontecendo na África, com as tribos literalmente se matando. Aquilo era basicamente um genocídio. E vi a foto de um sujeito pegando ossos e

colocando-os dentro de uma sacola. Era a família dele. Fiquei pasmo, pensando comigo onde havia parado o mundo moderno. Aquilo era algo visto em 1870 e não naquela época. Foi quando me veio na mente, é um planeta brutal. Vivemos numa sociedade em que existem lugares mais isolados onde a vida é muito dura, não vale nada. Nada importa, as pessoas são brutais e se você não é o mais forte, você morre. Ai eu escrevi sobre essas coisas de um planeta da forma mais brutal que poderia ser. O grande ponto era fazer com que as pessoas acordassem, prestassem atenção naquilo, porque vivemos em um mundo confortável, mas a maioria está em apuros. Não estou falando de meio ambiente, mas de pessoas violentas, que fazem deste um planeta selvagem. Por isso, o disco é bem pesado. O compus com Bob Marlette, que também trabalhou comigo em *Dragontown*."

Álbum: *Brutal Planet* (2000)

▶ **Disgraceland:** "Eu queria escrever algo sobre

Elvis, um ícone. E quando você se torna um, tudo o que faz sai nos jornais, na mídia. Não faz mais nada que não vire notícia. Falo de pessoas como Elvis Presley, Michael Jackson, essas pessoas que geram notícias em qualquer área. Nós vimos Elvis mudar do cara perfeito para aquele sujeito fora de controle, que engordou, estava tomando drogas sendo contra as drogas. Não fazia mais sentido. Ele estava se autodestraindo na frente de todo mundo. Ele se deixou levar e acredito que buscava a autodestruição, porque queria fugir de ser Elvis Presley. Ele morreu e deixou o público parar de se importar com o que ele fazia. Foi a saída dele. Assim, *Disgraceland* não era sobre o fato de ele ser uma desgraça, mas sobre colocarem-no dentro de uma mansão tendo qualquer coisa à sua disposição. Pode ser qualquer garota, drogas, tudo o que quiser, contanto que você não saia da mansão. Você vai encontrar uma maneira de tirar a sua vida, porque lhe tiraram o direito à liberdade e você precisa achar aquele espaço e preenchê-lo. Então, vai se encher de comida, de drogas e tudo mais, até que logo estará louco ou morto. Quando me encontrei com Elvis, pensei comigo que nunca queria ficar daquele tamanho no sentido de não ter mais a minha liberdade para ir ver um filme, de sair para fazer compras, de jogar golfe, de comer num restaurante... De que adianta ter todo dinheiro do mundo e não ter liberdade?"

Álbum: *Dragontown* (2001)

#### ▶ **Between High School & Old School:**

"Ryan Roxie e eu a compusemos pensando no sentido de que o rock'n'roll ainda é uma música jovem, para adolescentes. Mas, apesar de eu ser um cara com mais de 50 anos na época, eu pensava como um adolescente. Então, eu estava entre a nova e a velha escola. O rock'n'roll à moda antiga para mim é uma realidade, mas para o público que vê um show pela primeira vez é uma coisa totalmente nova."

Álbum: *The Eyes of Alice Cooper* (2003)




#### ▶ **Paranoic Personality:**

"Todo mundo tem um amigo que gosta de uma teoria da conspiração. Sempre achei isso engraçado, porque é interessante a forma de como essas pessoas ligam fatos a outros de uma forma tão

absurda. Eu então escrevi uma música sobre esse cara, mas eu queria encontrar alguém para me ajudar com os ganchos, com as ligações. Então, Tommy Henriksen e Tommy Denander me ajudaram muito no processo. Quando compomos uma música, ela pode ter sempre aquele gancho que a faz seguir em frente até finalizá-la da forma que pretendíamos."

Álbum: *Paranormal* (2017)

**Ao final, perguntamos a Alice Cooper qual, dentre as músicas comentadas por ele especialmente para esta seção, seria a que melhor o identificaria para gerações futuras:** "*School's Out*. Ela é um rock pesado, é implacável, tem senso de humor e, ao mesmo tempo, faz sentido para todos os jovens. Ela será eterna, assim como *My Generation*, do The Who. Se você tocá-la para alguém de 16 anos de idade hoje em dia, ele lhe dirá: 'Sou eu!' A música tem mais de cinquenta anos e ainda faz sentido para um adolescente, da mesma forma que *School's Out*." 

# O novo clássico

## O VOCALISTA NATHAN JAMES FALA DA EXPERIÊNCIA COM ULI JON ROTH E TRANS-SIBERIAN ORCHESTRA E DA DEFINITIVA RESPOSTA À DECEPÇÃO NO THE VOICE UK: O INGLORIOUS

POR DANIEL DUTRA

**S**abe aquele hard rock com pitadas de rock'n'roll e blues que, ingredientes bem misturados, atende por classic rock?

Há uma nova turma que parece ter entrado no DeLorean de Emmet "Doc" Brown para voltar aos anos 70, beber direto da fonte e depois voltar ao presente para revisitar (e revitalizar) o estilo. Um dos grandes nomes dessa geração é o Inglorious, banda inglesa formada por Nathan James (vocal), Andreas Eriksson e Drew Lowe (guitarras), Colin Parkinson (baixo) e Phil Beaver (bateria). Com dois excelentes discos na praça – *Inglorious* (2016) e *Inglorious II* (2017) –, o quinteto desfila com competência influências de nomes como Free, Bad Company, Deep Purple, Rainbow, Led Zeppelin e Whitesnake em músicas irresistíveis. A ROADIE CREW conversou com James para saber um pouco mais, e o vocalista (anote aí: um dos melhores surgidos nesta década) não teve meias palavras nem mesmo ao comentar sua frustração na edição britânica do reality *The Voice*, em 2012.

**Vocês assumiram novamente a produção, mas *Inglorious II* tem um som mais orgânico e que casa melhor com o estilo da banda. É o que vocês estavam buscando desde o primeiro álbum?**

**Nathan James:** Com certeza, mas isso tem muito a ver com o fato de que a mixagem foi feita por Kevin Shirley. Ele é o melhor quando o assunto é o verdadeiro rock'n'roll, então seu toque na hora de mixar fez a diferença. Nós produzimos porque simplesmente gravamos as músicas ao vivo, o que Kevin gosta, devo acrescentar. Então, ele simplesmente pegou as versões cruas e as deixou com um som gigantesco, como se você estivesse conosco no estúdio enquanto tocamos. Eu tenho imenso respeito por ele, adoro o que faz com o Black Country Communion, seu trabalho com o Iron Maiden... O currículo do Kevin é incrível, então

ficamos realmente empolgados quando soubemos que iríamos trabalhar com ele (N.R.: braço-direito de Joe Bonamassa há muitos anos, Shirley já produziu, mixou ou foi engenheiro de som de álbuns do Dream Theater, Journey, Led Zeppelin, Rush, Aerosmith, Europe, Mr. Big e Slayer, entre muitos outros).

**E ter tocado com Uli Jon Roth e Trans-Siberian Orchestra certamente o fez ter confiança para assumir a produção com a banda, não?**

**Nathan:** Sim, definitivamente! Aprendi muito sobre profissionalismo com o Trans-Siberian Orchestra, cresci como músico, pessoa e homem de negócios ao fazer parte de um projeto tão respeitado e que funciona como uma máquina perfeita. Todos lá fazem sempre o melhor o tempo todo, e estamos falando de alguns dos melhores músicos do mundo. E também aprendi bastante com Uli, mas sobre como é importante manter a música viva, livre e vibrante. Isso me ajudou a romper barreiras, a não ter medo de errar. Uli é um guitarrista extraordinário, você sabe, e foi trabalhar com ele no *Scorpions Revisited* (N.R.: CD duplo e DVD lançados em 2015) que me fez decidir ter no Inglorious ótimos músicos, porque quero sempre gravar ao vivo e capturar aquela mesma energia dos anos 70.

**Interessante, porque no primeiro disco tive a impressão de que você sabia exatamente o que queria para o Inglorious.**

**Nathan:** É isso mesmo. Sabe, considere-me um afortunado por ter trabalhado com alguns dos melhores guitarristas do planeta. Além de Uli, pude gravar com Steve Vai e Steve Morse (N.R.: Deep Purple), toquei com Al Pitrelli (N.R.: Trans-Siberian Orchestra, ex-Savatage e Megadeth), Joel Hoekstra (N.R.: Whitesnake, ex-Night Ranger) e Bernie Marsden e Micky Moody (N.R.: a dupla original das seis cordas no

Whitesnake), então eu sei como músicos de verdade soam, e minha geração pode demorar muito mais para descobrir o que é isso. Nos anos 70 não havia videogames, então era preciso praticar intensamente em seus instrumentos (risos). As distrações de hoje em dia me fizeram levar muito tempo para encontrar a formação perfeita para o Inglorious, porque eu queria os melhores. O que você ouve no álbum é a banda tocando ao vivo e funcionando como um relógio. São músicos com groove e que ouvem e respeitam uns aos outros.

**Especificamente sobre você, Nathan, muitos fãs também já o conheciam por sua participação no *The Voice UK*. Sendo bem franco, a cara de desprezo de Tom Jones e a reação de Kylie Minogue foram uma falta de respeito (N.R.: a atriz e dublê de cantora esperou o vocalista sair do palco para reclamar que era muito barulhento).**

**Nathan:** Honestamente, fiquei muito feliz por não ter continuado, exatamente porque não estaria fazendo o que faço hoje (N.R.: James cantou *Livin' on a Prayer*, do Bon Jovi, mas nenhum jurado virou a cadeira). Estaria preso a um contrato com uma emissora de TV, participando de programas escolhidos por terceiros e sem poder fazer minha própria música. Na verdade, agradeço a eles por terem preferido não trabalhar comigo. O novo disco do Inglorious entrou no Top 10 no Reino Unido na semana de lançamento, além de ter ido para o primeiro lugar no ranking de álbuns de rock, então eu gostaria de mandar uma mensagem para eles, dizendo o quão fodidamente estúpidos foram (risos). Sério, eu adoraria fazer isso.

**Eu não esperava por uma resposta assim, mas é exatamente o que eu penso sobre esses programas e seus jurados. O que eles sabem? É difícil lembrar um vencedor que tenha conseguido algo, mas**

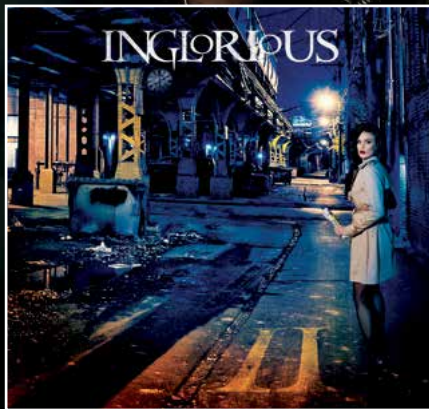
Colin Parkinson, Drew Lowe, Nathan James, Andreas Eriksson e Phil Beaver: classic rock de gente grande

**você, cinco anos depois, viu Brian May comparar o Inglorious ao Deep Purple e ouviu de Kevin Shirley que a banda é a melhor desde o Led Zeppelin no Reino Unido. Talvez um exagero, mas você entendeu... (risos)**

**Nathan:** Exatamente! Sendo bem sincero, a única razão por que participei daquele programa foi para as pessoas me ouvirem cantar. Não me importo se eles gostam do que faço, de como me visto ou da música que canto. Eu sei cantar. Não preciso que me digam se eu sei ou não, porque tenho certeza de que sei. Trabalhei duro a vida inteira e, depois do programa, pude excursionar ao redor do mundo. Hoje, ainda jovem (N.R.: o vocalista tem 29 anos), já posso dizer que tenho uma vida maravilhosa dentro da música. Pessoas como aquelas, em minha opinião, nunca serão tão boas como eu sou. Quando disseram não, simplesmente achei ridículo, mas aí lembrei que aquilo era apenas um programa de TV. Eu posso cantar por muito mais tempo, mais trinta ou quarenta anos, e a maioria ali não pode, então, no fim das contas, vou continuar fazendo turnês, compondo as minhas músicas e me divertindo. Eventualmente vou provar, como estou fazendo agora, que todos eles estavam errados, porque quem achava que eu não conseguiria percebeu que estava errado. Eu tenho um disco que foi número 1 nas paradas de rock do Reino Unido, então eles podem calar a boca.

**Sim, foi uma situação frustrante, mas talvez necessária para você chegar onde está hoje.**

**Nathan:** E foi por causa do programa que o Trans-Siberian Orchestra me achou, porque alguém assistiu ao vídeo no YouTube. É incrível que esteja disponível para milhões de pessoas em todo o mundo, porque também foi assim que a Frontiers Records soube de mim. Eles viram que eu havia me tornado um cantor bem falado por causa desses programas e resolveram me dar uma chance (N.R.: James também participou do Superstar, no mesmo ano, e impressionou ao cantar *Sweet Child O' Mine*, do Guns N'Roses; *Ain't No Sunshine*, de Bill Withers; e uma versão soul de *Born This Way*, de Lady



## INGLORIOUS II FRONTIERS - IMP

Gaga, entre outros hits, mas acabou eliminado pelo veterano compositor Andrew Lloyd Webber por causa de seu comportamento nas redes sociais). Ou seja, tudo aconteceu por causa das minhas aparições na televisão. Por mais irritantes que sejam esses programas, a verdade é que você não vai a lugar algum se ficar sentado no sofá ou à frente do computador. É preciso mostrar a cara e fazer shows, incluindo esses reality shows. Os jurados podem não gostar de você, especialmente se for do rock'n'roll, mas se você for bom o suficiente e as pessoas gostarem da sua voz, vai conseguir seguir carreira. Isso é o mais importante.

**Musicalmente, o Inglorious dá aos fãs mais novos a chance de revisitar grandes nomes do passado, por causa das influências. Por exemplo, e corrija-me se eu estiver errado, assim como *Holy Water* e *Girl Got a Gun*, do disco anterior, *Change is Coming* e *Making Me Pay* têm muito de Paul Rodgers, não?**

**Nathan:** Você está absolutamente certo! Eu adoro Paul Rodgers e vou assistir a um show dele no próximo fim de semana (risos). Ano passado eu tive a oportunidade de encontrá-lo durante a turnê do Bad Company, porque conheço a sua filha, Jasmine, e pudemos conversar no backstage. Cara, ele está cantando mais do que nunca! É curioso que você tenha mencionado *Making Me*

*Pay*, porque Kevin, quando estava mixando a música, mandou uma mensagem para mim dizendo que eu estava soando como Paul Rodgers. Foi o maior elogio que poderia receber, porque amo aquela voz. Não é minha intenção soar como alguém, mas é algo natural porque eu aprendi com os melhores. Rodgers, David Coverdale, Glenn Hughes, Robert Plant e Ronnie James Dio, que são deuses para mim. São inspirações, então procuro pegar o melhor de cada um para moldar meu próprio estilo.

**E há várias bandas mais novas trazendo o bom e velho rock'n'roll para o presente, como Blues Pills, Vintage Trouble, The Answer e Black Stone Cherry, por exemplo, mas o Inglorious se destaca ao seguir um caminho mais classic rock. Quando ouvi o disco de estreia, tive a mesma sensação de quando escutei o *Badlands* pela primeira vez, em 1989. O que acha disso?**

**Nathan:** Sério? Uau! Eu adoro *Badlands*, Ray Gillen é um dos meus vocalistas favoritos em todos os tempos! Gostei de ouvir isso e tenho de concordar com a questão do classic rock. Todas as bandas que você citou são ótimas, como Blues Pills e Vintage Trouble, e incluo o Rival Sons... Mas elas não são da Inglaterra, berço do classic rock, onde nasceram Whitesnake, Bad Company, Queen, Rainbow e todos os grandes nomes que você puder lembrar. Está no nosso sangue, e sinto que estamos fazendo um bom trabalho ao mostrar que o classic rock está vivo e muito bem.

**Bom, costume dizer que Led Zeppelin, Deep Purple e Black Sabbath são a santíssima trindade do rock, então me pergunto o que tem na água de vocês...**

**Nathan:** Acho que o segredo é que não bebemos água, mas cerveja! (risos) É a nossa ale, que é a verdadeira ale (risos). E tem o clima na Inglaterra, que nos força a estudar e praticar bastante nos instrumentos. E temos mais tempo para compor grandes músicas sobre como o clima aqui é uma merda, afinal, ficamos em casa porque não tem sol para aproveitarmos na rua (risos).



O Yes é muito importante para a história do rock em todas as vertentes e está acima da realização pessoal de seus membros”, declarou o saudoso baixista Chris Squire, em 2008, para a ROADIE CREW. Quanto à primeira afirmação, não há contestação possível, mas a segunda, embora certa, nunca pareceu ser levada tão a sério pelos parceiros de empreitada do baixista. Na verdade, em toda a história do Yes, a única coisa



POR VALTE MIR AMLER

que chamou tanto a atenção quanto a genialidade musical do grupo inglês foi o entra e sai de músicos, o que acabou tornando Squire o único a integrar todas as encarnações e todos os lançamentos até seu falecimento em 2015. “Jamais coloquei minhas incursões solo em primeiro

plano, ao contrário de Jon Anderson, Rick Wakeman e até de Steve Howe”, declarou ele na mesma entrevista. Mas, deixemos o saudosismo de lado em nome da história, do talento e do legado do Yes, formação surgida no auge de monstros sagrados como The Who e Cream e que, com talento, persistência, sensibilidade musical, egos inflados e até um pouco de sorte, revolucionou toda a cena musical à sua volta, tornando-se referência desde o prog, que ajudou a moldar, até o avant-garde black metal.



Steve Howe, Tony Kaye, Chris Squire, Jon Anderson e Bill Bruford, a formação em 1971, anterior a *Fragile*, álbum fundamental do rock progressivo

FOTO: DIVULGACAO

## IMPERDÍVEIS



### FRAGILE (1971)

Jon Anderson (vocal), Steve Howe (guitarra), Chris Squire (baixo) e Bill Bruford (bateria) eram bem conhecidos dos fãs, mas em *Fragile* aconteceria uma daquelas estreias que ficam marcadas para sempre no coração de todos: foi nesse álbum que estreou o talentoso tecladista Rick Wakeman. “Nós já estávamos trabalhando no material quando Tony Kaye saiu, mas Wakeman chegou e deu outra vida às músicas”, garantiu Squire para a

ROADIE CREW. Ele vai ainda mais longe: “Ele era mais técnico que Tony, classicamente treinado e educado, e estava sempre se atualizando em novos sons e instrumentos. Um novo leque de possibilidades se abriu para o Yes com a entrada dele.” De fato, o grupo parecia revigorado com o sucesso de *The Yes Album* (1971) e a Atlantic Records, que antes tinha colocado a corda no pescoço do grupo, garantiu até um extra para a contratação de Roger Dean, que, a partir de então, assumiria

a arte das capas clássicas do Yes. “Suas obras nos inspiravam musicalmente e davam sentido visual ao som do Yes”, garantiu Squire. No fim das contas, cada instrumentista teve seu momento de brilho: o baixo de Squire em *Roundabout*, a bateria de Bruford em *Five Percent for Nothing*, os teclados de Wakeman em *Cans and Brahms* e a guitarra de Howe em *Mood for a Day*. Tudo perfeito, até a junção mágica e harmoniosa de todos os elementos em *Heart of a Sunrise*.



### CLOSE TO THE EDGE (1972)

Por fim, havia chegado o dia em que Bill Bruford cansou de tudo e pediu para sair. Mas ele ainda deixou uma última grande obra: *Close to the Edge*. “Bill saiu da banda por diferenças musicais com Jon Anderson e Steve Howe, pois não concordava com o direcionamento que eles queriam dar ao Yes”, declarou Squire, esquecendo que seu perfeccionismo também fora um dos motivos. No fim das contas, a parte pior ficaria para

o novo baterista, Alan White. Dono de uma pegada mais rocker, White teria apenas três dias para aprender o repertório altamente técnico e repleto de influências jazzísticas de Bruford antes de sair em uma turnê pelo EUA, onde a banda já estava quando este disco foi lançado. Tudo deu certo: embalado pela longa faixa-título, que ocupava todo o lado A do vinil, e pelas não menos perfeitas *And You and I* e *Siberian Khatru*, o quinto disco do Yes obteve a 3ª posição nos EUA

e a 4ª na Inglaterra. A gigantesca e bem sucedida turnê culminou no lançamento do primeiro disco tripla ao vivo oficial da história do rock, *Yessongs*. O lugar de favorito dos fãs parece incontestável. “Eu concordo com eles, pois é um disco repleto de momentos especiais e que demonstra o desenvolvimento do grupo”, concluiu Squire. Dali por diante, o sucesso rumaria ao exagero, mas sem retroceder em sua proposta inovadora e ousada.

# EXCELENTES



## THE YES ALBUM (1971)

*Yes* (1969) e *Time and a Word* (1970) tiveram uma resposta positiva, mas não o suficiente para animar os executivos da Atlantic. “Esse era o terceiro disco que

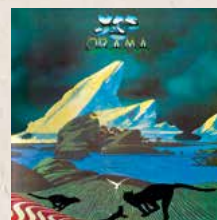
fariamos para a Atlantic e se nada acontecesse dessa vez, provavelmente seríamos dispensados”, relembrou Squire. “Felizmente deu tudo muito certo. O disco foi lançado e acabou chegando ao primeiro posto das paradas na Inglaterra”, completou. O álbum que marcou a estreia do guitarrista Steve Howe (ocupando o posto deixado por Peter Banks) ainda foi responsável pelos primeiros clássicos da carreira do Yes, como *Yours Is no Disgrace*, *Starship Trooper* e *I've Seen all Good People*, e garantiu a primeira turnê pelos Estados Unidos abrindo para o Jethro Tull, logo seguida por outras duas passagens, com Ten Years After e J. Geils Band. Não leve em consideração a capa bizarra, com uma foto da banda em que o pé engasgado do tecladista Tony Kaye chama a atenção. Tudo tem explicação. Neste caso, Kaye havia sofrido um acidente de carro duas semanas antes e o Yes ainda não contava com o talento de Roger Dean. E ainda tem o cartão de visitas de Howe em *Clap*.



## TALES FROM TOPOGRAPHIC OCEANS (1973)

“É, de fato, um álbum diferente daqueles que vínhamos gravando. Audacioso até demais. Pensávamos ser uma boa ideia lançá-lo

após *Close to the Edge*, mas a história tratou de nos mostrar que erramos enormemente”, afirmou Squire, que arrematou: “Aquele disco fez com que o Yes soasse um pouco exagerado, autoindulgente em certos instantes, incapaz de escrever coisas simples.” Por outro lado, Alan White afirmou: “Foi um trabalho monumental. Usamos uns grooves étnicos bem estranhos nele, eu e Jon trouxemos muita coisa diferente para este disco”. E sentenciou: “Essa empreitada nos custou uns oito ou nove meses de trabalho. Só que valeu a pena, as pessoas elogiam esse disco até hoje.” E não tem jeito mesmo. Até hoje o sexto disco de estúdio do Yes divide opiniões. Alguns, como Rick Wakeman, que abandonou o grupo meses após o lançamento, tecem críticas agressivas, enquanto outros o louvam como um trabalho de genialidade pura. Ouça *The Revealing Science of God* e *The Remembering*, as duas melhores peças desta longa e excitante obra, e tire suas próprias conclusões, já que nem a banda é unânime aqui.

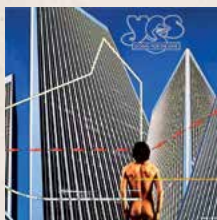


## DRAMA (1980)

Ao chegar ao seu décimo disco de estúdio, muita coisa estava mudada no mundo do Yes. Seus músicos já ostentavam status de heróis do rock progressivo, de lendas

do rock, mas, em contrapartida, dois de seus membros mais queridos estavam fora: o vocalista Jon Anderson e o tecladista Rick Wakeman, reflexo do complicado momento que a banda vivia após a decepção com *Tormato* (1978), que agradou pouca gente na época. E não era só isso: eles começavam a deixar de lado muito de sua peripécia técnica em favor de um som mais simples e comercial, o pecado dos pecados para muitos de seus antigos fãs. Tinha tudo para dar errado... Mas deu certo. No fim das contas, o novo vocalista, Trevor Horn, tinha uma ótima voz e Geoff Downes era um tecladista muito talentoso. “Gravamos um ótimo disco com Trevor e Geoff, e poderíamos até ter ido em frente com aquela formação”, comentou Squire. Gravado em cerca de três meses no Townhouse Studios, o disco abre com a forte *Machine Messiah*, que alguns diriam até se aproximar muito dos riffs de heavy metal. Confira *Into the Lens*, composta pelos dois novatos, uma boa amostra do que os fez ocuparem cadeiras no Yes.

# BONS



## GOING FOR THE ONE (1977)

Durante os anos de 1975 e 1976, os membros do Yes se dedicaram ao lançamento de álbuns solo, entre eles os fantásticos *Olias of Sunhillow*, de Jon Anderson, e *Fish*

*out of Water*, de Chris Squire. Em 1977, era a vez de o Yes lançar um disco, mas já sem o tecladista Patrick Moraz. “Foi nesse álbum que Rick Wakeman voltou a tocar conosco”, comentou o baterista Alan White. “Patrick Moraz acabou se afastando de nós e Rick voltou a ter interesse na banda. Ele gostou do material e de repente estava de volta.” Squire emendou: “Rick assumiu posto de grande importância e destaque na banda. Havia certo clamor dos fãs pelo retorno dele e nós também gostaríamos de tê-lo de volta.” No fim, Squire foi direto ao ponto: “O estilo clássico dele se encaixava melhor na música do Yes. Patrick sempre esteve mais ligado e próximo ao jazz.” Mantendo o estilo grandioso, Wakeman tocou o órgão da igreja St. Martin de Vevey (SUI) nas faixas *Parallels* e *Awaken*, enquanto o restante da banda permanecia no estúdio. Funcionou. O disco foi o segundo a alcançar o primeiro posto no Reino Unido.



## 90125 (1983)

A formação com Trevor Horn e Geoff Downes em *Drama* tinha dado bons frutos, mas, três anos depois, o Yes estava pronto para mudar de novo. “Começou como uma reunião comigo,

Chris e Trevor”, comentou Alan White para a ROADIE CREW. “Resolvemos montar uma banda que se chamaria Cinema. Chris sugeriu que chamássemos Tony Kaye para os teclados e assim surgiu a base que gerou *90125*. Então, Jon ouviu as músicas, cantou algumas delas e gostou do resultado. Ai, não dava para usar outro nome que não fosse Yes.” Contando com a guitarra de Trevor Rabin, o Yes não escondia uma faceta mais pop, músicas mais simples e comportadas, mas que primavam pelas melodias e pelos belos arranjos vocais, como era tradição na discografia do grupo. Logo de cara, uma faixa que se tornaria clássica: *Owner of a Lonely Heart*. White comentou sobre a primeira vez que ouviu a canção: “Foi numa demo gravada por Trevor Rabin. Nós mudamos um pouco a levada, incluímos uma parada no começo e outra no meio e ela estava pronta. Acabou se tornando uma música única.” Destaque ainda para *Cinema*, que rendeu um Grammy à banda.

# CUIDADO



## UNION (1991)

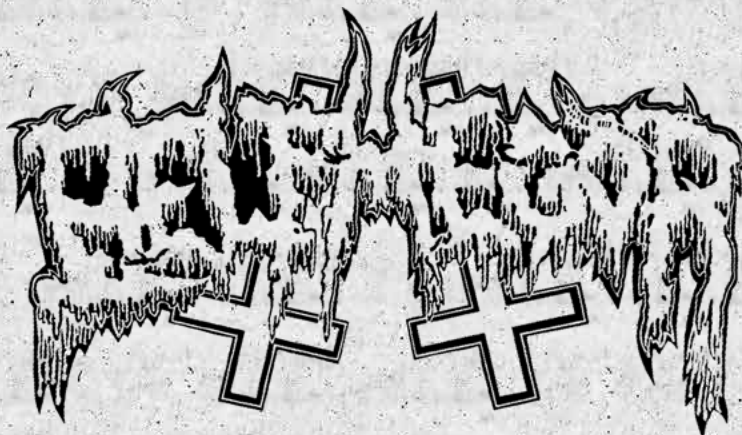
Você talvez lembre que, após *90125* e o pouco lembrado *Big Generator* (1987), Jon Anderson se juntou com alguns antigos comparsas de Yes no Anderson Bruford Wakeman Howe,

que estreou no disco de mesmo nome em 1989 e que, convenhamos, era um Yes de nome mais longo. Enquanto isso, Anderson, Squire, White, Rabin e Kaye formavam o Yes. Um belo dia, a epifania: unir as duas “versões” do Yes em uma única e grande banda, repleta de talentos. Sim, a ideia parecia boa, mas no fim das contas, era “muita bunda para pouco penico”... O grupo acabou unindo apenas os defeitos e excentricidades de ambas formações e a pretensa união soou forçada demais – inclusive, todos sabemos que a lista de músicos que tocaram no disco é bem maior do que os citados anteriormente. A coisa foi tão bizarra que Wakeman chegou a declarar que o disco deveria se chamar “Onion” (cebola), já que o tinha feito chorar logo na primeira audição. Sim, é muito difícil ouvir. De positivo mesmo, apenas a capa, mais um trabalho com a marca e o talento de Roger Dean. Passe longe.

**OUTROS:** Claro que em uma história que no próximo ano chegará aos cinquenta anos, muitas outras coisas rolaram na carreira do Yes: teve mais gente envolvida e outros álbuns foram lançados. Dentre os discos de estúdio, a estreia com *Yes* (1969) foi no máximo bacana; já *Time and*

*a World* (1970) mostra o Yes desenvolvendo aquilo que se tornaria sua marca definitiva. *Relayer* (1974), que conta com os teclados de Patrick Moraz, é o disco mais técnico da carreira do quinteto, enquanto *Tormato* (1978) penou mais pela época em que foi lançado, o auge do punk, do

que pela sua qualidade, afinal, ali estão *Release Release e Madrigal. Talk* (1994) é bem interessante e vale a pena. Dos ao vivo, *Yessongs* (1973) e *Keys to Ascension* (1996) são os melhores. Mas este é o Yes e eu sei que você vai querer ouvir todos os outros.



# OS MISSAIS E OS RITOS DOS MORTOS

PRESTES A CELEBRAR 25 ANOS DE UMA CARREIRA  
COM MUITO MAIS ALTOS DO QUE BAIXOS, OS  
AUSTRIACOS LANÇAM SEU DÉCIMO PRIMEIRO ÁLBUM

POR VALTEMIR AMLER





**C**onversar com um velho amigo é sempre uma experiência boa, especialmente quando ele tem muito para contar. E Helmuth Lehner acumulou muito

para dizer nesses 25 anos de Belphegor. Dos tempos em que a banda ainda penava para se fazer conhecida em sua terra natal até o sucesso e reconhecimento mundial, foram muitos passos e muitas histórias, que ganharam agora um novo capítulo em *Totenritual*, o 11º disco de uma carreira sem pausas, sem folga e sem misericórdia. Confira um pouco da trajetória dessa legítima lenda nas palavras de seu líder e mentor, que ajudou a elevar o status do metal austríaco em todo o mundo. Aproveite, também, para conhecer um pouco melhor o recém lançado novo disco, cuja temática vem bem a calhar em uma época em que a humanidade parece à beira do colapso total.

**Vocês estiveram no Brasil em fevereiro e tocaram *Totenkult – Exegesis of Deterioration*. Como sentiu a recepção aos novos sons em todo o mundo?**

**Helmuth Lehner:** Sim, fizemos uma turnê na América Latina em fevereiro e março de 2017 e foi uma ótima experiência. Acredito que já tocamos essa música desde o final de 2015 e é uma faixa brutal ao vivo. Nós já visitamos a América Latina dez vezes e as pessoas por aí são muito apaixonadas. É emocionante quando a multidão fica selvagem e grita, pois isso nos dá força extra para destruir nossas músicas com a maior brutalidade. O feedback até agora tem sido incrível. Vamos adicionar *Baphomet*, *Totenbeschwörer*, *Swinefever – Regent of Pigs* e *The Devil's Son* ao set principal. O inferno espera... Aliás, acho que retornaremos para a América Latina em março de 2018 para outro passeio.

**O Belphegor nunca foi uma banda que buscou agradar as pessoas, mas imagino que é ótimo receber uma boa resposta por algo que criou com convicção e verdade. Como se sente quando vê seus fãs vibrando?**

**Helmuth:** Se as pessoas mergulham no que estamos fazendo, isso é um prazer para nós. Eles são a razão pela qual ainda estamos aqui e nos permitem marchar todo o mundo com a máxima força. No que diz respeito aos 'haters' e às pessoas ofendidas, também está bom pra mim. Eu não imploro que gostem de ouvir minha música. É problema deles, não meu. Eu também, pessoalmente, não gosto de muitas coisas, então apoio o que gosto e ignoro o resto. Estou fazendo o que sou como músico e se as pessoas entendem e respeitam o Belphegor, isso é ótimo!

**De certa forma, esse orgulho que você pode sentir pela sua carreira não existiria se a banda ou se você estivessem fazendo o que outros querem ouvir, certo? Quero dizer, para ser verdadeiramente um artista, você precisa de liberdade para perseguir seus ideais. Concorda?**

**Helmuth:** Sim, mas nunca vi isso como carreira, sinto que essa palavra arruína o conceito de arte, apesar de ser um músico profissional. O que quero dizer é que, embora eu ganhe minha vida com isso, que é algo que aprecio, nunca me tornei músico com o ganho financeiro como principal objetivo. Ainda não é fácil sobreviver, mas não sou ganancioso. Não preciso de tudo nesta sociedade de consumo em que vivemos. Tenho muitos interesses além da música, mas ainda é a minha paixão número um e, provavelmente, a coisa mais importante e inspiradora para mim. Eu não sou um cara muito social, mas se as pessoas me respeitarem, eu também as respeito e sou muito fiel a quem eu me dedico. Eu me vejo como uma espécie de xamã. Muito mudou para mim quando minha mãe morreu e depois da minha cirurgia cardíaca. Passo a maior parte do meu tempo sozinho ou com alguns amigos, especialmente meu irmão de sangue, Barth, aqui e ali. Eu prefiro relaxar nas paisagens da Áustria, apesar de, infelizmente, não ter tanto tempo para isso quanto eu gostaria. Eu vivo fora da cidade, cercado por uma natureza magnífica e montanhas enormes. O resto do tempo estou em turnê e gosto de viajar ao redor do mundo.

**Como *Totenritual* representa os ideais e a fé de ferro do artista Helmuth Lehner?**

**Helmuth:** Eu me identifico com tudo o que se refere ao Belphegor, é parte da minha vida. É muito mais do que apenas uma banda qualquer para mim, é minha atitude e meu legado, parte da minha identidade. Não importa se é a capa, o conteúdo lírico ou a música que, é claro, reina acima de tudo. É um título perfeito para representar o que estamos oferecendo a este mundo



**TOTENRITUAL**  
NUCLEAR BLAST/SHINIGAMI – NAC

com o novo álbum. É a palavra alemã para 'ritual da morte' e representa como nós vemos a progressão da sociedade. Os seres humanos são a espécie mais autodestrutiva deste planeta e investem incríveis quantidades de tempo e dinheiro na invenção e na produção de instrumentos homicidas. Basta olhar ao seu redor, eles estão se matando e se envenenando todos os dias, encontrando novas maneiras de arruinar nossa saúde e nossas paisagens. O desejo pelo luxo moderno e pela vida prazerosa e conveniente é agora uma doença debilitante e um vício. Mais e mais humanos nascem no mundo, deixando apenas mais vítimas para envenenar e destruir. A quantidade está diminuindo a qualidade de vida, todos sabem disso. A corrida contra a morte está acelerando e o Belphegor está amaldiçoando a todos. *Totenritual* está convocando o fim desta espécie vil.

**O Belphegor nasceu mais de duas décadas atrás. É relativamente simples começar uma banda com uma ideia clara, com uma proposta bem definida, mas imagino que vocês passaram por maus momentos para chegar até aqui.**

**Helmuth:** Em 2018 celebraremos 25 anos. É irreal quando penso em todos os sacrifícios que precisamos fazer. Nos primeiros dez anos era só lutar e lutar, muitas vezes sem dinheiro para comida, tivemos que vender tudo, incluindo coleções de LPs, apenas para pagar o estúdio e os instrumentos, ou para alugar salas de ensaio das quais sempre éramos expulsos no dia seguinte por algum excesso. Ficávamos destruídos o tempo todo e tentamos ser a banda mais extrema deste planeta. Nós éramos uma bagunça completa naquela época. Certo, houve momentos em que pensei: 'Porra, o que está acontecendo? Está tudo dando errado!' O caminho que trilhávamos com frequência era difícil, mas nunca tomamos a estrada fácil. Eu cogitei a ideia de desistir quando nós, muitas vezes, estivemos afundados em besteira, mas no final nunca o considerava seriamente. É por isso que estou mais que orgulhoso do que conseguimos – e a jornada ainda não acabou! Não havia nenhum gerente ou uma ferramenta de marketing, nós sempre decidimos por nós mesmos, seguimos nosso próprio caminho e continuamos a fazê-lo. Até por isso, no próximo ano planejamos oferecer os três primeiros álbuns, *The Last Supper* (1995), *Blutsabbath* (1997), e *Necrodaemon – Terrorsathan* (2000), com as artes originais em um CD com preços especiais porque não é fácil encontrá-los. Pensamos nisso como um presente para os nossos fãs. Vamos lançá-lo através da Season of Mist.

**O mundo da música é cruel, diz que quer originalidade, mas na verdade, não quer que você 'assuste' as pessoas com sua arte.**

**Helmuth:** O Belphegor esteve em contato com a censura opressiva muitas vezes ao longo dos anos e, claro, é taxativo e provocativo. Mas o mundo é formado por algumas ovelhas ignorantes, que seguem seus líderes insanos, então eu suponho que isso sempre será uma parte de nossas vidas. Os objetos da censura mudaram ao longo da história, mas sempre há algo que deve ser o bode expiatório. As visões anti-religiosas sempre foram censuradas, temas sexuais, além de conhecimento e inovação. A raça humana simplesmente não é algo para se orgulhar quando observado a partir de uma distância objetiva. Tento manter as coisas mais positivas em mente. Claro, houve centenas de experiências e contratempos negativos, mas sobrevivi a tudo. Se você cair, precisa aprender a voltar e se tornar ainda mais forte do que antes. Nunca desista facilmente, nem deixe as influências dos outros quebrá-lo. A vida é feita de altos e baixos. Ao tentar fazer de suas visões uma realidade, às vezes você supera obstáculos, outras vezes você falha. Mas se você não tentar, nunca saberá o que poderia ter sido. Então, é assim que ficamos apaixonados ao compor sons mais desafiadores e viciosos, e tentamos muitos arranjos novos, até mais brutais, em *Totenritual*. Eu não quero dizer que esqueci os dias ruins que tivemos, mas nem sempre é suficiente mantê-los em mente quando o objetivo é continuar avançando. Somos indestrutíveis quando as pessoas nos apóiam e a horda ainda está crescendo.

**Ouvindo os registros de Belphegor é fácil ver que você é um compositor meticu-**

**loso e detalhista. Como as coisas funcionam no estúdio? Quando sente que uma música está pronta para ser gravada?**

**Helmuth:** Depende... Às vezes uma faixa precisa apenas de alguns meses, às vezes ela leva anos... Quando começamos um projeto, entramos no modo de praticar intensamente, sobretudo antes de entrar em estúdio, para estarmos bem preparados. Eu não quero praticar no estúdio ou perder tempo que deve ser usado para o processo criativo. Claro, antes da gravação ensaiamos juntos, como uma banda, da maneira que deve ser. Eu quero sentir a vibração e quando tudo se concretizar quero sentir a energia. Me senti muito bem ao compor essa décima-primeira oferta, o humor era bom, todos agradeceram o desafio e se mostraram muito apaixonados. Tudo soa exatamente como tínhamos imaginado. Eu não acho que já estive tão orgulhoso de qualquer outro álbum do Belphegor antes. Nós afinamos as guitarras em si e lá sustenido, que é muito mais baixo do que já usamos antes, e abrimos um novo mundo de possibilidades. Eu tenho que dizer que tudo o que tentamos funcionou melhor do que esperávamos. Odeio a estagnação. Você precisa deixar sua zona de conforto, é a única maneira de desenvolver e criar arte. Nós gravamos com um produtor com o qual trabalhamos no passado, Andy Clasen, no Stage One Studios na Alemanha para o baixo e a bateria. As guitarras e os vocais foram gravados na Áustria, no Studio Mischmaschine com Jakob Klingsbigl. Jason Suecof e Mark Lews forjaram uma parede de som agressiva nos estúdios Audiohammer (EUA) e mixaram *Totenritual*.

Esta foi a primeira vez que gravamos em vários estúdios. Foi uma decisão importante para crescer e entrar em novos níveis de escuridão.

**Quando você escuta um disco antigo do Belphegor, imagina de forma inconsciente novas peças ou novos arranjos para aquelas músicas?**

**Helmuth:** Claro, aqui e ali, eu escuto os antigos sons em carros, bares ou quando tocamos, nos locais de show. Sempre é incrível e às vezes estranho, porque é uma espécie de um diário para mim, e cada álbum conecta-me com quem eu era e o que eu passei durante o tempo em que trabalhei nele, ensaiando e gravando. Às vezes, fico impressionado quando não ouço algumas músicas por cerca de cinco anos ou mais (risos). Mas é interessante como eu entendo o que escuto e acho que é um bom sinal. Todas as vezes nós tentamos trazer o melhor em nós; com certeza, hoje em dia melhoramos como músicos e em todos os sentidos, o que é sempre uma das nossas principais prioridades.

**Obrigado pela entrevista e parabéns pelo novo álbum. Espero ver vocês de volta ao Brasil logo!**

**Helmuth:** Obrigado pelo apoio na ROADIE CREW. Gostaria de lembrar que a versão digipack do álbum vem com duas faixas extras ao vivo, ambas gravadas em abril no festival Inferno em Oslo (NOR). Espero que as pessoas não esperem para obter o novo álbum e nos apoiem para que possamos continuar marchando com a máxima força em todo o mundo!



Serpent, Helmuth e BloodHammer, atual formação do culto da morte austríaco

**PRIMORDIUM**  
OLD GODS

10 SONS INÉDITOS QUE MOSTRAM MAIS UMA VIAGEM  
DEATH METAL ÉPICA AO ANTIGO EGITO E SEUS DEUSES!  
ADQUIRA JÁ!

Ainda Disponível: T'ODTENBUCH

**RISING** Records  
Av. Augusto Severo, 143-A, sala 3, Centro  
Mossoró/RN. CEP: 59600-150  
84 98807.2334 - 84 99696.3261

**METAL UNDER STORE**  
fsreisquimico@hotmail.com

**PRIMORDIUM**  
primordium@hotmail.com  
facebook.com/primordiumbr

ARTE: WWW.BURNARTWORKS.COM

**NERVOSA** **AGONY**

SOB LICENÇA **NAPALM RECORDS**

Edição limitada  
**VINIL**  
transparente  
e capa dupla

**SINCE 72 RECORDS**

**LANÇAMENTO EXCLUSIVO!**

**SINCE72RECORDS.COM.BR**  
**FACEBOOK.COM/SINCE72RECORDS**

DESIGN BRASIL

GEOFF TATE

# O OUTRO LADO

OPERATION: MINDCRIME, MÚSICOS  
BRASILEIROS E QUEENSRÿCHE: DAS  
POLÊMICAS AO REENCONTRO  
COM SUA EX-BANDA

POR DANIEL DUTRA

Geoff Tate abre o jogo  
e conta a sua versão  
da polémica com  
ex-companheiros  
de Queensrÿche

**P**ara quem gosta de uma boa história, os últimos seis anos de Geoff Tate dariam um belo livro ou mesmo uma novela. Um dos maiores vocalistas da história do heavy metal se viu num fogo cruzado quando aconteceu a polêmica separação com o Queensrÿche em 2012. Foram dois anos de uma batalha judicial até que as partes chegassem a um acordo, com uma lavagem de roupa suja que mexeu com a imagem de uma banda que, até então, mantinha tudo em casa. A ROADIE CREW passou o assunto a limpo num extenso Background e também ao falar com Michael Wilton, então aproveitamos a vinda de Tate ao Brasil, como convidado do Mr. Big, para ouvir a sua versão de alguns fatos. E no terraço de um hotel em Copacabana, no Rio de Janeiro, onde ele aproveitou para passar uns dias, sentamos à mesa para um papo que foi amistoso e agradável mesmo nas perguntas mais fortes.

**Foi a primeira vez que você tocou apenas com músicos locais como parte da sua banda, sendo que basicamente não os conhecia. Como foi a experiência?**

**Geoff Tate:** Foi maravilhosa, porque a banda era ótima (N.R.: os guitarristas Leo Mancini e Dalton Santos, o baixista Felipe Andreoli, o tecladista Bruno Sá e o baterista Edu Cominato). O Felipe é o mais famoso entre eles, mas já havíamos nos encontrado antes, então eu o conhecia. Todos se dedicaram 100% para aprender o material, por isso os shows foram muito bons. Eu me diverti bastante.

**Quando você chegou ao Brasil, eles estavam ensaiando as músicas fazia um tempo. Mas o grande lance é que *Operation: Mindcrime* não é um álbum final. Exatamente por causa disso, em algum momento você ficou preocupado?**

**Geoff:** Você tocou num ponto interessante, porque não é mesmo um disco simples. Nos últimos anos, ao tocar com diferentes músicos, descobri que muitas pessoas subestimam o nível de dificuldade das canções. 'Ah, eu consigo tocar isso sem problema', mas assim que começam a tentar percebem que o negócio é muito mais complicado do que pensavam (risos). Fiquei mesmo muito surpreso quando participei do primeiro ensaio e percebi que eles conheciam de verdade o material. Minha única orientação foi em relação a harmonias vocais e pronúncia de algumas palavras. Musicalmente, tudo estava muito bem encaixado.

**E desde sua saída do Queensrÿche você se envolveu em diferentes projetos musicais. Qual foi o mais interessante?**

**Tate:** Adorei fazer todos eles, porque

foram bem interessantes para mim. Aliás, eu e Tobi (N.R.: Tobias Sammet) estamos compondo juntos, então participarei novamente de um álbum do Avantasia (N.R.: Tate gravou os vocais de *Seduction of Decay*, faixa de *Ghostlights*, lançado em 2015), mas agora estou voltado ao lançamento do próximo trabalho do Operation: Mindcrime, que sai em dezembro e é a última parte da trilogia que iniciei em *The Key* (2015) (N.R.: o CD chama-se *A New Reality* e chegou às lojas no dia 1º), além de um novo álbum solo com material que venho trabalhando nos últimos anos. Pretendo lançá-lo em 2018, então terei novamente um ano cheio e com várias coisas diferentes.

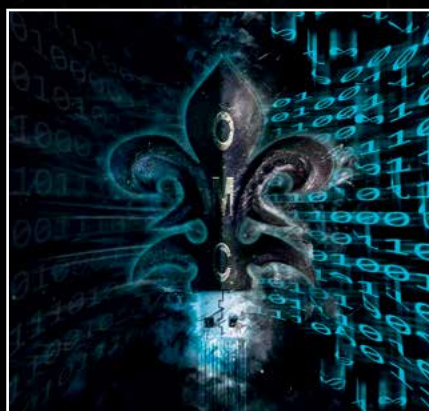
**Como conversamos antes de iniciar a entrevista, tenho algumas perguntas sobre o Queensrÿche porque é justo e um dever publicar a sua versão de alguns tópicos. Primeiramente, você já pensou no que poderia ter acontecido se tivessem resolvido os problemas? Ou a separação foi mesmo necessária?**

**Geoff:** (pensativo) Bem, acredito que nada daquilo foi necessário. Foi um imenso desperdício de tempo, dinheiro e energia. Foi um período horrível, mas também uma insanidade um grupo como o Queensrÿche se separar naquele ponto de nossas carreiras. Depois de trinta anos de banda? Havíamos entrado no período que leva à aposentadoria, então por que jogar tudo fora? Foi um enorme erro.

**É curioso, porque na entrevista com Michael Wilton ficou claro que não havia futuro para o Queensrÿche com você na banda.**

**Geoff:** Sem futuro? Ele pensa dessa maneira? Interessante.

**Quando a juíza Carol Schapira permitiu que os dois lados usassem o nome Queensrÿche durante o processo, a alegação dela foi que o mercado resolveria a questão. Você costuma dizer que música**



**OPERATION: MINDCRIME A NEW REALITY**  
FRONTIERS · IMP

**não é competição, mas há números envolvidos, como vendagem de discos.**

**Geoff:** Mas o mercado realmente resolveu a situação, porque infelizmente a música é sobre números quando se trata de negócios, e o Queensrÿche é uma corporação, uma empresa que possui um valor de mercado... (pensativo) Chegamos a uma conclusão porque este mercado nos forçou a isso. Foi muito difícil para eles continuar competindo com a minha versão do Queensrÿche, então eles finalmente tiveram de me pagar, o que tentaram evitar desde o início. Queriam apenas que eu fosse embora, o que obviamente eu não poderia fazer. Eu estava desde o início, construí a história da banda com eles.

**À época, você declarou que não vivia no passado e queria seguir em frente, uma vez que o Queensrÿche havia começado a *Return to History Tour*. Então não é estranho ter batizado a sua banda de *Operation: Mindcrime*?**

**Tate:** Estranho?

**Na verdade, contraditório.**

**Tate:** Não, eu não acho.

**Ainda sobre contradições, é senso comum entre os fãs que *Dedicated to Chaos* é o pior disco do Queensrÿche, e a culpa recaiu em você. Mas é preciso ser justo. Wilton não escondeu seu desgosto pelo álbum, mas Scott Rockenfield o enalteceu dizendo que era o próximo *Rage for Order*. O que você poderia dizer a respeito?**

**Tate:** A ignorância ao culpar cegamente alguém é algo que sempre me impressiona (risos). O Queensrÿche era uma democracia, fazíamos tudo baseado na concordância dos quatro. Era assim que funcionava, então é ridículo dizer que determinado disco soou dessa ou daquela maneira por minha causa. É tão irreal quanto dizer que a lua é feita de queijo. *Dedicated to Chaos* tem uma história interessante. A Roadrunner perguntou qual o caminho que estávamos seguindo para o nosso primeiro disco no selo, porque queria um álbum como *Empire*, canções que tocassem nas rádios. A gravadora desejava estabelecer o Queensrÿche novamente como um nome comercialmente viável. Pensei que seria um ótimo desafio, então levei o assunto a todos na banda. Concordamos e começamos a compor individualmente para depois trabalharmos juntos nas ideias, como sempre fazíamos. Finalizamos o material com contribuições de todos, alguns mais do que jamais haviam feito (N.R.: Tate se refere a Eddie Jackson e Rockenfield, mas não há nenhuma faixa assinada por Wilton), e colocamos muita energia em *Dedicated to Chaos*, mas a gravadora entrou em crise e saiu de cena. Sem divulgação, o álbum acabou não vendendo bem, mas algumas pessoas preferiram dizer que havíamos falhado.

**Outro ponto que pode ser visto como contraditório. Muito se fala que você não gosta e nunca gostou de heavy metal, por isso com o tempo foi afastando o Queensrÿche do estilo. Mas os álbuns que lançou depois da separação são voltados ao hard rock e ao metal.**

**Tate:** Só porque alguém diz algo, não significa que esse alguém sabe do que está falando. Como as pessoas podem dizer que eu estava ditando o direcionamento do Queensrÿche? Elas estavam lá quando estávamos compondo e gravando os discos? Alguma vez na vida elas compuseram alguma música? Ou pegaram num instrumento ou tocaram para dez mil pessoas? Meu avô uma vez me disse: 'Nunca aceite conselhos de alguém que não é bem-sucedido no assunto sobre o qual está dando conselhos.' Eu sigo esse mantra na vida (risos).

**Você encontrou Jackson, Wilton e Todd LaTorre recentemente na Espanha (N.R.: no festival Rock Fest Barcelona, em junho). Para começar, como foi assistir ao Queensrÿche ao vivo pela primeira vez com outro vocalista no seu lugar?**

**Tate:** Eu iria me apresentar com o Avantasia, que era o headliner, e decidi ir para o local mais cedo com Ronnie Atkins, que é um bom amigo e iria tocar com o Pretty Maids. Estávamos no backstage quando alguém me disse que eles também estavam lá, então pensei 'Uau! Isso é estranho e legal ao mesmo tempo' (risos). Decidi procurá-los e fui ao camarim, mas eles já haviam saído para o palco para passar o som. Fui até lá e o primeiro que vi foi o Eddie, e o encontro foi basicamente aperto de mão, abraço e um 'como você está?'. O mais curioso é que eu não estava no palco quando eles começaram a tocar, mas ouvi uma canção do Queensrÿche e pensei que era música ambiente rolando no PA, porque eu me ouvi cantando (risos). Mas era o próprio Queensrÿche, então fui lá conferir. Foi uma experiência estranha estar ao lado do palco, porque eu realmente me desconectei da banda. Não tive nenhuma resposta emocional, apenas observei, mas devo dizer que Todd é um ótimo cantor e que a banda está realmente afiada, com um novo baterista que mandou muito bem (N.R.: Casey Grillo, do Kamelot, está no posto durante a licença paternidade de Rockenfield). Foi um dia bem interessante. E pude conhecer pessoalmente Todd, que me pareceu bastante amigável.

**Wilton e Jackson ainda não se pronunciaram sobre o encontro, mas Todd não escondeu a satisfação pelos elogios que você fez a ele publicamente. Você pode dizer que o posto de vocalista do Queensrÿche está mesmo em boas mãos?**

**Tate:** Bom, se alguém precisa me imitar para ganhar a vida, eu diria que ele é o melhor de todos. Não me entenda mal, pois digo isso como um elogio, porque não sei como qualquer vocalista poderia fazer diferente. Se Brian May e Roger Taylor me convidassem para entrar no Queen, eu procuraria cantar da maneira mais próxima possível de Freddie Mercury. E Todd faz isso muito bem no que se refere a mim, então tiro meu chapéu para ele, porque não é fácil. E o que eles devem fazer como banda é lançar material próprio, porque é exatamente o que acho que deveria ser o foco principal. E eles estão fazendo isso, certo?

**Sim, já foram lançados dois discos com Todd (N.R.: Queensrÿche, de 2013, e Condition Human, de 2015). Você ainda não ouviu nada deles?**

**Tate:** Não. Honestamente, não tenho nenhum interesse. O Queensrÿche é um capítulo da minha vida que está finalizado.

## FOI MUITO DIFÍCIL PARA ELES CONTINUAR COMPETINDO COM A MINHA VERSÃO DO QUEENSRÿCHE, ENTÃO FINALMENTE TIVERAM DE ME PAGAR



Tenho coisas diferentes e mais interessantes para fazer do que ficar olhando para o que fez parte do meu passado. Prefiro voltar minha atenção para o que está acontecendo agora.

**Você disse que o Queensrÿche é um capítulo encerrado, mas reuniões viraram parte do show business. Até Axl Rose e Slash estão tocando juntos novamente (risos). Ou seja, você acredita na possibilidade de voltar à banda no futuro?**

**Tate:** (pensativo) Em toda relação pessoal as situações ruins podem ser resolvidas com o tempo, então, sim, pode acontecer. Nós já vimos acontecer várias vezes os egos serem deixados de lado, como no Guns N' Roses mesmo, assim qualquer coisa é possível. Nós precisaríamos apenas estar na mesma sala para conversar, todos juntos, mas isso parece ser algo muito difícil para o Queensrÿche. O encontro na Espanha foi a primeira vez em que nos falamos em cinco anos, então você pensa: 'Como pode ser assim?' Bom, é assim. E depois não houve mais nenhum contato. Enquanto eles não quiserem, nada vai mudar.

**E depois de tudo, você tem algum arrependimento? Algo que você gostaria de ter feito de maneira diferente?**

**Tate:** (pensativo) Sim. Arrependo-me de ter ficado tão furioso quando eles demitiram a minha esposa (N.R.: Susan Tate, então empresária do Queensrÿche), ameaçaram me demitir e se livraram da minha filha (N.R.: Miranda Tate, que cuidava do merchandising e do 'meet and greet') e do meu genro (N.R.: Chris Zukas, técnico de guitarra da banda). A maneira como fizeram foi desonrosa, e acredito em respeito e honra. Se alguém desrespeita a mim e a minha família, eu não quero saber quem é. No meu mundo isso é ultrapassar todos os limites. Eles me traíram, e eu perdi o controle na frente de todo mundo. Arrependo-me muito disso e gostaria de ter agido de maneira diferente (N.R.: Tate refere-se ao show em São Paulo, em abril de 2012, quando agrediu Wilton e Rockenfield com socos, derrubou a bateria do praticável e, durante a apresentação, cuspiu algumas vezes no baterista. A história de ameaças com faca não é verdadeira). Não acredito que tenha sido isso que nos levou à situação em que nos encontramos hoje, mas é uma boa razão para me culpar.



arte: www.juantedesign.com

## TARJA

**From Spirits and Ghosts (Score for a Dark Christmas)**  
Versão DIGIPACK limitada em 500 unidades  
e versão em JEWEL CASE

Versões dos clássicos natalinos ao puro estilo TARJA TURUNEN. Inclui a nova música "Together"

## TAMBÉM DISPONÍVEL



**TARJA**  
Luna Park Ride  
(DVD)



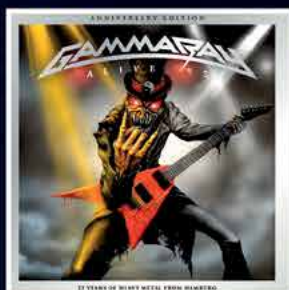
**TARJA**  
Luna Park Ride  
(CD Duplo)



**TARJA**  
The Shadow Self



**TARJA**  
The Brightest Void



**GAMMA RAY**  
ALIVE '95  
CD DUPLO

Edição de aniversário remasterizado do primeiro álbum ao vivo de GAMMA RAY. Gravado durante a turnê europeia de "Men On A Tour". Inclui covers de HELLOWEEN ("Ride The Sky" e "Future World") e do HOLOCAUSTO ("Heavy Metal Mania"). Com os vocais de Kai Hansen (CD 1) e Ralf Scheepers (CD 2)



**GAMMA RAY**  
LAND OF THE FREE  
CD DUPLO

Edição de aniversário remasterizado do quarto álbum de estúdio de GAMMA RAY de 1995. Inclui o cover da faixa "Heavy Metal Mania" do HOLOCAUSTO, a versão de pré produção de "As Time Goes By" e quatro faixas gravadas ao vivo no Chameleon Studios.



**HANSEN**  
THANK YOU WACKEN LIVE  
CD+DVD

Gravado no WACKEN OPEN AIR 2016. Com os convidados: Michael Ehré (GAMMA RAY), Michael Kiske (HELLOWEEN), UNISONIC), Alex Dietz (HEAVEN SHALL BURN), entre outros.




**UNISONIC**  
LIVE IN WACKEN  
CD + DVD

Álbum ao vivo da banda dos ex-membros do Helloween, MICHAEL KISKE e KAI HANSEN. Gravado no Wacken Open Air 2016.

**ALICE COOPER**  
Paranormal





Nedson "Warfare", Anderson "Guerrilheiro", Valério "Exterminator" e Rodrigo "Führer" já trabalham em um novo álbum

# HOLICHAUSTO

## VELHA GUARDA REVICORADA

**O vocalista Rodrigo "Führer" se mostra confiante com a volta da formação original e a nova fase da banda**

POR LEONARDO M. BRAUNA

■ ■ ■ Há três décadas, um dos primeiros registros de war metal, na época chamado pelo próprio Holocausto de deathcore, surgiu na forma do álbum *Campo de Extermínio* pelas mãos de Rodrigo "Führer" (vocal), Valério "Exterminator" (guitarra), Anderson "Guerrilheiro" (baixo) e Armando "Nuclear Soldier", baterista que substituiu Nedson "Warfare", que gravou a demo *Massacre* (1985) e os dois clássicos na coletânea *Warfare Noise* (1986). Em 2015, a formação original se reuniu e, afora os shows, surgiu o desejo de lançar um álbum para celebrar esses mais de trinta anos de história. Conversamos com Rodrigo sobre assuntos que definem a trajetória do Holocausto, incluindo as polêmicas, as aventuras na estrada e também o lançamento do EP *War Metal Massacre* (2017), que, além de representar essa nova união, traz músicas inéditas e regravações de clássicos.

**O Holocausto foi uma das primeiras bandas a serem reconhecidas no underground brasileiro pela sonoridade extrema, graças à cultuada coletânea *Warfare Noise*. Como foi o convite para participar desse registro histórico para o metal nacional?**

**Rodrigo "Führer":** O convite se deu através do Vladimir Korg, vocalista do Chakal, que trabalhava na Cogumelo Records com o João Eduardo. Holocausto e Chakal dividiam o local de ensaio, que era uma garagem podre na periferia de Belo Horizonte. O Vladimir já havia indicado o Sepultura para a gravação do 'split' com o Overdose (*Beshtial Devastation/Século XX*, 1985) e a Cogumelo decidiu então fazer a coletânea *Warfare Noise* com mais quatro bandas. Fizemos uma demo em que gravamos *Massacre* e o resultado foi devastador! Então, fomos selecionados juntamente com Chakal, Mutilator e Sarcófago e gravamos *Destruição Nuclear e Escarro Napalm*. O resto é história...

**A banda já nasceu com certa polêmica pelas letras, pois as pessoas acusavam-na de fazer apologia ao nazismo. Vocês já tiveram que enfrentar hostilidades por causa dessa má informação? Já sofreram algum tipo de ameaça?**

**Rodrigo:** Sim, o Holocausto sempre foi uma banda maldita! Já fomos estigmatizados quanto a isso, pois tanto a parte lírica quanto o visual abordavam temas malditos como nazismo, terrorismo e guerras. Na verdade, nossa preocupação sempre foi relatar

os horrores das guerras, nunca fizemos apologia a coisa alguma. Acreditamos que a guerra é a maior monstruosidade que o ser humano já criou e que o nazismo foi um dos episódios mais sombrios da humanidade.

**Também por abordarem assuntos relacionados a guerras, as letras fizeram a banda se tornar uma das pioneiras do chamado war metal. Quando iniciaram a jornada, em 1985, essa fonte era quase inexplorada, correto?**

**Rodrigo:** As imagens brutais da guerra fria eram muito fortes na nossa realidade dos anos 80 e eu, como aficionado em assuntos de guerra, principalmente da II Guerra Mundial, comecei a compor sobre esse tema de forma natural, retratando os horrores das guerras e a desolação de não saber se haveria um amanhã. Havia bandas que foram referência também, como Voivod no *War and Pain* (1984), Sodom no *In the Sign of Evil* (EP, 1985) e Dorsal Atlântica no *Antes do Fim* (1986).

**Musicalmente, o Holocausto andou por vários caminhos e o primeiro impacto foi logo no segundo álbum, *Blocked Minds* (1988), com letras em inglês e fora do contexto original. O som trouxe mais influências punk,**



**saindo do thrash brutal de *Campo de Extermínio*. Que espécie de retorno vocês obtiveram naquela época?**

**Rodrigo:** Em *Blocked Minds* o som mudou radicalmente devido, principalmente, à saída do Valério, que era o principal compositor e é um guitarrista que toca de maneira única. Eu e Anderson decidimos continuar tocando e desenvolvemos outro projeto, dessa vez cantando em inglês e com outra abordagem sonora e lírica. Definitivamente, não era war metal, mas, por questões contratuais, o material foi lançado com o nome de Holocausto. Tanto o público quanto a crítica especializada ficaram chocados com a mudança radical. Um dos primeiros shows da turnê desse disco foi em São Paulo, no Clube dos Aeroviários, junto com Ratos de Porão e MX, e fomos hostilizados com chuva de cuspe e vaias intensas, mas não arredamos o pé. Continuamos tocando com raiva e no fim do show fomos aplaudidos.

**Se em *Blocked Minds* as reações não foram das melhores, em *Negatives* (1990) a sensação era de que a banda teria encontrado um bom caminho no thrash metal mais técnico. O que você tem a dizer sobre essa fase?**

**Rodrigo:** Foi uma fase que não me lembro muito, pois éramos totalmente imersos no mundo das drogas. Também era uma época de desesperança e frustrações em relação à vida. Lembro de fazer bons shows, de algumas críticas boas e de uma proposta da Roadrunner para lançamento desse disco no exterior, mas a proposta foi recusada pela Cogumelo Records, o que nos deixou ainda mais frustrados em relação à música.

**Em *Tozago as Deismno* (1993), a banda voltou a desafiar o gosto do público com uma temática totalmente incompreensível para muita gente. Essa investida pesada no experimentalismo, cercada de efeitos de industrial, até lembra um pouco o enigmático *Metal Machine Music* (1975), de Lou Reed. Por que lançar um disco tão incomum?**

**Rodrigo:** Logo após o desmanche pós-*Campo de Extermínio*, eu, particularmente, decidi não fazer nenhum disco igual ao anterior. O que realmente importava era a música e não o estilo propriamente dito. Nessa época abrimos para novas referências, como jazz, industrial, música de vanguarda e todo tipo de experimentalismo. Lembro mais uma vez de sermos convidados para um lançamento pelo selo Recommended Records, de Chris Cutler, e mais uma vez houve a negativa de nossa gravadora. Então, decidimos encerrar



### WAR METAL MASSACRE NUCLEAR WAR NOW! - IMP

as atividades com o nome Holocausto. Formamos o pexbaA, grupo experimental com a mesma formação de *Tozago as Deismno*, que durou quinze anos, gravou três discos e tocou em várias partes do mundo.

**Depois de dez anos parada, a banda lançou em 2005 *De Volta ao Front* e, além do som mais pesado, as letras também voltaram a falar de conflitos e horrores da guerra. O baterista Nedson não participou, mas como foi reunir parte do pessoal para recompor a banda?**

**Rodrigo:** Nessa época a Cogumelo Records começou a reeditar os discos clássicos de seu catálogo num projeto denominado Cogumelo Remasters, lançando em CD remasterizado com alguns materiais como bônus. Primeiramente foram os álbuns da década de 80, dentre eles *Campo de Extermínio*. Então, nos reunimos para discutir esse projeto, em que tivemos que redigitalizar as fitas de rolo master, e nos encontramos depois de quase vinte anos. Nesse reencontro surgiu a ideia de voltarmos a tocar juntos. Até tentamos que o Nedson voltasse também, mas 'bateu na trave'. Foi uma boa experiência e serviu de aprendizado, pois tivemos a oportunidade de esclarecer muita coisa do passado. Considero um ótimo disco, com uma gravação 'ao vivo' e crua, em contraponto aos discos da época, cada vez mais técnicos e elaborados.

**No EP *War Metal Massacre*, finalmente os quatro membros da formação original se reuniram e trouxeram de volta a antiga receita sonora, como nas inéditas *Sou a Guerra*, *Corpo Seco* e *War Metal Massacre*.**

**Rodrigo:** Sim, dessa vez o projeto de reunião dos membros originais deu certo e sentimos aquela aura brutal do começo da banda. Começamos tocando

algumas músicas de 2007, que seriam a continuação do *De Volta ao Front*, mas, a partir de um convite da NWN dos EUA, decidimos deixar esse projeto de lado e tentar resgatar o war metal característico da década de 80.

**As releituras de *Massacre*, *Destruição Nuclear* e *Escarro Napalm* foram feitas como forma de celebrar essa reunião?**

**Rodrigo:** A ideia era fazer um contraponto do início da banda, regravando as três primeiras composições, trinta anos depois, com a mesma formação. Uma celebração, com certeza! Quando voltamos a tocar as músicas da demo *Massacre* e da coletânea *Warfare Noise* fluiu de uma maneira tão extrema e brutal que começamos a nos influenciar por nós mesmos. Isso foi de suma importância para a composição dos novos sons.

**Em 2007, quando *Campo de Extermínio* fez vinte anos, a Cogumelo lançou o DVD *Campo de Extermínio Show - 1987*, com a gravação do show realizado no Circo Marinho, em Santos/SP. Quais as principais recordações desse dia?**

**Rodrigo:** Naquela época estávamos prestes a entrar em estúdio para gravar *Campo de Extermínio* e a banda estava afiadíssima no palco. Esse show partiu de um convite do Zé Flávio (ex-Vulcano, Psychic Possessor) feito ao Holocausto e ao Chakal. O Chakal também estava com o *Abominable Anno Domini* (1987) quase pronto e partimos então de ônibus rumo ao litoral paulista numa viagem épica. Quase um dia de viagem, barreiras e acidentes na estrada, banheiro estragado, muito álcool e muito metal. São lembranças como dessa viagem e desse show que ficarão para sempre em nossas memórias.

**Qual sentimento surge ao lembrar que o primeiro álbum completou trinta anos?**

**Rodrigo:** Penso muito sobre isso e, voltando no tempo, não tínhamos a menor ideia de que *Campo de Extermínio* seria tão cultuado trinta anos após o seu lançamento – creio que daqui a mais trinta anos será da mesma forma. Um disco de referência a qualquer headbanger, cravado na história da música pesada sul-americana!

**Um álbum completo de inéditas está em discussão?**

**Rodrigo:** Nosso novo full-length se chamará *Diário de Guerra* e contará com nove músicas no puro estilo war metal. Alguns títulos como *Ocupação Hostil*, *Prisioneiro de Guerra* e *Refugiados* já dão ideia que continuaremos firmes no war metal extremo.

Marco Vieira, LF Vieira, Mike Maeda, Jorge Marinhos e Leo Belling: levando o heavy rock brasileiro a outras fronteiras



# VOOS MAIS ALTOS

**Internacionalização, estratégia e crescimento mainstream sem abrir mão das raízes no heavy metal. O futuro do Republica nas palavras do guitarrista LF Vieira**

POR DANIEL DUTRA

**H**heavy rock tipo exportação. Depois dos dois primeiros passos – *Republica* (1996) e *There's No Electronic Modern Loop* (2008) –, o Republica apertou o ritmo com *Point of No Return* (2013) e deu um salto com o novo trabalho, *Brutal & Beautiful*, lançado dois dias antes da sua terceira participação no Rock in Rio. É um importante capítulo na longa trajetória do quinteto formado por Leo Belling (vocal), LF Vieira e Jorge Marinhos (guitarras), Marco Vieira (baixo) e Mike Maeda (bateria), e os frutos do elogiado quarto disco, gravado em Los Angeles e produzido por Matt Wallace, começam a ser colhidos também na Europa, onde a banda abriu alguns shows dos gigantes Scorpions e Alice Cooper no fim de novembro e início de dezembro. Sim, é o metal brasileiro mais uma vez mostrando sua qualidade mundo afora, e a ROADIE CREW bateu um agra-

dável papo com Luiz Fernando Vieira para saber de mais detalhes. Então, aproveite alguns dos melhores momentos.

**Brutal & Beautiful não é um disco conceitual de fato, mas há uma ideia que permeia o trabalho. Como foi amarrar uma ideia sem que o álbum fosse uma única peça musical sobre ela?**

**LF Vieira:** O nome surgiu depois de o álbum estar pronto, e as músicas não nasceram a partir desse conceito. Não tínhamos na cabeça esse lance de bruto e bonito, mas sentimos que desde *Point of No Return* estávamos trabalhando o peso da banda, com muitas guitarras, por um caminho um pouco mais limpo e melódico. Mostramos isso em músicas como *Change My Way* e *No Mercy*, por exemplo, então acabou sendo o embrião quando fomos fazer o novo disco. Dá até para dividir o álbum em 'brutal' e 'beautiful', mas em quase todas as composi-

ções é possível encontrar essas duas situações. Em nosso último dia em Los Angeles, pedimos ao Matt Wallace para gravar um vídeo de despedida, e foi ele quem soltou o termo ao analisar o álbum dizendo: 'Vocês fizeram um trabalho pesado e melódico. É 'brutal and beautiful'. Tínhamos algumas ideias de nome, mas não havíamos decidido nada até assistirmos ao vídeo no Brasil. Pensamos: 'É esse o nome! Casou bem com esse lado conceitual que você levantou.

**E o fato de não ser um álbum conceitual tradicional acabou ajudando na hora de tocá-lo quase na íntegra no Rock in Rio, mas não na ordem exata. Há uma liberdade, certo?**

**LF:** É verdade, porque são músicas independentes. O título conseguiu amarrar todas elas, mas *Brutal & Beautiful* não é uma ópera-rock que obriga a ter uma sequência. E a opção de tocar quase todo o disco no

Rock in Rio foi por causa da plataforma que é o festival. O mundo inteiro ligado, transmissão ao vivo, então quisemos mostrar o máximo possível do novo trabalho. Poderíamos ter apresentado na íntegra, mas queríamos colocar algo de *Point of No Return*, assim tocamos *Time to Pay* e *El Diablo*. Até ficamos na dúvida sobre *Life Goes On* e *Change My Way*, que gostamos muito de tocar, mas decidimos favorecer o novo material, com todo aquele trabalho de vídeo.

**Perfeito, porque não há sentido em lançar um disco e tocar apenas duas ou três faixas novas ao vivo.**

**LF:** Há bandas que ficam tão grandes que, se não ousarem um pouco, acabam se tornando reféns do material antigo. Quando assistimos a vários shows de um grupo desse nível, ficamos esperando coisas novas e diferentes, mas ele fica preso aos clássicos de sempre, aqueles que a maioria quer ouvir. Mas há bandas que você não tem ideia de como será o show. Como o Pearl Jam, por exemplo. Eles têm um repertório gigante ensaiado e fazem um set de trinta músicas, mas de uma cidade para outra mudam vinte delas. Eu nem sei como conseguem fazer isso (risos), mas é muito legal para o fã. Por outro lado, pegue o AC/DC. O show é todo produzido, cheio de vídeos, um para cada música, então fica preso a um mesmo repertório. O U2 fez isso recentemente no Brasil, com quatro shows praticamente iguais (N.R.: em outubro). Nós não estamos amarrados ao passado dessa maneira. *Point of No Return* foi um disco bem legal para o Republica, mas não temos que obrigatoriamente tocar algo dele. Estamos obviamente bem longe daquelas bandas, apesar de alguns fãs mais próximos reclamarem nas redes sociais que não tocamos essa ou aquela música (risos).

**E apesar de já ter quatro álbuns e de ter tocado pela terceira vez seguida no festival, o Republica é relativamente uma novidade para um público que, em sua grande maioria, não vai ao Rock in Rio porque é um festival de música. Vai a um evento.**

**LF:** E o que fizemos foi um risco calculado. Fugimos da tentação de fazer cover. O Republica tem um bom tempo de estrada e é conhecido, mas não tão conhecido. Tocar um cover logo de cara ajudaria a ganhar a galera, mas seria um artifício um pouco falso. Se a banda é estabelecida, tem hits e enfia um cover no set, legal. Mas chegamos à conclusão de que tínhamos de mostrar nosso trabalho, até porque trabalhamos aquela puta produção de vídeo. Sabíamos que o público teria uma reação mais forte se tocássemos *Ace of Spades*, música que levanta até defunto, mas ele assistiria ao show de qualquer maneira. Então, marcamos nossa posição apresentando o novo material.

**Tudo o que envolve *Brutal & Beautiful* aponta para o mercado exterior, mas ter música em novela da Globo (N.R.: *Stand Your Ground*, em "Rock Story") pode levar a banda a um público mais mainstream no Brasil mesmo.**

**LF:** E foram duas coisas que aconteceram antes do lançamento do disco. Primeiro, fomos atropelados por uma puta notícia que não esperávamos, então tivemos de nos virar nos trinta (risos). Quando terminamos a gravação, Matt disse que precisávamos ter calma se realmente queríamos internacionalizar a banda. Ele gostou tanto do álbum que pediu para mostrá-lo a algumas pessoas, mas precisávamos segurar a ansiedade. A mixagem foi feita no fim de 2016, então não valia lançar no réveillon. Enquanto ele fazia os contatos lá fora, nós começamos a fazer o mesmo aqui. Uma das pessoas para quem mostramos o álbum o levou, sem que soubéssemos, para Marcel Klein, chefe do departamento de gerência musical da Globo. E ele havia pedido um CD sem nenhuma identificação, porque queria que ouvissem sem nenhum preconceito. O Marcel não sabia o que era, mas gostou e apresentou duas músicas para o Dennis Carvalho (N.R.: diretor da novela), porque tinham tudo a ver com 'Rock Story'. Foram *Intimacy of Your Soul* e *Beautiful Lie*, mais pop e melódicas, mas o Dennis disse que já havia baladas demais e que havia escolhido a faixa dez, ou seja, *Stand Your Ground*, porque ele queria algo mais pesado para os momentos de tensão. Aí perguntaram se queríamos ter uma música na novela. Claro! Uma banda como a nossa não pode deixar uma oportunidade como essa, e foi muito legal. Viramos trilha sonora de atropelamento, assassinato e todas essas cagadas (risos). A filha do figurão engravidou? Toca *Stand Your Ground* (risos).

**E como rolou o videoclipe de *Beautiful Lie* com a participação de Isis Valverde (N.R.: a música está na trilha do filme "Amor.com")?**

**LF:** Mostrei o disco ao pessoal da Total Filmes, produtora de grandes sucessos, como os filmes em que Tony Ramos e Gloria Pires trocam de corpo (N.R.: "Se Eu Fosse Você", de 2006, e a sequência de 2009). Eles estavam terminando a trilha sonora do filme da Isis e gostaram de *Beautiful Lie*. Como eu os conheço há bastante tempo, disse que estávamos começando a produzir clipes para divulgar o álbum, algo que é muito importante porque o público acaba escutando nas plataformas digitais as músicas que ganharam vídeo, por isso já fizemos quatro e vamos para o quinto (N.R.: além de *Beautiful Lie*, foram filmados *The Maze*, *Intimacy of Your Soul*, *Stand Your Ground* e o mais recente, *Broken*). Como já estávamos negociando com a Odyssey, uma das quatro gravadoras que se interessaram por *Brutal & Beautiful*, fui cara de pau e

perguntei se a Isis não toparia participar do clipe, porque a música seria trabalhada lá fora. E ela já estava pensando numa carreira internacional, então tudo encaixou. Além disso, é num momento como esse, atuando num videoclipe de banda, que se pode sair do cachê global para fazer um papel diferente. A Isis gostou da música e interpretou uma personagem atordoada, apareceu até armada, por isso curtiu muito fazer o vídeo. E o roteiro foi feito pensando nela.

**Já falamos sobre Matt Wallace, mas além de trabalhar com um produtor que fez discos clássicos do Faith No More, como foi gravar em Los Angeles, território sagrado do hard rock americano nos anos 80?**

**LF:** Cara, foi a realização de um sonho! Mais uma coisa dentro da cascata de presentes que recebemos. Estávamos gravando um disco produzido por um cara como Matt num local sobre o qual crescemos ouvindo histórias. Whisky a Go Go, o Guita Center de Hollywood... Lugares icônicos! Quando descobrimos que o estúdio era no Sound City Studios, puta merda! (risos) Fomos descobrindo a história de cada uma das salas. A principal, que está no documentário do Dave Grohl (N.R.: "Sound City", de 2013), é hoje usada apenas para trilhas sonoras da Fox. Na época áurea, o estúdio do Matt era para ensaios e pré-produção dos discos, e um dos que mais gostavam de ensaiar lá era o Dio! Quando Matt me falou isso, respondi dizendo que não era digno de entrar naquela sala (risos). Foi uma honra para nós. Na nossa primeira semana lá, ensaiamos noutro lugar onde em quinze minutos vimos Glenn Hughes na cafeteria, os irmãos DeLeo (N.R.: Dean e Robert), do Stone Temple Pilots, Billy Duff, Matt Sorum, Geezer Butler, Corey Taylor... Porque naquela semana eles participariam de um show beneficente (N.R.: Adopt the Arts, em prol das escolas públicas de Los Angeles). Eu falei para os caras da banda: 'Isso aqui parece "Lost". Nosso avião caiu, e nós fomos para o céu. Isso aqui é o nosso paraíso.' (risos)



# KREATOR

Parte 01



Rob Fioretti, Jürgen "Ventor" Reil e Miland "Mille" Petrozza no início da jornada do gigante alemão

## Os caminhos extremos do rock alemão

DE METAL MILITIA, PASSANDO POR TYRANT E TORMENTOR, O INÍCIO DA HISTÓRIA DE UM GIGANTE DO THRASH METAL

POR VALTEMIR AMLER

**S**e o rock'n'roll demorou a chegar à Alemanha, não há como deixar de citar o protagonismo de Hamburgo, importante cidade portuária que recebia marinheiros do mundo todo. Loucos por diversão e ansiosos por chegar à Reeperbahn, o "distrito da luz vermelha" local, eles também queriam se divertir ao som de guitarras em altos decibéis. Os clubes estavam lotados e, como no início dos anos 60 a Alemanha ainda não dispunha do que era necessário para suprir essa demanda, a cidade se tornou um paraíso para um monte de novas bandas britânicas. Ansiosas por tocar, lá encontravam o espaço que lhes faltava em sua terra natal. Hamburgo parecia o paraíso, onde tocariam noite após noite, expostos a uma liberdade que nem sonhavam na Grã-Bretanha. Foi ali que os Beatles começaram sua carreira. Também ali Casey Jones reconstruiu a sua após Eric Clapton ter abandonado o seu Engineers para se juntar aos Yardbirds. The Jets, Rory

Storm and the Hurricanes, Cliff Bennett... A lista é imensa. No repertório, o melhor do rhythm and blues, do jazz e do rock americano, de Howlin' Wolf a Buddy Guy, de Bill Haley a Chuck Berry. O rock, enfim, cravava fundo suas garras no gosto musical dos alemães que, a partir de então, ajudariam a dar as cartas.

A primeira expressão rockeira tipicamente alemã foi o chamado krautrock. Nascido no final dos anos 1960 com a missão de impor o caráter alemão à música que vinha de fora, é um gênero experimental, uma fusão doída e genial de rock progressivo com música psicodélica, viagens siderais, jazz e música eletrônica com liberdade criativa total. Rapidamente nomes como Neu!, Can, Amon Düül, Erlkoenig, Pinguin e, principalmente, Kraftwerk e Tangerine Dream se tornaram referências.

Pouco mais tarde, nos anos 1970, o punk rock chegou à Alemanha abalando tudo. O bairro de Kreuzberg, em Berlim, se tornou o pólo do novo movimento e o famoso clube

SO36, frequentado por gente como David Bowie e Iggy Pop, rivalizava com o novaiorquino CBGB. A cada dia mais bandas pipocavam por todo o país, como Razzia de Hamburgo, Normahl de Stuttgart, o bem sucedido Die Toten Hosen de Düsseldorf, Böhse Onkelz de Frankfurt am Main, e Die Ärzte de Berlim, mas talvez ninguém batesse em fúria e poder o Slime de Hamburgo, que, em sua cólera, expulsava os norte-americanos da Alemanha e comparava a polícia alemã às brigadas nazistas SA e SS.

Naturalmente, esse endurecimento da música germânica, aliado ao sucesso que as primeiras formações de hard rock e heavy metal dos EUA e da Grã-Bretanha dispunham em solo alemão, guiaram para o aparecimento das primeiras bandas do metal germânico, ou, como se convencionou chamar, 'teutonic metal'. Os primeiros grandes nomes dessa nova era musical foram Scorpions e Band X que, já como Accept, fez sua estreia fonográfica em 1979. Dali, o heavy metal não parou mais de crescer em

solo alemão. Da noite para o dia, cabeludos de todos os cantos do país começavam a se juntar em bandas de metal, nascendo então Running Wild, Grave Digger, Avenger (que se tornaria o Rage) e Helloween.

Acompanhando de perto todas as transformações políticas, sociais e culturais de seu país natal, o jovem Miland "Mille" Petrozza, nascido no auge das transformações musicais alemãs, em 18 de dezembro de 1967, sempre teve ao seu lado o amigo e parceiro Jürgen "Ventor" Reil, nascido em 29 de junho de 1966. Estes dois personagens estavam prontos para dar sua contribuição para este agitado cenário musical alemão. De agora em diante, as coisas ficariam ainda mais fortes: nascia o "teutonic thrash metal".

## O despertar dos titãs

Embora a Alemanha estivesse se transformando, para muitos as coisas não estavam nem um pouco boas. A música pesada ganhava público, mas isso não vinha sem nenhum motivo. É claro que existia certo descontentamento que levava os jovens para o metal, especialmente para o gênero mais extremo, aquele baseado em Venom e Bathory, que começava a chegar aos subúrbios alemães. O Vale do Ruhr, importante centro da indústria alemã, era também o centro quando se falava em música verdadeiramente pesada.

Cravada entre as cidades de Oberhausen e Gelsenkirchen ficava Essen, cidade que vinha sofrendo com a paralisação das minas de carvão. Era difícil estudar e ainda mais complicado conseguir emprego. A juventude alemã convivia diariamente com os problemas que advêm dessa realidade: havia o risco das drogas pesadas, havia o crime, havia o álcool... E havia o heavy metal, que, para muitos daqueles jovens, seria o caminho para longe daquele mundo.

Na usina paralisada Zeche Karl, no bairro de Altenessen, os jovens das redondezas se reuniam e lá tinham a paz que precisavam para criar e tocar seu thrash metal sem interrupções. Dentre os frequentadores estavam Mille, Ventor e Rob, que logo se uniram em uma banda. "Quando começamos, havia excelentes grupos na Alemanha, como Grave Digger, Steeler, Accept e Helloween, todos trabalhando em um estilo mais próximo ao tradicional", comentou Mille para a ROADIE CREW em 2011, lembrando dos primeiros dias de banda. "Éramos muito mais jovens do que eles e os acompanhávamos com atenção. Accept e outros tiveram enorme influência em nós", comenta, deixando claro o quanto toda aquela cena influenciaria o trabalho de sua banda.

Porém, as coisas não eram fáceis. Para aqueles jovens espinhentos o caminho seria duro, repleto de escolhas difíceis. O próprio nome parecia um desafio complicado de-



Reuniões improvisadas numa usina abandonada forjaram o nascimento do Tyrant e da cena thrash de Essen



Rob, Mille e Ventor alteraram o nome para Tormentor e lançaram duas demos lendárias em 1983 e 84



Profana e extrema, a proposta original do Tormentor era influenciada pelo black metal de Venom e Bathory



O lançamento de Endless Pain marcou a estreia do trio sob o nome Kreator



O visual carregado de Rob, Ventor e Mille na fase *Endless Pain* (1985)



Com *Pleasure to Kill*, o Kreator mergulhou em letras violentas

mais – afinal, se a banda der certo, aquela alcinha que você decidiu talvez sem levar muito a sério, sem grande importância, vai acabar para sempre relacionada a você. Aparentemente eles pensaram nisso tudo e em 1982 a banda parecia trocar de nome semanalmente: Metal Militia, depois Tyrant e, por fim, Tormentor. Um bom nome, realmente sonoro, forte, imperioso... Na verdade, um nome tão bom que apenas na Alemanha apareceriam outros três grupos homônimos, sem contar o resto do mundo, onde ele também viria a pipocar. Porém, ao menos por enquanto, Tormentor teria que servir. Mille Petrozza (vocal e guitarra), Ventor Reil (vocal e bateria) e o amigo Roberto “Rob” Fioretti (baixo) estavam prontos para marcar o nome da cidade de Essen na história da música germânica.

O primeiro passo, discreto, foi a demo *Blitzkrieg* (1983), que trazia quatro faixas infernais, quinze minutos de uma música direta e agressiva, que destoava em tudo que os outros grupos alemães faziam até então. Entre essas, uma que mais tarde se tornaria um clássico absoluto, *Cry War*. O passo seguinte foi outra demo, *End of the World* (1984), e mais dezoito minutos de porrada, que repetia *Cry War* e *Armies of Hell* da demo anterior, além das novas *Tormentor* e *Bonebreaker*. O resultado foi melhor e certamente os fãs a conhecem bem, já que ela foi relançada décadas mais tarde em um bootleg, junto com a demo *Bestial Invasion of Hell* (1984), do Destruction, um importante documento do início do thrash metal alemão. As pessoas já começavam a olhar a banda com outros olhos, as atenções já tinham sido cativadas e mais uma vez o cenário alemão começava a mudar. Era hora de dar um passo adiante.

## O criador da dor sem fim

Àquela altura, os ventos já tinham trazido para a Alemanha o speed metal viciante de Exciter e Razor, a insanidade do Metallica e demais pioneiros do thrash dos EUA e, claro, a pestilência negra do Venom. Naturalmente, tudo isso chegava aos ouvidos de Rob, Ventor e Mille e aqueles fãs de Accept e Helloween iam, cada vez mais, levando o seu som para algo mais extremo, mais maldito, como Mille recordou: “Havia algo diferente na nossa pegada. Soávamos mais agressivos e brutais. A razão disso é que, além de curtirmos heavy metal, éramos fãs de black metal, principalmente Bathory e Venom.”

Muito dessa pegada black metal aparecia nas demos do Tormentor e a segunda valeu um contrato com a Noise Records, que já contava com lançamentos de gente importante, como Hellhammer e Celtic Frost, além da maior parte das grandes bandas alemãs da época. Mas, para que o contrato se firmasse, havia uma condição importante: a banda deveria mudar o problemático nome Tormentor, evitando assim problemas com as muitas homônimas. Assim, ainda em 1984, o Tormentor se tornou Kreator e as portas estavam abertas para o nascimento do primeiro disco.

O que o Kreator não sabia na época é que aquele som que tocavam e que tinha chamado a atenção da Noise já tinha outros representantes na Alemanha: “Nós não sabíamos de outros músicos alemães que tocassem esse estilo até conhecermos os caras do Sodom e do Destruction, de quem nos tornamos amigos após algum tempo”, recordou Mille. “Lembro-me de ouvir uma demo do Destruction com os caras do Sodom e ficar embasbacado com o que escutei. Assim foi o começo de tudo”, acrescentou.

O que poucos sabem é que, junto com o Destruction, a outra banda essencial para o início do thrash alemão foi o Holy Moses, de Aachen, que vinha desde 1980 tornando o seu som em algo mais agressivo e que foi o criador original do termo ‘black metal’, com sua demo de *Black Metal Masters* (1980).

Fosse como fosse, o Kreator estava pronto para mostrar seu primeiro disco completo para o mundo e não precisou de mais do que dez dias no Caet Studio, em Berlim, para sair de lá com *Endless Pain* (1985) gravado e mixado. Produzido por Horst Müller, que no ano anterior tinha trabalhado em registros históricos como *Apocalyptic Raids* (Hellhammer), *Sentence of Death* (Destruction), *Gates to Purgatory* (Running Wild) e *Morbid Tales* (Celtic Frost), *Endless Pain* já parecia sair do forno com um ponto de vantagem sobre os demais, coisa que a performance crua do trio só vinha a confirmar. “É um disco de estreia típico”, observou Mille. “Na época ainda estávamos completamente despreparados e tínhamos apenas duas semanas para a produção. De alguma forma, estávamos prontos em dez dias, pois o produtor sentiu que já tínhamos entregue nosso melhor desempenho”, comentou, com um descontentamento que nunca ocultou com a produção do debut.

Mesmo assim, não tardou para que o Kreator fosse um dos nomes mais reverenciados entre os fãs de thrash, speed e black metal, um triunfo e tanto para um disco de estreia tão primitivo. O segredo talvez estivesse na fúria pueril de faixas como *Cry War*, *Total Death*, *Tormentor*, *Storm of the Beast* ou ainda no megalôssico *Flag of Hate*. Ou talvez na inteligente divisão dos vocais, que deixava a voz rasgada e black metal de Mille nas faixas pares e o vocal thrash de Ventor nas ímpares.



Mille, Rob, Ventr e o saudoso guitarrista Michael Wulf, que ficou pouco tempo na banda



Rob, Mille e Ventr: a descontração no backstage

O fato é que, com sua estreia, o Kreator não apenas se confirmou como um dos pioneiros e mais importantes nomes da cena thrash germânica em todos os tempos: eles definitivamente deram o fôlego que era necessário para que essa cena existisse.

## 1986: A sedimentação do thrash teolônico

Por convenção, costumamos tratar o ano de 1983 como o início do thrash metal na Europa e na Alemanha, mas não é preciso muito para concordarmos que 1986 foi o ano que transformou o thrash de "tendência" para uma verdadeira "cena" na Alemanha. Naquele ano tivemos discos de Destruction (*Eternal Devastation*), Sodom (*Obsessed by Cruelty*), Tankard (*Zombie Attack*) e Holy Moses (*Queen of Siam*). Além dessas bandas, outras não tão consagradas também chegavam fortes: S.D.I. (*Satans Defloration Incorporated*), Angel Dust (*Into the Dark Past*), Iron Angel (*Winds Of War*), Exumer (*Possessed by Fire*), Necronomicon (*Necronomicon*), Deathrow (*Satan's Force*) e Living Death (*Back to the Weapons*). Enquanto os mais velhos permaneciam vivendo uma espécie de devaneio alcoólico em seus dias de tédio regados aos velhos sucessos radiofônicos do Middle of the Road (*Chirpy Chirpy, Cheep Cheep*), Marmalade (*Ob-La-Di, Ob-La-Da*), Ohio Express (*Yummy, Yummy, Yummy*) ou a maldita mistura disso tudo no disco *Za Za Zabadak* do Saragossa Band (1982), o que os jovens queriam era porrada – não uma forçosa memória dos dias de glória de seus pais, mas um testemunho da terrível realidade que viviam no momento.

Se havia demanda, e vimos que os lançamentos abundavam, o Kreator, já visto

como um líder natural na região, precisava vir com algo realmente grandioso, e enquanto preparavam o segundo álbum chegou em agosto o EP *Flag of Hate*, que acalmou os fãs mais sedentos. Mas logo em seguida, no primeiro dia de novembro, um dos maiores clássicos da história do heavy metal chegava às lojas: *Pleasure To Kill*. Mantendo a mesma formação, mas mudando os trabalhos para o MusicLab Studios e com produção de Harris Johns (Immolation, Pestilence, Celtic Frost, Voivod e outros), o trio alcançava talvez o ponto máximo de sua sonoridade mais crua e violenta de uma forma primitiva, um ataque mortífero regado a riffs inspirados e uma bateria que às vezes saía do tempo, mas nunca perdia a pegada.

A razão para o Kreator soar ainda mais violento do que em seu disco anterior extrapolava a música, já que na época Mille estava muito ligado a "As Faces da Morte" (1978), filme polêmico que apresentava uma visão meticulosa sobre vários aspectos da morte e que se tornou um título 'cult', inclusive ganhando várias sequências.

A intenção era que cada música apresentasse uma maneira de morrer, e as letras se esforçavam para passar sua mensagem, com visões de violência e selvageria que muito viriam a influenciar as bandas de death e black metal dali em diante. "Nós fomos muito influenciados pelo *Seven Churches* do Possessed e queríamos fazer algo que fosse ainda mais pesado", declarou Mille. "Provavelmente, ele é um dos discos fundamentais para o death metal. Muitas bandas de black metal também dizem que *Pleasure to Kill* é uma de suas principais influências", completou.

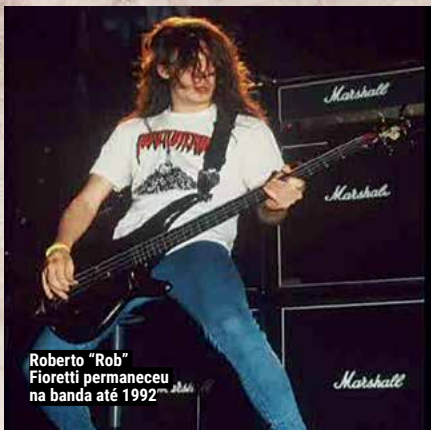
Também se tornou icônica a capa, assim como a do disco anterior assinada pelo artista estadunidense Phil Lawvere, que

na época trabalhava em Berlim e ilustrou capas de várias bandas alemãs e suíças, entre elas o Celtic Frost. Era a primeira aparição do demônio inominado que dali por diante estaria em diversas capas do Kreator. "Estávamos sob uma enorme pressão. A gravadora com a qual estávamos nos disse que só lançariam um segundo álbum do Kreator se o primeiro vendesse bem", afirmou Mille, já ciente dos resultados finais. "No entanto, o álbum mostra que nós crescemos musicalmente; é um material muito complexo, um metal mais progressivo, muito resistente, com influências de Venom, Possessed e Celtic Frost."

Com todas as faixas clássicas, logo ele se tornou um disco lendário, mas o que poucos sabem é que por pouco ele não foi lançado. "Pouca gente sabe que fui convidado para integrar o Celtic Frost", revelou Mille. "Fui à Suíça, ensaiamos três ou quatro vezes. Adorei a experiência, especialmente por tocar com Reed St. Mark, baterista que admiro muito. Porém, *Pleasure to Kill* acabara de sair e o Kreator precisava de mim. Sou o líder e principal compositor desse grupo. Jamais o deixaria." Ainda bem!

## Rastros lógicos e chuvas de ameaças

Estranhas coisas acontecem todos os dias, então não devemos estranhar muito o fato de que, depois de dois discos clássicos, o Kreator finalmente começaria a funcionar como um quarteto. "Nós estávamos ocupados na busca do nosso som e sendo parte de uma cena de metal que era nova, fresca e excitante", disse Mille. "Naquela época nós não pensávamos muito, era tudo no instinto. Estávamos escrevendo um álbum por ano,



Roberto "Rob" Fioretti permaneceu na banda até 1992



Rob, Mille, Vektor, Jörg "Tritze" Trzebiatowski: thrash mais elaborado e técnico em *Terrible Certainty*



Rob, Vektor, Tritze e Mille, formação que estreou em 1987 com o single *Behind the Mirror*



Tritze, Rob, Vektor e Mille em 1987: Kreator se afastava das letras de horror e adentrava na realidade e em questões sociais

FOTOS: DIVULGAÇÃO

era tudo muito rápido, muito espontâneo e cheio de muita energia", acrescentou.

Talvez toda essa vibração, junto com a vontade de expandir sua sonoridade, tenha sido o que fez com que o trabalho ao lado do segundo guitarrista Jörg "Tritze" Trzebiatowski rendesse muito mais do que a antiga parceria com Michael Hüskes. Mas a verdade é que o Kreator já não era mais a banda "verde" de outrora. Os músicos tinham experiência em estúdio e nos palcos e estavam mais dispostos e conscientes na hora de experimentar. "Com a nossa primeira turnê europeia terminada, fomos para o estúdio com muito mais experiência. Nós dedicamos muito tempo para o processo de composição", recordou Mille, lembrando algumas das novidades que o disco trazia. "Como estávamos gravando com o produtor Roy Rowland no Horus Sound Studio em Hannover (Alemanha), sentimos que trabalhávamos nas condições perfeitas." Porém, a coisa teve, digamos, seus "mo-

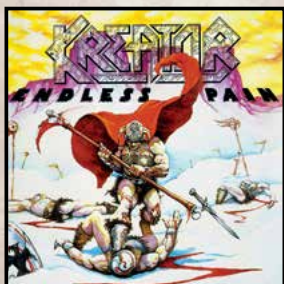
mentos": "Acontece que a cooperação com Rowland revelou-se um pouco peculiar. Nós deduzimos que ele tinha levado a banda a sério e gostava de nós", observou Mille. "Mas descobrimos que ele ficava no estúdio até tarde da noite, gravando fitas para um amigo americano que tinha um programa de rádio, tirando sarro, algo do tipo: 'Estou sentado aqui na Alemanha gravando essa banda estranha, ouça por si mesmo!'".

Mesmo assim, o acréscimo de uma segunda guitarra, o tempo extra dedicado às composições, a experiência adquirida e o trabalho ao lado de um produtor que no fim das contas gravou bons discos na época realmente surtiram um bom resultado e o terceiro disco do Kreator, *Terrible Certainty*, chegou em 1987 com fôlego renovado, rapidamente percebido em um instrumental mais intrincado e um apelo lírico mais sério, diferente do que se ouvira até então. "Este foi nosso primeiro álbum mais político", comentou Mille para a ROADIE

CREW. "O Kreator estava se afastando das letras de horror e adentrando na realidade e em questões sociais. A letra da faixa-título deixa isso bem claro. Penso que ele foi também o começo de uma nova era. Saímos da linha mais crua de *Endless Pain* e *Pleasure to Kill* e iniciamos algo mais certo e profissional. Nós éramos apenas adolescentes naquela época, mas há ótimos riffs ali. Fizemos um bom trabalho." Sim, tanto que ele não consegue esconder o entusiasmo quando lembrado que este é um dos favoritos dos fãs: "É um dos nossos álbuns mais poderosos, os fãs estão certos!".

Assim, em um mundo encolhido entre a Cortina de Ferro e o poderio dos EUA, o Kreator pela primeira vez se enveredava por tramas políticas, mentiras lisonjeiras, mortes ideológicas e atrocidades manejadas por autoridades violentas. O mundo conhecia o novo Kreator e os resultados não tardaram.

Continua



ENDLESS PAIN (1985)

XXXX



FLAG OF HATE (1986)

XXXX



PLEASURE TO KILL (1986)

XXXX



TERRIBLE CERTAINTY (1987)



# SOLID ROCK

BRASIL • ARGENTINA • CHILE

Deep Purple  
+  
Cheap Trick  
Cheap Trick

ARTISTA CONVIDADO



PAGUE  
em até  
**3X**

12/12  
CURITIBA

PEDREIRA PAULO LEMINSKI

13/12  
SÃO PAULO

ALLIANZ PARQUE

15/12  
RIO DE JANEIRO

JEUNESSE ARENA

CERVEJA OFICIAL



APRECIAR COM MODERAÇÃO.

REALIZAÇÃO



VENDAS

[ticketsforfun.com.br](http://ticketsforfun.com.br)

SUJEITO À TAXA DE CONVENIÊNCIA

Classificação etária: 16 anos. De 10 a 15 anos acompanhados dos pais ou responsáveis legais. Venda limitada a 6 ingressos por CPF. \*Benefício válido para compra com qualquer cartão de crédito, em todos os canais de venda Tickets for Fun. Estes eventos requerem autorizações específicas. Consulte o site [ticketsforfun.com.br/alvaras](http://ticketsforfun.com.br/alvaras) e acompanhe a atualização sobre a expedição de alvarás relacionados aos eventos.

Bilheterias Oficiais (sem taxa de conveniência): CUR - Fnac Curitiba - Rua Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, 600 - Barigui | SP - Citibank Hall - Av. das Nações Unidas, 17.955 | RJ - Km de Vantagens Hall - Av. Ayrton Senna, 3000 - Via Parque Shopping

# SONS OF APOLLO

## A APOSTA DE DEREK SHERINIAN E MIKE PORTNOY

**A confiança de Sherinian permeia esta entrevista sobre o nascimento de uma banda que promete ter vindo para ficar**

POR GUILHERME SPIAZZI

**A**polo, um dos doze deuses olímpicos da mitologia grega, é uma divindade que, entre outras faculdades, representava a música e as artes. Autodenominando-se como seus filhos, Jeff Scott Soto (vocal, SOTO e outros), Billy Sheehan (baixo, Mr. Big, The Winery Dogs e outros), Ron "Bumblefoot" Thal (guitarra, Art of Anarchy, ex-Guns N'Roses), Derek Sherinian (teclados, solo, Black Country Communion, ex-Dream Theater) e Mike Portnoy (bateria, ex-Dream Theater) formaram um supergrupo dispostos a aplicar suas habilidades e anos de estrada a serviço do rock. Como resultado, temos *Psychotic Symphony*, disco que também marca algo inédito, já que se trata do primeiro registro em estúdio de Portnoy e Sherinian juntos desde que o tecladista foi demitido do Dream Theater, por telefone, em 1999. Sem mais delongas, fique com Sherinian e sua grande confiança nesta banda.

**Quanto tempo levou para você conseguir montar esta banda e como foi que finalmente conseguiu?**

**Derek Sherinian:** Portnoy e eu temos falado sobre isso pelos últimos cinco anos, mas estávamos muito ocupados com outras coisas. Em 2015, ele finalmente me ligou dizendo para começarmos. De imediato, já queríamos contar com Sheehan no baixo, pois nos sentimos confortáveis com ele, então era a escolha óbvia. Na sequência, Portnoy trouxe Bumblefoot e Soto. Essa era

a formação dos sonhos de Portnoy e todos eles responderam ao nosso chamado de forma efusiva, fazendo um grande trabalho. Estamos muito felizes com esta formação!

**O projeto foi mantido em segredo para evitar expectativas e especulações?**

**Derek:** Acho que nós apenas queríamos ter a certeza de que todas as pontas estavam amarradas e que a formação do grupo estava assegurada antes de qualquer anúncio. A ideia era revelar isso na hora mais apropriada.

**Pela história que acaba de contar, é justo dizer que Portnoy e você são a personalidade do Sons Of Apollo, correto?**

**Derek:** Sim, somos os fundadores. Este é o nosso conceito desde o início. Sons of Apollo é uma banda e um trabalho colaborativo. Todos são encorajados a trazer as melhores ideias de composição e execução. Todos participarão o máximo possível.

**Você consegue lembrar-se do exato momento em que sentiu vontade de gravar com Portnoy novamente?**

**Derek:** Bom, nos juntamos em 2012 para a PSMS Tour (N.R.: acrônimo para Portnoy, Sheehan, MacAlpine e Sherinian) e depois da turnê que nós percebemos que era muito bom tocar um com o outro e que seria ótimo pegar o conceito e adicionar um vocalista.

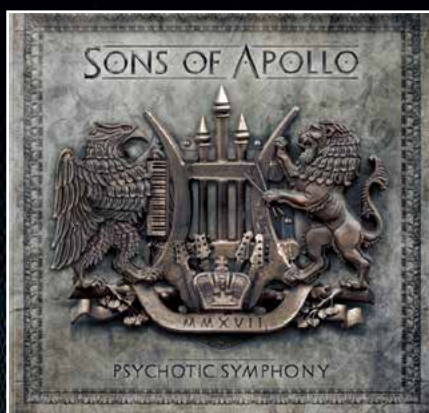
**Quando você rotula Sons of Apollo**

**como uma banda, os fãs automaticamente esperam por continuidade e muita persistência. A intenção de vocês é a de tê-la como atividade de tempo integral?**

**Derek:** Todos nós estamos investindo tudo no Sons of Apollo. Acreditamos no disco que fizemos e sabemos que a banda tem um grande potencial. É o grupo com a maior capacidade de gerar atenção dentre qualquer das outras bandas e projetos de que tenhamos feito parte. Estamos muito empolgados, tanto é que arrumamos as nossas agendas para que em 2018 levemos este show para a estrada ao redor do mundo pelo menos duas vezes. Então, por favor, venha para esta apresentação, pois será de primeira, com algo especial para cada pessoa ver. Será um espetáculo!

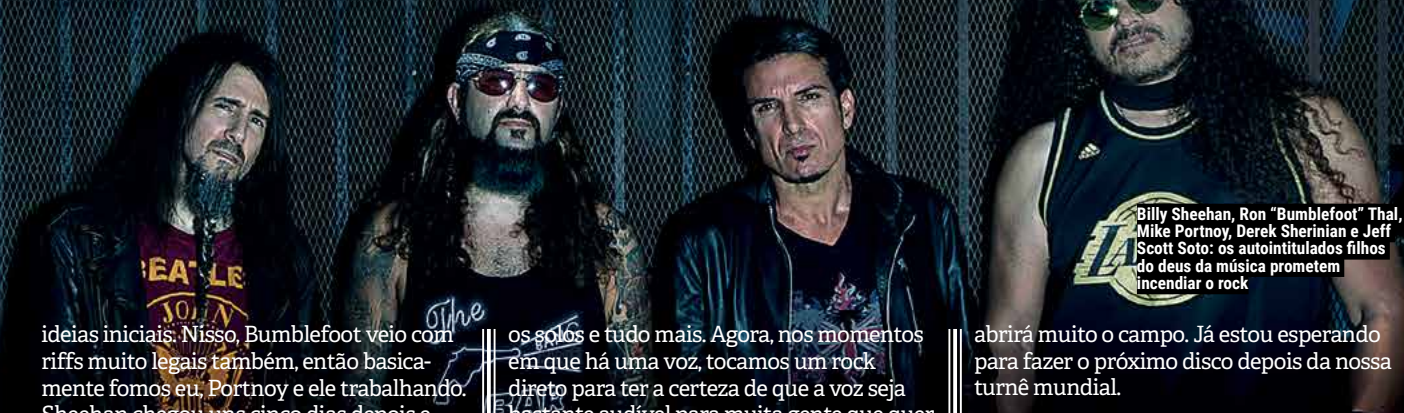
**O Sons of Apollo é formado por cinco músicos prolíficos, logo, a música composta por vocês poderia ter ido para várias direções. Qual foi o balizador das composições?**

**Derek:** Eu comecei a compor há cerca de um ano, fui fazendo o máximo de demos possível e segui enviando-as para Portnoy. Uma das primeiras coisas submetidas foi a trilogia de onze minutos *God of the Sun*. Assim que Portnoy a ouviu, ele disse que a música estava perfeita daquele jeito e queria que ela abrisse o álbum. Eu fiquei completamente estupefato e empolgado, isso me inspirou a continuar tendo ideias. Quando chegamos ao estúdio, em março deste ano, eu tinha um punhado de riffs e



## PSYCHOTIC SYMPHONY

HELLION - NAC.



Billy Sheehan, Ron "Bumblefoot" Thal, Mike Portnoy, Derek Sherinian e Jeff Scott Soto: os autointitulados filhos do deus da música prometem incendiar o rock

ideias iniciais. Nisso, Bumblefoot veio com riffs muito legais também, então basicamente fomos eu, Portnoy e ele trabalhando. Sheehan chegou uns cinco dias depois e nós realmente escrevemos ótimas músicas naqueles dez dias. Olhando para trás, é incrível o fato de eu nunca ter conhecido Bumblefoot até aquele primeiro dia em estúdio. Eu parecia ter encontrado um irmão perdido e ali tivemos dez dias para resgatar o tempo perdido na forma de composições. Este é um trabalho especial para mim – sinto me abençoado por estar nesta banda e por contar com Bumblefoot. Ele será uma grande estrela da guitarra em 2018.

**Musicalmente, vocês trouxeram um disco pesado, com atitude rock'n'roll e sonoridade moderna. *Psychotic Symphony* é uma representação completa do seu ideal musical?**

**Derek:** Acredito que sim. Inicialmente, quando Portnoy e eu começamos a olhar isso no papel, achamos que o rótulo progressivo metal que tínhamos com o Dream Theater era o que se encaixava, porém a coisa mudou quando incluímos Bumblefoot no esquema, pois os riffs que puxavam para o classic rock e para o hard rock começaram a surgir. O álbum ainda traz vários momentos intensos de rock progressivo. Se você ouvir *God of the Sun* e *Labyrinth*, verá que ambas trazem partes muito fortes – diga que aquilo não é progressivo. Porém, neste álbum nós priorizamos as músicas e estrategicamente incluímos as partes complexas,

os solos e tudo mais. Agora, nos momentos em que há uma voz, tocamos um rock direto para ter a certeza de que a voz seja bastante audível para muita gente que quer se manter longe dos clichês do progressive metal (N.R.: Derek solta um agudo), aqueles vocais agudos atingindo várias oitavas ou aquelas passagens com vocal fingindo estar com raiva. Não queríamos nada disso. Queríamos o clássico somado ao uso de técnica no momento apropriado. Acho que cada músico desta banda é como um super-herói da Marvel – cada um tem pegada e som distintos em seu instrumento que, quando se juntam, a coisa explode. É o perfeito híbrido de músicos com pegada e técnica.

**Enquanto há bandas que passam por vários discos até encontrarem sua própria sonoridade, parece que o Sons of Apollo já nasceu com ela bem definida.**

**Derek:** Acho que estamos apenas arranhando a superfície. Espere até começarmos a fazer outro disco depois de termos uma turnê mundial nas costas. Concordando com você, o fato de termos uma identidade forte neste primeiro disco já diz muita coisa.

**Considerando as suas palavras, você espera crescer musicalmente após esta primeira experiência?**

**Derek:** Acho que a minha perspectiva de composição mudará bastante agora que sei o quão bom Bumblefoot é. Saber que ele é insano e capaz de tocar qualquer coisa

abrirá muito o campo. Já estou esperando para fazer o próximo disco depois da nossa turnê mundial.

**A sólida performance de Soto neste álbum parece ser o que trouxe aderência para as músicas. Foi a atitude rock'n'roll de Soto que o fez ser a voz ideal para o Sons of Apollo?**

**Derek:** Soto tem uma voz forte e gorda, além de possuir uma entonação e vibrato incríveis. Ele se mostra confortável como frontman e vende bem a imagem para o público. Adicione a isso o fato de ele ser o cara mais legal que você pode conhecer, além de ser muito fácil de trabalhar. Gravamos o instrumental no Ocean Studios e optamos por um padrão de alto nível – das melodias de voz à performance, não queríamos nada menos que grandiosidade. Soto, Portnoy e eu trabalhamos tudo e o resultado final é incrível. Acho que é a primeira vez que Soto tem uma grande banda dando-lhe suporte e ótimas músicas que o deixarão brilhar e mostrar a estrela que é.

**Qual a diferença entre ter uma banda instrumental e uma com vocalista quando o assunto é conseguir turnês?**

**Derek:** Acho que uma banda instrumental tem uma audiência limitada. Já quando você tem uma banda de rock com um vocal animal, você pode alcançar o tanto de gente para encher um estádio. Queremos tocar para as pessoas.

**Você vê o Sons of Apollo alcançando estádios?**

**Derek:** Sabe de uma coisa? Eu nunca ponho um teto no que pode acontecer. Será o que tiver que ser. Mas lhe digo uma coisa: sempre que tocarmos será no volume dez, arrebitando.

**O nome da banda pode sugerir várias coisas, como uma referência ao programa espacial Apollo, Apollo Creed dos filmes Rocky etc. Várias explicações já foram dadas para o nome. Mas qual é a verdadeira motivação?**

**Derek:** Apolo era o deus da música e nós somos seus poderosos descendentes.

**Você fala com muita empolgação e segurança. Dada a experiência de todos os membros, você sabe que ao vivo os fãs sentem a troca de energia quando algo é verdadeiro...**

**Derek:** Esta banda tem um pedigree de rock muito forte. Se você olhar para todos os membros e as bandas que cada um integrou... é realmente extraordinário. Quando subirmos lá (no palco) será incrível. Estou realmente esperando por isso. Mais do que esperei com qualquer outra banda com a qual tenha tocado.

**Enquanto tecladista, você sempre apresentou uma sonoridade bastante característica. Como você trabalha os seus timbres em estúdio?**

**Derek:** A sua sonoridade é uma

extensão da sua personalidade. Eu sempre busco pela que seja mais rica e incrível possível. Depende da música, mas eu uso principalmente o meu órgão Hammond B3 passando pelo Marshall. Jon Lord (Deep Purple) foi o meu herói, ele foi o maior tecladista de hard rock. Quando se toca ao lado de guitarras barulhentas e distorcidas, você tem que ter a certeza de que o seu teclado complementa as guitarras. Muitos tecladistas escolhem timbres bobos que tiram o peso da banda e prejudicam o nome da classe. Acho que é meu dever sempre apresentar uma sonoridade forte, além de tocar no estilo dos grandes Jon Lord e Keith Emerson (ELP).

**Quando cita esses músicos, você está falando de caras que iam além de fazer a cama das músicas e se impunham fazendo riffs no teclado.**

**Derek:** Com certeza e isso é importante. Há várias músicas em *Psychotic Symphony* que iniciam com riffs de teclado icônicos. Quando você ouvi-los ao vivo perceberá que essa é a minha assinatura, o meu som. Isso é algo que você pode dizer sobre as gravações que fiz, independentemente do artista ou estilo, você sempre pode dizer que sou eu, especialmente quando os solos acontecem. Tenho uma abordagem única, distinta e agressiva que se destaca quando você a ouve.

**Como você encara o rótulo de super-grupo aplicado ao Sons of Apollo?**

**Derek:** Honestamente, somos todos músicos conhecidos, temos nossos fãs e diferentes histórias, mas quando se fala em supergrupos eu penso em Jimmy Page, Geezer Butler, Phil Collins e nomes assim. Mas, mesmo se não fossemos conhecidos, temos a melhor formação possível para representar e tocar esta música. É isso o que mais me empolga. Eles são os melhores em seus instrumentos e têm distintos estilos quando tocam.

**Claro que você está muito empolgado com este lançamento e os próximos passos. Os outros caras compartilham desse sentimento? Vocês têm conversado sobre perspectivas futuras?**

**Derek:** O negócio é o seguinte: as pessoas gostam de ir para onde é quente e o Sons of Apollo é o que irá gerar mais calor. Acho que depois de cairmos na estrada e a explosão acontecer, ficará bastante óbvio qual será a prioridade de todos. Baseado no barulho que temos gerado até agora, eu acredito que esta banda terá resultados incríveis.

**Para finalizarmos, fale mais sobre essa turnê mundial da banda. Por onde ela começará e por quais continentes passará?**

**Derek:** As datas estão sendo agendadas e logo serão reveladas em nossa página e nas redes sociais. De qualquer forma, mal posso esperar para ir para a América do Sul e prometo que iremos, estamos trabalhando nisso.

**ACREDITAMOS NO DISCO QUE FIZEMOS E SABEMOS QUE O SONS OF APOLLO TEM UM GRANDE POTENCIAL - É A BANDA COM A MAIOR CAPACIDADE DE GERAR ATENÇÃO, DENTRE QUALQUER UMA DAS OUTRAS BANDAS E PROJETOS QUE TENHAMOS FEITO PARTE**





www.hellion.com.br

WHERE THE MUSIC REMAINS ALIVE!  
ONDE A MÚSICA PERMANECE VIVA!

# LANÇAMENTOS DE TIRAR O FÔLEGO



**SONS OF APOLLO**

**Psychotic Symphony**

Supergrupo com Mike Portnoy, Jeff Scott Soto, Billy Sheehan, Derek Sherinian e Ron Bumblefoot



**EUROPE**

**Walk The Earth**

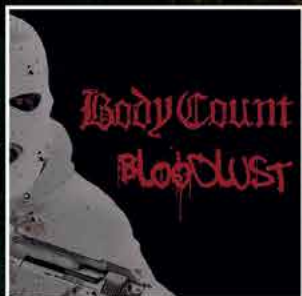
Novo álbum 2017



**MORBID ANGEL**

**Kingdoms Disdained**

Novo álbum - Back To The Roots!



**BODY COUNT**  
Bloodlust

Novo álbum com participações de Max Cavalera e Dave Mustaine, incluindo cover do Slayer Raining In Blood/Post Mortem

**ADRENALINE MOB**  
Use The People



Novo álbum 2017

**ANNIHILATOR**  
For The Demented



Novo álbum 2017

arte: uauuufuaredesign.com

**MANILLA ROAD**  
To Kill a King



Novo álbum 2017

**LUCIFER'S FRIEND**  
Too Late To Hate



Novo álbum de estúdio após 3 décadas

**SEVEN SPIRES**  
Solveig



Symphonic Metal com vocais femininos limpos e guturais

**MARIUS DANIELSEN**  
Legend of Valley Doom



Metal Opera para fãs de SoulsPELL, Ayreon e Avantasia

**RIVAL BONES**  
Rival Bones



Album de estreia com 4 faixas revelação Rock inglês para fãs de Queens Of The Stone Age e Mastodon

**ROCK GODDESS**  
It's More Than Rock And Roll



Novo EP com 3 músicas após 30 anos

**APOCALYPTICA**  
Shadowmaker



O mais recente álbum de estúdio dos finlandeses

**BEYOND THE BLACK**  
Lost In Forever



Revelação do Symphonic Metal alemão com os belos vocais de Jennifer Haben



www.hellion.com.br

CENTRAL DE VENDAS:

Atacado e Varejo:  
pedidos@hellionrecords.com  
Tel/Fax: 11 5083-2727

Fale conosco: hellion@hellionrecords.com

REDES SOCIAIS:

Hellion Records para:  
Curtir, seguir e compartilhar

f /HellionRecordsBrazil



## BACKPAGE

POR VITÃO BONESSO

VITÃO BONESSO, APRESENTADOR DO PROGRAMA BACKSTAGE (KISS FM) E DIRETOR DA RÁDIO BACKSTAGE (WWW.RADIOBACKSTAGE.COM)



## FILHOS QUE SÃO O ORGULHO DOS PAIS (PARTE 1)

**N**ão deve ser nada fácil ser filho de algum astro do rock, ainda mais se decidir seguir a mesma carreira e o mesmo instrumento do pai. São raros os exemplos de filhos que conseguem obter certa credibilidade sem ter que conviver o tempo todo com comparações. De fato, é um fardo a ser carregado eternamente. A primeira vinda do The Who ao Brasil nos brindou com a habilidade do baterista Zak Starkey. Na verdade, poucos sabiam que aquele senhor de 51 anos nada mais era do que o filho de Richard Starkey, ou Ringo Starr, ex-baterista dos Beatles. Zak é um exemplo de ser filho de um grande astro sem sofrer com as habituais comparações, já que muita gente, que por sinal não entende absolutamente nada de bateria, insiste em dizer que Ringo nada mais era que um baterista medíocre (segundo o dicionário, mediano). Mas não existem dúvidas de que Zak tem uma técnica bem mais apurada do que a do pai.

Sua história é bastante curiosa, já que seu padrinho, tanto de batismo como no instrumento, foi um dos melhores amigos de Ringo, Keith Moon, baterista do The Who, e que também o presenteou com seu primeiro kit, quando ele tinha apenas 8 anos de idade. Aos 12, Zak já se apresentava em alguns pubs ingleses e na adolescência formou o Next. No início dos anos 80, fez parte da reformulação do Spencer Davis Group,

mas logo depois de se casar e se tornar pai resolveu ser músico de estúdio, gravando com vários artistas, entre eles o ASAP, do guitarrista do Iron Maiden, Adrian Smith, com quem gravou o álbum *Silver and Gold*, em 1989. Depois de trabalhar com o All Stars Band, banda de Ringo, e com dois integrantes do The Who, o baixista John Entwistle e o vocalista Roger Daltrey, Zak acabou assumindo em 1996 as baquetas de sua banda preferida, The Who.

Em 2004, mesmo sem deixar o Who, aceitou substituir o baterista do Oasis, Alan White (não confundir com o baterista do Yes de mesmo nome), a princípio por um curto período que acabou se tornando quatro anos. Mesmo mantendo o The Who como sua prioridade, desenvolveu projetos, participou de gravações e eventos especiais ao lado de vários artistas. Bem diferente dos demais filhos dos Beatles. Julian e Sean Lennon (filhos de John) e Dhani Harrison (filho de George) também trabalham com música, mas desenvolvem carreiras não mais que tímidas, enquanto o único filho homem de Paul McCartney, James, fez participações em dois discos do pai e um da mãe (Linda McCartney), além de ter gravado três inexpressivos EPs. Em se tratando de Paul McCartney, quem chegou a chamar mesmo a atenção na prole foi a filha Stella McCartney, que se destacou como estilista e designer de moda.



## BROTHERHOOD

POR LUIZ CESAR PIMENTEL

LUIZ CESAR PIMENTEL É JORNALISTA, ESCRITOR



## ME ENGANA QUE EU GOSTO

**O**zzy acaba de anunciar sua turnê de despedida. Não é novidade. Ele já tinha feito turnê de despedida em 1992 – sim, há 25 anos –, a No More Tours. Vamos fazer a conexão com esta edição da ROADIE CREW. Quem abriu shows do Ozzy àquela época foi o Anthrax, que comemora os trinta anos de *Among the Living*, para muitos o melhor trabalho do grupo (para mim é *Fistful of Metal*, mas OK, entendo o apreço por *Among...*). Desde essa época também o Anthrax não lança nada mais tão legal assim. Desde *Sound of White Noise*, que marcava a integração do John Bush no vocal, em 1993.

Bem, não quero dizer que desde então as duas bandas estão me enganando.

A maior banda da história durou oito anos e fui amarrado ao show do Paul McCartney há algumas semanas em São Paulo. Cantei o "laralalááá" de *Hey Jude* e tudo.

Em comum esses artistas têm que ser festejados pelas obras criadas. Não encaremos como caça-níqueis ou como piadas essas turnês "derradeiras". Judas Priest, Scorpions, Kiss, The Who (estou escrevendo só de memória) já fizeram o mesmo, anunciaram despedidas dos palcos.

Ainda bem que não cumpriram as promessas, se não passaríamos a vida sem ter visto o Who tocar por aqui, como fizeram pela primeira vez, 35

anos depois de se despedirem, nos recentes São Paulo Trip e Rock in Rio.

O que quero é ir a mais e mais shows de despedida de Ozzy, Black Sabbath (por favor, não cumpram a promessa), AC/DC e tais.

Por falar em AC/DC, quando o Anthrax veio ao Brasil abrir pro Black Sabbath, entrevistei o guitarrista Scott Ian. Como sei que ele é fã dos irmãos Young (tem tatuagem dos guitarristas, um em cada braço) perguntei como ele se sentia com a então notícia da demência de Malcolm e a substituição de Brian Johnson por Axl Rose. Ele ficou meio assim, até me perguntou se era sério que Axl assumiria os vocais. Confirmei, pois tinha sido oficialmente anunciado por aqueles dias. Provoquei e ele caiu. Ou por outra, se empolgou, dizendo que a banda deveria parar.

Foi engraçado porque essa entrevista repercutiu nos sites de rock e metal no mundo todo, com as aspas dele. Ainda bem que a entrevista foi em vídeo e não era questão de edição sacana minha. Ele disse com todas as letras.

Quase respondo que ele era um falso fã da banda australiana. O que quero é que todos eles continuem e nos deixem celebrar as próprias obras, mesmo que de meio século atrás, como acontece com Paul.

Por favor, continuem nos enganando.



## STAY HEAVY (REPORT)

POR CINTIA DINIZ E VINICIUS NEVES

CINTIA DINIZ E VINICIUS NEVES, APRESENTADORES DO PROGRAMA DE TV "STAY HEAVY" (WWW.STAYHEAVY.COM)



## IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

POR ANTONIO CARLOS MONTEIRO

ANTONIO CARLOS MONTEIRO É JORNALISTA, MÚSICO, MANTÉM O SITE TONYMONTEIRO.ROCK.BLOGSPOT.COM.BR E É REDATOR DA ROADIE CREW



## PROJETO VERÃO 2018

**S**im, é o que parece! O tema da seção neste mês aborda atividade física, para aqueles que querem colocar o corpo em forma e exibi-lo nas praias e piscinas por aí neste verão. OK, isso não combina nada com heavy metal, mas perceba que não é uma atividade qualquer.

Você já imaginou emagrecer e ficar em forma com movimentos semelhantes aos utilizados para tocar bateria? Isso é possível, virou febre nos Estados Unidos e recentemente chegou ao Brasil. Criado na Califórnia pelas americanas Kirsten Potenza e Cristina Peerenboom em 2011, o treino chama-se POUND (numa tradução livre: socar, esmurrar) e mistura o HIIT (High Intensity Interval Training) – treino intervalado de alta intensidade – com percussão.

Os movimentos trabalham todo o corpo, as aulas são dinâmicas e sempre acompanhadas de um par de baquetas, os 'ripstix' (baquetas de plástico desenvolvidas especialmente para a atividade). Cada exercício combina um movimento de bateria com a intensidade de um baterista quando toca o instrumento. As músicas ditam o ritmo dos movimentos e muitas aulas acontecem ao som de rock e metal.

A educadora física Lucy Miyuki, da Fitness Care, de São Paulo, é a responsável por trazer a modalidade para o

nosso país. Após capacitar-se no exterior, está autorizada a realizar aulas por aqui. Seus treinos acontecem ao som de Iron Maiden, AC/DC etc. Hoje o POUND conta com dez mil instrutores capacitados em quarenta países. E a empresa americana oferece também um treino online e um kit com DVD com aulas em diversos níveis para os mais diversos públicos.

Estima-se que é possível queimar mais de novecentas calorias por hora e uma aula trabalha o corpo inteiro. O POUND fitness (ou POUND fit) ainda melhora ritmo, tempo, coordenação, velocidade, agilidade, flexibilidade, resistência e musicalidade dos praticantes. Isso além do aumento da capacidade cardiorrespiratória, pois é preciso fôlego para praticar essa atividade.

E os movimentos intensos trazem benefícios também para a mente, já que o ritmo da percussão ajuda a melhorar o foco, aumentar a concentração e aprimorar outras habilidades cognitivas, estimulando ainda o sistema imunológico e reduzindo a pressão arterial, a dor crônica, a ansiedade, o estresse e a fadiga.

Resumindo, tocar bateria é um excelente exercício para o corpo e para a mente. Mas se você não teve oportunidade de aprender a tocar este instrumento, pode beneficiar-se de seus movimentos praticando o POUND. Que tal?



## AINDA VIVENDO O SONHO

**N**unca tive aquilo que alguns chamam de "crise vocacional": desde a adolescência queria ser jornalista. E quando publicações como "Rock, a História e a Glória" mostraram que era possível unir rock e Jornalismo, meu mundo ficou perfeito.

Em 1985 consegui realizar meu sonho. Minha estreia no jornalismo musical foi com um texto para a revista Roll (a mesma editora também era responsável pela revista Metal, para a qual eu também escrevia) sobre o show de lançamento do disco de estreia do Ultraje a Rigor, *Nós Vamos Invadir Sua Praia*, no dia 13 de julho de 1985.

Fiquei por lá até 1989, quando me transferi para a Rock Brigade. Foram mais dezoito anos, nos quais vivi e presenciei um pouco de tudo dentro do mundo do rock e do metal. E quando minha trajetória por lá se encerrou, recebi uma mensagem de Claudio Vicentin me convidando para uma conversa. Ao final dela, eu era colaborador da ROADIE CREW.

Esse período tem sido intenso e gratificante. Tinha experiência no mundo corporativo e sabia como era complicado entrar em um grupo que atua junto há muito tempo, como era a equipe da revista. Mas fui recebido com um profissionalismo e uma amizade que nem na minha melhor expectativa poderia imaginar. Já era amigo de Ricardo Campos e logo me entendi muito bem com o chapa Ricardo Batalha e os

editores Airton Diniz e Claudio. Na primeira reunião de pauta já me sentia um antigo integrante da equipe.

De lá para cá, minha experiência com a ROADIE CREW tem sido gratificante. Problemas? Claro, houve e certamente haverá outros, mas isso faz parte da vida. Mais importante, pude fazer minha primeira cobertura internacional (Wacken Open Air de 2010), assinar várias matérias de capa (Mulheres no Rock, Blind Guardian, Angra, homenagem a AC/DC etc.), cobrir shows inesquecíveis (Rolling Stones, The Who, AC/DC, Paul McCartney e até New York Dolls dentre uma infinidade de outros) e entrevistar muita gente legal (Andreas Kisser, Kiko Loureiro, Johnny Van Zant, Butch Trucks, Doug "Cosmo" Clifford... essa lista vai longe!).

Tudo isso pra dizer que estou atingindo uma marca: são dez anos desde que fui convidado para aquela reunião que selou minha entrada na revista. Parece que foi dia desses, mas quando o tempo passa rápido é que o negócio está dando certo. O entusiasmo e a vontade de fazer o melhor continuam os mesmos desde aquele longínquo 1985. Parar é algo que nem passa pela cabeça. E a vontade de provocar o leitor (no bom sentido) e receber mensagens (positivas ou não) ainda me move na hora de escrever.

Portanto, que venham os próximos 10, 20, 30 anos...



## A LOOK AT METAL

**POR CLAUDIO VICENTIN**  
CLAUDIO VICENTIN É EDITOR  
DA REVISTA ROADIE CREW



## GRAVADORAS, ACESSORIA DE IMPRENSA, BANDAS...

**E**m qualquer negócio, muitas coisas acontecem nos bastidores e o público não fica sabendo. Falando diretamente sobre nossa atuação como revista de heavy metal, nesses vinte anos de ROADIE CREW já passamos por muitas situações extraordinárias (principalmente no exterior) e outras frustrantes. Mas, seja qual foi a situação, boa ou ruim, jamais perdemos o foco em buscar a melhor matéria.

Recebemos e-mails de leitores que nos perguntam o motivo de não entrevistarmos tal banda ou não termos feito alguma seção, como Blind Ear, Playlist etc. O que posso dizer, de imediato, é que não é por falta de tentarmos. Esse é nosso trabalho e nosso compromisso com os leitores, mas não podemos esquecer que existe um trâmite a ser seguido.

Existe a entrevista via telefone ou Skype quando o artista lança um álbum (agendada via assessor da gravadora), e a entrevista ou alguma seção feita pessoalmente quando a banda está em turnê (feita via assessoria do promotor do evento ou da gravadora no Brasil).

Nos lançamentos de novos álbuns, as grandes gravadoras de heavy metal trabalham de forma boa. Já um pedido de matéria para gravadoras majors é perder tempo em 99% dos casos. Hoje, essas gravadoras maiores se preocupam apenas em carregar o streaming com seu catálogo antigo

e novo com bandas populares brasileiras. E quando lançam um CD de metal no mercado não existe um trabalho de divulgação. Exemplos atuais: Marilyn Manson, Trivium, Mastodon... Esses títulos estão saindo pela Warner e Universal, que não vão agendar nada. Zero de promoção em todos os sentidos.

Já com a banda em turnê pelo Brasil, o assessor, muitas vezes, está de mãos atadas. Ele depende da vontade do promotor do evento para liberar entrevistas enquanto a banda está por aqui. Muitas vezes, a banda quer fazer divulgação, mas o promotor não colabora – não estou generalizando, claro. Existe também o inverso: o promotor quer ajudar, mas a banda não está a fim, pois é notório que existem aquelas que não estão nem aí para falar com o Brasil. Se fosse uma entrevista para o Japão, Alemanha ou Inglaterra, aconteceria sem problemas. Porém, muitos artistas querem apenas saber do Brasil na hora de agendar o show, vir aqui pegar sua grana e tchau. Depois, claro, ainda fica com aquele papo de melhor público do mundo.

Essa relação entre os veículos de imprensa, assessorias de imprensa, músicos e promotores de shows sempre será melhor e frutífera se ocorrer uma sintonia. As pessoas conseguem fazer coisas incríveis com motivação e parceria corretas.



## CAMPO DE BATALHA

**POR RICARDO BATALHA**  
RICARDO BATALHA É REDATOR-CHEFE  
DA REVISTA ROADIE CREW



## A "MÃO DE CELTIC" DO ÍDOLO QUE PERDI

**O** baixista Martin Eric Ain era a figura que me conectava a um falecido amigo, Sabbath El Hage, outro fanático pelo Celtic Frost. Quando eu ainda tocava bateria, o nosso "projetinho Celtic", como ele dizia, nunca saiu do papel. Uma pena. Porém, a experiência que ele compartilhou comigo ninguém conseguiria imaginar: assistir a um ensaio do Celtic Frost na Suíça! Tudo por acaso. Sabbath sempre contava a história de quando foi se encontrar com a irmã, que morava em Zurique, e aproveitou para visitar uma loja de discos. Ao olhar para o lado, viu um sujeito "parecido" com Martin Ain. Era o próprio! No alto de sua empolgação, foi falar com ele, tirou uma foto e contou sobre sua idolatria ao grupo. Resultado: foi convidado para ver um ensaio do Celtic Frost!

Não só imaginei o quanto ele deve ter ficado contente com isso, como vi as fotos do ensaio. Ele sempre dizia, rindo: "A mina do Tom Warrior é gata, mas ele é feio mesmo." Nunca me esqueci da história do ensaio, que ele contava tão bem. Soube de sua morte por meio de uma amiga em comum, Dunia. Chegando em casa, chorei a perda do amigo. Agora, sabendo da morte de Martin Ain, em 21 de outubro, fiquei em choque, mas logo lembrei de Sabbath. Ambos se foram precocemente, mas

certamente vão se encontrar novamente. Também abri o texto sobre o Hellhammer, publicado aqui na edição do mês passado, e, melancolicamente, adicionei o "saudoso" ao lado de Slayed Necros, primeiro nome artístico de Martin "Ain" Stricker.

Quando entrevistei Ain por telefone, pensei comigo: "Esta é para você, Sabbath". Mais que isso, fiquei empolgado falando com um ídolo que jamais pisou no Brasil. Atencioso, ele tinha um curioso sotaque italiano e respondeu bem às perguntas. A entrevista foi publicada na ed. # 91. Na época, a banda promovia *Monothist*, que confesso não escutar tanto. É ótimo, mas tão denso que sempre me coloca pra baixo.

Algum tempo depois, conversando com Leo Leoni, guitarrista do Gotthard, perguntei sobre essa questão do sotaque italiano, que ele também tem. Leoni me explicou sobre a "Suíça italiana". Ain nasceu nos EUA, mas cresceu naquela região. Daí o sotaque.

Hoje é 3 de novembro, aniversário de 8 anos do meu sobrinho "Tankinho", que sempre atende ao meu pedido quando falo: "Lorenzo, faz a 'mão de Celtic'". É a imagem que guardo do meu ídolo, Martin Ain, e que será levada para futuras gerações. A "mão de Celtic" (de Ain!), a simpatia e, mais que tudo, a paixão por sua arte. Only death is real.



CONHEÇA NOSSA LOJA ON-LINE  
[WWW.ROADIESHOP.COM.BR](http://WWW.ROADIESHOP.COM.BR)

**CDs, DVDs, CAMISETAS,  
BLU-RAYs E REVISTAS  
ROADIE CREW!**



**APROVEITE!**

**ROADIE CREW**

Heavy Metal & Classic Rock



FOTOGRAFIA: DAVID

# TIBET

## AJNA

POR RICARDO BATALHA

**Primeiro disco que comprou:** “Na verdade, ganhei o primeiro disco de rock junto com o primeiro violão, do meu pai, no meu aniversário de 11 anos. O disco era *Revolver* dos Beatles. Depois, com 16 anos comprei meu primeiro disco, o álbum de estreia do Led Zeppelin, que saiu em 12 de janeiro 1969. Anos dourados! Ano da virada, da contracultura, da revolução power flower!”

**Melhor disco de heavy metal:**  
“*Show No Mercy* - Slayer.”

**Último disco que comprou:** “Na verdade, não tenho comprado mais disco, mas tenho comprado DVD. O último foi do Gojira, *The Link Alive* (2003).”

**Disco que mudou sua vida:** “*Vulgar Display of Power* - Pantera. Foi aí que eu mudei o som do Ajna para um lance mais pesado e mais moderno. Caiu a ficha!”

**Disco que mais ouviu na vida:** “*Show No Mercy* - Slayer.”

**Melhor capa de disco:** “*Roots* - Sepultura.”

**Disco que daria a seu pior inimigo:** “*Calypso* (risos). Vixi... Coitado.”

**Disco que gostaria de ter gravado:** “*Burn My Eyes* - Machine Head.”

**Música que gostaria de ter composto:** “*Davidian* - Machine Head.”

**Disco dos anos 70 que recomenda:** “*Volume 4* - Black Sabbath.”

**Disco dos anos 80 que recomenda:** “*Perfect Strangers Live* - Deep Purple.”

**Disco dos anos 90 que recomenda:** “*Vulgar Display of Power* - Pantera.”

**Disco dos anos 2000 que recomenda:** “*Unto the Locust* - Machine Head.”

**Quatro bandas que chamaria para um festival:** “Sou autora do projeto Quem Sabe Faz Autoral, então faria meu festival só com bandas nacionais autorais. Chamaria Carro Bomba, Ajna, Torture Squad, Vooodoo priest e uma galerinha nova que está detonando, como Saigon Saints, Trezzy e várias outras que estão na batalha por um lugar ao sol.”

**Música que mais gosta de tocar:** “*Killer God*, nova sonzera do Ajna, que deverá sair em breve em EP.”

**Música que melhor define sua carreira:** “*Fatal Bright* - Ajna.”

**Três hinos do rock/metal para você:** “*We Will Rock You* (Queen), *Nothing Else Matters* (Metallica) e *Seasons in the Abyss* (Slayer).”

**Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:** “*Baby One More Time* - Britney Spears. Acho brega, mas harmonicamente perfeita (risos). Aprendi a gostar dela com a versão do System of a Down.”

**Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?** “Testament tocando *War Crimes* do Ajna.”

**Além de seus projetos atuais, em qual banda você gostaria de tocar um dia?** “Não consigo nem dar conta da minha (risos). Mas White Zombie, que infelizmente não existe mais, seria bem bacana. Outra banda é a ucraniana Jinjer, que também adoro.”

**Para qual música de outro artista você adoraria gravar uma nova versão?** “Gosto de fazer backing vocal e se as bandas me chamassem para participar toparia na hora. Uma que faria é um clássico do rock nacional, *Sinal Da Paranoia*, do Som Nosso De Cada Dia, numa versão mais pesada. Outra que gostaria de resgatar é *Sangue Brasileiro*, do meu álbum com Tutti Frutti (1979), numa versão mais moderna e pesada.”

**Um músico que definitivamente não a agrada:** “Eu tenho um problema sério com Raul Seixas. Não consigo gostar. Nunca conseguí!”

**Uma banda que você é tão fã que a faria comprar o tributo deles a Kenny G.:** “Machine Head.”

**Qual outro instrumento você gostaria de saber tocar?** “Toco um pouco de guitarra, mas sempre curti bateria.”

**Quando você acorda, qual música prefere ouvir?** “Só porrada para animar. Escuto muito Testament, Machine Head, Disturbed, Metallica e Gojira.”

**Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?** “Blues.”

**Se você não fosse musicista, o que gostaria de ser?** “O que eu sou mesmo: psicóloga.”

**Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?** “Acho que foi um show que fizemos em Osasco (SP) nos anos 90, em um encontro de motociclistas, Abutres. A gente bebia muito naquela época. Era outra formação, na batera tinha a Pitchu Ferraz e a gente estava bem ‘loca’. Eu ajudava a Pitchu tirar os bagulhos do palco (na época a gente não tinha roadie) e a escada era estreita... A gente querendo descer depois do show, mas na mesma hora que estávamos com os bagulhos na mão caímos em cima de um fã que queria pegar autógrafo. Foi um puta tombão! Nós duas rolando em cima do cara, que não entendeu nada (risos).”

**Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:** “Mostro minhas músicas e minha banda. Acredito muito no meu som, no meu trabalho. Nem sempre consigo fazer o que gostaria, pois no nosso país é muito difícil trabalhar com rock, mas enquanto eu aguentar vou em frente que atrás vem gente e o rock’n’roll não me larga.”

**Site:**  
<http://ajnarockofficial.blogspot.com.br/>

# FOO FIGHTERS CONCRETE AND GOLD

DEPOIS DE 3 ANOS, ELES ESTÃO DE VOLTA  
COM O SEU NOVO ÁLBUM 'CONCRETE AND GOLD',  
**INCLUINDO O SUCESSO "RUN"**



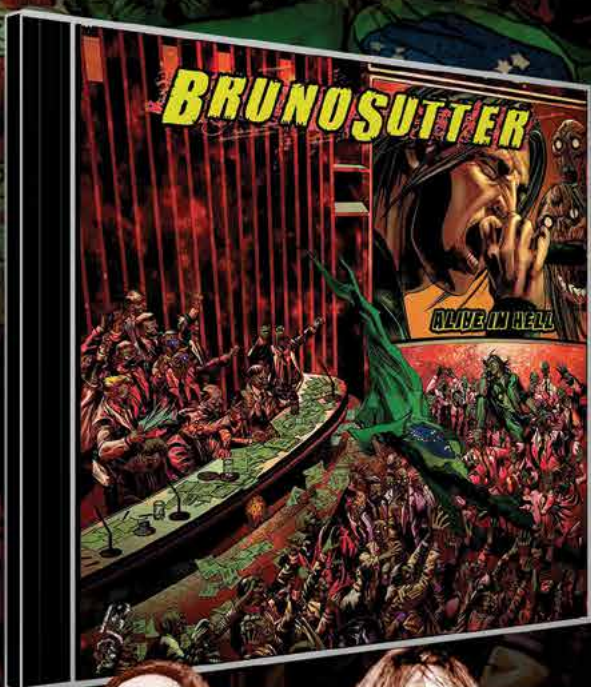
JÁ DISPONÍVEL  
NAS LOJAS FÍSICAS E DIGITAIS

# BRUNO SUTTER

## ALIVE IN HELL

Primeiro disco ao vivo gravado em São Paulo

Ilustração: Eduardo Francisco anúncio: www.jduartedesign.com



JA À VENDA - [www.brunosutter.com](http://www.brunosutter.com)



# PROGRAMA E RÁDIO

[WWW.RADIOBACKSTAGE.COM](http://WWW.RADIOBACKSTAGE.COM)

## 29ª TEMPORADA 1988-2017

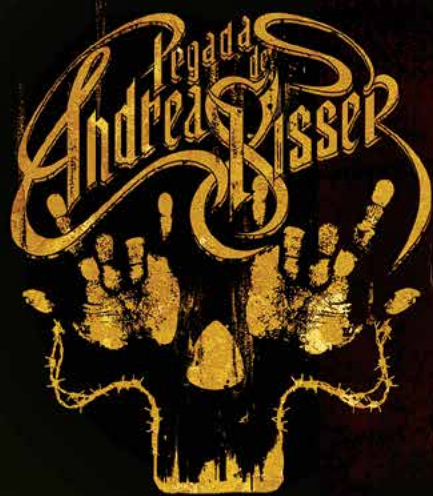


**ALTAVOLTAGEM**  
ROCKWEAR

Venda do merchandising oficial by  
**ALTA VOLTAGEM ROCK WEAR**  
[www.altavoltagemcamisetas.com.br](http://www.altavoltagemcamisetas.com.br)

**DOMINGO DAS 22 ÀS 24 HS**  
102,1 MHz - São Paulo e Grande São Paulo  
107,9 MHz - Campinas e região  
102,9 MHz - Litoral Paulista  
102,3 MHz - Brasília DF e região  
91,9 MHz - Rio De Janeiro e Região

Toda semana e também todo domingo antes do início do  
Backstage na KISS FM tem **TELEVITÃO** ao vivo via **FACEBOOK!**  
[www.facebook.com/vitao.bonesso](http://www.facebook.com/vitao.bonesso)



**Pegadas de Andreas Kisser - Heavy Metal, Classic Rock, Punk, Hardcore, Grind e tudo mais que tem atitude e peso!**

Com **ANDREAS** e **YOHAN KISSER** todos os domingos das 19h às 20h na 89.1FM, a Rádio Rock - SP ou acesse [www.radiorock.com.br](http://www.radiorock.com.br) para ouvir o programa no mundo inteiro.



89,1 FM (São Paulo e Grande São Paulo)  
Pela Internet em [www.89FM.com.br](http://www.89FM.com.br)

Apoio:  
**ROADIE CREW**



LEPROSY

# W.A.H.

## ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock





AS NOTÍCIAS  
**MAIS QUENTES DO TWITTER**  
EM UM SÓ LUGAR!

acesse:  
**METALHOTNEWS.COM**

siga:  
**@METALHOTNEWS**



O MELHOR DO  
**HEAVY METAL**  
NA TV!

informações sobre canais e horários

**STAYHEAVY.COM**

e confira também:

You **Tube** .COM/TVSTAYHEAVY